

«A rainha islandesa do thriller.» *The Guardian*

YRSA SIGURDARDÓTTIR

UMA MULHER ASSASSINADA.
UMA CRIANÇA DESAPARECIDA.
UM PAI VINGATIVO.

A
CONSEQUÊNCIA



QUETZAL

serpente emplumada | Yrsa Sigurdardóttir

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

«A rainha islandesa do thriller.» *The Guardian*

YRSA SIGURDARDÓTTIR

UMA MULHER ASSASSINADA.
UMA CRIANÇA DESAPARECIDA.
UM PAI VINGATIVO.



A CONSEQUÊNCIA



QUETZAL

serpente emplumada | Yrsa Sigurdardóttir



© Sigurjon Ragnar Photography

Yrsa Sigurdardóttir (1963) é a escritora islandesa mais conhecida fora de fronteiras, autora de mais de uma dezena de grandes histórias policiais e thrillers. Em Portugal, tudo começou com *Cinza e Poeira*, em 2011 – e continuou com livros como *Lembro-me de Ti*, *Lisboa-Reykjavík*, *A Absolvição ou Campo de Lava* (muitos deles estão a ser adaptados ao cinema e à televisão), que a transformaram numa referência fundamental do suspense nórdico atual.

Sigurdardóttir é diretora de uma das maiores empresas de engenharia da Islândia e vive em Reykjavík.



Título: A Consequência

Título original: Þögn

Autora: Yrsa Sigurdardóttir

1.ª edição em papel na Quetzal: agosto de 2024

Tradução do inglês: Maria José Figueiredo

Revisão: Susana Baeta

Preparação: Margarida Filipe

Edição: Lúcia Pinho e Melo

Design da capa: Rui Rodrigues · Quetzal Editores

Produção: Teresa Reis Gomes

© 2024 Quetzal Editores

[Todos os direitos para a publicação desta obra em Língua Portuguesa, exceto Brasil, reservados por Quetzal Editores]

© 2019 Yrsa Sigurdardóttir

Publicado por acordo com Salomonsson Agency

Quetzal Editores é uma chancela da Bertrand Editora, Lda.

Quetzal Editores

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa PORTUGAL

<https://www.quetzaleditores.pt>

quetzal@quetzaleditores.pt

Tel. 21 7626000

ISBN: 978-989-582-024-5

Onze anos antes

Prólogo



A TEMPERATURA DA ÁGUA DO CHUVEIRO era bastante superior àquilo a que Númi estava habituado. Ele era uma pessoa que preferia evitar os extremos: não gostava de comida demasiado picante, de banhos de mar, de música muito alta, de CrossFit, de cores berrantes, de *tequila slammers* e de tudo o que estivesse fora da sua zona de conforto. Incluindo cenas. Númi detestava cenas.

Mas a temperatura elevada no chuveiro não fora por engano; ele tinha mesmo aproximado o manípulo do vermelho o máximo que se atrevera. Enquanto a água aquecia, despiu-se e atirou a roupa para o chão, como se tivesse regressado aos seus quinze anos. Ao pisar, já despido, os mosaicos frios, estava quase à espera de ouvir a voz da mãe, vinda do passado, a gritar-lhe que não deixasse as coisas dele no chão.

As nuvens de vapor que se formaram no cubículo do chuveiro deram sinal do que estava para vir. Númi hesitou um momento, a preparar-se, e depois avançou para debaixo do jato a esquentar. Havia coisas que era melhor resolver depressa e, de qualquer maneira, ele não tinha muito tempo. A princípio, o calor era intolerável e ele ficou imediatamente com a pele escarlate, sentindo o corpo todo a arder; mas deixou-se ficar e, pouco depois, o desconforto começou a diminuir. Quando a dor diminuiu de vez, a sensação de escaldão tornou-se agradável: estava mesmo a precisar daquilo.

Apoiando as mãos bem abertas na parede de azulejos, Númi inclinou-se para a frente e deixou que a água lhe caísse sobre os

ombros doridos. Não é que lhe doessem os músculos por ter feito exercício, como lhe acontecia noutros tempos; na verdade, nos últimos meses, a corrida e as sessões no ginásio tinham passado para segundo plano, o mesmo acontecendo com muitas outras componentes da sua vida pré-Mía. A chegada da filha tinha aberto um fosso entre a antiga e a nova existência, e havia muitas coisas que tinham ficado do lado de lá da barreira: o desporto, uma vida sem preocupações, o tempo livre, as noites de oito horas de sono, a roupa lavada na lavandaria, as maratonas diante da televisão, e uma série de outras realidades que Númi recordava a si próprio vezes sem conta que podia perfeitamente dispensar. Porque a vida deste lado, a vida com Mía, era muito melhor do que aquilo que fora obrigado a largar.

Tinha de se agarrar a essa ideia. Apesar de todas as chatices por que estava a passar nesta altura, não tinha do que se queixar. À parte o último percalço, que era passageiro, ele e Stebbi tinham uma vida boa: casa nova, bebé recém-chegado e uma nova maturidade na relação. Eram três aspetos que exigiam algum esforço, mas a verdade é que todas as coisas tinham o seu preço. No longo prazo, os incómodos provocados por Mía acabariam por compensar e, se Stebbi não estivesse enganado, a provação acabaria dentro em breve. As obras no exterior da casa também estavam concluídas, e os operários tinham finalmente começado a arrumar as ferramentas — vários meses depois do prazo previsto, é certo, mas não deixava de ser um motivo de comemoração; e, segundo Stebbi, estavam perto de conseguir chegar a acordo com o empreiteiro a respeito da conta, embora Númi tivesse as suas dúvidas quanto a isso — dúvidas que tinha tentado afastar do espírito. Às vezes, era bom a pessoa permitir a si mesma umas quantas expectativas irrealistas. Já tinha suficientes chatices com que lidar, como o chefe a resmungar por causa da licença de paternidade, que, infelizmente, tinha coincidido com um colapso nos mercados. E agora estas cenas todas.

Stebbi achava que o drama não duraria muito mais tempo. Númi não estava de acordo, mas deixar-se iludir era uma alternativa mais confortável. Como quando comparava várias previsões meteorológicas, optando sempre por acreditar na mais favorável. Ora, nos últimos tempos, a confiança de Stebbi parecia-lhe muito mais

conveniente do que o seu próprio pessimismo. Lá bem no fundo, Númi estava convencido de que aquilo não teria fim. Não duvidava de que acabariam por chegar a um acordo com o empreiteiro a respeito da conta final; mas parecia-lhe que a saga de Mía poderia arrastar-se por muitos anos.

Ora, não podiam permitir que isso acontecesse. Ele e Stebbi tinham de ter a possibilidade de cuidar dela sem interferências, pois eram mais do que capazes de o fazer.

Graças ao poço sem fundo de informações que era a Internet, as surpresas tinham sido poucas. Ninguém podia dizer que eles não se tinham preparado para a chegada de Mía. De facto, nos meses que haviam antecedido o nascimento, ambos tinham mergulhado na leitura de tudo o que haviam encontrado, em especial relatos e conselhos de casais que se encontravam numa situação parecida com a deles: dois homens cuidando de um bebé, e casais que tinham recorrido a mães de substituição, por via legal, ou não — estes últimos tinham sido os mais úteis.

Não contentes com isso, tinham depois passado em revista tudo o que dizia respeito à educação dos filhos, desde artigos académicos até publicações em blogues de pais — quase sempre mal organizados e pouco informativos —, que iam do ridiculamente otimista, passando pelo excessivamente bem humorado até ao pura e simplesmente assustador.

Tendo memorizado todos os pormenores, por muito inúteis que fossem, haviam acumulado um saber de tal maneira enciclopédico que nada do que viesse a acontecer à bebé jamais os apanharia de surpresa: ter intolerância ao leite, ter nascido com dentes, toda e qualquer possível deficiência cromossómica ou de nascença, problemas nos ouvidos, problemas de sono, icterícia, nascimento prematuro, soluços crónicos, pele hipersensível, refluxo... Númi e Stebbi sabiam de cor todas as soluções a aplicar nestes casos e em muitíssimos outros.

Mas uma coisa é estar bem informado, e outra coisa é ser confrontado com as questões na vida real, como eles estavam a ser desde há cerca de quatro meses. É certo que já não viviam constantemente sob o terror de a perder ou de a magoar sem querer,

mas continuavam a aprender. Mía mudava de semana para semana, e poder-se-ia dizer que eles se sentiam sempre absolutamente confiantes em relação ao que tinham de fazer — pelo menos até ontem, pois quem sabia que novidades traria o dia de amanhã? Mía ia crescendo e aumentando de peso, passava mais tempo acordada, sorria e ria-se com as descobertas que ia fazendo sobre si própria, sobre eles os dois e sobre o mundo que a rodeava. Ia-se tornando consciente de si. Ainda levaria muito tempo a aperceber-se de que a situação dela era diferente da situação da maioria das crianças, mas, para já, todas as coisas eram igualmente desconhecidas e novas para ela. O ideal era poder continuar a sentir o mesmo durante muito tempo — de preferência para sempre.

Númi endireitou-se e limpou a água dos olhos, depois estendeu a mão para o sabonete e ensaboou o corpo todo. A água do chuveiro tirou imediatamente a espuma, de maneira que voltou a ensaboar-se todo pela segunda e pela terceira vez, para jogar pelo seguro. Estava mesmo a precisar de uma boa lavagem, pois tresandava a vômito e a diarreia de bebé. Mía estava com problemas de estômago e ele tinha sido apanhado na linha de fogo. Os gurus da Internet tinham-se esquecido de ensinar qual a melhor maneira de gerir a projecção de fluidos corpóreos.

Felizmente, parecia que o estômago da bebé acalmara, e ela dormia agora pacificamente lá fora, deitada no carrinho. Númi tinha aproveitado a oportunidade para se meter debaixo do chuveiro, como tencionara fazer assim que ela adormecera. Mas fora novamente obrigado a ter uma discussão à porta de casa, ainda com a cara suja de vômito e outras secreções piores. Como sempre, tinha tentado ser compreensivo e bem-educado, mas acabara rapidamente por perder as estribeiras. Não era possível fazer cedências num conflito em que uma das partes — ele e Stebbi — se recusavam a ceder um milímetro que fosse. Pois o facto é que eles tinham razão.

Nem o cabelo tinha sido poupado. Númi pousou o sabonete e estendeu a mão, às apalpadelas, para o champô. Já não tinha muito tempo. Os duches prolongados eram outra coisa que pertencia à sua vida anterior.

As costas da sua mão roçaram ao de leve na coluna à prova de

água que estava ao lado do champô. Ultimamente, tinha deixado de trautear baixinho, acompanhando uma música qualquer, enquanto tomava um banho descontraído. Pelo contrário, estava permanentemente atento ao silêncio proveniente do monitor da bebé, que deixava em cima do lavatório, e lavava-se a correr, sempre em tensão.

O transmissor estava no carrinho de Mía. Enquanto não ouvisse nada, Númi sentia-se relativamente à vontade. Porém, quando ela começava a emitir sons, isso significava que estava a acordar. A partir dessa altura, ele teria menos de dois minutos para se limpar, vestir, descer as escadas a correr e chegar ao pátio. Se levasse mais tempo a pegar em Mía, ela começava a chorar, e o volume que aqueles pulmões minúsculos conseguiam produzir era espantoso. Nenhum dos vizinhos deixaria de a ouvir. A miúda tinha à sua frente um futuro brilhante como cantora de ópera — ou como sirene de raide aéreo.

Númi apertou o recipiente do champô para extrair as últimas gotas que ainda restavam e começou a lavar o cabelo. Enquanto massajava o couro cabeludo, entraram-lhe umas gotas para o ouvido, bloqueando-lhe a audição. Mas não completamente, porque ainda conseguiu captar um leve ruído proveniente do monitor do bebé. Fez uma pausa, passou a mão pela cara para tirar o sabão dos olhos, esfregou as orelhas e aguardou.

A seguir, ficou parado.

O som proveniente do monitor, no meio do ruído estático, não era do choro de Mía. Era uma voz cautelosa, tentando fazê-la calar. Seria possível que a bebé tivesse acordado e que algum dos vizinhos tivesse saltado a vedação, que era baixa, para tomar conta dela? Seriam os operários que tinham regressado? Teria o carteiro dado a volta pelas traseiras? Ele ignorou deliberadamente a explicação mais provável.

Númi ouviu um resmungo de protesto da filha. E depois, nada. Nem choro, nem o som do aparelho, nem voz alguma a acalmar a miúda. Ou tinha acabado a pilha, ou a pessoa que se encontrava ao lado do carrinho tinha desligado o transmissor.

Ainda com o cabelo coberto de champô, Númi saltou do chuveiro, por pouco não escorregando e caindo de costas sobre os ladrilhos molhados, tal o pânico que sentia. Enfiando o corpo molhado a toda a

pressa dentro do roupão, desceu os degraus dois a dois, correu para a porta-janela e espreitou para o pátio.

Com a pressa, tinha deixado os óculos na casa de banho, em cima do lavatório, mas percebeu que a colcha tinha sido desentalada e estava solta, pendendo de um dos lados do carrinho, ainda segura por uma das molas. Númi olhou para a manta branca que tinha ficado no interior do carrinho e começou a respirar melhor, pois entreviu por baixo a forma de Mía e teve um vislumbre da touquinha que lhe cobria a cabeça.

O choque deu lugar ao alívio, seguido de fúria. Deviam ter sido uns miúdos idiotas. Mas que diabo lhes teria passado pela cabeça? Númi abriu a porta que dava para o pátio, sentindo o frio a galgar-lhe as pernas nuas. Parou um momento para apertar melhor o roupão em torno do corpo, olhou em volta do jardim, mas não viu sinais de miúdos nenhuns.

Porra, porra, porra. Estava a ver que não era seguro deixar Mía a dormir no exterior. Nesse caso, teria ainda menos tempo para fazer fosse o que fosse durante o dia, porque ela dormia muito melhor lá fora ao ar, ao estilo islandês, do que no quarto.

Nessa altura, Númi apercebeu-se de que alguém tinha mexido no monitor. O aparelho não estava onde ele o tinha deixado; a antena aparecia agora entre a borda do carrinho e a manta. Pegou no monitor e viu que tinha sido desligado.

Númi teve um arrepio. Não percebeu se era de frio ou do facto de uns miúdos quaisquer terem andado a mexer na sua bebé. Devia ser das duas coisas. Decidiu levar Mía para dentro, mesmo sabendo que a bebé acordaria quase de certeza se ele lhe mexesse. Puxou a manta para trás com cuidado, na esperança de conseguir pegar nela sem a acordar.

Passaram vários instantes até Númi ter consciência do que estava a ver. A bebé tinha a pele da cara cinzenta, os minúsculos lábios entreabertos, os olhos esbugalhados, secos e cegos. Estava morta.

Mas esta criança morta não era Mía.

Cinco meses antes



AS FLORES ERAM TANTAS que mal se via o pequeno caixão branco. Havia coroas e ramos de uma grande variedade de cores: cor de rosa, vermelhos, amarelos; até havia um quase todo em verdes. Não é que as pessoas tivessem escolhido as suas homenagens florais pensando na cor ou na flor preferida da filha dele, porque a vida de Íris havia sido demasiado curta para ela ter uma opinião definida sobre este género de coisas; além de que a menina tinha passado uma grande parte dessa vida na enfermaria do hospital. Íris tinha um prato preferido: piza; uma sobremesa preferida: gelado; e um animal preferido: o panda. Também tinha seis canções preferidas, que formavam a *playlist* que ele tinha feito para lhe dar, e às quais nunca chegara a acrescentar novas músicas. Mas isso não parecia ter tido importância: Íris adorava ouvi-las uma vez e outra, sem parar, com os auscultadores cor de rosa dos gatinhos que os avós lhe tinham dado no Natal.

Para além disto, não havia assim muitas coisas a que Íris desse especial importância, à exceção de um peluche que raramente largava da mão. Era um pequeno pinguim, que estava agora dentro do caixão, preso pelos braços cruzados da menina.

Rögnvaldur tinha a seu lado a mulher, Aldís, que chorava em silêncio, as lágrimas a correrem-lhe pelas faces pálidas e a caírem-lhe silenciosamente no peito, fazendo aumentar as manchas de humidade que lhe decoravam a blusa colorida. Era a única que vestia de cor; toda a gente, incluindo o marido, estava de preto. Quando, antes de saírem de casa para a igreja, ele fora encontrá-la sentada na cama de

casal e lhe perguntara se tencionava vestir o vestido preto que tinha ao lado, ela limitara-se a abanar a cabeça, continuando a olhar no vazio. Rögnvaldur tinha feito um aceno de cabeça e deixara-a ir como estava, com a roupa que usara na noite em que a filha de ambos havia morrido. Ao chegar a casa, Aldís tinha despido a blusa e tinha-a metido num saco, que atirara para o fundo do armário. O marido não lhe fizera perguntas, presumindo que ela queria preservar o cheiro de Íris, que exalara o último suspiro ao colo da mãe. Por esta altura, a criança estava internada há duas semanas, e Rögnvaldur tinha dificuldade em localizar qualquer vestígio do cheiro doce e inocente da filha, substituído pelo cheiro a hospital, um fedor a medicamentos, desinfetantes e curativos. Um odor a morte iminente.

O vigário anunciou que se seguia um cântico, voltou-se para o altar e começou a remexer em qualquer coisa.

Rögnvaldur teve subitamente vontade de se pôr em pé e soltar um berro. De silenciar o coro e expulsar os acompanhantes. Embora a maioria dos membros da congregação estivesse genuinamente perturbada com a morte de Íris, a dor destas pessoas não era nada em comparação com aquilo que os pais da menina estavam a passar. Ele e Aldís pareciam zombies: moviam-se, respiravam e comiam sem precisarem de oxigénio nem de apetite às refeições. Os amigos e os familiares iam-lhes trazendo comida a intervalos regulares, e era a única coisa que eles engoliam. Rögnvaldur previa que, quando estas ofertas acabassem, eles começariam a emagrecer e acabariam por morrer. Era inevitável que as pessoas se fossem retirando, porque ele e Aldís não eram propriamente companhias agradáveis: respondiam quando alguém falava com eles, mas não davam nenhum contributo espontâneo para as conversas. É que não tinham nada para dizer. Não tinham ontem, não tinham hoje e não teriam amanhã. Provavelmente, nunca mais teriam.

O cântico chegou ao fim e o vigário voltou-se para os presentes. Fez-se silêncio na igreja, à exceção de uma ou outra fungadela discreta. Há muito que Rögnvaldur e Aldís tinham deixado de tentar ocultar as lágrimas; na verdade, ele já tinha gastado por completo as suas, mas Aldís continuava a chorar abertamente, onde quer que estivessem.

O vigário começou a falar sobre a vida de Íris. Quando fora a casa deles combinar os pormenores do funeral, tinha-lhes pedido informações para incluir no elogio fúnebre, mas os pais não tinham sido capazes de lhe dar grandes pistas, porque a filha tinha apenas dez anos. Não era possível apresentar uma lista das suas proezas desportivas, dos clubes a que ela tinha pertencido, dos locais onde tinha vivido ou dos seus êxitos académicos. Íris não tinha pertencido a nenhum clube, nunca tinha praticado desporto e não chegara a fazer nenhum exame de relevo; nem sequer chegara à idade de tirar a carta de condução. A única coisa que eles tinham conseguido balbuciar fora que aos sete anos lhe tinha sido diagnosticada uma leucemia e que, a partir de então, a filha havia passado grande parte do tempo no hospital. As coisas estavam a correr bem até que o sistema imunitário da menina, que estava bastante fragilizado, havia entrado em contacto com o vírus do sarampo. Devido a um recente transplante de medula, Íris tinha perdido a imunidade preventiva que adquirira com as vacinas da infância, e o vírus levara apenas duas semanas a conquistar o seu pobre corpinho.

Claro que havia muito mais coisas a dizer sobre ela, coisas que tinham significado para os pais. A vida da menina não se reduziu ao tempo que tinha passado no hospital. Mas nenhum dos dois tinha vontade de partilhar as suas memórias com outras pessoas. Os primeiros passos de Íris, as primeiras palavras que ela tinha proferido, o seu primeiro sorriso, pertenciam-lhes, a eles e a mais ninguém; isso e os episódios pungentes a que, a princípio, se haviam agarrado e que recordavam um ao outro à vez, por entre soluços.

Mas nenhuma destas histórias tinha sido relatada ao vigário. Na verdade, depois de terem enunciado os factos essenciais da vida da filha, Rögnvaldur e Aldís tinham-se remetido ao silêncio. Felizmente, a sogra de Rögnvaldur também estava com eles e pôde enriquecer um pouco aquele relato breve e seco.

Pelo canto do olho, Rögnvaldur notou que Aldís baixara a cabeça. Voltando-se para ela, viu que a risca do cabelo da mulher estava oleosa. O mesmo se passava com ele: embora tivesse vestido o fato preto que os pais lhe tinham comprado para a cerimónia, não tivera energia para se meter debaixo do chuveiro, fazer a barba ou lavar a

cabeca. Nem a sua aparência nem a opinião das outras pessoas lhe interessavam já. Só lhe interessava uma coisa. E não era bonita. Se falasse dela ao vigário, o mais provável era ser expulso da igreja. Mas isso também não lhe importava.

O vigário concluiu a sua intervenção, e o coro voltou a cantar. Era novamente um cântico fúnebre, que os membros do coro teriam certamente sido capazes de entoar de trás para a frente, se lhes pedissem. Rögnvaldur e Aldís tinham sido convidados a escolher as músicas — canções de que Íris gostasse, por exemplo —, mas ele tinha declinado imediatamente o convite e mandado calar a sogra quando esta fizera referência à playlist. As seis canções que dela constavam não eram para serem cantadas num funeral; tinham sido compostas para fazer sorrir os ouvintes, enquanto iam cantando ao mesmo tempo. Nem ele tinha certeza de conseguir aguentar-se se ouvisse as canções favoritas da filha diante do caixão. Rögnvaldur também havia vetado a sugestão de, durante a cerimónia, se ler o poema que tinha valido um prémio à filha. A sogra tinha informado o vigário de que Íris fora uma das quatro crianças premiadas num concurso de poesia organizado pela Biblioteca Municipal de Reykjavík; o poema, escrito após o transplante de medula, numa altura em que as coisas pareciam extremamente promissoras para ela, listava todas as coisas que tencionava fazer quando recuperasse as forças. Era difícil imaginar leitura menos apropriada para a ocasião. Aldís tinha concordado com o marido, embora sem dizer nada; limitara-se a desatar a chorar. E em lágrimas continuava quando o vigário, concluindo que já dispunha de material suficiente, se tinha finalmente despedido.

Por esta altura, os ombros de Aldís agitavam-se como se haviam agitado aquando da visita do vigário, mas os soluços foram-se tornando mais intensos, sacudindo-lhe o cabelo por lavar. Rögnvaldur sentiu uma dor aguda no coração e cerrou os dentes para não largar o berro que procurava desesperadamente uma via de saída. Não o fazia por querer evitar incómodos à congregação, mas por recear que, começando a berrar, nunca mais conseguisse parar.

Rögnvaldur fechou os olhos e sentiu que duas pesadas lágrimas lhe corriam pelas faces. Contudo, em vez de permitir a si próprio o choro que o seu coração desejava, fungou intensamente e endireitou os

ombros. Não podia permitir-se ir abaixo. Aldís precisava do seu apoio. Rögnvaldur queria dar-lhe o braço quando saíssem da igreja atrás do caixão coberto de flores, e não seria capaz de o fazer se ele próprio precisasse de apoio. Hoje, tinha de ser forte. E amanhã também teria de ser forte. E no dia a seguir também. A vida continuava, qual implacável Juggernaut, totalmente indiferente a quantos se atravessavam no seu caminho e eram arrastados por ele, mais mortos que vivos. Como ele e a mulher.

Desde que Íris tinha morrido, Rögnvaldur tentara redirecionar a sua dor pensando obsessivamente em quem teria infetado a filha. Mais nenhum outro pensamento era tão eficaz. Voltando-se para trás, correu a vista pela igreja, que estava cheia; à medida que ia pousando os olhos no rosto de cada um dos presentes, a maioria baixava os seus. Estavam ali parentes, uns próximos, outros mais distantes, amigos e conhecidos, alguns colegas de trabalho, um ou outro membro da equipa do hospital, vizinhos e, aqui e ali, rostos que ele reconhecia, mas que não conseguia localizar. Presumiu que o grupo que estava ao fundo, cujas caras não conseguia ver, fosse constituído pelos mesmos elementos. Era bem possível que o culpado estivesse ali presente, porque Íris não contactava assim com tanta gente.

Aldís fungou, e Rögnvaldur voltou-se novamente para a frente. Ao fazê-lo, teve quase a certeza de que os congregantes que estavam atrás dele deram um suspiro de alívio. Não era agradável cruzar o olhar com um pai que tinha acabado de perder uma filha. E o portador da infeção devia ser o mais aliviado — isto se a pessoa em questão ali estivesse.

O hospital não podia informá-lo. Rögnvaldur tinha feito a mesma pergunta a vários membros da equipa desde que a filha ali fora admitida com sarampo, e a resposta era sempre a mesma: naquele momento, não havia conhecimento de mais nenhum caso de sarampo na Islândia. O Ministério da Saúde apenas tinha recebido uma notificação, mas vinha do estrangeiro e não fora considerada fiável; tratava-se da solicitação de pagamento da baixa de um operário estrangeiro que havia deixado o país, e que afirmava ter contraído sarampo enquanto trabalhava na Islândia. O médico que tinha partilhado esta informação com Rögnvaldur acrescentara que o caso

fora considerado uma tentativa fraudulenta de receber apoio estatal.

Ao contactar com o Ministério da Saúde, deparara-se-lhe um muro de betão. Tinham-lhe dito que a infeção seria investigada, mas que, mesmo que descobrissem a origem, ele não seria informado. A comissão de investigação não lhe daria a conhecer, a ele e à mulher, o nome da pessoa que tinha infetado e matado a filha de ambos. Isto fora claramente explicado pelo representante do ministério que tinha ido a casa deles recolher o depoimento de Rögnvaldur e de Aldís. A conversa tinha sido unidirecional: o funcionário tinha feito as perguntas, e o papel deles fora responder.

Depois de Íris morrer, Rögnvaldur tinha-se sentado ao computador e não levava muito tempo a recolher a informação relevante. A causa do sarampo era um vírus altamente contagioso, transmitido por gotículas presentes no ar e alojado na cavidade nasal e na garganta da vítima. Quando uma pessoa infetada espirrava ou tossia, o vírus conseguia sobreviver durante duas horas sem hospedeiro em superfícies ou na atmosfera de um compartimento fechado. Uma ou duas semanas após ter sido infetada, se não tivesse imunidade, a pessoa adoecia; três a cinco dias depois, aparecia-lhe uma erupção cutânea. Quatro dias antes do aparecimento desta erupção, o hospedeiro podia infetar outras pessoas, podendo permanecer infeccioso ao longo de um total de oito dias.

Esta informação coincidia com o período relativamente ao qual o funcionário do Ministério da Saúde tinha feito a maior parte das suas perguntas, a saber, onde é que eles tinham levado Íris e com quem tinha ela estado duas semanas antes de adoecer. Recordando o passado recente, Rögnvaldur e Aldís tinham-lhe transmitido tudo aquilo de que se lembravam. Mas a verdade é que não houvera grandes saídas, porque Íris tinha de se manter resguardada: fora a casa de uma prima da mesma idade, onde não havia ninguém doente; tinham ido dar uma volta pela beira-mar, mas não se tinham cruzado com ninguém que espirrasse ou que tivesse qualquer outro comportamento suspeito; tinham ido ao parque infantil do bairro, mas não tinham encontrado mais nenhuma criança, porque estavam todas na escola ou no infantário. Finalmente, tinham-na levado duas vezes ao hospital para consultas de controlo, mas ficaram isolados de outros

pacientes. Para além disso, haviam dado algumas voltas de carro, comprado gelados e gozado as vistas do mar ou das montanhas. Não se lembraram de mais nada, dado que a vida de Íris no período pós-tratamento havia sido de cuidados e muito descanso. A filha não tinha ido às compras com eles, nem ao cinema, nem ao teatro, à piscina ou a eventos desportivos; como estava com o sistema imunitário em baixo, tinha indicação para se resguardar o mais possível.

Os pais não conseguiam encontrar explicação para o facto de ela ter sido infetada; ou ainda não tinham conseguido. E talvez nunca conseguissem. Talvez o portador do vírus fosse um turista, que tinha abandonado o país antes de a doença se ter manifestado nele. Só que a família não se tinha cruzado com turistas. Nem com trabalhadores estrangeiros. Não havia obras no prédio onde moravam, nem em qualquer outro local por onde Íris tinha passado.

O vigário recitou o pai-nosso, mas Rögnvaldur não o ouviu. Estava a recordar-se do nascimento de Íris e do momento em que ela tinha sido depositada nos braços da mãe exausta — toda pegajosa e coberta de sangue, enrolada numa coisa branca, de punhos cerrados, a boca muito aberta e os olhos bem fechados. Tanto ele como Aldís tinham chorado, mas eram lágrimas muito diferentes das que derramavam agora.

Rögnvaldur recordou a esmagadora sensação de responsabilidade e a promessa que tinha feito a si próprio: enquanto ele respirasse, mãe e filha seriam protegidas de todos os males. A muito desejada filha tinha finalmente chegado, depois das terríveis provações dos últimos anos; e ele tencionava fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para que a filha tivesse uma vida feliz. E era ver o que tinha acontecido — fracassara rotundamente.

Mais um cântico. A seguir, o vigário retomou a palavra e recitou o texto habitual nestas ocasiões, o texto que assinalava o fim de um caminho e o recomeço de outro. Palavras funestas para uma pessoa sem fé, que não acreditasse na terceira linha:

*Tu és pó,
ao pó voltarás,
E do pó ressuscitarás.*

Rögnvaldur não chorava. Pelo contrário, sentia uma raiva incontrolável a fechar-se-lhe em volta do coração como um punho. As coisas não podiam acabar assim. Ele queria vingança. Agora, era a única coisa que importava. Uma vez realizado esse objetivo, pouco lhe importava o que lhe viesse a acontecer.

No presente



Segunda-feira

A BARRIGA DISTENDIDA E OVAL DE ERLA chocou com a beira da secretária de Huldar, fazendo ondular o café já frio que restava dentro da caneca dele e pondo em movimento um lápis, que foi travado pelo teclado do computador. Não era a primeira vez que ela colidia com o mobiliário do departamento; na verdade, parecia que ainda não se tinha adaptado à temporária alteração da forma do seu corpo. À altura do umbigo da chefe, não havia nada que estivesse a salvo: as beiras das secretárias, as ombreiras das portas, as impressoras, as prateleiras, as costas das cadeiras — tudo se atravessava no caminho daquela saliência. Mas Huldar e os colegas do Departamento de Investigação Criminal tinham tido o cuidado de ignorar a situação, embora não conseguissem deixar de reparar na protuberante barriga, que se fazia anunciar antes da chefe sempre que ela dobrava uma esquina. À parte este pormenor, Erla não tinha nada em comum com as outras grávidas que Huldar conhecera. Quando as cinco irmãs tinham engravidado, os inchaços criados pelos respetivos bebés haviam formado um enorme volume a toda a volta do corpo delas, como se elas tivessem sido apanhadas a meio de um exercício de ginástica com bola. Pelo contrário, Erla dava a sensação de meter todos os dias de manhã dentro das calças uma bola, que ia aumentando gradualmente de tamanho: primeiro, fora do tamanho de uma bola de andebol, depois de futebol, e agora parecia uma bola de praia completamente cheia.

Vista de trás, estava exatamente na mesma. Na verdade, à exceção daquela saliência, Erla continuava a ter um físico de maratonista esguia — ou teria, se lhe enfiassem um saco na cabeça.

De facto, a cara denunciava-a, adornada como estava com papos sombrios, dando a sensação de que os olhos se apoiavam em duas camas de rede colocadas lado a lado. Além disto, a chefe tinha a pele às manchas, e o cabelo curto pendia-lhe da cabeça, seco e desvitalizado. Havia mulheres que desabrochavam durante a gravidez. Outras a quem isso não acontecia.

Huldar não fazia ideia nenhuma de quantos meses Erla estaria, mas calculava que estivesse prestes a dar à luz. Nas poucas ocasiões em que havia tentado perguntar-lhe, as respostas tinham sido vagas, e ele acabara por se remeter ao silêncio depois de Erla, furiosa, o acusar de estar impaciente por lhe aquecer o lugar. A verdade é que Huldar não tinha interesse absolutamente nenhum em assumir o cargo de diretor do departamento, que aliás já ocupara. E ela sabia isso muito bem.

Huldar também não tinha qualquer pista quanto à identidade do pai da criança. Tinha-lhe perguntado duas vezes, e recebera sempre a mesma resposta — *Não conheces* —, num tom que desencorajava mais perguntas. Erla podia muito bem estar a viver com alguém; mas, se ele tivesse de apostar, seria na hipótese de que ela se preparava para ser mãe solteira. Erla nunca recebia chamadas quando trabalhavam até tarde, ao contrário do que acontecia com os outros membros do departamento que eram casados; e, recentemente, tinha aparecido de manhã com um bocado de papel higiénico agarrado à perna das calças. Ora, namorado algum teria deixado de reparar em semelhante coisa, impedindo-a de sair de casa naquele estado.

— Estás livre?

O tom era tenso, evocativo de cansaço e de noites sem dormir. As irmãs de Huldar queixavam-se muito daquele género de coisas: falta de sono, fadiga, retenção de líquidos e idas intermináveis à casa de banho. Trazer uma criança ao mundo começava com uma festa, sem dúvida que sim, mas os meses seguintes não eram especialmente divertidos. Os pássaros tinham optado por um sistema bastante melhor, refletiu ele; se Erla tivesse posto um ovo e o tivesse metido no micro-ondas a baixa temperatura durante nove meses, por esta altura

estaria a olhar para ele tão vivaça como no dia em que o bebé fora concebido.

Era tal a sua ânsia de largar o computador, que Huldar empurrou a cadeira para longe da secretária com toda a força indo embater na estante que tinha atrás de si.

— Estou livre, sim. Livre como um passarinho.

Só esperava que o que ali vinha fosse uma saída para o exterior. Ardiam-lhe os olhos de os ter fixados no ecrã, ainda por cima com a péssima luz da esquadra. Graças à nova política ambiental da polícia, tinha sido instalado no departamento um sistema de luz inteligente; o sistema previa um ajustamento da intensidade da luz às necessidades de cada momento, mas o designer tinha conseguido, por um qualquer milagre, que esta intensidade fosse sempre inadequada. Para poderem ver quando trabalhavam, os colegas mais antigos tinham optado, em geral, por levar de casa candeeiros de secretária, o que resultara numa poupança de energia abaixo do previsto, de modo que o aquecimento global seguia o seu caminho.

Erla olhou de relance para a secretária ao lado da de Huldar, que estava deserta.

— Que é feito do Gudlaugur?

— Foi convidado para fazer um curso de sensibilização cultural ou qualquer coisa desse género.

Huldar preparou-se para uma corrente de invetivas.

Mas Erla limitou-se a acenar a cabeça, após o que avançou para o que pretendia dizer.

— Recebi agora um telefonema que devia ter ido para a central telefónica, mas que veio parar a mim por engano. Não é nada de especial, mas, como estou cansada desta porra e preciso de apanhar ar, decidi aproveitar a desculpa. Tens hipótese de vir comigo ver se há ali alguma coisa ou se é apenas mais uma carga de chatices para nos fazer perder tempo?

A gravidez em nada tinha contribuído para temperar a língua de Erla, ainda que a chefe não tivesse aproveitado a oportunidade para descarregar uma série de impropérios sobre o curso que Gudlaugur tinha ido frequentar. Se o bebé nascesse a praguejar como um soldado, Huldar não ficaria minimamente surpreendido.

— Vamos a isso — declarou. — De que é que se trata?

— É um carro abandonado. Telefonou para cá uma mulher a dizer que o carro está a bloquear-lhe a saída da garagem. Apareceu lá no sábado, ninguém voltou a mexer-lhe, e ela quer que lho tirem dali.

— Então porque não liga para uma empresa de reboques?

— Pôs-se a atirar que o carro podia ter que ver com crime organizado e que era um assunto de polícia.

— A sério? E como é que ela chegou a essa conclusão?

— Afirma que espreitou lá para dentro e que está cheio de porcarias. Até diz que viu uma seringa. Foi isso que a levou a pensar que podia estar relacionado com crime. Claro que isto é um pretexto de merda; o que ela tem é medo de ser processada se mandar rebocar a viatura.

— Deu-te a matrícula?

— Deu. O registo está em nome de uma técnica de laboratório chamada Bríet Hannesdóttir. Não parece ser propriamente a cabecilha de uma rede internacional de crime. — Erla hesitou. Parecia impaciente. — Tentei ligar para o telemóvel da tal Bríet, mas está desligado. Vens ou não?

— Vou, pois. Sem qualquer dúvida.

Erla afastou-se para ir buscar as chaves do carro e o blusão. Não se tinha incomodado a comprar um uniforme novo, com mais espaço, remediando-se com o casaco oficial do uniforme, cujo fecho já não conseguia apertar. Este facto tornava-lhe a barriga ainda mais notória, se tal era possível.

Huldar foi buscar o seu blusão e encontraram-se à porta, descendo juntos as escadas até ao parque de estacionamento, embora Huldar achasse que o elevador era uma alternativa mais sensata dada a condição de Erla. Mas, desde que entrara para a polícia, ela sempre usara as escadas e, teimosa como era, não fazia tenções de mudar de hábitos, mesmo que provisoriamente. Pensando melhor, talvez fosse uma decisão sensata da parte dela, porque não era boa ideia uma pessoa mudar de hábitos. Nem sequer em pequenos pormenores. Se Erla descontraísse um pouco, corria o risco de descobrir que era muito mais agradável viver dessa maneira, e poderia nunca mais recuperar o antigo fulgor — graças ao qual vivia num estado permanente de

tensão e sobrecarga.

— Queres que eu leve o carro? — perguntou Huldar, estendendo uma mão para a chave, dado que tinha sérias dúvidas de que Erla conseguisse chegar ao volante no estado em que se encontrava.

A reação da chefe foi lançar-lhe um olhar venenoso.

— Sinto-me perfeitamente capaz de conduzir, Huldar. Eu estou grávida, não estou doente nem deficiente — replicou ela, fitando-o de sobrolho franzido por sobre o tejadilho do carro de polícia não identificado. — Como é que achas que venho todos os dias para o emprego? De mota?

Huldar meteu-se no carro e fechou a porta. Quando a pessoa não tem uma resposta inteligente na ponta da língua, o melhor é ficar calada. Com Erla, qualquer outra atitude seria um convite ao desastre. E ainda havia a possibilidade de aquela deslocação se tornar minimamente agradável.

Erla teve de fazer recuar o banco do carro para conseguir encaixar-se ao volante. Enquanto a chefe se debatia com o mecanismo, Huldar contemplou diplomaticamente a vista da janela do passageiro, para que ela se mantivesse calma e o ambiente se tornasse menos tenso. Seguiu-se uma conversa de circunstância, durante a qual foram evitados todos os temas em que Huldar estava interessado, nomeadamente quando nasceria a criança, quem era o pai e quem a substituiria enquanto a chefe estivesse de licença de maternidade. Em vez disso, conversaram sobre o tempo e sobre política. Só depois disso é que Erla descontraiu realmente.

Não levaram muito tempo a chegar ao destino. Para além de um adolescente que demorou uma eternidade a atravessar uma passadeira por ir concentrado no telemóvel e uma redução das vias devida a obras na estrada, nada mais os atrasou. O trânsito ainda era relativamente pouco, e o endereço que lhes tinham dado ficava num bairro residencial do pós-guerra situado a pouca distância da esquadra. Os condutores com os quais se cruzaram não se mostravam grandemente apressados, a não ser quando se tratava de apanhar o sinal verde. O percurso de regresso seria bem diferente, pois apanhariam a hora de ponta. Felizmente, estariam a regressar ao centro, ao passo que a maioria das pessoas se dirigia aos subúrbios. O

trânsito em Reykjavík funcionava como as marés, pensou Huldar, fluindo na direção da cidade de manhã e na direção contrária oito horas depois.

— Lá está o carro.

Erla apontou para um Skoda branco, notoriamente mal estacionado.

Para além desta aberração, parecia que a rua era habitada exclusivamente por instrutores de condução: os outros carros estavam todos em paralelo com o passeio e a uma distância adequada; nenhum deles estava estacionado excessivamente perto de uma boca de incêndio; e havia espaço suficiente entre cada veículo. O pequeno Skoda branco era o único que estava mesmo encostado ao carro em frente, com pouco mais de um dedo de distância entre os dois para-choques. Ignorando as marcas desenhadas no asfalto, o condutor tinha-o deixado quase a impedir a entrada de uma garagem e meio saído para a estrada. Huldar analisou aquela demonstração de condução negligente.

— Aposto o que quiseses que o sujeito que arrumou aquele carro estava bêbedo.

— Não era um sujeito, era uma mulher. Não te disse que o nome do registo é de uma mulher? — Erla meteu-se habilmente num lugar livre, do outro lado do acesso de garagem que estava bloqueado. — Mas concordo. E também pode ser por isso que ela não veio buscar o carro. Se calhar não se lembra de onde o deixou.

Huldar saiu do carro e inspirou profundamente o ar frio de inverno, sentindo imediatamente o desejo de fumar um cigarro; desejo que decidiu ignorar, em atenção à colega grávida. Por muito que tentasse soprar o fumo para o outro lado, ele acabava invariavelmente por se orientar para o não fumador que estivesse mais perto. Mesmo que fosse contra o vento. Por isso, em vez de acender um cigarro, aproveitou o tempo que Erla levou a sair de trás do volante para observar as redondezas.

Começou por examinar a casa da mulher que se tinha queixado do carro. Era uma casa pequena, de telhado de chapa ondulada e com sótão, idêntica às outras casas do bairro. Tinha de cada lado outras duas casas, muito próximas, separadas por jardins compactos. Por trás

delas, apareciam as casas da rua seguinte, visíveis através dos ramos despidos das bétulas que assinalavam as extremidades de cada lote de terreno.

Huldar sempre tinha gostado desta zona, conhecida pela designação de «bairro das casinhas». No período do pós-guerra, numa altura em que a escassez de habitação era tão grave como na atualidade, tinha sido ali criada uma área de pequenos lotes para as pessoas construírem as suas casas. O governo tinha fornecido os projetos, construído as estradas e montado os esgotos; depois, entregara uma pá e uma picareta aos felizes proprietários, instigando-os a fazerem-se à vida. Huldar achava uma ideia brilhante cada uma daquelas famílias construir a sua própria casa no seu tempo livre. Quem lhe dera que alguém tivesse uma ideia do mesmo género para resolver a atual crise de habitação. Ele seria o primeiro a aparecer com as suas ferramentas; não necessariamente para construir uma casa para si, mas certamente para dar o seu contributo ajudando os outros — pregar pregos em tábuas de madeira, abrir roços, transportar materiais. Não há nada melhor que o trabalho físico intenso, com um objetivo.

Erla não perdeu um minuto a olhar em volta nem a refletir sobre a história do bairro. Pelo contrário, avançou direta ao carro e debruçou-se para espreitar pela janela do condutor.

— Está cheio de lixo. Pelo menos isso não foi uma invenção da mulher. Mas não vejo seringa nenhuma.

Huldar juntou-se a ela e espreitou pelas janelas, da frente e de trás, evitando dar voz ao pensamento que lhe ocorrera de imediato acerca da conjunção entre mulheres e desarrumação. Na sua opinião, quase todas as mulheres eram desmazeladas por natureza, e a prova mais evidente disto mesmo era o estado em que tinham os seus carros e em que deixavam as casas de banho. Aquele Skoda não estava em muito pior estado que os carros pertencentes às mulheres da sua vida — ainda que, pensando bem, este tivesse qualquer coisa diferente. Na verdade, não se tratava apenas do habitual caos de embalagens vazias, sacos de plástico, revistas rasgadas, elásticos do cabelo e latas de Coca-Cola.

— Aquilo não é uma carteira de senhora, ou é? — Huldar

contornou o carro, postando-se do outro lado para ver melhor. — Ali no chão, à frente, do lado do passageiro.

Erla veio pôr-se ao lado dele e espreitou também lá para dentro.

— Aquela coisa preta?

— Sim.

A chefe endireitou-se, pressionando as mãos no fundo das costas e fazendo uma careta.

— É uma carteira, sem dúvida nenhuma. Que estranho estar ali no chão, no meio daquela porcaria toda. Se calhar, a proprietária não queria que fosse vista pelos transeuntes. Ou então estava tão bêbeda que a atirou para o lugar do passageiro, mas não acertou.

Continuando a espreitar pela janela, Huldar notou que o espelho retrovisor estava de esguelha. Se calhar, a mulher tinha-o voltado para si, para se ver antes de sair do carro. Ele próprio fizera isso algumas vezes, quando não tinha espelho no interior da pala. Mas, quando tal acontecia, voltava invariavelmente a colocar o retrovisor na posição original. Vendo bem, o espelho parecia muito sujo. Uma pessoa que tentasse ver-se àquele espelho não conseguiria perceber que tinha os dois olhos negros e lhe faltavam dois dentes da frente. Parecia que lhe tinham passado um pano sujo pela superfície. Na verdade, parecia que as superfícies de vários outros objetos do interior do carro tinham sido passadas com o mesmo pano. O tabliê também estava todo sujo e coberto de rastos pretos. Se a proprietária do carro tinha procedido a esta operação para melhorar o aspeto do interior, devia ser meia cega. A não ser que tivesse usado um produto de limpeza inadequado, que tivera como consequência sujar ainda mais.

Huldar apercebeu-se de outra anomalia.

— O carro deve estar destrancado, Erla. As chaves estão na ignição.

Dando um passo atrás, verificou que, à semelhança dos outros carros que circulavam na cidade, o Skoda estava nojento, coberto de resíduos de terra e neve derretida, que eram uma consequência inevitável da condução no inverno. Mas o puxador da porta e a zona em volta estavam limpos. Huldar deu uma volta ao carro e observou que o mesmo se aplicava ao puxador da porta do condutor e do porta-bagagens, enquanto os puxadores das duas portas traseiras estavam

como o resto do carro.

Erla percebeu o que ele estava a observar.

— Não achas que é mais uma prova de que isto é um caso de condução sob efeito do álcool? A mulher esqueceu-se da chave na ignição e da carteira no chão. Os bêbados não têm necessariamente raciocínios lógicos. Se calhar, achou que seria denunciada pelas impressões digitais, o que a levou a limpar os puxadores das portas; possivelmente, fez o mesmo ao volante. Devia estar completamente passada para fazer uma coisa tão absurda. Deve haver impressões digitais dela por todo o carro.

— Queres tu dizer que o veículo afinal não está ligado a uma rede internacional de crime? — perguntou Huldar com um sorriso. — Que pena.

Erla ignorou a observação e tirou o telemóvel do bolso, informando que ia tentar novamente falar com a proprietária. Nesse momento, apareceu à porta principal da casa uma mulher, que os cumprimentou sem sorrir, mas também sem franzir o sobrolho. Era de baixa estatura e, apesar de ter uma cara jovem, parecia estar aproximadamente na idade de reforma. Denunciavam-na as veias salientes nas mãos e o cabelo pintado e já muito ralo; como tantas outras pessoas nas mesmas circunstâncias, tinha tentado disfarçar a escassez de cabelo secando-o com secador e dando-lhe um estilo montado, mas não enganava ninguém. A mulher cruzou os braços para se proteger do ar gelado de inverno.

— O que é que se passa? Não vão tirá-lo daí?

Seguiu-se uma ladainha de queixas sobre o facto de o empreiteiro encarregado de abrir as condutas de água na rua bloquear os lugares de estacionamento nos dias de semana, de a câmara municipal não tratar de limpar a neve na rua, e de os jornais gratuitos cuja assinatura ela tinha cancelado há imenso tempo continuarem a ser entregues. A mulher tinha, nitidamente, enorme confiança na capacidade da polícia para resolver todos estes problemas.

Huldar pediu-lhe educadamente que fosse para dentro enquanto eles concluíam a sua primeira avaliação, prometendo que lhe bateriam à porta antes de se irem embora. Ela não pareceu ficar muito convencida, e a prova é que voltou a aparecer quase de seguida à

janela que dava para a entrada da garagem. Erla e Huldar não teriam qualquer hipótese de se ir embora de mansinho. Mas também não era essa a intenção — pelo menos não era a intenção dele; Huldar não podia responder por Erla.

Enquanto Erla fazia os telefonemas, Huldar decidiu afastar-se um pouco e fumar um cigarro, tendo o cuidado de se afastar suficientemente dela e fora da vista da moradora do bairro, que os vigiava da janela, por calcular que esta mulher não aprovaria o seu comportamento.

Saboreando o cigarro, tentou visualizar a sequência de acontecimentos que teriam levado ao abandono do carro. Tinha dificuldade em conciliar a limpeza dos puxadores das portas com a ideia de um condutor embriagado. Não lhe custava imaginar o abandono da carteira e das chaves, bem como o facto de o espelho estar de esguelha, mas não percebia o que teria levado a mulher a dar-se ao trabalho de limpar os puxadores das portas, em especial o do porta-bagagens. Se a ideia proveniente do confuso cérebro era ocultar quaisquer provas de condução em estado de embriaguez, é difícil perceber como é que o porta-bagagens cabia neste cenário.

Ao apagar a ponta do cigarro, Huldar ainda não tinha chegado a nenhuma conclusão.

Quando voltou para junto de Erla, a chefe estava a meter o telemóvel novamente no bolso. A proprietária do Skoda não atendia o telefone fixo e continuava com o telemóvel desligado. De acordo com o Sistema de Informações da Polícia, esta mulher nunca tinha sido multada por infrações de trânsito nem fora detida por embriaguez na via pública. Mas até os cidadãos mais respeitáveis faziam disparates quando se encontravam sob influência do álcool.

— Sugiro que tiremos umas fotografias ao carro, caso venhamos a precisar delas — propôs Huldar. — A seguir, eu arrumo-o em condições, levamos as chaves, e fica toda a gente contente. À exceção da proprietária, que terá de ir buscar as chaves à esquadra. — E apontou para o lugar vazio que havia à frente do carro ao qual o Skoda estava encostado. — Já não conseguiremos provar que se tratou de um caso de condução em estado de embriaguez, evidentemente, mas ter de se explicar na esquadra já será castigo

bastante para ela.

Erla fez uma careta.

— Sim. Provavelmente, é a melhor alternativa. Se o mandarmos rebocar, teremos de ficar aqui à espera do reboque e de preencher uma pilha de impressos. E aposto contigo que a proprietária faz queixa e protesta por causa das despesas. Ora, eu já tenho bastante com que me entreter, não preciso de mais essa chatice. Já para não falar do trabalho que teria a explicar por que razão decidi tratar pessoalmente deste assunto. O meu contrato não prevê responder por carros mal estacionados.

Huldar — que também não tinha vontade nenhuma de ser arrastado para o meio do sistema de queixas dos cidadãos — não perdeu mais tempo: abrindo a porta do Skoda, sentou-se ao volante e percebeu que tinha de empurrar o banco para trás. Não o surpreendeu: ele era alto, e o carro era de uma mulher, que devia ter sido a última pessoa a conduzi-lo. Huldar fechou a porta, estendeu a mão para a chave e preparou-se para ligar o carro.

Porém, assim que perdeu o contacto com o ar da rua, teve consciência de um odor que lhe era familiar — um fedor metálico a sangue, muito mais intenso do que se tivesse origem num sangramento do nariz ou numa arranhadela. Largando imediatamente o volante e a chave, Huldar puxou a manga do blusão para cobrir a mão esquerda, abriu a porta e saiu do carro; antes de voltar a fechar a porta, tirou um par de luvas de látex do bolso do casaco, calçou-as e carregou no botão por baixo do tabliê para abrir o porta-bagagens. Depois, sob o olhar vigilante da moradora do bairro, que continuava à janela, debruçou-se na direção de Erla e sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido.

A expressão da chefe endureceu e ela acenou com a cabeça, mostrando que tinha percebido. Avançaram os dois para as traseiras do carro, e Huldar abriu o porta-bagagens, libertando assim um pungente odor a sangue. Porém, em vez do cadáver ou da pessoa gravemente ferida que esperavam encontrar, o que estava no porta-bagagens era uma série de sacos do lixo pretos, que não podiam ter um corpo lá dentro, porque eram demasiado pequenos. Huldar e Erla soltaram suspiros de alívio.

O mecanismo estava partido, pelo que a porta não se aguentava aberta, e Huldar teve de a segurar com uma mão enquanto observava os sacos.

— Está-me a parecer que é caça. Galinholas ou renas.

— Ou então é alguma coisa tirada de um congelador que se avariou. Bolas, não te cheira também a vomitado? — Erla deu um passo atrás e bufou, repugnada. — Imagina o fedor que seria se fosse verão.

A chefe calçou igualmente um par de luvas de látex e debruçou-se sobre os sacos; percebendo que um deles estava aberto, espreitou lá para dentro. E verificou que o saco não continha caça nem produtos alimentares tirados de um congelador avariado.

Assim que Erla retirou o braço e se endireitou, Huldar largou o tampo do porta-bagagens.

Erla soltou um suspiro.

— É melhor chamar a equipa.

Estavam lado a lado, apoiados na vedação da moradora, à espera da chegada dos reforços.

— O que é que vais dizer quando nos perguntarem porque é que respondemos a esta chamada? — Huldar sabia que não seria ele, mas Erla, a ouvir a ladainha. Ela é que era a chefe.

— Bem, a minha esperança é que não me perguntem. Já temos bastante em que pensar. Mas, se perguntarem, digo que precisava de apanhar ar. É verdade e, dadas as circunstâncias, duvido de que haja mais comentários.

Erla calou-se. O sol, que começara a baixar no horizonte quando eles ali tinham chegado, desaparecera por trás das casas mais próximas e, ao lusco-fusco, os círculos que ela tinha por baixo dos olhos ficavam um pouco mais disfarçados. A chefe ostentava a expressão típica de uma pessoa que se resignou ao que vier.

Ficaram ambos algum tempo calados, a contemplar o carro. Era um Skoda branco muito vulgar, com uma carga muito invulgar no porta-bagagens. Sabendo o que os sacos continham, tornava-se difícil olhar para a viatura, e Huldar desviou os olhos, preferindo observar as

fileiras de casas que ocupavam todo o comprimento da rua. Eram casas pequenas, e por isso bastantes, mais do que o número habitual; era evidente que bater a todas aquelas portas daria o seu trabalho ao pessoal do departamento. Além disso, a avaliar pela quantidade de carros ali estacionados durante o dia, muitos residentes seriam pessoas de idade, e era pouco provável que andassem na rua ao sábado à noite. Em conclusão, era muito possível que o carro tivesse sido estacionado daquela forma tão pouco ortodoxa sem ninguém dar conta disso.

Erla quebrou o silêncio amigável.

— E tu, Huldar? Nunca pensaste em largar isto tudo e dedicar-te a outra coisa?

Huldar fixou os olhos na vala que havia ao fundo da rua, separada dos residentes por uma proteção metálica, onde estava a ser aberta uma conduta de água; no miserável pré-fabricado que havia ao lado; e na máquina amarela de remoção de terras que tinha ficado estacionada à beira do passeio. Não poderia negar que sentia uma enorme vontade de arregaçar as mangas e se meter lá dentro. Mas era um desejo parecido com a vaga de nostalgia que havia tomado conta dele ao pensar na história daquele bairro. Uma coisa era sonhar, outra empenhar-se. Se voltasse a trabalhar como carpinteiro, não tardaria a sentir saudades do departamento.

— Às vezes, tenho vontade de voltar à carpintaria — respondeu —, mas não como trabalho a tempo inteiro. Talvez como segundo emprego. — Olhou para Erla e sorriu. — E tu?

Erla cruzou os braços sobre a barriga.

— Eu? O que é que eu seria capaz de fazer? Decoração de bolos?

Huldar não imaginava a chefe nessa atividade. Pelo menos, de bolos para ocasiões convencionais. Talvez para despedidas de solteiro, mas nunca para batizados, crismas ou casamentos.

— A única coisa que eu sei fazer é ser polícia. E não tenho vontade de fazer mais nada.

— Ótimo. Então podes gabar-te de ter o emprego ideal.

Mas, quando voltou a olhar para Erla, Huldar percebeu que, naquele momento, não era isso que acontecia. Esteve prestes a dar-lhe uma cotovelada simpática, mas conteve-se: a chefe tinha receio de que

o seu trabalho na polícia — os turnos, as longas horas, a pesada carga de tensão — não fosse compatível com a situação de mãe solteira; e, não sendo natural de Reykjavík, nem sequer podia contar com a habitual rede de apoio familiar.

Antes de Huldar conseguir pensar em qualquer coisa animadora para lhe dizer, chegaram os reforços.

Segunda-feira à noite

O QUARTO ERA TÃO TÍPICO DE UM HOMEM SOLTEIRO que podia ter sido copiado de uma brochura de venda de mobiliário: todo em tons escuros e com luz reduzida. Uma cama grande com um colchão duro. Um pequeno frigorífico vermelho reluzente, provavelmente destinado a cerveja. Um *charriot* e uma enorme cómoda. Um volumoso cadeirão de couro castanho-escuro, envelhecido na fábrica para dar a impressão de provir de um refúgio de caça das Terras Altas da Escócia. Nas paredes, molduras com fotografias do mundo do desporto internacional, e o crânio de um animal, ainda com um impressionante par de chifres, montado numa placa de madeira; este objeto devia ter sido adquirido em conjunto com o cadeirão. E, se tudo isto não fosse já suficientemente pretensioso, havia ainda dois remos de madeira a um canto, como se o apartamento estivesse localizado em Veneza e o proprietário circulasse de um lado para o outro de gôndola.

O que não podia estar mais longe da verdade. Nesta altura, o proprietário nem ia mesmo a lado nenhum, porque estava metido na prisão. E, enquanto ele permanecia fora de circulação, Freyja arrendara-lhe a casa, exatamente como estava, incluindo o animal de estimação: uma gorda píton, cujas manchas castanhas combinavam com o mobiliário do quarto. Não era impossível, bem pelo contrário, que o responsável pela decoração tivesse escolhido o animal a condizer com o resto.

A pesada cabeceira da enorme cama batia ritmicamente contra a parede. A cabeceira era feita de tábuas de madeira reaproveitadas e tinha de certeza custado uma fortuna, mas não estava propriamente bem construída — pelo menos, os parafusos não eram suficientemente seguros — e começava a soltar-se. Da próxima vez, Huldar teria de

levar a sua caixa das ferramentas. A cama também era do proprietário e não podiam destruí-la: Huldar não conseguia imaginar Freyja a explicar ao senhorio o que tinha acontecido. Freyja era púdica por natureza. Felizmente, conseguia deixar este traço da sua personalidade do lado de fora da porta do quarto.

Aquela sequência de pensamentos fê-lo perder a concentração e abrandar o ritmo frenético. Como não era a primeira vez que se via naquelas circunstâncias, Huldar sabia o que estava para acontecer e fez o que pôde para se aguentar, mas, quando Freyja começou a gemer, deixou-se ir. A sua mente esvaziou-se e, durante breves segundos, sentiu-se bastante melhor do que merecia. A avaliar pela expressão de felicidade de Freyja, aconteceu-lhe o mesmo a ela.

Huldar deixou-se ficar imóvel em cima dela, a recuperar o fôlego. Depois, rolou sobre si mesmo, ficando deitado de costas em cima do colchão, embora fosse a última coisa que lhe apetecesse. Mas não tinha alternativa: o seu corpo estava prestes a perder a força vital, e ele tinha medo de esmagar a companheira — embora, até ao momento, Freyja não tivesse dado sinais de qualquer desconforto pelo peso dele.

Huldar e Freyja vinham passando muito tempo juntos, embora estivessem habitualmente mais como irmãos do que naquele momento. Tinham chegado à conclusão de que funcionavam melhor como amigos do que como casal, e mantinham a coisa nessa base. Quase sempre. Era melhor assim. Ele gostava de futebol e de acampar, ela de salas de concertos e de hotéis. Freyja até lhe tinha sugerido que recorresse ao Tinder, embora depois se risse das tentativas de Huldar para encontrar uma parceira por essa via. O método dele, que tanto a divertira, consistia em escolher qualquer mulher solteira da sua faixa etária que cumprisse um requisito: o seu perfil não conter qualquer referência a aquecimento global, religião ou poesia. À exceção desses pontos, Huldar não via qualquer motivo para não se dar bem com uma mulher — isto ignorando o facto de que preferia ter Freyja a seu lado. Esta última quebra na determinação da rapariga em nada contribuiria para fazer diminuir o desejo que sentia por ela.

Tinha passado lá por casa a seguir ao trabalho, depois de os colegas terem assumido a condução dos acontecimentos no bairro

residencial. Embora não tivesse dito a Freyja uma palavra sobre a investigação, ela parecia ter percebido que se passava qualquer coisa; mas não tinha feito perguntas, e ele ficara-lhe grato por isso. O objetivo daquela visita era distrair-se do que tinha visto no porta-bagagens do carro, não era voltar a trazer o assunto à memória falando sobre ele. Não estava a contar que Freyja estivesse disponível assim de repente, mas não se tinha obviamente queixado quando percebeu que assim era.

Freyja piscou os olhos e acabou por abri-los, a cabeça pousada na almofada e o cabelo todo espalhado em volta, como se tivesse acabado de apanhar um choque elétrico.

— Oh, bolas! — Soerguendo-se apoiada num cotovelo, olhou para Huldar com uma expressão horrorizada. — Nem uma palavra sobre isto seja a quem for. Nem no trabalho, nem em lado nenhum. Nem sequer faças confidências ao teu café.

Como Huldar não tinha o costume de falar sobre a sua vida privada com os colegas, ela não precisava de se incomodar a fazer aquela exigência. Ele estava habituado a não referir a sua amizade com Freyja fosse a quem fosse. Ainda assim, quis descansá-la.

— Sem problema.

Havia razões para aquele ocultamento. Huldar não estava convencido de que as razões fossem de peso, ou sequer relevantes, mas não era por isso que eram menos importantes para Freyja.

A jovem tinha aceitado o cargo de consultora da polícia em matéria de psicologia. Era um cargo novo, que tinha como objetivo melhorar as relações das autoridades com o Serviço de Proteção de Menores. Ao longo dos anos, a comunicação entre a polícia e este departamento tinha sido muito pouco satisfatória, por vezes mesmo caótica. Com a nomeação de uma pedopsicóloga, a direção da polícia pretendia evitar novos deslizos na investigação de futuros casos envolvendo crianças. Esta tarefa estava a cargo de Freyja, a nova oficial de ligação entre os dois serviços.

Ela tinha-se despedido do seu anterior local de trabalho, a Casa da Criança, esvaziando o seu gabinete e aparecendo na esquadra com as suas coisas metidas em duas caixas de cartão a abarrotar. Estas caixas haviam sido depositadas num gabinete novo, bastante acanhado, que

não era muito diferente daquele para o qual fora relegada na Casa da Criança depois de ali ter perdido o estado de graça.

A princípio, a mudança tinha agradado a Huldar, que apreciava a ideia de trabalhar com Freyja e de a ver com mais frequência do que anteriormente, quando só tinha direito a visitas semanais — almoçar com ela, passar pelo gabinete para trocar impressões, levar-lhe um café. Mas nada disto tinha acontecido. Na verdade, Freyja recusava-se a conversar com ele no departamento, a não ser que fosse exclusivamente sobre trabalho, pelo que os caminhos dos dois não se cruzavam com grande frequência. Quando passavam um pelo outro nos corredores cumprimentavam-se, e faziam um mútuo aceno de cabeça nas reuniões de pessoal. Mas Freyja queria ser apreciada pelos seus méritos no novo local de trabalho, evitando que a sua competência ficasse ofuscada pelo facto de estar ligada a ele. Huldar não tinha levantado grandes objeções. Ela tinha razão: se a amizade entre os dois se tornasse conhecida, nasceria a suspeita de que Freyja tinha conseguido aquele emprego graças aos bons ofícios de Huldar, mesmo que tal coisa fosse extremamente improvável; pelo contrário, qualquer referência que ele tivesse feito, qualquer tentativa de influenciar a decisão, teria tido o efeito exatamente contrário. Mas, no mundo da coscuvilhice, era raro que pormenores como a verdade pusessem em causa uma boa história.

Dado que Freyja tinha perdido o seu emprego de sonho — diretora da Casa da Criança — por causa de Huldar, ele não podia deixar de aceitar aquela decisão. Se ela perdesse outro emprego por causa dele, a possibilidade de virem a ficar juntos era zero. Felizmente, embora Reykjavík fosse um mundo pequeno, mais nenhum agente da polícia vivia no elegante prédio de apartamentos de Seltjarnarnes onde ela tinha arrendado aquela casa, pelo que Huldar não corria riscos quando ia visitá-la — onde, por outro lado, passara a ser muito bem-vindo depois de se ter oferecido para assumir a tarefa de alimentar a cobra que vivia no apartamento.

Talvez fosse da presença da píton, mas o facto é que Huldar tinha muitas vezes a sensação de que andava a jogar ao Cobras e Escadas com Freyja: ia parar a uma casa com escada e subia a escada, mas a esta seguia-se invariavelmente uma casa com cobra, que o atirava

novamente ao chão. Neste preciso momento, encontrava-se no topo da escada mais alta.

Huldar fechou os olhos. Nunca tinha tido dificuldade em adormecer, e o sexo tendia a deitá-lo abaixo como qualquer anestésico. Se começasse a contar, não conseguiria chegar até dez, mesmo mantendo os olhos abertos e dando beliscões a si próprio.

— Hei! — Freyja apertou-lhe o ombro com força e abanou-o. — Não adormeças. O Baldur vem aí com a Saga. Tens de te ir embora.

Huldar percebeu que tinha ido parar a uma casa com cobra e levantou a cabeça. Não era só o trabalho que interferia na sua relação com Freyja. O irmão dela, Baldur, tinha um registo criminal com o comprimento de um braço e, segundo a própria Freyja, não suportava polícias nem juízes; na verdade, para ele, os juízes chegavam a estar abaixo dos polícias. Ainda assim, e por qualquer razão, Baldur não se mostrara incomodado com o facto de a irmã ter começado a trabalhar para o seu archi-inimigo. Presumivelmente, e à semelhança de tantas outras pessoas, quando se tratava de membros da família, Baldur admitia exceções nas suas regras de vida.

Pelo contrário, Saga, a filha dele, uma criança pequena, era uma grande fã de Huldar. Tendo em conta que a criança era extremamente seletiva, o facto de ela gostar de Huldar teria provavelmente tido um papel relevante no desenvolvimento da amizade dele com Freyja: se Saga gostava dele, Huldar não podia ser má pessoa.

— Tenho tempo para tomar um duche?

Freyja estendeu a mão para o telemóvel.

— Usas amaciador?

— Não.

— Então está bem. Mas tens de te despachar.

O quarto tinha casa de banho privativa e, como não tinha porta, Huldar teve uma leve esperança de que Freyja ainda fosse meter-se com ele no enorme cubículo do duche. Mas não teve sorte. Por isso, concentrou-se em se lavar. Quando voltou ao quarto, ela já tinha vestido o roupão e estava sentada na borda da cama, olhando constantemente para o telemóvel, a controlar as horas. Ao ver aqueles preparos, Huldar começou a vestir-se à pressa, ainda húmido do banho.

Era estranho pensar que, ainda há bem pouco tempo, aquela combinação de sexo sem compromissos teria sido o ideal para ele. Porém, agora que se encontrava nessa posição, percebia que não era o prazer sem limites que ele tinha imaginado. O que realmente lhe apetecia era enrolar-se noutro roupão, fazer café para os dois e talvez ir fumar um cigarro à varanda. O que ele queria era adormecer com Freyja, acordar com Freyja e estar na companhia de Freyja, sem fazer nada de especial. E ainda tinha a esperança de que tal viesse a acontecer.

Mas não seria em breve.

Antes de se ir embora, Huldar foi ver a cobra. Como sempre, o animal estava todo enrolado dentro do enorme tanque de vidro, mas, ainda assim, conseguia-se perceber que estava anafado e bem alimentado. A culpa era dele, que tinha dado demasiada comida à criatura nas suas frequentes visitas. Tudo aquilo lhe parecia uma combinação muito básica: ele alimentava a cobra e era remunerado em espécie.

A chata cabeça do animal ergueu-se quando deu conta da presença de Huldar, e a língua bifurcada apareceu fora da boca. Ele sabia que as pítons absorviam os odores pondo a língua de fora e movendo-a de um lado para o outro. Fora obrigado a procurar informações sobre a espécie quando assumira o cuidado do animal, e não o fizera por uma questão de curiosidade, mas pelo desejo de saber que riscos corria; e verificou que eram consideráveis.

Ao fechar a porta, Huldar viu a píton pestanejar e lamber os beiços.

Antes de se despedir de Freyja, ainda hesitou um momento, perguntando a si próprio se seria de fazer algum comentário inteligente acerca do prosseguimento daquela relação mais íntima. Mas o momento passou. Era melhor não dizer nada.

Mal passou a porta do prédio, o trabalho voltou a intrometer-se-lhe na consciência, tornando-lhe presentes imagens que tinha deixado junto às caixas de correio do patamar da entrada.

Huldar teve uma intensa visão retrospectiva do porta-bagagens do carro, como se ainda estivesse no bairro residencial, na companhia de Erla. O saco preto do lixo que ela tinha aberto continha a metade

inferior de uma perna, juntamente com um pé com as unhas pintadas de encarnado; ele também havia tido um vislumbre de uma extremidade ensanguentada e serrada de outro membro, provavelmente um braço. Sentiu que o nariz se lhe enchia novamente do repugnante fedor metálico que o tinha levado a seguir aquela pista; era um cheiro que, na profissão dele, nunca augurava nada de bom, pelo que a súbita descoberta não fora propriamente uma prova de enorme inteligência da sua parte. Pensando bem, não conseguia lembrar-se de nenhuma profissão em que o cheiro a sangue fosse um sinal positivo, exceto talvez num matadouro.

Huldar meteu-se no carro e tentou distrair-se pensando no jantar que se preparava para comer, já fora de horas. Tinha três alternativas: um dos bares de comida de plástico da cidade, que tinham há muito deixado de lhe parecer sedutores; um cachorro quente numa estação de serviço; ou um prato de massa com torradas em casa. Nenhuma das três alternativas era suficientemente tentadora para lhe afastar o pensamento daquele porta-bagagens. Mas tinha de comer alguma coisa e optou pela estação de serviço.

Encostado à mesa de plástico onde se encontrava o dispensador de guardanapos de papel, rodeado de prateleiras com embalagens de óleo de motor e detergente de para-brisas, Huldar sentiu-se assaltado pelo tédio. Meteu na boca o último pedaço do primeiro cachorro e a seguir tirou o telemóvel do bolso e ligou a Erla. Já que não conseguia deixar de pensar em bocados de corpo humano, o melhor era saber os últimos desenvolvimentos. Muita coisa podia ter acontecido desde que terminara o seu turno. Até essa altura, a única mudança fora o carro ter sido transportado para um hangar do aeroporto nacional, a fim de ser analisado pela equipa de técnicos forenses, de se proceder à recolha de amostras e de ser fotografado. Quando o carro foi rebocado, levava os sacos de plástico pretos com restos humanos no porta-bagagens; contudo, por esta altura, eles já deviam tê-los retirado dali e talvez até já se tivesse descoberto quem era a vítima.

Erla atendeu imediatamente.

— O que foi?

— Era só para perguntar novidades. Já sabes quem era a pessoa que estava no porta-bagagens?

— Ainda não temos confirmação, mas a hipótese mais provável, de longe, é que seja a tal Bríet Hannesdóttir, a proprietária do carro. Não conseguimos entrar em contacto com ela, e sabemos que são partes de um corpo de mulher. A autópsia está marcada para amanhã de manhã, e nessa altura já teremos mais informações. Vai ser interessante. Presumo que o exame leve mais tempo que o habitual, porque... bem, tu sabes porquê.

Huldar teve um arrepio e pousou os olhos no segundo cachorro quente, que estava à sua frente, sobre a mesa, em cima de um prato de plástico encarnado. De repente, o cachorro deixou de lhe parecer apetitoso. Huldar tossiu.

— Sim, pois. — A seguir, tentou mudar de assunto e falar de uma coisa menos horrenda. Ainda estava com fome, e tinha a esperança de ingerir a salsicha seguinte sem se engasgar. — Essa tal Bríet vive sozinha?

— É uma família monoparental. Ela tem uma filha de dez anos, que neste momento está a passar um fim de semana prolongado com o pai. A última vez que este esteve com Bríet foi na quinta-feira passada, quando foi buscar a miúda, e não voltou a ter notícias dela. Troquei umas palavras com o homem ao telefone.

— E ele não achou estranho? Como é que as coisas costumam funcionar quando os pais têm guarda partilhada?

— Porque é que estás a perguntar-me isso a mim? Não faço ideia nenhuma, caraças.

O súbito ataque de irritação de Erla dava a entender que tinha detetado na pergunta de Huldar um segundo sentido que ele não lhe quisera dar.

— Era uma observação genérica. Só estava a querer perguntar se seria normal, ou não, ele não ter notícias da mulher. Mais nada.

Erla calou-se uns momentos e, quando respondeu, fê-lo num tom mais amigável, o que significava que tinha acreditado nele. Mas não lhe pediu desculpa.

— O homem disse-me que não esperava ter notícias dela. Mostrou-se muito curioso em saber por que razão eu estava a ligar-lhe, evidentemente, mas eu disse-lhe que tinha que ver com o carro. Não sei se ele acreditou. Especialmente depois de eu lhe ter perguntado se

Bríet tinha tatuagens, cicatrizes ou implantes mamários.

— E tinha?

— Não. Nem tatuagens, nem cicatrizes, nem implantes. Pelo menos, não tinha quando eles se divorciaram. Também liguei aos pais dela, usando outra vez o pretexto do carro. Não falavam com a filha desde sexta-feira, mas não achavam que isso fosse estranho. Explicaram-me que ela estudava e trabalhava a meio tempo, e que o mais provável era estar na faculdade, razão pela qual tinha o telemóvel desligado. Segundo me disseram também, tencionava usar o fim de semana e os dias de semana em que não tinha a miúda com ela para estudar. Ao contrário do ex, eles engoliram a história do carro sem desconfiar.

— E no emprego?

— A mulher trabalha no Hospital Nacional, e a funcionária do hospital com quem falei disse bem dela: que Bríet é uma técnica de laboratório fiável e colaborante, de quem toda a gente gosta. Desde que ali trabalha, nunca cometeu nenhum erro nem recebeu qualquer reprimenda. Esta mulher referiu que Bríet tinha marcado fazer o turno da noite no domingo, mas não apareceu. Por isso, tenho quase a certeza de que é ela. Só que os chefes dizem que ter quase a certeza não chega para começarmos a contactar os familiares mais próximos a dar-lhes a notícia. Querem que a gente aguente. Pelo menos até amanhã.

— Provavelmente é boa ideia. E se não for a tal Bríet? E se for alguém que se meteu com ela e apanhou? Ela pode muito bem ter fugido depois... isto é, os sacos...

Huldar afastou-se ligeiramente para deixar um cliente alcançar as prateleiras que tinha atrás de si, e virou as costas ao homem, como se isto lhe proporcionasse maior privacidade. Só esperava que o sujeito soubesse exatamente o que queria e não se pusesse a analisar os rótulos de todas as embalagens de detergente.

— Tens alguém aí contigo?

— Tenho. Estou numa estação de serviço.

— Porque é que me estás a ligar de uma estação de serviço?

— Porque estava entediado.

Erla soltou um suspiro.

— Eu ainda estou na esquadra. Se estás entediado, o problema é teu. Vai para casa ver alguma coisa na Netflix, como qualquer pessoa normal. Caramba!

Huldar limitou-se a responder que passava pelo gabinete dela na manhã seguinte, quando entrasse ao serviço. Mas sentiu-se levado a fazer mais uma pergunta antes de Erla conseguir desligar a chamada. Não podia passar o resto da noite a interrogar-se sobre aquilo.

— Em quantas partes é que o corpo estava cortado?

— Em sete.

Enquanto Huldar tentava visualizar as sete partes do corpo, Erla acrescentou:

— Mas faltava uma parte.

— Ai sim?

— A de cima. A cabeça não estava no porta-bagagens.

Erla desligou sem se despedir. Na verdade, depois da informação que acabava de partilhar com ele, seria pouco apropriado acabar com um descontraído «Adeuzinho!»

Huldar meteu o telemóvel no bolso. Depois, pegou no cachorro quente e atirou-o para o caixote do lixo antes de sair da estação de serviço.

Terça-feira

FREYJA TINHA-SE VESTIDO A RIGOR PARA IR TRABALHAR: uma saia que, para ela, era roupa de escritório e não roupa de festa, uma camisa bonita, saltos médios e, após uns momentos de reflexão, amplas argolas douradas nas orelhas. Na noite anterior, tinha recebido uma convocatória do chefe e queria criar boa impressão. O email, que lhe tinha chegado à caixa de correio depois de Baldur se ir embora, dizia apenas «Reunião» no assunto, com o local e a hora no corpo do texto, sem nenhuma informação acerca do objetivo ou das pessoas que estariam presentes no encontro. Assim, Freyja presumira que o tema da reunião era o seu desempenho no trabalho. Se tivesse sabido que tinha que ver com a investigação de um homicídio, e que Erla e toda a equipa estariam presentes, não se teria arranjado tanto. Sendo as coisas o que eram, acabou por se tornar notada, dado que a proporção de pessoas em camisolas polares presentes na sala era a que seria de esperar numa firma de engenharia.

Até ao momento, ninguém lhe tinha dado grande atenção. Quando entraram todos na sala de reuniões, ninguém fez qualquer comentário à sua roupa, à exceção de um colega que teve o cuidado de a informar que aqueles brincos eram perigosos para a saúde, porque podiam ficar presos em qualquer coisa e arrancar-lhe o lóbulo da orelha. Freyja agradeceu-lhe o aviso e declarou que teria cuidado. Para além disso, ninguém parecia ter reparado na sua presença; agora, porém, todas as cabeças se voltavam na sua direção. Erla fizera uma pergunta que era claramente dirigida a ela, embora a chefe não tivesse dito o seu nome. Até então, Freyja não tivera qualquer participação ativa na reunião, limitando-se a escutar, em silêncio, o que era dito.

Erla apenas tinha partilhado informações muito gerais sobre o

novo caso, acentuando que a investigação estava mesmo no início. Dado que nada do que fora dito tinha a mais remota relevância para as funções de Freyja, ela começava a perguntar a si própria por que motivo teria sido convocada para aquela reunião. Agora, porém, tornara-se claro: como psicóloga, era-lhe pedido que esclarecesse os colegas quanto a possíveis motivações para alguém desmembrar um cadáver.

Era desconfortável sentir todos os olhares centrados nela, num momento em que era solicitada a dar uma opinião sobre um assunto acerca do qual não tinha experiência, nem profissional nem académica. Sentiu-se como naqueles exames orais a que era constantemente submetida em sonhos, para os quais se tinha invariavelmente esquecido de estudar. Mas tinha de dizer qualquer coisa; não podia ficar a olhar para os colegas sem reagir. Especialmente sabendo que, para a maioria dos presentes, a sua presença na polícia era meramente decorativa; para eles, o importante era um sólido trabalho de investigação, baseado na recolha de provas e em conversas com testemunhas. Teria de ser ela a conquistar o respeito destas pessoas, começando por dar uma resposta inteligente e profissional à pergunta de Erla. Freyja endireitou-se e fez um sorriso mortiço.

— Não posso dizer que esta seja a minha especialidade, mas...

A chefe atirou-se imediatamente a ela. Aquilo era pior do que qualquer prova oral, fosse em sonhos ou na realidade; os professores e os examinadores ao menos deixavam os alunos exprimir-se sem os interromper, na esperança de que acabassem por dizer alguma coisa que fizesse sentido. Erla, contudo, não estava disposta a dar-lhe qualquer margem de manobra; pelo contrário, estava mesmo à procura de uma oportunidade para a deitar abaixo.

— Não quero cá mas nem meio mas. Quero uma opinião profissional. Se não sabes nada sobre o assunto, temos mais que fazer do que perder tempo com...

Freyja começou a ficar furiosa.

— Se me deixares concluir...

Erla, que, claramente, não estava habituada a ser interrompida desta maneira, calou-se.

A momentânea raiva de Freyja evaporou-se e a sua mente desobstruiu-se. Ela sabia responder; ela sabia tudo o que havia a saber sobre a humanidade e os seus elementos mais doentios.

— Parece-me que todos concordamos que o que temos diante de nós é um ato anormalmente horrendo. — Com a notória exceção de Erla, todos os presentes assentiram ao de leve com a cabeça, e Freyja prosseguiu. — Os seres humanos estão programados para mostrar empatia e compaixão. Todos nascemos equipados com um certo limiar moral, que nos leva a detestar extremos de violência e de tortura, por exemplo. Além disso, temos um sistema interno, um sistema inato, que nos leva, a partir dos dois anos, a rejeitar e a evitar tudo aquilo que possa ser perigoso: alimentos podres, carne crua, vômito, líquidos a ferver, produtos de esgotos, etc. O ato de serrar um corpo humano em pedaços pertence a esta categoria, o que significa que nem toda a gente seria capaz de fazer uma coisa destas. A maioria das pessoas sentiria uma repulsa tão grande que nem conseguiria começar, quanto mais levar a tarefa até ao fim.

— E então? Que tipo de indivíduos tem capacidade de levar esta tarefa até ao fim? Os que não têm não me interessam para nada.

Erla recuperara da surpresa momentânea de ser interrompida.

— A primeira coisa que me ocorre é que seja uma pessoa com experiência de dissecar ou cortar carne, como um cirurgião, um caçador de renas ou uma pessoa que trabalhe na indústria das carnes. É possível que estas pessoas fossem capazes de fazer uma coisa destas.

— Quer dizer que o nosso assassino será um cirurgião, um caçador ou um talhante?

Erla não parecia demasiado satisfeita com esta perspetiva.

— Não necessariamente. Referi essas profissões porque são pessoas que teriam mais facilidade em o fazer do que alguém que trabalha num escritório das nove às cinco. O assassino, ou antes, a pessoa que desmembrou o corpo, também podia encontrar-se num estado de psicose aguda, estando, assim, liberta dos constrangimentos que tornam um ato destes impossível para o resto dos seres humanos. Há ainda certas drogas que têm o mesmo efeito, embora eu duvide de que um drogado tivesse energia ou concentração para concluir a tarefa e meter os bocados do cadáver dentro de sacos de plástico. Mas um

psicopata poderia tê-lo feito propositadamente. Nesse caso, o homicídio poderá ter sido acidental, sendo o verdadeiro objetivo da pessoa perceber o que sentia cortando um cadáver aos bocados.

— Estás a presumir que a vítima estava morta. Mas isso não é um dado adquirido. Só teremos a certeza depois da autópsia.

A expressão de Erla dava a entender que não tinha dito aquilo apenas para desconcertar a sua interlocutora.

Freyja nem sequer tinha pensado em semelhante possibilidade, e sentiu um nó no estômago, ao mesmo tempo que os pelos dos braços se lhe punham em pé. Mas não fez qualquer esforço para ocultar o choque: se pertencer a esta equipa pressupunha transformar-se num autómato desprovido de emoções, desistia já daquele emprego. Contudo, olhando em volta, percebeu que a maioria dos presentes tinha tido a mesma reação instintiva: uns remexeram-se um pouco, outros fizeram uma careta e outros ainda estremeceram. Huldar teve as três reações.

Freyja teve o cuidado de não permitir que o seu olhar se detivesse em Huldar. Tinha de se concentrar, para não se distrair e perguntar a si própria o que lhe teria passado pela cabeça na véspera.

Quando foi a casa dela, ele já deveria saber da descoberta do corpo desmembrado, mas não lhe tinha dito nada. A princípio, Freyja sentira-se ofendida com esta atitude; contudo, pouco depois de Erla começar a falar, compreendera porquê: ela nunca teria sido capaz de representar adequadamente o espanto e o horror que sentira se já estivesse a par da situação.

Freyja pigarreou e respondeu a Erla:

— Não tinha considerado essa possibilidade. Mas, se assim for, estamos sem dúvida a lidar com um psicopata.

— Um talhante, um caçador, um cirurgião, um psicótico ou um psicopata. E possivelmente, embora seja pouco provável, um drogado.

Erla permitiu que o sarcasmo contido nas suas palavras fosse audível. A gravidez em nada tinha contribuído para a tornar mais simpática.

Mas Freyja não respondeu à provocação.

— Bem, na verdade, não é bem assim. A pessoa pode não pertencer a nenhuma destas categorias. Se o cadáver apenas tiver sido

desmembrado para ser deslocado, a moldura será muito mais ampla. As pessoas são capazes de fazer coisas incríveis quando se sentem encurraladas. O instinto de sobrevivência é suficientemente poderoso para as levar a ultrapassar diversos obstáculos que, em situação normal, seriam inultrapassáveis. O criminoso poderá ter achado que só tinha duas alternativas: ou cortava o corpo em partes que pudesse manobrar ou era apanhado. Se foi isto o que aconteceu, podemos estar a falar de qualquer pessoa. Mas, nesse caso, parece-me provável que a pessoa em questão conhecesse a vítima. E a tarefa teria sido facilitada se estivesse num frenesim de raiva ou cheia de ódio por ela.

Por esta altura, Erla estava a ouvi-la com muita atenção.

— Também é possível — prosseguiu Freyja — que o assassino tenha cometido anteriormente uma ação horrível, o que significa que já teria ultrapassado aquela fronteira que delimita o comportamento da maioria das pessoas; ou seja, já teria dado um passo que fez dele outra pessoa. Ninguém consegue continuar a viver como se nada tivesse acontecido depois de praticar um ato desse género. Mesmo que as outras pessoas não se apercebam da mudança, ela está lá.

Freyja calou-se e considerou — a avaliar pelas expressões dos presentes, todos notoriamente mais amistosos — que não se tinha saído mal. Huldar mostrara-se agradado assim que ela abria a boca, evidentemente, mas ele não contava. Aquela atitude também não ajudara muito, pois ele tivera o cuidado de não olhar para ela — coisa que, em si mesma, era suspeita. Felizmente, ninguém parecia ter notado.

Erla retomou o controlo da reunião.

— Muito bem. Para já, vamos preocupar-nos com aquilo que o criminoso poderá vir a fazer no futuro. Temos de o identificar, e de fornecer ao procurador provas suficientes para ele apanhar a maior pena possível. Enquanto estiver dentro, não poderá fazer grande mal.

Huldar remexeu-se na cadeira e depois dirigiu uma pergunta a Freyja, evitando cuidadosamente olhar para ela. Era uma atitude tão peculiar que ela achou que toda a gente ia reparar.

— Do ponto de vista psicológico, é mais provável que o criminoso seja um homem ou uma mulher?

Freyja tentou olhá-lo nos olhos, mas não conseguiu.

— Um homem. Os homens têm mais probabilidades de ser violentos do que as mulheres. Segundo o que acabamos de ouvir, o corpo foi cortado em oito. Se isto foi feito para facilitar o transporte, dá a entender que o criminoso não é especialmente forte. Por outras palavras, pode ser uma mulher. Mas também pode ter sido feito para permitir transportar o corpo o mais discretamente possível, e portanto não ter nada que ver com força física.

— Ou seja, não podemos tirar conclusão nenhuma quanto ao género do assassino. Tanto pode ser uma mulher como um homem. — Erla fechou a pasta que tinha em cima da mesa à sua frente com um gesto brusco. — E a psicologia conseguirá dar-nos alguma explicação para o facto de a cabeça continuar desaparecida?

Freyja não respondeu. Poderia haver uma explicação psicológica para aquele facto, mas ela não se encontrava em posição de especular. Dado que a identidade da vítima e do assassino eram ainda desconhecidas, não tinha grande base onde se apoiar.

Um dos detetives presentes na sala aproveitou aquele silêncio para fazer uma pergunta, que dirigiu diretamente a Freyja.

— Tendo em conta que o corpo foi decapitado, não será possível que o autor seja um refugiado? Não se pode dizer que os islandeses tenham o costume de fazer esse género de coisas.

Todos os presentes observaram Freyja atentamente, e ela ficou com a impressão de que a pergunta era uma tentativa de sondar a posição dela sobre o assunto. Freyja não sabia qual era a posição dos outros, mas suspeitava de que o detetive que a tinha interrogado o fizera na esperança de a ouvir dizer que era provável que se tratasse de um refugiado. Só que nunca lhe passaria pela cabeça dar uma resposta tão irresponsável.

— Bem, também não se pode dizer que os refugiados que vivem na Islândia tenham o costume de decapitar pessoas. A descrição que fiz há bocado não elimina nenhum grupo nem nenhuma nacionalidade específica. Pode ter sido um refugiado. Pode ter sido um islandês. Até pode ter sido um turista. Compete-vos a vocês descobrir quem foi.

Pareceu-lhe que era suficiente. Ninguém disse nada, mas ela leu na expressão da maioria dos presentes que a resposta que dera tinha passado no crivo. Nenhum dos colegas se mostrava irritado, embora

também não parecessem propriamente entusiasmados.

Erla quebrou o silêncio.

— Pois. Seja como for, remeti o caso para a Comissão de Identificação, mas, dadas as circunstâncias, eles não veem razões para meter toda a comissão ao barulho. Parece provável que o corpo seja de Bríet Hannesdóttir, a proprietária do carro, pelo que decidiram enviar apenas um representante da comissão para participar na investigação. Esta pessoa ficará na retaguarda, e só terá que ver com os aspetos que são relevantes para proceder à identificação. Por exemplo, estará presente na autópsia. Por favor, sejam corretos com o sujeito. — Erla olhou de relance para o relógio da parede. — Bem, pronto. Estou a ficar atrasada, por isso vamos ficar por aqui. Quando voltar, já terei mais informações, porque a autópsia deverá lançar alguma luz sobre o assunto. E a busca ao apartamento de Bríet também. — Passando os olhos pelo rosto de todos os presentes, deteve-se em Gudlaugur. — Tu ficas encarregado da busca. Leva contigo alguém da nossa equipa e dois colegas da equipa forense. O mandado está em cima da minha secretária.

Gudlaugur acenou a cabeça com um ar satisfeito, até Erla prosseguir:

— Pode acontecer que a cabeça esteja lá. Se assim for, não vomites o pequeno-almoço. Não queremos que o local fique contaminado.

A seguir, a chefe dirigiu-se aos restantes presentes:

— Vocês, dividam as tarefas que referi há pouco. O mais importante é levar a cabo uma análise exaustiva do carro e perceber quais são as câmaras de vigilância que cobrem o bairro residencial e as zonas circundantes. Vamos precisar dessas imagens todas. Segundo a proprietária da casa que tinha o acesso à garagem bloqueado pelo carro, este não estava lá no sábado à hora do jantar, mas, no domingo de manhã pelas nove, quando ela por acaso olhou para a rua, já tinha aparecido. Vão ter de ser rápidos. Foquem-se nesse período, aproximadamente. Faremos uma análise dos progressos quando eu voltar. Também é preciso ir bater a todas as casas da rua e perguntar se alguém viu chegar o carro. Lembrem-se de que se trata provavelmente de Bríet, a proprietária da viatura. O corpo estava despido, mas os sacos também continham peças de vestuário feminino,

que terão de ser identificadas. Para começar, vejam nas redes sociais se encontram alguma fotografia dela a usar aquela roupa. Assim, podemos dispensar os pais enquanto não tivermos a certeza da identidade da vítima. — Olhou em volta. — Alguém quer candidatar-se a alguma destas tarefas?

Huldar avançou imediatamente:

— Eu vou bater às portas do bairro.

— Não. Tu vens assistir à autópsia comigo e com o colega da Comissão de Identificação.

Ouviram-se suspiros de alívio por parte de todos os presentes, à exceção de Huldar: ninguém tinha vontade nenhuma de se aproximar sequer daquela autópsia. Concluída a reunião, os detetives dispersaram, cada um para se dedicar à tarefa de que tinha sido incumbido. Todos menos Freyja, a quem não tinha sido atribuída qualquer função, o que não era de espantar, dado que nenhuma das tarefas estava relacionada com a proteção de crianças. Durante a sua entrevista de emprego, Freyja tinha esclarecido que os colegas também poderiam consultá-la a respeito de outras matérias da especialidade da psicologia, mas até ao momento estas tinham sido escassas. De vez em quando, pediam-lhe que avaliasse se um detido sob custódia estava apenas bêbedo ou se teria alguma perturbação mental; mas era rara a vez em que ela recomendava o internamento num hospital psiquiátrico. Uma vez, tinham-lhe pedido que conversasse com dois colegas que se tinham incompatibilizado porque um deles queria ter a janela aberta e o outro queria a mesma janela fechada; nesse caso, Freyja tinha recomendado que os separassem. Não se podia dizer que tivessem sido consultas muito exigentes. Quanto ao seu contributo para a reunião, tinha conseguido não passar uma vergonha, mas não lhe parecia que tivesse contribuído especialmente para o progresso da investigação.

Freyja tinha a sensação de que não fora Erla a solicitar a sua presença na reunião, mas que esta lhe havia sido imposta. O responsável por essa decisão teria sido com certeza o chefe que contratara a psicóloga, que estaria interessado em recorrer a ela o mais que pudesse. Em todo o caso, Freyja suspeitava de que a necessidade de um profissional com a sua especialidade era um

exagero. Ultimamente, ela fora nomeada para três comissões, que tratavam de objetivos, problemas de imagem e questões de igualdade na polícia; e ainda para a equipa anti-bullying e para um grupo que tinha a função de resolver questões de assédio sexual, caso aparecessem. Dado que todos os cargos das três comissões e das duas equipas já estavam preenchidos, tornara-se bastante óbvio que as nomeações mais não eram que uma tentativa desesperada de a ocupar. Fora humilhante tomar consciência deste facto.

Quase tão humilhante como a situação em que se encontrava naquele momento: toda bem vestida e sem nada que fazer, rodeada por um grupo de detetives em roda-viva. A solução mais óbvia era regressar ao seu acanhado gabinete, mas Freyja não tinha vontade de o fazer, porque o espaço lhe recordava o que tinha deixado na Casa da Criança, e quando ali se sentava a olhar para a parede, sentia-se submersa em dúvidas quanto à decisão de aceitar este novo emprego. Mas agora não havia alternativa. Se se deixasse ficar muito mais tempo ao pé da máquina do café, os colegas perceberiam que ela estava apenas a passar o tempo.

Inclinando a cabeça para trás, Freyja esvaziou a derradeira gota do copo de papel. Quando voltou a endireitar-se, tinha ao seu lado Lína, a diminuta estagiária, o rosto branco de porcelana enquadrado por uma espessa juba de cabelo ruivo ondulado. Lína envergava a inevitável camisola polar, com o fecho puxado até ao pescoço, como os turistas.

— O que é que disseram na reunião?

Como era seu apanágio, Lína não perdeu tempo com conversas de circunstância. Freyja não se tinha apercebido da ausência da rapariga, mas também não sabia que Lína voltara ao departamento, para mais um período de estágio.

— Nada que não tenhas, muito provavelmente, ouvido já. — Freyja não sabia bem se estava autorizada a discutir o conteúdo da reunião com uma pessoa que não tivesse lá estado. — Pelo que percebi, vai haver outra reunião amanhã de manhã, para se discutir o progresso da investigação, e nessa altura já teremos mais informações.

Lína cruzou os braços com uma expressão pensativa.

— Sabes se eu vou ser convocada?

Freyja encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Duvido de que eu própria o seja, porque não se trata de um caso que exija a minha intervenção. Mas muito me surpreenderia se não te encarregassem de alguma tarefa.

Era isto que Lína queria ouvir.

— Pois. A mim também.

— Mas, afinal, porque é que não estiveste na reunião desta manhã?

Freyja passou rapidamente ao ataque, para obrigar Lína a falar. Enquanto estivessem as duas à conversa, ela não teria de se ir sentar no gabinete a rodar os polegares.

— Nesta última parte do estágio, tenho estado noutro departamento. Mas eles mandaram-me vir para cá ajudar. A Erla deve-se ter esquecido de que eu chegava hoje, senão de certeza que me tinha convocado.

Esta última frase não foi dita com a mesma segurança que as anteriores.

— Oh, claro que sim. Sem dúvida. — Às vezes, era preferível dizer às pessoas o que elas queriam ouvir.

Lína não se mostrou agradada nem desagradada, preferindo voltar ao assunto que lhe interessava:

— Já sabem quem era a vítima do crime?

— Não. Ainda não sabem.

Aquela informação não podia propriamente ser considerada um segredo de Estado, de maneira que Freyja achou que podia responder com a verdade. A informação de que tinha havido um homicídio em Reykjavík já começara a circular, embora os dados fornecidos aos jornalistas fossem, até agora, tão escassos que a notícia pouco mais era que um título.

— Mas porquê? É um estrangeiro?

A pergunta era compreensível; em geral, na Islândia, não era difícil identificar um morto recente. Mas, se Lína não sabia a resposta a esta pergunta, era com certeza porque ninguém a tinha posto a par dos pormenores do caso. Muito provavelmente, Freyja não era a primeira pessoa a quem ela punha a questão; parecia preferível, portanto, evitar revelar-lhe a razão: era difícil identificar um corpo sem cabeça.

— Pura e simplesmente, não sabem. Esperam que a autópsia forneça algumas respostas.

Freyja achou preferível pôr fim ao interrogatório de Lína antes de se ver obrigada a dizer claramente que não podia partilhar mais pormenores com ela, porque a rapariga era um dos poucos membros do departamento de Erla que era minimamente simpática com ela; o facto de a jovem estagiária não ser considerada parte integrante da equipa era, contudo, um sinal do limitado alcance deste facto. Vendo bem, não é que Lína fosse propriamente simpática, só não era ativamente antipática. Mas isso bastava a Freyja.

— Vais certamente ouvir os últimos pormenores na reunião de amanhã. E depois serás tu a contar-me tudo.

Lína franziu o sobrolho.

— Não, desculpa. Aquilo que se discute nestas reuniões é confidencial. — E fez esta declaração sem pestanejar.

— Pois claro, tens razão — replicou Freyja com um sorriso insípido.

Percebeu que Lína olhava fixamente para os seus brincos. Mas, em vez de os elogiar, a jovem voltou a franzir o sobrolho.

— Tens consciência de que esses brincos podem ficar presos em qualquer coisa e arrancar-te uma orelha? Se fosse a ti, tirava-os. Em especial se estás a pensar ir a alguma zona em obras.

— Na verdade, não estava a pensar ir, mas, se for, tiro-os com certeza.

Freyja atirou o copo de papel para o caixote do lixo e despediu-se de Lína. Ao descer as escadas em direcção ao seu gabinete, pensou qual seria a tarefa que iriam atribuir à estagiária, se é que alguma. Podiam achar que Lína era demasiado jovem para trabalhar num caso com decapitação e desmembramento de um corpo. Se o assunto fosse referido em alguma das comissões a que pertencia, Freyja não recomendaria que tal acontecesse.

Freyja entrou no seu pequeno gabinete, sentou-se ao computador e fixou os olhos no seu reflexo no ecrã apagado. A sua atenção foi canalizada para os brincos, que por esta altura tinham perdido todo o encanto; nunca mais conseguiria voltar a pô-los sem imaginar que ficava sem o lóbulo de uma orelha. Mas nem pensar em tirá-los antes de chegar a casa. Sorriu quando ligou o computador e apareceu o fundo do ecrã: era uma fotografia de Saga, a sobrinha, sentada no

chão, com o braço gorducho apoiado nas costas da cadela, *Molly*, que dormia profundamente ao seu lado. A fotografia era adorável e amorosa, à exceção da expressão de Saga, que olhava para a máquina com um ar carrancudo, os cantos da boca descaídos, na sua característica atitude de beligerância.

Freyja ficou a olhar para Saga enquanto passava os dedos pelo teclado, tentando, em vão, pensar em qualquer coisa útil que pudesse fazer. Podia ler uma vez mais a política de igualdade de oportunidades da polícia, ou abrir a área de avaliações e objetivos, para ver se havia novidades.

Foi salva pelo telefone. Chamavam-na ao piso inferior, para conversar com um homem que se recusava a sair da cela. Não se tratava de um criminoso reincidente, mas de um sujeito vulgar de meia-idade que tinha bebido demasiado. A polícia não tinha acedido a prolongar o período de detenção do homem, porque achava que eram muito boas horas de ele ir para casa e fazer as pazes com a mulher. Era uma missão clássica, que nada tinha que ver com cadáveres ou desmembramentos. Grata por esta pequena bênção, Freyja saltou da cadeira e correu ao piso de baixo.

SÆDÍS TINHA ESTACIONADO EM CIMA DO PASSEIO. Não havia nenhum lugar livre ao pé da esquadra e ela precisava de observar a entrada, tarefa difícil devido à quantidade de neve que estava a cair, reduzindo a visibilidade a poucos metros.

Os transeuntes, obrigados a contornar o carro com dificuldade, lançavam-lhe olhares malignos, mas ela desviava a cara, fingindo não os ver. Não era a primeira vez que Sædís lamentava que a família não tivesse um carro mais pequeno. Este era um jipe enorme, montado nuns pneus altíssimos e totalmente desapropriado para a cidade; mas o pai retirava dele um prazer especial, que ela nem sequer se esforçava por compreender. Sædís sentia-se feliz com a sua lata velha, mesmo que esta estivesse a chegar ao final da corrida, por assim dizer; ao pensar nisso, cruzou os dedos num gesto automático, esperando que ainda fosse possível repará-lo. De preferência hoje. O pai precisava do jipe e ela não conseguia funcionar sem carro.

O pai saiu finalmente da esquadra. Vinha com péssimo aspeto, o cabelo sujo e colado à testa, o casaco torcido nos ombros, as calças amarrotadas e cheias de nódoas. Sædís calculou que ele tivesse perdido os óculos, uma vez que não os tinha na cara. Em lugar de descer a escada, o pai começou a dar palmadinhas nos bolsos do casaco. A filha conhecia bem aquele gesto: estava à procura de cigarros. O mais provável era o maço ter-se perdido, juntamente com os óculos. O pai pôs a mão em pala diante da testa e olhou em volta, tentando ver para lá dos espessos flocos de neve que continuavam a cair, e localizou o carro, apesar da ausência dos óculos e da falta de visibilidade. A bem dizer, era inevitável. Os olhos de ambos cruzaram-se e, apesar da neve, Sædís apercebeu-se da tristeza que lhe carregava a expressão. Nenhum deles queria estar naquela situação.

Era melhor seguir em frente. Ele precisava de ir para casa. Caso

contrário, era perfeitamente capaz de se enfiar no bar mais próximo e continuar a beber.

Por momentos, Sædís ficou com a impressão de que o pai ia desatar a correr pela Hverfisgata fora, mas acabou por se dirigir ao carro, de ombros descaídos. Sædís teve um baque no coração: ele não era perfeito, certamente que não, mas era o pai dela; um pai que ela amava, a despeito das suas fraquezas.

Sædís estendeu a mão para o manípulo do lado do passageiro e abriu a porta. O vento empurrou para dentro do carro uma série de enormes flocos de neve, que pousaram no assento, derretendo-se quase instantaneamente devido ao aquecimento. Não valia a pena estar a limpá-lo, porque era pouco provável que, por esta altura, o pai se incomodasse com um pouco de humidade. Devia estar concentrado na dor de cabeça e na vergonha que sentia.

A rapariga havia recebido um telefonema da polícia, a comunicar-lhe que o pai estava fechado numa cela, por ter sido detido por duas vezes num curto período, acusado de embriaguez e comportamento desordeiro. A primeira vez fora no sábado à noite, a segunda vez na segunda-feira à noite, depois de ter sido libertado ao final da tarde de domingo. De acordo com o agente da polícia que lhe tinha ligado, após a primeira detenção, no domingo, o pai tinha-lhes pedido que o deixassem lá ficar a recuperar da embriaguez, e tinha tentado fazer o mesmo hoje. Por isso, haviam pedido a Sædís que o fosse buscar, para não haver uma terceira vez. O agente que lhe ligara fizera-lhe ver que as celas da polícia não eram uma clínica e recomendara-lhe que o pai consultasse um centro de reabilitação.

Uma já longa experiência ensinara a Sædís que o pai não precisava de tratamento nenhum. Não era a primeira vez que tinha uma recaída e era perfeitamente capaz de voltar a endireitar-se. A filha não sabia grande coisa sobre alcoolismo, mas desconfiava que o pai não era um alcoólico típico: já conseguira parar de beber sem ajuda noutras ocasiões, quando se fartava, substituindo a bebida por trabalho intenso; em vez de passar as noites em frente da televisão, meio irritado, mantinha-se ocupado.

Tendo chegado à idade adulta, Sædís tinha agora uma visão mais clara acerca da causa das recaídas. A culpa não era dela, ao contrário

do que lhe tinha parecido em criança. A bebida ou as longas horas de trabalho eram, muito simplesmente, muletas a que ele recorria para não ter de se confrontar com a doença da mulher. O pai não conseguia lidar com as bruscas mudanças de humor da mãe, com a tristeza e a depressão que acompanhavam os seus problemas mentais. Se ele tivesse mais iniciativa e um espírito mais decidido, podia ser que conseguisse convencer a mãe a medicar-se. Mas não tinha. Por isso, desligava-se da realidade, parecendo esperar que as coisas se resolvessem sozinhas.

Mas, quando um dos apoios de uma estrutura cede, o apoio seguinte tem de suportar mais peso, para evitar que a estrutura se desmorse. Fora isto que acontecera a Sædís: enquanto o pai se afundava em trabalho, ela fazia tudo o que era preciso fazer em casa.

O pai meteu-se no carro evitando cuidadosamente o olhar da filha e optando por fixar a rua. Quando pôs o cinto, Sædís notou que as mãos lhe tremiam.

— Lamento imenso. Lamento mesmo muito. — A voz tremia-lhe tanto quanto as mãos.

— Temos de falar.

As palavras de Sædís transmitiam o sentido do conteúdo com grande precisão. Nenhum deles queria ter esta conversa, mas tinham mesmo de a ter.

— Agora não, por favor. Mais logo. Agora não consigo. — A voz do pai saiu-lhe rouca.

Não valia a pena tentar forçar a questão.

— Para casa? — perguntou ela, embora estivesse fora de questão irem para outro sítio qualquer. Era ali que ele precisava de recuperar: tomar um duche, comer qualquer coisa, falar um pouco com a mãe, que estava acamada, e dormir até recuperar da ressaca. O trabalho teria de esperar, embora ele estivesse provavelmente ansioso por voltar às lides. Era no trabalho que se escondia dos problemas. No trabalho e no álcool. A conversa que pai e filha tanto receavam também teria de esperar. — Faço-te uns ovos estrelados — prometeu ela. — Há pão fresco. Deves estar esfomeado.

Ele assentiu com a cabeça e ela pôs o carro em marcha. Quando virou o volante para voltar à direita para a Snorrabraut, inclinou o

corpo, e a barriga tornou-se-lhe mais visível. Felizmente, o pai continuava a olhar em frente com uma postura rígida e não se apercebeu de nada.

Sædís ligou os limpa-para-brisas, que começaram a travar uma batalha inglória contra a neve. Não era mesmo a melhor altura para lhe contar a novidade.

AS CRIANÇAS ENTRARAM NA SALA DE AULA muito coradas, com o cabelo em desalinho por causa dos chapéus e dos barretes. A energia fora diminuindo ao longo do intervalo; à saída, empurravam-se uns aos outros, na ânsia de se verem na rua. Não era de espantar: eram poucos os que estavam realmente empenhados em aprender a matéria que iam começar a dar e que tinha que ver com a colonização da Islândia. O mundo do século IX estava demasiado distante do deles para conseguir despertar-lhes o interesse. Os colonos da Islândia não tinham conversas online, não viam Netflix, não jogavam no computador; nada sabiam sobre futebol e não tiravam selfies. Para grande desilusão de Kristbjörg, nem as armas destes antepassados exerciam qualquer atração sobre os alunos; habituadas que estavam aos jogos de computador, as crianças não se deixavam impressionar por espadas e machados, armas primitivas que ficavam muito aquém das pistolas automáticas que eles conheciam dos jogos. Os desenhos dos rapazes, em especial, continham muitas vezes armas destas, e ela já começava a reconhecer os nomes das principais: Minigun, Uzi, Desert Eagle, Arctic Warfare, Kalashnikov. Quando escreviam os nomes das armas nos desenhos, os miúdos não davam erros; até aqueles que eram incapazes de soletrar «ovo» escreviam «bazuca» sem qualquer erro ortográfico.

— Despachem-se a sentar. Quanto mais depressa começarmos, mais depressa acabamos.

Na verdade, não era bem assim. A lição durava quarenta minutos, e os alunos não tinham a possibilidade de reduzir esse tempo sentando-se mais depressa.

— Abram o manual na página seis.

Os alunos foram-se sentando um por um, e a maioria obedeceu à ordem relativa ao manual. Três deles puseram simultaneamente o

braço no ar a perguntar qual era a página, e Kristbjörg repetiu o número. Algum tempo depois, estavam todos sentados em silêncio, com o manual aberto à frente, de olhos fitos na professora, à espera de novas instruções.

Eram todos bons miúdos, mas, em conjunto, tornavam-se um grupo difícil. A turma tinha vinte e cinco alunos, incluindo uns quantos que abrangiam quase toda a gama dos diagnósticos. Para além disso, havia um imigrante que sabia pouco islandês, um miúdo com disforia de género e um terceiro que era sobredotado e mais exigente que os outros todos juntos — à exceção do aluno que era filho de um professor de Direito e de uma doutora em Física. Não passava uma semana em que este casal não arranjasse um problema qualquer. Mais cedo ou mais tarde, Kristbjörg ver-se-ia obrigada a responder a um telefonema ou a um email dizendo-lhes que tinham de aceitar, de uma vez por todas, que o filho era um miúdo completamente vulgar, em nada melhor que os outros; e que a culpa não era da escola, nem as queixas conseguiriam alterar esta situação.

Começou a ouvir-se um raspar de pernas de cadeira no linóleo, sinal certo de que as crianças estavam a ficar inquietas. Como sempre, a perturbação tinha começado ao fundo da sala, espalhando-se para a frente. A miúda que estava sentada à mesa redonda inclinou-se para o colega que tinha ao lado e sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido. O rapaz não se mostrou especialmente agradado com o segredo: fez uma careta, inclinou o tronco para longe dela e deu-lhe um empurrão.

— O que se passa aí? — perguntou Kristbjörg, erguendo a voz. Sabia, por experiência já longa, que o melhor era atalhar este género de coisa logo na raiz.

Os dois miúdos responderam em uníssono:

— Nada.

Kristbjörg também sabia por experiência que as crianças davam sempre esta resposta quando eram colocadas na berlinda, fossem quais fossem as circunstâncias.

— Sabem muito bem que estão proibidos de dizer segredos. É uma falta de delicadeza com as pessoas que têm à volta. — Kristbjörg abriu muito os olhos, na esperança de conseguir meter-lhes aquela ideia na cabeça. — E façam o favor de prestar atenção à aula. Podem conversar

no intervalo. Percebido?

— A culpa não foi minha. Não fui eu que disse segredos, foi ela. — O proprietário do ouvido mostrava-se indignado, provavelmente com razão, e afastou a sua cadeira da da outra criança. — Eu não fiz nada.

Tendo em conta que a criança ofendida era o filho dos dois académicos, o melhor era resolver a coisa imediatamente.

— Eu também não estava a acusar-te de nada. Estava a falar para a turma em geral. É feio dizer segredos, e isto aplica-se a toda a gente.

Kristbjörg esperava que aquilo fosse suficiente para pôr fim ao assunto.

Mas o argumento não satisfez o filho da doutora e do professor, que cruzou os braços e franziu o sobrolho.

— Estava a acusar-me, sim. De qualquer maneira, acho que não é justo ralar com toda a gente, quando ela é que estava a dizer segredos.

A possibilidade de ter o noticiário da noite interrompido por um telefonema dos pais do miúdo tinha aumentado exponencialmente. Kristbjörg teve vontade de gemer, mas controlou-se.

— Não estou a ralar com ninguém, estou a ensinar boas maneiras a todos. — Mas a afirmação soou-lhe um pouco áspera, de maneira que emendou a mão. — Estou a formar-vos. Faz bem a toda a gente, incluindo a mim própria, recordar de vez em quando como devemos portar-nos uns com os outros.

O filho dos académicos não pareceu convencido. Queria mais, talvez um pedido de desculpa.

Mas nem pensar.

— Muito bem, meninos. Já chega desta conversa. Vamos voltar à colonização da Islândia. Da última vez, estivemos a falar dos pilares do assento alto de Ingólfur Arnarson. Quem é que se lembra que papel é que eles tiveram na colonização?

A criança sobredotada pôs imediatamente a mão no ar, agitando-a vivamente. Dado que mais ninguém fazia menção de responder, Kristbjörg não teve alternativa senão dar-lhe a palavra.

Enquanto a miúda dava nas vistas, Kristbjörg observou que os segredos tinham recomeçado. Esperou que ela acabasse de responder e

a seguir perguntou em tom severo:

— O que é que eu disse agora mesmo sobre dizer segredos?

O filho dos académicos voltou a empurrar a colega.

— A culpa não é minha. Ela é que vem com segredinhos.

O rapaz tinha razão, e Kristbjörg dirigiu-se à miúda:

— O que é que se passa, que o resto da turma não pode ouvir? Estarias por acaso a responder à pergunta sobre os pilares do assento?

— Não.

A rapariga mostrava-se embaraçada: corou e baixou os olhos.

— Muito bem. Então, o melhor é concentrares-te no que estamos a aprender.

Kristbjörg não tinha vontade de ser demasiado rigorosa com ela. A miúda não tinha uma vida fácil e, em geral, até era sossegada. Tinha apenas duas amigas e, desde que não ficasse sentada ao lado delas, portava-se na perfeição; pelo contrário, quando ficavam as três juntas, passavam o tempo a dar gargalhadinhas. Desde que Kristbjörg as havia separado, a miúda tinha tentado fazer amizade com o colega do lado, o filho dos académicos, que não queria nada com ela. Por muito que ela se esforçasse, não conseguia fazê-lo mudar de ideias, como se via pelo mais recente episódio.

— E se eu vos separasse durante uns tempos?

Enquanto Kristbjörg passava os olhos pela sala à procura de crianças com quem eles pudessem trocar de lugar, o rapaz começou a protestar:

— Não percebo porque é que tenho de mudar de lugar. Ela estava a dizer-me coisas nojentas. Devia mandá-la ao gabinete do diretor.

A miúda mostrou-se ofendida. Kristbjörg não fazia ideia do que ela teria dito ao rapaz, mas não estava obviamente à espera que ele o considerasse nojento. Provavelmente, esperava que o colega a achasse fixe.

Nesta altura, todos os miúdos, incluindo o sobredotado, se voltaram para trás, e um deles perguntou:

— O que é que ela te disse?

Houve outros que fizeram coro com ele, repetindo a pergunta. Não era todos os dias que se ouvia uma coisa nojenta na aula.

— Ela disse... — O rapaz foi obrigado a calar-se porque a miúda

saltou para cima dele e tapou-lhe a boca com uma mão. O rapaz afastou-se e continuou a falar, mantendo-a o mais longe possível dele. — Ela disse que tinha visto uma cabeça.

— Uma cabeça? — O resto da turma mostrou-se desiludida. — O que é que isso tem de nojento?

Kristbjörg bateu as palmas.

— Voltem-se para a frente! — Depois, apontou para a mesa do fundo da sala. — Vocês dois, parem imediatamente com isso! — As duas crianças obedeceram prontamente, a miúda voltou para o seu lugar, e Kristbjörg prosseguiu. — Não sei o que se passa aí, mas vocês vão ambos parar...

Não conseguiu concluir a frase, interrompida pelo filho dos académicos:

— Mas *era* nojento! Não era só uma cabeça. Ela disse que tinha visto uma cabeça *sem corpo*. Uma cabeça de mulher. Como nos filmes de terror.

As outras crianças abriram muito os olhos, e algumas — incluindo as duas amigas da rapariga — estremeeceram.

Kristbjörg cedeu e mudou a miúda de lugar.

No final da aula, pediu-lhe que ficasse na sala, porque queria conversar um bocadinho com ela. A criança aproximou-se da secretária com ar embaraçado e ali ficou, de mãos atrás das costas, a morder o lábio inferior.

— Vai ralar comigo?

Kristbjörg fez sinal às duas amigas dela, que estavam a espreitar à porta, claramente com a intenção de ouvirem a conversa, para se afastarem. Quando elas se foram embora, voltou-se para a rapariga que a olhava com vergonha.

— Vou, mas não muito.

Kristbjörg fez-lhe um sorriso amistoso. Como podia ela zangar-se com a pobre miúda, que tinha um ar tão vulnerável, pequena, magra e enfermiça. Era uma criança que tinha dificuldade em se concentrar, cujos olhos, escondidos por trás de uns óculos que pareciam assentar-lhe de esguelha no nariz, dardejavam continuamente de um lado para o outro. Uma criança que tinha tantas dificuldades sociais como académicas; que, à exceção das duas amigas, elas próprias com vários

problemas, parecia incapaz de se integrar na turma. Mas a situação da menina podia mudar, porque ela tinha uma vantagem muito importante: o apoio de uma família carinhosa. Kristbjörg sabia que esta aluna era adotada e que, como tantas vezes acontece nestas situações, os pais adotivos a tratavam com imenso amor. O almoço que trazia para a escola era sempre preparado com muito cuidado — ainda que, habitualmente, regressasse a casa intacto. A roupa era moderna, bem lavada e passada, embora chegasse ao fim do dia sempre em desalinho. De manhã, a criança vinha com o cabelo muito bem penteado num rabo de cavalo e preso com ganchinhos; mas, tal como acontecia com a roupa, pouco depois já estava em estado de sítio: o elástico soltava-se do rabo de cavalo e os ganchos descaíam.

As duas amigas não eram, nem por sombras, tão bem cuidadas como ela. Uma delas era invulgarmente alta, outra de altura perfeitamente mediana. A mais baixa das duas era notoriamente melhor aluna que a outra, mas, à parte isso, tinham muitas coisas em comum: chegavam muitas vezes à escola sem o almoço, sem lápis nem borracha, mal agasalhadas, e faltavam muito, em especial a criança mais alta. Os contactos que Kristbjörg fizera com os pais, pedindo-lhes que dessem mais atenção à assiduidade das filhas, não tinham tido qualquer efeito. Parecia que não se sentiam responsáveis por elas, e a professora também não detetava grande interesse no progresso escolar das pequenas. Não era de espantar que, no final da escola, fossem quase sempre juntas para casa da terceira amiga, que era, de longe, a menos caótica.

Kristbjörg fez uma cara séria.

— Sabes, não gosto que os meus alunos não prestem atenção às aulas.

A miúda acenou a cabeça, de olhos no chão.

— Desculpe.

— Desculpo se prometeres que, de futuro, prestas atenção e deixas de interromper e dizer segredos durante a aula.

— Prometo.

Fazer promessas era fácil. O difícil era cumpri-las. Mas Kristbjörg deixou passar.

— Ótimo. — Contudo, tinha de fazer referência à tal cabeça antes

de a rapariga ir juntar-se às amigas e começar a divulgar aquele disparate, a elas ou a qualquer outra pessoa. — Só mais uma coisa, antes de te ires embora: não inventes histórias sobre cabeças sem corpo. Não é bonito. Se isso continuar, terei de falar com os teus pais e dizer-lhes que tenham mais cuidado com os programas de televisão que te deixam ver. Não devias ver coisas que não são para crianças.

— E não vejo.

Era natural que a miúda negasse. Que surpresa.

— O que te passou pela cabeça para dizeres que tinhas visto uma cabeça sem corpo?

A menina mostrou-se evasiva, evitando olhar Kristbjörg nos olhos.

— Eu não disse isso. Ele estava a mentir. Eu não disse nada sobre uma cabeça.

Kristbjörg olhou para ela em silêncio. Não era a melhor altura para lhe dar um sermão sobre a diferença entre a verdade e a mentira. Talvez fosse preferível deixar as coisas naquele ponto. Quem sabe aonde levaria a conversa, se decidisse prosseguir-la? A um impasse, com certeza absoluta: quanto mais a miúda negasse ter dito tal coisa, mais difícil seria para ela voltar atrás. E, claro, o palerma do rapaz podia ter mentido. Ou ter ouvido mal.

Talvez tivesse sido isso.

— Muito bem. Mas lembra-te do que eu disse sobre os segredos. Não se dizem segredos.

A menina acenou a cabeça, e Kristbjörg ficou a vê-la afastar-se aos saltinhos, ao encontro das amigas. Pouco depois, ela própria saiu da sala de aula e foi para a sala dos professores, onde se sentou a tomar um café com os colegas.

A história da cabeça foi substituída por outros assuntos mais agradáveis. Vendo bem, tratava-se de uma história absurda.

A ROUPA ELEGANTE TINHA ACABADO POR SER ÚTIL. O homem que estava na cela com uma ressaca, pensando que ela era advogada, tinha aceitado que a polícia ligasse à família e concordado em voltar para casa. Freyja voltou ao seu gabinete e pôs-se a fazer uma busca online de material que a ajudasse a compreender o que se passava na mente do assassino. Antes de ter avançado muito, o chefe ligou-lhe a pedir que passasse pelo gabinete dele: queria conversar com ela acerca do crime e do papel que ela poderia desempenhar na investigação do mesmo. No final, Freyja ficou sem perceber se aquilo tinha sido mais uma tentativa de lhe arranjar trabalho para lhe preencher o dia, ou se as suas competências eram genuinamente necessárias. Sentia-se inclinada a pensar que sim, embora também houvesse ali, sem qualquer dúvida, um elemento de ocupação de tempo.

O chefe mostrou-se especificamente preocupado com a interação da polícia com a família da morta. Dada a horrível mutilação do corpo, a conversa com os familiares seria extremamente delicada; mas seria preciso comunicar-lhes a horrenda verdade, e o chefe considerava que o ideal era Freyja estar presente nesse momento. Idealmente, ela também deveria estar presente quando a polícia interrogasse a filha de Bríet — isto na presunção de que o corpo era efetivamente da mãe dela. E o chefe queria ainda que Freyja colaborasse com a equipa de investigação na tentativa de avaliar o estado mental do criminoso, se tal fosse necessário. Finalmente, era possível que os próprios investigadores precisassem de apoio psicológico; eram poucos os membros do Departamento de Investigação Criminal que já se tinham confrontado com semelhante situação.

Freyja reagira de forma entusiástica — essencialmente através de vigorosos e repetidos acenos com a cabeça — a tudo o que o chefe lhe

dissera. E, embora ele não parecesse estar à espera de qualquer contributo da parte dela, ainda conseguiu, já no final da conversa, introduzir uma pergunta: Erla aprovava aquele plano? A resposta foi vaga, mas levou-o a perguntar se Erla estava a causar alguma dificuldade. Freyja garantiu-lhe, sem hesitar um momento que fosse, que não; porque não era queixinhas.

Quando Freyja ia a sair do gabinete, o chefe pigarreou e comunicou-lhe que procurar processos de pessoas no Sistema de Informações da Polícia sem uma razão de peso era mal visto; independentemente de os indivíduos em questão serem familiares, amigos ou desconhecidos. Talvez ainda ninguém lhe tivesse dado aquela informação, prosseguiu, nitidamente pouco à vontade, mas agora já sabia. Espantada com aquelas palavras, Freyja explicou ao chefe que nem sequer tinha maneira de aceder ao sistema. Ao ouvir aquilo, o chefe mostrou-se ainda mais embaraçado e limitou-se a repetir o que já tinha dito, terminando a agradecer-lhe ter passado por lá. Era uma frase que não convidava a mais conversas, pelo que ela se foi embora.

A seguir a esta reunião, Freyja voltou a sentar-se ao computador, retomando a leitura. O material que tinha descoberto até ao momento estava relacionado com atos de violência extrema, quer do ponto de vista psicológico, quer de outras perspetivas. Embora aquela investigação lhe deixasse um mau gosto na boca, sentiu que, à medida que ia lendo os artigos, ia perdendo a sensibilidade ao horror.

Bateram-lhe ao de leve na porta e ela fechou apressadamente a janela para onde estava a olhar. Era um disparate, na verdade, porque, a despeito da preocupação do chefe com o bem-estar mental dos seus colegas de departamento, estes estavam habituados ao lado negro da realidade; muito mais habituados do que ela, por irónico que parecesse.

— Entre — disse Freyja e voltou-se para a porta.

Huldar apareceu na frincha da porta. Vinha de blusão vestido e irradiava frio, indicando que acabava de chegar da rua. Era raro Huldar passar pelo gabinete dela; ao longo dos meses em que Freyja trabalhara na polícia, só lá tinha ido duas vezes. Em ambas as ocasiões, trazia recados de terceiros e metera rapidamente a cabeça

pela porta. Desta vez, porém, entrou e fechou a porta. Parecia doente: pálido, de olhar vidrado, muito mais caído do que na reunião do princípio da manhã, já para não falar da véspera.

— Estou a ser inoportuno?

— Não.

Freyja evitou recordar-lhe que tinham decidido evitar quaisquer contactos desnecessários no trabalho. Talvez ele tivesse ido falar-lhe de serviço, embora ela duvidasse. Nas ocasiões anteriores em que por lá passara, Huldar mostrara-se perfeitamente consciente de que estava a contrariar o acordo que tinham feito. Desta vez, porém, tais preocupações pareciam estar longe do seu espírito. Se calhar, tinha interpretado mal o que acontecera na véspera à noite e ficado com a impressão de que tinham iniciado uma relação, não tendo, portanto, nada a esconder. Foi então que Freyja percebeu que se passava alguma coisa: Huldar não estava em si.

— O que é que aconteceu?

O tom da jovem era solícito, e o sentimento que a ele presidia também. Freyja tinha começado a gostar dele. Como amigo. Nada mais, apesar do deslize da véspera. É certo que, no calor do momento, tinha gostado, mas prometera a si própria que era a última vez que violava a fronteira que estabelecera entre os dois. Se a relação avançasse para o estágio seguinte, mais cedo ou mais tarde acabaria em desastre. E, por estranho que parecesse, a ideia de perder Huldar como amigo não lhe agradava.

Misteriosamente, ele tinha conseguido vencer as dúvidas que Freyja albergava acerca do seu carácter; de maneira que, em vez de se concentrar nos defeitos, Freyja tinha começado a notar os aspetos positivos, e fora uma surpresa perceber que eram muitos. Huldar era despreocupado, coisa que, surpreendentemente, combinava bem com ela, que era tensa e ansiosa por natureza. E a sobrinha, Saga, havia simpatizado com ele, o que nunca acontecera com nenhum amigo de Freyja. O mesmo se podia dizer da cadela, *Molly*. Não havia ponta de snobismo ou afetação na natureza de Huldar e, embora ele não fosse exatamente um novo homem, era capaz de dar mostras de grande afabilidade. Para além de tudo isto, tinha ganho muitos créditos ao assumir a responsabilidade pela cobra.

Freyja evitou pensar nas façanhas de Huldar por baixo dos lençóis, pois tal serviria apenas para desencadear memórias da noite da véspera, e quem sabe onde isso poderia levá-los. Possivelmente, a uma repetição da cena ali mesmo, em cima da secretária. De certeza que Huldar não recusaria, por muito pálido e silencioso que se mostrasse.

— Estás doente? — insistiu ela.

— Não. Não aconteceu nada. Nada de especial. E não estou doente, estou só ligeiramente tonto. — Huldar sentou-se. Era a primeira pessoa que usava a cadeira extra que havia no gabinete dela para as visitas. Nunca ninguém ali se tinha sentado, fosse por razões de trabalho ou para uns dedos de conversa: as pessoas despachavam os seus assuntos da porta e iam-se embora. — Venho da autópsia dos pedaços do cadáver. — Encheu as bochechas de ar e a seguir expirou com um suspiro. — Valha-me Deus, que pesadelo.

Aparentemente, Freyja tinha diante de si o primeiro candidato a acompanhamento por trauma. Não era propriamente de espantar, porque a autópsia era, sem dúvida, a pior parte de uma investigação. Huldar apoiou os cotovelos nos joelhos e enterrou a cara nas mãos. De olhos no cabelo revoltado dele, Freyja decidiu cumprir o seu dever profissional.

— Queres falar sobre isso, Huldar? Calculo que tenha sido uma experiência horrível. Nestas alturas, contar aquilo por que se passou ajuda.

Huldar endireitou-se e olhou para ela, atónito.

— O que é que isso quer dizer? Estás a tentar dar uma de psiquiatra comigo?

Freyja encolheu os ombros.

— Não propriamente. Estava só a pensar que podias querer falar sobre aquilo que te perturbou. Prometo-te que, se o fizeres, te sentirás melhor. Não queres andar com essas imagens dentro da cabeça para sempre, pois não?

— Para ser honesto, até prefiro. Mas obrigada na mesma.

Huldar levantou-se com dificuldade e tentou mostrar-se animado, mas não conseguiu. O sorriso descontraído que ela bem conhecia fez uma rápida aparição antes de as suas feições readquirirem a expressão semiatorreada com que entrara.

— Não há problema. Mas importas-te de me dizer qual foi o resultado? Só para me satisfazer a curiosidade.

— S-s-im... sim.

Ele mostrava-se relutante, como se desconfiasse de que ela estava a conduzi-lo a uma armadilha.

Não estava. Se ele não queria ajuda neste momento, talvez viesse a querer mais tarde, mas não valia a pena tentar impor-lha. Por isso, Freyja fez-lhe a pergunta mais direta que lhe ocorreu:

— Conseguiram descobrir quem é a pessoa?

Huldar abanou a cabeça, desalinhando ainda mais o cabelo. Apercebendo-se disso, tentou pentear-se com as mãos, mas sem grande sucesso.

— Não. Não temos a certeza. Mas trata-se de uma mulher aproximadamente da mesma idade que Bríet, a proprietária do carro, e com o mesmo tipo de atributos físicos. Sem tatuagens nem cicatrizes de operações, o que condiz com a descrição do marido. Muito me admiraria se não fosse ela. Tiraram-lhe as impressões digitais, para comparar com as que encontraram em casa dela, e amostras biológicas para os testes de ADN. Assim que os resultados chegarem, vamos compará-los com amostras de parentes próximos. Com sorte, vai bastar para confirmarmos a nossa suspeita. Não precisamos da cabeça. Mas esperamos que apareça, evidentemente. Tem de aparecer.

Freyja estava inteiramente de acordo, mas pareceu-lhe preferível não incluir a cabeça em falta na presente conversa, porque não deixaria de evocar a imagem do coto do pescoço, e ela preferia não ter de pensar nisso. Embora Erla não tivesse mostrado fotografias durante a reunião, Freyja tinha encontrado na sua pesquisa online umas imagens bastante arrepiantes relacionadas com acidentes noutros países, incluindo um tronco sem cabeça. A fotografia já era má; ver aquilo ao vivo devia ter sido horroroso.

— E a causa da morte? Conseguiram lá chegar?

— Sim, mais ou menos. Tudo indica que a mulher foi estrangulada. Há sinal de equimoses na parte do pescoço que ficou presa ao tronco, embora a zona onde teria sido aplicada a pressão esteja em falta. Também não temos o hioide nem a laringe, que ficam geralmente afetados quando há estrangulamento. — Huldar fechou os olhos e

inspirou pelo nariz uns momentos antes de continuar. — Por outras palavras, falta uma grande parte do pescoço, o que significa que as conclusões não são cem por cento seguras, mas essa é a causa de morte mais provável. Também havia ferimentos no tornozelo direito, sofridos imediatamente antes da morte, e equimoses ao longo do lado direito do tronco, em consequência de luta. Mas nenhum destes ferimentos foi fatal.

Freyja assentiu com a cabeça, sem saber bem que implicações isto teria na investigação. Seria um grande problema não saberem exatamente como é que a mulher tinha morrido, ou seria irrelevante para a resolução do caso? Calculou que pudesse vir a ser uma questão grave durante o julgamento.

— Isso quer dizer que não encontraram a cabeça na busca ao apartamento da vítima?

— Não. O Gudlaugur ligou à Erla durante a autópsia a dizer-lhe que havia indícios de luta: pequenas manchas de sangue, uma cadeira virada e coisas no chão. Mas não encontraram a cabeça. Nem sinais de que a mulher tivesse sido desmembrada ali em casa. Aparentemente, a quantidade de sangue estava muito longe do que seria de esperar se isso tivesse acontecido. Mas é consistente com a hipótese de que Bríet tenha sido atingida, possivelmente na cabeça, dado que nenhum dos ferimentos que ela tinha no corpo havia sangrado. Também é possível, evidentemente, que tenha sido ela a ferir o atacante, caso em que o sangue poderá ser dele. Perceberemos isso quando recebermos os resultados do ADN. O grupo sanguíneo é o mesmo que o de Bríet, pelo que não podemos tirar conclusões com base no tipo de sangue.

— O assassino não poderia ter limpado o sangue depois de a ter desmembrado? Fazer isso dentro da banheira, por exemplo, e a seguir passar tudo por água.

— É muito pouco provável. Nós usamos químicos específicos que denunciam vestígios de sangue, e o Gudlaugur afirma que é impossível o desmembramento ter sido feito naquele apartamento. — Huldar fez uma pausa para esfregar os olhos. — Ao que parece, também encontraram um prato com restos de uma fatia de piza e um copo de água em cima da mesa da cozinha. E uma caixa de entrega ao domicílio, ainda com várias fatias; a nota de entrega mostrava que a

piza tinha sido encomendada na sexta-feira, por volta das seis. A autópsia revelou que ela tinha restos de piza ainda mal digerida no estômago. — Huldar voltou a apoiar os cotovelos nos joelhos e, inclinando-se para a frente, enterrou a cara nas mãos. Quando voltou a falar, a voz saiu-lhe abafada, porque tinha a boca voltada para o chão. — Nunca mais vou conseguir comer piza.

Freyja achou que também levaria algum tempo a ser capaz de voltar a fazê-lo. Mas, já que estavam à volta de assuntos difíceis de digerir, avançou para a pergunta que estava a roê-la por dentro desde a reunião da manhã. Não o faria sentir melhor a ele, mas ela precisava da resposta.

— E o desmembramento? Foi depois de a mulher morrer?

Enquanto esperava pela resposta, apertou as mãos com muita força por baixo da mesa.

— Foi. Essa informação foi a melhor coisa que saiu deste horror todo. Não sei se conseguiria sobreviver ao que vi se soubesse que não tinha sido assim. Outro pormenor positivo é que não há sinais de violação. Mas quem sabe? O corpo foi despido e lavado antes de as partes serem metidas dentro dos sacos de plástico, por isso, pode ter havido uma agressão sexual sem provocar danos visíveis na cérvix. A lavagem visou, quase de certeza, eliminar quaisquer vestígios biológicos. A roupa que foi metida nos sacos com as partes do corpo também tinha sido muito bem passada por água.

Freyja soltou os dedos. Havia outra questão, igualmente macabra, que estava a incomodá-la. Era uma questão tão estranha que poderia fazer com que Huldar recuperasse o autocontrolo, razão pela qual ela avançou.

— Os bocados que encontraram combinam uns com os outros?

A pergunta resultou: Huldar baixou as mãos e levantou a cabeça, surpreendido.

— O quê?

Confrontada com o olhar incrédulo dele, Freyja corou ligeiramente.

— A pergunta é se os diversos bocados pertencem todos ao mesmo corpo.

A expressão de Huldar voltou ao normal.

— Pertencem. É uma pessoa, à exceção da cabeça.

Durante algum tempo, nenhum deles disse nada, e Freyja achou que estavam os dois a pensar o mesmo: o que teria acontecido à cabeça? Mas não perguntou que teorias tinham sido propostas pelos outros membros da equipa sobre esse assunto. Seriam, muito provavelmente, especulações tão infundadas como a sua. Graças à pesquisa que fizera online, sabia agora mais alguma coisa sobre decapitações, incluindo exemplos daquilo que os assassinos tendiam a fazer com as cabeças. Ninguém decapita um cadáver por boas razões. Mas achou que, no estado em que se encontrava, era preferível poupar Huldar à informação que tinha descoberto; por isso, mudou de assunto.

— E o momento da morte? Foi possível estabelecê-lo?

— Foi. A mulher morreu na sexta-feira ao princípio da noite. Infelizmente, o período em que isso poderá ter acontecido é bastante alargado. Nós encontrámos o corpo na segunda-feira, quase três dias depois de ela ter morrido; consequentemente, o *rigor mortis* já tinha passado e a temperatura das várias partes do corpo tinha-se adaptado à do porta-bagagens do carro. Devido a estes dois fatores, é impossível calcular com maior precisão o momento da morte. — Huldar estremeceu, talvez ainda a pensar na piza. — Mas o conteúdo do estômago permite ter uma ideia mais aproximada. Estamos à espera de notícias do sítio onde ela comprou a piza, para saber a que horas foi entregue, uma vez que pode haver até meia hora de diferença em relação à hora que consta do recibo. Também temos de falar com o sujeito que fez a entrega, para o caso de ele se ter apercebido de alguma coisa. Mas estamos a trabalhar com base na hipótese de que a piza tenha sido entregue às seis e meia e comida na meia hora seguinte. Se foi assim, de acordo com o patologista, Briet terá morrido entre as sete e as oito da noite. Aproximadamente. Não é uma janela de tempo muito precisa.

— Mas já ajuda, não ajuda? — Freyja tentou injetar uma nota de otimismo nesta pergunta.

— Claro que sim. Presumindo que a piza não foi comida, já fria, bastante mais tarde.

Freyja teve uma ideia súbita.

— Mas o carro não apareceu no bairro residencial no sábado à

noite ou no domingo de manhã cedo?

— Exato. Foi o que nos disse a moradora que ligou para cá. Só conseguiremos saber o momento exato quando localizarmos o carro nas imagens das câmaras de vigilância da zona. Se ele aparecer. A rede de câmaras tem lapsos, e muitas delas são propriedade de particulares, que não as montam com o objetivo de registrar o trânsito, embora as ruas acabem muitas vezes por aparecer nas imagens. — Huldar endireitou-se. — Ainda nos falta descobrir o que aconteceu entre a morte da mulher e o aparecimento do carro naquele bairro. O assassino deve ter levado algum tempo a serrar o corpo e a metê-lo nos sacos. Mas nunca terá sido mais de vinte e quatro horas, evidentemente. Ainda assim, as coisas tornar-se-ão mais claras com o tempo.

Freyja permaneceu por momentos calada a pensar.

— Não consigo perceber bem a sequência. A mulher é morta na sexta-feira ao princípio da noite, muito provavelmente em casa, e o corpo é levado para outro sítio, para ser cortado em bocados. Depois, os bocados, à exceção da cabeça, são metidos no porta-bagagens do carro dela, que é abandonado num bairro onde ela não vivia. Não te parece que é tudo demasiado complicado? Para quê tantas voltas? Porque é que o assassino não deixou o corpo no apartamento de Bríet e pronto?

— Sim, essa é uma das coisas que temos de descobrir.

Mas Freyja não tinha desistido de tentar compreender. Se a sua função era proporcionar à equipa uma visão do funcionamento da mente do assassino, teria de perceber as motivações do comportamento do homem.

— Não percebo por que razão o corpo foi cortado aos bocados. Se isso não foi feito no apartamento, o assassino teve de tirar o corpo do prédio ainda inteiro. O que significa que não o cortou aos bocados para facilitar o transporte ou para conseguir metê-lo no carro sem ninguém se aperceber. A propósito, *onde* é que Bríet vivia?

Huldar voltou a passar as mãos pelo cabelo.

— Em Salahverfi, Kópavogur. Num apartamento no rés-do-chão, com um pequeno jardim vedado nas traseiras. Estive a observar a vista aérea na lista telefónica online, e não seria especialmente difícil levar

o corpo dali depois de escurecer. O jardim fica a muito pouca distância de um carroiro de acesso aos caixotes do lixo do prédio. Se o carro dela tivesse sido levado para essa zona, o assassino não teria grandes problemas em meter o corpo lá dentro. Mas também é possível que ela tenha sido morta noutra sítio qualquer e desmembrada onde foi morta. Talvez as circunstâncias tornassem o desmembramento necessário. Ou, então, o criminoso queria arranjar maneira de fazer desaparecer o cadáver, o que seria muito mais simples se ele estivesse cortado aos bocados.

Huldar soltou um suspiro.

— Nesse caso, parece-me muito estranho que se tenha limitado a meter os bocados no porta-bagagens do carro dela. Porque é que não os atirou ao mar, por exemplo, ou os meteu numa brecha vulcânica?

— Sim, é estranho — concordou Huldar. — E, pela maneira como o carro estava estacionado, dá ideia de que a pessoa que o deixou ali queria que ele fosse encontrado o mais depressa possível. Não consigo perceber o que se passou. Além disso, dos cinco sacos, só dois estavam fechados. Se estivessem todos bem amarrados, é bem possível que levássemos muito mais tempo a perceber o que se estava a passar. O que nos alertou foi o cheiro a sangue. — Subitamente, Huldar animou-se. — Mas tenho uma boa notícia. Encontrámos vestígios biológicos no porta-bagagens, que pertencem, quase de certeza, ao assassino.

— Sangue?

Freyja não conseguia perceber como conseguiriam os técnicos discernir que algum do sangue que havia no porta-bagagens pertencia a outra pessoa, pelo menos sem fazerem uma série de testes. E isso levaria tempo. A não ser que fosse possível identificar diferentes grupos sanguíneos por meio de um teste eliminatório, e este tivesse revelado a presença de mais do que um grupo sanguíneo. Mas a pergunta que ela ia fazer a seguir era afinal desnecessária.

— Não era sangue, era vômito. Um dos sacos que encontrámos no porta-bagagens continha vômito. Bílis. Não é imenso, mas é o suficiente. O mais provável é que a pessoa já tivesse vomitado várias vezes. Pelo menos é essa a teoria. E não é preciso ser especialmente genial para perceber quando é que isso terá acontecido.

Freyja acenou a cabeça, perguntando a si própria que significado

teria este facto. Se o assassino, homem ou mulher, tinha vomitado várias vezes enquanto desmembrava o corpo, era pouco provável que se tratasse de um psicopata. A possibilidade de ser um cirurgião ou um talhante também perdeu relevo na lista de possíveis culpados que Freyja tinha elencado; eram pessoas que estavam demasiadamente habituadas a estas coisas para se porem a vomitar a meio da operação.

— Não é um bocado estranho a pessoa ter-se dado ao trabalho de lavar o corpo para eliminar vestígios de ADN e depois vomitar sobre os sacos e não limpar o vómito?

Huldar encolheu os ombros.

— Sim e não. Se calhar, não estava previsto o carro ser descoberto com os sacos lá dentro. Se calhar, por esta altura, o assassino já estava cansado e confuso. Se calhar, como o carro estava aberto, passou por ele um ladrão oportunista que pensou em levar qualquer coisa, mas, ao abrir o porta-bagagens, vomitou quando viu o que lá estava. Ou então, roubou o carro, levando-o do sítio onde ele se encontrava, mas apercebeu-se do cheiro que eu também notei, parou, foi dar uma vista de olhos ao porta-bagagens, deparou com os sacos, e pôs-se a correr dali para fora. E calculo que haja muito mais cenários possíveis. Seja como for, a amostra de bÍlis foi mandada para o estrangeiro, e estamos a tentar acelerar a análise do ADN. Mas não é certo que eles aceitem o nosso pedido. Não há muitos laboratórios que trabalhem com vómito, o que significa que não estamos numa situação ideal para os pressionar. A maioria dos laboratórios fica-se pelo sangue, o cabelo, a saliva e o esperma; não apreciam excrementos nem vomitado, por razões óbvias. Mas vamos esperar que nos façam esta análise, porque o ADN podia conduzir-nos ao assassino. Nunca se sabe, até pode ser que o criminoso conste da nossa base de dados de amostras de ADN.

Levantando a mão direita, Freyja cruzou os dedos.

— Espero bem que assim seja.

Huldar não se mostrava otimista.

— Sim, mas não contes demasiado com isso. Tenho a sensação de que não vai ser nada fácil resolver este homicídio. Estamos a lidar com um completo tarado. A autópsia também revelou que o desmembramento foi feito com uma serra elétrica de dentes alternados, muito provavelmente uma serra circular. É uma coisa que

não exige especial força física, pelo que, teoricamente, podia ser feito por qualquer pessoa. Basta ter uma dose gigantesca de loucura.

Os dois amigos cruzaram olhares e não precisaram de palavras para expressar que estavam de acordo neste ponto. Freyja calculou que, tal como ela, Huldar estava a imaginar a cena; pelo menos, o olhar dele recuperara a expressão atordoada que trazia quando lhe entrara no gabinete. Freyja desviou os olhos e, estendendo a mão para a caneca que tinha sobre a mesa, passou-a a Huldar.

— Bebe um gole de café. Já está frio e não é grande coisa, mas vai fazer-te bem.

Huldar obedeceu.

— Obrigado — disse, pousando a caneca novamente sobre a mesa e sorrindo. — Deve ser o pior café que já bebi na minha vida. — A seguir, deu uma palmada no joelho e levantou-se. — Bem, tenho de ir andando. A Erla deve estar a perguntar o que é que me aconteceu. Fingi que ia fumar um cigarro quando ela subiu. — Sorriu de novo. — A verdade é que, naquela altura, não teria aguentado cigarro nenhum.

— Podes aproveitar a oportunidade para deixar de fumar.

Freyja achava que era uma excelente ideia, mas Huldar estava manifestamente em desacordo. Abriu a boca, mas, claramente incapaz de pensar numa resposta inteligente, voltou a fechá-la. Freyja ainda pensou perguntar-lhe o que achava do estranho comentário que o chefe dela fizera sobre o Sistema de Informações da Polícia, mas decidiu não o fazer. Huldar já tinha bastante em que pensar naquele momento. Optou, pois, por lhe recordar que, caso mudasse de opinião e precisasse de ajuda, estava à disposição dele.

— Se quiseses conversar acerca de alguma coisa, podes vir bater-me à porta. Tu sabes o que eu quero dizer.

Huldar fez um sorriso meio embaraçado e despediu-se. Freyja achou pouco provável que ele viesse bater-lhe à porta a curto prazo, a pedir apoio. Mas, quando já ia a sair, Huldar deteve-se e voltou-se para trás.

— Não me interpretes mal, esses brincos são muito giros, mas sabes que...

Não consegui ir mais longe. Freyja interrompeu-o:

— Relaxa. Já sei que corro riscos terríveis e vou ter muito cuidado.

Francamente, o que é que vocês têm contra os meus brincos?

— Estão proibidos pelo regulamento do vestuário da polícia. É possível que isso não se aplique ao teu caso, mas a razão é essa. Na verdade, está a ser preparado um novo regulamento e é possível que essa regra mude. Mas, até lá...

Freyja assentiu, ligeiramente envergonhada.

— Percebo.

Se havia planos para alterar o regulamento, o mais provável é que estivesse a formar-se uma comissão para deliberar sobre matérias de vestuário. Freyja sentiu-se grata pelo facto de a reunião da manhã não ter sido sobre isso; se ela tivesse aparecido com uns brincos fora das normas e potencialmente perigosos, seria o mesmo que entrar na sala de reuniões com o dedo médio espetado.

— É evidente que eu devia ler esse regulamento.

Depois de Huldar se ir embora, Freyja deixou-se ficar sentada no acanhado gabinete com os seus pensamentos. Incapaz de voltar a abrir o computador e retomar a pesquisa, fixou pensativamente os olhos de Saga, que a fitavam do ecrã. Depois, foi à procura do regulamento e passou os olhos pelo texto. Huldar tinha razão: por razões de segurança, era proibido usar argolas nas orelhas. Só estavam autorizadas pérolas simples ou brincos pequenos, e só nas mulheres. Não era de espantar que estivesse a ser preparado um novo regulamento.

Freyja tirou os brincos proibidos. A seguir, foi ver o correio, na esperança de encontrar uma mensagem a pedir ajuda para alguma coisa. Mas não tinha mensagens novas.

Os seus dedos decalcaram uma tatuagem impaciente no tampo de madeira da secretária, enquanto ela tentava pensar numa ocupação. Alguma coisa que contribuísse para a resolução do caso. A única hipótese que lhe ocorreu foi telefonar ao irmão, Baldur. É certo que ele afirmava ter abandonado o mundo do crime e viver agora segundo o seu novo estatuto de cidadão-modelo, mas isso era o que ele dizia. E já não era a primeira vez que fazia afirmações daquele calibre. Por isso, pensou ela, não faria mal nenhum tentar sondá-lo.

Mas fez. Baldur sentiu-se ofendido. Freyja viu-lhe claramente a expressão chocada quando lhe ligou pelo WhatsApp.

— O quê...? Passou-te pela cabeça que alguém do meu círculo de amigos poderia ter decepado uma mulher morta?

— Não, não era nada disso que eu queria dizer. — Na verdade, era. Mas Freyja apressou-se a fazer um recuo estratégico. — Mas pensei que pudesses ter ouvido algum boato sobre o assunto. Algum comentário de um amigo teu de outros tempos. Ou de alguém com quem tenhas estado preso.

— Não, Freyja, não ouvi nada. — Baldur mostrava-se ressentido, uma expressão carregada no belo rosto, passando as mãos pelo cabelo louro com um gesto inquieto. — Ultimamente, dou-me com pessoas muito diferentes. E, de qualquer maneira, das que conheci antes, ninguém mataria uma mulher, e muito menos lhe cortaria a cabeça.

A conversa não estava a correr como ela tinha esperado. Por isso, Freyja evitou fazer-lhe notar que aquilo era precisamente o que a família e os amigos de um assassino diziam sobre ele antes de ser apanhado. Se os criminosos andassem pela rua com ar de criminosos e a portar-se como criminosos, o trabalho da polícia seria canja. Mas optou por mudar de assunto.

— E então, novidades?

Baldur recuperou rapidamente a calma, quase retomando a sua habitual atitude descontraída. Trocaram umas quantas frases sobre Saga, e o irmão contou-lhe que algumas empresas de turismo tinham incluído o nome dele como guia de recurso, no caso de falhar algum daqueles a quem recorriam habitualmente. Freyja não conseguia compreender como é que ele tinha conseguido semelhante coisa; em geral, os guias tinham de ter alguma formação profissional. Mas era mesmo típico de Baldur: quando ele carregava no botão do charme, os interlocutores punham de lado quaisquer reservas que tivessem à partida. Em especial as mulheres. Freyja era capaz de apostar as suas magras poupanças em como os operadores turísticos que tinham aceitado pô-lo na lista de suplentes eram do género feminino.

O mais engraçado é que o bom aspeto e o carisma de Baldur também eram o principal problema do irmão, porque lhe tinham permitido andar pela vida sem grandes preocupações quanto às consequências dos seus atos. Por demasiadas vezes, ele tinha conseguido resolver os seus problemas recorrendo ao seu encanto

natural. Mas nem sempre era assim e, quando isso não resultava, era apanhado de surpresa. Freyja afastou da mente visões de turistas caindo em fendas glaciais a que o irmão não tinha dado atenção. Podia ser que, desta vez, ele estivesse a falar a sério. A bem dizer, ultimamente Baldur tinha-se comportado como um verdadeiro adulto. Talvez tivesse conhecido alguém que esperava mais dele do que o simples facto de ter uma cara bonita e ser simpático. Freyja teve vontade de o interrogar a esse respeito, mas resolveu não o fazer, receosa de que, em retaliação, ele lhe fizesse perguntas sobre a vida amorosa dela; não queria ter de lhe mentir.

Terminada esta conversa, Freyja foi novamente ver o correio. Nada. Soltou um gemido. Não estava habituada a ficar a cuidar das unhas à espera que alguém a chamasse. Competia-lhe criar nas pessoas a necessidade daquele cargo e das competências que o acompanhavam. Não era o seu chefe direto que tinha de o fazer.

Saindo do gabinete, Freyja avançou a grande velocidade para o elevador, para não correr o risco de perder a coragem. Não se lembrava de se deslocar em passo tão decidido desde que começara a trabalhar na polícia. Normalmente, movia-se o mais lentamente possível, saindo para as reuniões antes da hora, tanto que tinha de se entreter pelo caminho para não passar pela vergonha de chegar muito antes de toda a gente.

Desta vez, porém, era diferente. Carregou repetidamente no botão do elevador, depois cruzou os braços e começou a bater ao de leve com o pé no chão, aguardando que as portas abrissem no andar para onde pretendia ir e atravessando-as assim que o espaço lho permitiu. Ao chegar, avançou para o departamento de Erla e foi direta ao gabinete da chefe. Bateu uma vez à porta e abriu-a sem esperar resposta: se Erla não entrava em contacto com ela, seria Freyja a tomar a iniciativa.

Erla estava sentada ao computador, com auscultadores nos ouvidos, e levantou a cabeça, mostrando-se atónita ao ver quem lhe tinha entrado pelo gabinete dentro. A chefe baixou os auscultadores para o pescoço e afastou o microfone, para evitar que lhe tocasse no queixo.

— O que foi?

— Vinha só recordar-te que me compete apoiar esta investigação. Convém, portanto, que receba toda a informação disponível e que participe nas reuniões, dando a minha opinião quando ma pedirem. Poderei assim ajudar a compreender os processos mentais e a psicologia do assassino, se tal for necessário.

Freyja calou-se e preparou-se para a tempestade de invetivas que ali vinha. Tinha ensaiado o discurso no elevador, mas, como tantas vezes acontece, as palavras tinham-lhe soado bastante melhor dentro da cabeça do que quando proferidas em voz alta. Também tinha pensado em se oferecer para acompanhar Erla no trauma resultante da autópsia, mas mudou de ideias. Era ainda menos provável que a chefe fosse recetiva a esta proposta do que Huldar tinha sido.

Erla inclinou a cabeça ao de leve para trás e ergueu as sobrancelhas. No interior da apertada camisa da farda, a barriga teve um movimento visível, resultante de um pontapé do bebé. Foi talvez por isso que a chefe não procedeu imediatamente à expulsão de Freyja, nem a cobriu de insultos, ao contrário do que ela estava à espera. Pelo contrário, manteve-se perfeitamente calma.

— Sim. Ok, sem problema. Há uma reunião amanhã de manhã. Não faltes.

Freyja ficou momentaneamente emudecida, mas depressa recuperou. Agradeceu a Erla, declarou que iria à reunião e foi-se embora. Quando ia a sair, viu Erla voltar a pôr os auscultadores nos ouvidos, ouviu-a recomeçar a falar e percebeu que lhe tinha entrado pelo gabinete dentro a meio de uma chamada. Erla proferiu o nome do chefe direto de Freyja e disse-lhe que estivesse descansado, que Freyja teria um papel na investigação, como ele teria certamente ouvido.

Freyja sentiu-se aliviada por estar de costas para Erla quando percebeu que esta estava a falar com o seu chefe e que ele tinha ouvido aquela conversa. Pelo que Erla estava a dizer, o telefonema parecia estar relacionado com ela e com o seu possível papel na investigação. Freyja não conhecia suficientemente o chefe para conseguir deduzir o que teria ele pensado da cena; talvez que ela estaria a ser demasiado insistente, adiantando-se a ele daquela maneira. Ou talvez tivesse ficado aliviado: se Freyja tencionava andar

por todo o edifício a pedir que lhe dessem trabalho, poupava-lhe a ele essa tarefa.

Fosse como fosse, ela teria de provar quem era; teria de dar um contributo visível para o progresso da investigação. Quando tal acontecesse, tudo lhe seria perdoado.

Abandonou o departamento, tendo o cuidado de não olhar na direção de Huldar, mas viu pelo canto do olho que ele não tinha a mesma autodisciplina; pelo contrário, Huldar seguiu-a com o olhar até à porta.

RÖGNVALDUR DEU DOIS PASSOS ATRÁS, para conseguir ter uma visão mais abrangente da parede da sala de estar. Tinha numa mão uma embalagem de fita adesiva de dupla face e na outra um marcador, e vestia apenas calças de pijama e um colete branco. Aldís tinha ido para a cama há várias horas, e o silêncio que reinava no apartamento era ocasionalmente interrompido por um sonoro ressonar proveniente do quarto. Ultimamente, Aldís precisava de comprimidos para dormir e de estimulantes para acordar; os medicamentos cumpriam o seu papel, mas era tudo: ela acordava e adormecia. Dizia que não sonhava, como se alguém clicasse num botão, desligando-a temporariamente. Os medicamentos que tomava de manhã e durante o dia voltavam a ligá-la, mas não era bem ela. E ele também não, já agora. Passavam o dia em silêncio, de cabeça baixa, com as cortinas corridas e o mínimo possível de luzes acesas. Ambos tinham desligado os respetivos telemóveis, para não terem de se relacionar com pessoas cuja vida ainda fazia sentido; pessoas que tinham o propósito de os arrancar da sua concha.

A parede já estava toda preenchida e dar-lhe-ia jeito dispor de mais espaço, mas não havia nada a fazer; teria de se contentar com o que tinha. Anteriormente, havia uma pintura a meio, que estava agora no chão, voltada para baixo; era uma posição que não lhe devia fazer muito bem, mas Rögnvaldur não queria saber. E Aldís também não. A mulher tinha reparado na posição do quadro quando, dois dias antes, ele dera início a este projeto, mas não tinha dito nada. Tal como não fizera qualquer comentário à nova posição do sofá, que estivera encostado à parede, mas estava agora a meio da sala, na diagonal, comprimido contra a mesinha de centro, que também tinha mudado de sítio. Ao fazer estas mudanças, Rögnvaldur tinha deitado ao chão uma jarra que estava em cima da mesa; a jarra rolara até ao radiador

e partira-se. Os cacos continuavam no chão.

Rögnvaldur cruzou os braços, contemplando a sua obra-prima, que não tinha qualquer valor artístico — mas o objetivo também não era esse. O objetivo era seguir os movimentos da família durante o período em que Íris contraíra a infeção, na esperança de que esta representação gráfica o ajudasse a encontrar o ponto de contágio.

Se conseguisse identificar o ponto de contágio, conseguiria identificar o culpado.

O período em questão eram duas semanas — as duas semanas imediatamente anteriores ao momento em que a filha tinha adoecido, e durante as quais teria sido infetada. Na enorme tabela na parede, havia uma coluna para cada dia e uma fila para cada hora. Dado que Íris nunca acordava antes das sete da manhã e se deitava todos os dias às dez, ele não tinha considerado as noites. Ao todo, tendo em conta o tempo que a menina demorava a levantar-se de manhã e a preparar-se para se deitar à noite, Rögnvaldur calculava que precisaria de identificar o que a família tinha feito durante treze horas por dia ao longo de catorze dias; eram cento e oitenta e dois retângulos, cada um deles do tamanho de metade de uma folha A4. Ainda havia muito espaço livre na parede de ambos os lados da tabela, mas quase nenhum acima ou abaixo.

Ele já tinha preenchido uma grande quantidade de retângulos, mas ainda havia bastantes por preencher, que iam aumentando à medida que ele recuava no tempo. Ainda assim, tinha conseguido recordar uma quantidade surpreendente de factos. Ou talvez não fosse tão surpreendente como isso, uma vez que estava a recorrer à informação contida no sistema de rastreamento do telemóvel. Dada a sua falta de interesse por este tipo de aparelhos, tinha gastado muito pouco tempo a programar o telemóvel; se tivesse aprofundado mais as valências do aparelho, o mais provável era ter selecionado a opção que impedia o telemóvel de gravar este tipo de informação.

Mas esta informação não chegava, porque o telemóvel só tinha registado os movimentos da filha que ele próprio tinha acompanhado. Após o transplante de medula, Rögnvaldur tinha passado a trabalhar a meio tempo no escritório, um horário que não tivera dificuldade em combinar porque os colegas já estavam habituados às suas frequentes

ausências, relacionadas com a luta da filha contra a leucemia. Quando ele ia para o escritório, Íris ficava com a mãe; infelizmente, Aldís raramente tinha o telemóvel online quando saía de casa, não ligando o 4G para poupar os dados móveis.

E o telemóvel também não dava indicação das visitas que eles tinham recebido ao longo desse período, nem das pessoas que tinham entrado no prédio, podendo deixar o vírus em suspenso nos patamares ou no elevador. Essa informação não estava disponível em lado nenhum, e o mesmo se aplicava a vários outros fatores sobre os quais ele não tinha qualquer controlo, mas não era isso que o impedia de tentar.

Antes de ter tido a ideia de desenhar uma tabela na parede, Rögnvaldur tinha tentado ir por outras vias para conseguir identificar a origem da infeção. Uma delas foi bater à porta de todos os apartamentos do prédio a perguntar se algum dos habitantes tinha estado doente no período em que Íris poderia ter sido infetada; tivera o cuidado de não os interrogar diretamente sobre o sarampo, mas a maioria dos vizinhos havia percebido onde ele queria chegar e, embora estivessem convencidos de que ele tinha perdido o juízo, tinham tido compaixão dele, porque todos sabiam da morte da filha. Acontece que nenhum dos vizinhos tivera qualquer doença grave. Um deles recordava-se de ter tido uma intoxicação alimentar, outro de ter torcido um pulso, mas nada disso era relevante. Rögnvaldur ainda não havia conseguido contactar uma das residentes, uma velhota cujos vizinhos de patamar não sabiam o que lhe tinha acontecido, embora achassem que o mais provável era ter arranjado vaga num lar. Dado que ninguém a tinha visto durante esse período crítico, Rögnvaldur não perdeu tempo a encontrar-lhe o rasto.

Pensando na possibilidade de ter sido ele a levar a infeção para casa, fora à empresa e batera à porta da gestora de recursos humanos para lhe pedir esclarecimentos sobre os funcionários que tivessem estado de baixa durante aquele período de duas semanas. A colega tinha-se recusado a dar-lhe essa informação, referindo-se à lei de proteção de dados, o que resultara numa cena desagradável, que teria certamente uma influência negativa na análise do seu processo com vista a futuros aumentos. Mas pouco lhe importava. Assim sendo,

recorrera à tarefa de fazer esta pergunta a cada um dos colegas, que haviam reagido como os vizinhos: primeiro, espantados, depois, cheios de compaixão; mas nenhum deles tinha estado doente. Dois funcionários mais jovens, uma mulher e um homem, disseram-lhe que, segundo o calendário de ponto desse mês, tinham faltado por terem os filhos doentes; mas só tinham estado ausentes dois dias cada e, segundo disseram, nenhum dos filhos tivera sarampo. Ambos tinham salientado que os filhos estavam vacinados, mostrando com isso que, tal como os vizinhos e os restantes colegas, tinham adivinhado a motivação que estava por trás daquelas perguntas.

Rögnvaldur tinha desperdiçado o seu tempo noutros esforços, que também se revelaram inúteis. Assim, por exemplo, tinha tentado — em vão — que o Ministério da Saúde lhe revelasse se tinha avançado alguma coisa na identificação da via de transmissão. Acabara por desistir destas diligências ao verificar que todas as pessoas com quem pedia para falar estavam sempre em reunião quando ele ligava — mesmo que ligasse durante dois dias seguidos, com quinze minutos de intervalo entre as chamadas, pedindo para falar com todos os funcionários cujos nomes constavam do site do ministério: todos eles estavam sempre em reunião, até que a central telefónica encerrava e aparecia o gravador. Semelhante maratona de reuniões só poderia ser explicada por uma crise com a magnitude de um apocalipse de zombies.

Também tinha passado imenso tempo em fóruns de conversa online de grupos antivacinas, onde eram publicadas «opiniões especializadas» sobre o assunto. O que tinha lido nestes fóruns enchera-o de uma fúria cega, mas obrigara-se a perseverar. Ironicamente, parecia que o destino tinha perdido uma oportunidade de ouro para dar uma lição a estes idiotas, porque os filhos deles não tinham sido infetados nem tinham adoecido. Encontrara uma publicação que punha em questão riscos do sarampo, datada da semana em que Íris fora provavelmente infetada; a princípio, achara-a suspeita, mas os comentários tinham-no convencido de que a pergunta não estava relacionada com uma infeção propriamente dita, porque toda a gente tinha minimizado os riscos da doença. *Hmm, o sarampo é uma coisa muito normal: febre, corrimento nasal e tosse. A bem dizer, é*

uma simples gripe com uma erupção cutânea, mais nada. A pessoa cuja publicação dera início à discussão tinha duvidado desta apreciação, fazendo notar que tinha lido advertências online sobre complicações bastante graves, incluindo o risco de cegueira nas crianças — e perguntava se não era assim. O grupo respondera dizendo que podia ser verdade, mas não necessariamente; que a possibilidade de isso acontecer era de uma num milhão. Outro membro havia aumentado ainda mais os números, afirmando que era mais da ordem dos ziliões e a discussão tinha prosseguido no mesmo tom — mas nem por isso ele deixara de a seguir. Chegado ao final, Rögnvaldur estava persuadido de que nenhuma daquelas pessoas tinha qualquer experiência pessoal da doença.

Após mais algum trabalho de investigação na Internet, descobriu um artigo sobre um estudo feito na Universidade da Islândia sobre a imunização em crianças do primeiro ciclo. As estudantes responsáveis pelo estudo pretendiam investigar as circunstâncias das crianças que não tinham sido imunizadas, centrando-se em especial no seu estado geral de saúde, na sua história clínica e nas razões pelas quais a vacinação ou vacinações em questão não tinham sido feitas. Os nomes destas crianças constavam do registo central de vacinação, uma base de dados a que Rögnvaldur não tinha acesso e que o Ministério da Saúde se recusava a dar-lhe a conhecer. A insistência dele era uma das razões pelas quais tinham deixado de lhe atender o telefone.

A situação era intolerável. Ainda assim, o registo não era exaustivo, porque a autorização para a sua criação só havia sido obtida em 2002. Antes dessa data, a informação sobre vacinas estava dispersa, na posse de consultórios médicos, centros de saúde e hospitais de todo o país, sendo por isso impossível tentar aceder a todos esses dados.

Mas isso não queria dizer que ele não estivesse interessado nos dados que haviam sido centralizados. Por isso, tinha entrado em contacto com as duas estudantes que estavam a trabalhar na investigação da universidade. A princípio, elas tinham-se mostrado muito simpáticas e correspondido ao interesse dele, em especial quando Rögnvaldur lhes explicou a razão que estava por trás. Tinha até chegado a ter uma reunião com uma delas, durante a qual a dita

mulher o brindara com diversas histórias sobre os problemas que ela e a colega tinham tido com a Autoridade de Proteção de Dados, que lhes tinha atrasado o estudo durante vários meses, enquanto decidia se aquele constituiria uma violação à lei; no final, tinham-no autorizado, mas sob determinadas condições: as descobertas tinham de ser anonimizadas, elas tinham de obter autorização dos pais através de uma carta formal, e todos os dados passíveis de identificação de pessoas teriam de ser destruídos assim que o estudo ficasse concluído.

Depois de ter aguentado aquela conversa toda, Rögnvaldur achou que tinha conquistado o direito a algumas respostas e colaboração. A sua esperança era que as autoras da dissertação estivessem na posse de informação sobre infeções recentes e estivessem dispostas a fornecer-lhe os nomes das crianças que não tinham sido vacinadas. Estava, porém, enganado. Na verdade, a mulher não tinha compreendido o objetivo daquela reunião: pensava que ele queria partilhar com ela a sua experiência de pai, para que as duas colegas pudessem usar o historial médico da filha dele no estudo. Por muito que custe a acreditar a qualquer pessoa normal, a mulher estava totalmente convencida de que Rögnvaldur fora encontrar-se com ela num cafezinho hippie com a finalidade de partilhar a história da filha com a comunidade académica; que ele tinha passado aquele tempo todo sentado numa cadeira de pau desconfortável, a bebericar um café aguado misturado com leite de amêndoa de uma chávena florida, que pertencera a um serviço de café de uma avó qualquer há muito enterrada, para ter uma conversa íntima com ela sobre a ferida que tinha no coração. Pois bem, não, Rögnvaldur não estava interessado em nada disso. Aquele estudo em nada contribuiria para prevenir futuras infeções, nem podia manifestamente salvar-lhe a filha — era tarde demais para isso.

Mas ele não tinha conseguido apresentar os seus argumentos com suficiente clareza. O facto de ter tomado um dos comprimidos da mulher antes de sair de casa não tinha ajudado; Rögnvaldur achou que o comprimido lhe daria algum vigor, ajudando-o a endireitar os ombros e dando-lhe brilho aos olhos raiados de sangue. E de facto assim aconteceu: ele ia direito e de olhos muito abertos, mas, infelizmente, estes dardejavam continuamente de um lado para o

outro e ele não tinha conseguido manter as mãos quietas. No ambiente daquele cafezinho simpático, Rögnvaldur deixou a sensação de ser totalmente doido e pouco digno de confiança.

Mas não tinha desistido, nem tinha deixado de tomar aquele medicamento. O passo seguinte consistira em tentar conversar com a outra investigadora que estava a trabalhar neste estudo, mas não tivera melhores resultados. Na verdade, as coisas tinham corrido ainda pior. Infinitamente pior. Não podiam ter corrido pior. E ele nem queria pensar no que tinha acontecido. Disse a si próprio que, por vezes, para se alcançar um objetivo, era preciso passar por vários fracassos; pelo menos agora estava bastante mais perto da meta. E a polícia ainda não tinha ido bater-lhe à porta. Talvez nunca fosse. Talvez ele tivesse conseguido safar-se. Nesse caso, pensaria em correr o risco de pedir ajuda para descobrir a palavra-passe. Os cenários pareciam-lhe um pouco menos negros.

O marcador emitiu um som de ventosa quando ele lhe tirou a tampa. Rögnvaldur avançou para a enorme tabela da parede e continuou a introduzir a informação que já tinha conseguido recolher.

HÁ POUCAS COISAS MAIS PERTURBADORAS do que os vestígios deixados pelo departamento forense depois de ter estado a trabalhar em determinado local. É certo que não se viam contornos de corpos a giz no apartamento de Bríet, mas havia, na cozinha e na entrada, diversos locais demarcados onde tinham sido detetadas manchas de sangue, com pequenos marcadores numerados. Também se viam marcadores do mesmo género ao lado de uma cadeira tombada no meio da cozinha, de um moinho de sal partido e de um manual de medicina em inglês aberto no chão, com as páginas amarrotadas em consequência de ter sido atirado. Não havia qualquer dúvida de que aquele local tinha sido palco de uma luta.

Huldar estava cheio de comichão nas mãos, metidas em luvas de plástico azuis. E começava a sentir fortemente o desconforto do fato-macaco branco quase estanque que tinha vestido. Para aumentar ainda mais esse desconforto, o ambiente no interior do apartamento estava carregado do pó fininho que era usado para detetar impressões digitais. Mas o pior de tudo era a sensação opressiva de se encontrar no interior da casa de uma pessoa que nunca mais ali voltaria. Huldar estava ansioso por se pôr a andar dali.

— Quem é que achas que foi? — perguntou a Erla, que o tinha arrastado até ao apartamento de Bríet depois de a equipa forense ter regressado à esquadra.

A equipa ainda não tinha dado por concluído o seu trabalho, que prosseguiria no dia seguinte, mas a chefe queria aproveitar a oportunidade para examinar a cena do crime sem ter lá mais ninguém. O apartamento era pequeno, e os técnicos forenses tinham tendência para ficar enervados quando andavam aos encontrões aos detetives.

Erla olhou em volta da compacta cozinha.

— Para ser sincera, não faço ideia nenhuma. A mãe disse-me que

ela tencionava passar o fim de semana a estudar. Mas o vestido que encontrámos num dos sacos com bocados do corpo era de sair. E ela estava de collants. Quem é a mulher que se aperalta com um vestido e collants para passar o fim de semana a estudar em casa?

— Mas não te esqueças de que ela trazia sapatos de casa.

Na verdade, o vestido de sair e os collants não combinavam nada com o calçado: num dos sacos de plástico, tinham encontrado um par de sandálias ortopédicas confortáveis, do tipo que Huldar associava a pessoas que trabalhavam na área da saúde, e não a uma saída à noite.

— O que queres que eu te diga? Se calhar, ela vestiu o vestido porque era novo e estava a ver como lhe ficava. Não aparece com ele em nenhuma das fotografias do Facebook. Mas aparece numa delas com as sandálias. Se calhar, era uma pessoa que se arranjava sempre muito. Há pessoas assim. Quem sabe?

Erla encolheu ligeiramente os ombros. Os fatos-macaco forenses não tinham formatos de grávida e ela tinha sido obrigada a vestir um de tamanho grande para conseguir meter a barriga lá dentro. O fato ficava-lhe, por isso, enorme, exceto na zona do estômago, onde estava à justa. As mangas e as pernas eram compridíssimas, e a braguilha dava-lhe pelos joelhos.

Huldar pensou no guarda-fatos do quarto de Bríet, que não estava propriamente a abarrotar de roupa de sair. Pelo contrário, era o guarda-fatos de uma mulher que, em geral, se vestia de forma descontraída e que não saía muito, o que era consistente com o facto de ser mãe numa família monoparental e trabalhadora-estudante. Dadas estas circunstâncias, era pouco provável que saísse todos os fins de semana.

— Não, tenho quase a certeza de que ela tencionava sair. Talvez com o homem que a matou. — Huldar esticou o elástico que lhe prendia o capuz do fato-macaco em volta da cabeça, deixando entrar um pouco de ar, o que o aliviou enormemente. — Mas não era com certeza para jantar, senão não tinha pedido a piza. O calçado sugere que a saída não era iminente. Se calhar, ainda lhe faltava maquilhar-se ou arranjar o cabelo. Saberemos isso se a cabeça chegar a aparecer.

— *Quando* a cabeça aparecer — corrigiu Erla.

— Sim, claro. Quando ela aparecer.

Erla prosseguiu:

— Não é o facto de Bríet ter ou não coberto a cara de maquilhagem que nos vai dizer grande coisa. Nem todas as mulheres põem a pintura de guerra e empinocam o cabelo quando vão sair à noite. Mas concordo contigo que ela tencionava sair, e não era para ir à biblioteca.

Erla remeteu-se ao silêncio e continuou a explorar o espaço. Parecia não saber bem o que fazer, abrindo e fechando gavetas a esmo, lendo sobrescritos e espreitando para dentro de armários, mas sem se deter muito tempo em nada.

Resmoneando qualquer coisa inaudível, a chefe virou as costas a uma gaveta de talheres que tinha acabado de abrir e olhou para Huldar.

— Não encontrámos nenhum computador. Nem portátil nem de mesa. Terá sido levado pelo assassino?

— Não me parece que ela tivesse um computador de mesa. Não há aqui nenhuma secretária com um espaço vazio que fosse o espaço do computador. Mas tinha de ter um portátil. Já não é possível tirar curso nenhum sem um portátil.

— Pois não, claro que não. — Erla continuou a remexer nas coisas com os seus dedos de luvas azuis. — Não há sinal de que tenham levado mais nada. A verdade é que também não há aqui muito que roubar.

Huldar olhou em volta da cozinha. De facto, não havia ali nada de especial valor, nomeadamente para ser roubado. E o mesmo se applicava à sala de estar, com a televisão barata e o mobiliário que ninguém perderia tempo a levar dali ou a tentar vender. Também não parecia faltar nada em nenhum dos quartos, o que não eliminava a possibilidade de faltar dinheiro ou objetos valiosos, como joias ou pratas, evidentemente; mas o facto de terem descoberto no guarda-fatos uma caixinha com uns quantos colares, dois anéis e uma pulseira dava a entender o contrário.

— Não me parece nada que tenha sido um assalto. — Huldar pegou num frasco de plástico transparente cheio de café moído e voltou a pousá-lo no mesmo sítio. Tal como Erla, também ele estava na fase de remexer. — Para já, são poucos os ladrões que entram

numa casa tão cedo. Por outro lado, não estou a ver que um assalto se transformasse num homicídio. Mesmo que Bríet tivesse apanhado o assaltante de surpresa, o mais provável era ele pôr-se a andar rapidamente.

— Tudo é possível. — Erla debruçou-se com dificuldade para espreitar por baixo da mesa da cozinha. — Não vejo nenhum carregador de portátil.

— Se calhar, levaram-no juntamente com o computador. O portátil podia estar dentro de uma pasta, com a ficha.

Erla tirou a cabeça de baixo da mesa e endireitou-se com esforço.

— Não. O pessoal forense encontrou na entrada a mochila que, aparentemente, Bríet usava para a universidade e levou-a para análise. A mochila tinha um compartimento para um portátil, mas nem o computador nem o carregador lá estavam.

Huldar avançou para o frigorífico, preso ao qual havia uma caderneta com resultados escolares, com o nome de Hanna Lúdvíksdóttir escrito na capa; de acordo com esta caderneta, a filha de Bríet era uma aluna exemplar. Também ali havia uma fotografia de uma turma, com a designação 5B. Huldar procurou a cara de Hanna, com base na fotografia emoldurada da miúda que tinha visto na mesa de cabeceira de Bríet, e não tardou a encontrá-la: era a mais alta da turma, ficando uma cabeça acima das outras crianças. Era estranho pensar que a miúda andava algures com o pai, ignorando despreocupadamente que a mãe tinha morrido. Huldar desviou os olhos da fotografia.

— Quando é que a família vai ser informada?

Erla esfregou as mãos, numa tentativa de aliviar a comichão que as luvas lhe faziam. Não resultava. Huldar já tinha tentado o mesmo. Pelo contrário, até piorava as coisas. Mas Erla insistia.

— Primeiro, temos de ter a certeza de que é ela. Mas não podemos esperar muito mais tempo. Um dos moradores do prédio cruzou-se com a equipa forense e, agora que começámos a bater a todas as portas, é certo que o nome da vítima se vai tornar conhecido. Mais logo, vou falar com o sujeito da Comissão de Identificação para combinarmos uma hora.

Huldar voltou a olhar para a fotografia.

— Há alguma hipótese de não ser a tal Bríet?

Ainda mantinha essa esperança, por causa da miúda. Mas o alívio seria de curta duração. O facto é que se tratava do corpo de uma mulher jovem; mesmo que não fosse Bríet, havia grandes probabilidades de qualquer mulher dessa idade ter um ou mais filhos.

— Não. É ela, sem dúvida nenhuma.

Huldar acenou a cabeça com uma expressão desolada. Esperava que a pequena filha de Bríet estivesse a passar um dia agradável, porque só daí a muito tempo voltaria a ser feliz.

— Uma coisa, Erla. Sobre o computador portátil. Será possível que o tenham levado por conter informações de relevo?

— Como por exemplo...?

Erla tinha finalmente desistido de coçar as mãos.

— Não sei. Dados importantes. Comunicações com o assassino, por exemplo; mensagens que tivessem trocado antes do homicídio. Seria algum sujeito com quem ela se envolveu e a quem depois deu com os pés?

— Sim, claro. Pode ser. Embora, hoje em dia, eu não esteja muito a ver um casal a fazer declarações de amor por email. Mas talvez haja elementos incriminatórios nas mensagens. É uma grande chatice não termos o portátil. Nem o telemóvel. Não conseguiram encontrá-lo no carro, nem na mala dela, e isso vai, obviamente, atrasar a investigação. A equipa forense chegou à conclusão de que a última vez que ela teve o telemóvel ligado à rede foi aqui no apartamento, na sexta-feira, por volta da altura em que julgamos que terá morrido. É de presumir que o assassino lhe tenha desligado o telemóvel, e a seguir se tenha livrado dele. O que é uma seca. Se tivéssemos acesso aos aparelhos, poderíamos aceder ao histórico do motor de busca, aos movimentos que fez na altura, etc. Agora, vamos ter a chatice de ser obrigados a recorrer às grandes empresas internacionais para conseguir a maior parte da informação de que precisamos.

Não valia a pena uma pessoa enervar-se com isto, pensou Huldar. A vida tinha tendência para lhes colocar obstáculos no caminho das investigações; ocasionalmente, porém, estava do lado deles. Ele preferia mil vezes contar com a ajuda da tecnologia moderna do que passar sem ela.

Chegaram ao fim as coisas que Erla tinha à sua disposição para analisar na cozinha.

— Vou dar outra vista de olhos à entrada.

Huldar foi com ela, embora já tivessem observado atentamente o vestíbulo estreito; mas depois lamentou não ter ficado na cozinha. No seu esforço para evitar pisar os elementos deixados pela equipa forense, estava constantemente a colidir com a barriga de Erla. Não eram colisões violentas, mas Huldar tinha receio de fazer mal ao bebé. Além disso, aterrorizava-o pensar que poderia, sem querer, desencadear o trabalho de parto. Sentiu um aperto no estômago perante a horrível ideia de ter de trazer uma criança ao mundo metido dentro daquele fato-macaco e no meio dos casacos e dos sapatos de Bríet e da filha. Por isso, encostou-se a um canto, permitindo que Erla desse todas as voltas que queria naquele espaço acanhado.

Huldar viu a chefe fazer pressão sobre o manípulo da porta da rua, abrindo-a e observando a fechadura; voltou a fechá-la e analisou o interior da porta à altura da cabeça, onde tinha sido assinalada uma mancha de sangue; havia outra no chão, por baixo daquele local.

— Não, o assassino não assaltou a casa — comentou Erla. — A porta e a fechadura estão intactas. Ela abriu a porta, e ele bateu-lhe na cabeça e entrou à força. É um golpe que também pode explicar os ferimentos que ela tinha nas costas da mão esquerda e na perna desse lado. Ou então, ela começou a tentar fechar a porta quando viu quem era e ele empurrou-a com força sem lhe dar tempo para a fechar. Foi uma coisa ou outra.

Huldar acenou a cabeça.

— Ele não teve de tocar lá em baixo para poder entrar, por isso é bastante possível.

A busca ao apartamento tinha sido feita durante as horas úteis do dia, numa altura em que poucas pessoas estavam em casa. Mas, num prédio com aquelas dimensões, havia sempre alguém a entrar ou a sair. Gudlaugur tinha acompanhado a equipa forense ao local e deparara com um residente, que ficara muito surpreendido com o aparato. Gudlaugur conseguira evitar as perguntas do homem, que queria saber o que estava a polícia a fazer no edifício, mas ficou a saber por que motivo a porta do prédio estava — e continuava —

aberta: aparentemente, planeava-se a remodelação da escada. O trabalho deveria ter começado na sexta-feira, e a porta de entrada no prédio tinha ficado aberta para que os trabalhadores pudessem levar os materiais e as ferramentas, mas eles ainda não tinham aparecido.

Huldar apertou um dos cabides dos casacos com os dedos enlavados a azul.

— Não consigo deixar de pensar que as coisas teriam corrido de outra maneira, caso os operários se tivessem dado ao trabalho de dizer a alguém que não vinham. Nesse caso, a porta do prédio estaria fechada.

Erla abanou a cabeça.

— A avaliar pela maneira como tratou o corpo da vítima, o assassino não teria permitido que uma simples porta o impedisse de alcançar o seu objetivo. O mais provável era ter forçado a entrada pela porta das traseiras.

— Sim, deves ter razão. — Huldar largou então o cabide. — Quanto mais penso no assunto e mais vejo, mais me convenço de que era um homem.

Erla encolheu os ombros com uma expressão fatigada.

— Vamos embora? Já vi que chegue.

Começaram rapidamente a despir os fatos-macaco de plástico no patamar, do lado de fora da porta — mas não foram suficientemente rápidos. Uma mulher de certa idade, envergando um blusão de penas, saía do prédio e apanhou-os a tentarem libertar-se das pernas dos fatos. Largando a porta do edifício, aproximou-se deles com uma expressão intrigada. Huldar e Erla apressaram-se a voltar-lhe as costas, mas de nada lhes serviu.

Huldar sentiu um dedo a bater-lhe no ombro.

— Desculpem, são os operários da remodelação?

Pelo canto do olho, Huldar viu Erla fazer uma careta. A mulher repetiu a pergunta e a seguir quis saber se eles falavam islandês.

Voltaram-se ambos, e a mulher esbugalhou os olhos quando viu a barriga de Erla.

— A senhora pode mexer em tintas estando grávida?

— Não somos os operários da remodelação — replicou Erla, mal-humorada.

A moradora semicerrou os olhos.

— Ai não? Então o que estão aqui a fazer? — E voltou-se para Huldar, que havia levado mais tempo a ocultar o emblema que tinha no blusão. — São da polícia? O que é que aconteceu? Está alguém ferido? Foi a vizinha desse apartamento? — E apontava para a porta de Bríet.

Huldar despachou-a com um gesto da mão.

— Infelizmente, não podemos discutir a nossa missão consigo. Vamos ter de lhe pedir que se afaste.

A moradora abriu a boca para protestar. A seguir, porém, voltou a olhar para a porta e anotou o número do apartamento antes de fazer uma derradeira pergunta.

— Isto tem alguma coisa que ver com o homicídio de que falaram nas notícias?

— Infelizmente, não podemos discutir o assunto consigo. Por favor, afaste-se. — Huldar repetiu a única coisa que podia e queria dizer a esta mulher.

— Então é porque é mesmo o homicídio. Se não fosse, tinham-me dito que não.

A mulher virou costas, voltou a encaminhar-se para a porta do prédio e saiu apressadamente.

Erla passou a mão pela testa.

— Merda, merda, merda. Agora, há pelo menos dois moradores do prédio que estão a par desta operação. Amanhã, serão cinquenta, e no dia seguinte, mil. — Calou-se um momento e baixou a mão. — Temos de falar com a família mais próxima antes que o boato lhes chegue aos ouvidos. — Despiu furiosamente o resto da perna do fato. — E bem depressa.

Terça-feira à noite

FREYJA ESTAVA CHEIA DE DORES NOS PÉS, por ter passado aquele dia excepcionalmente longo com eles enfiados nuns sapatos de salto. Não eram saltos de agulha, mas os poucos centímetros que acrescentavam à sua altura tinham, ainda assim, feito os seus estragos. Também tinha a saia amarrotada, e a blusa elegante que levava para o escritório começava a parecer-se mais com uma blusa de festa — depois da festa. Estava a tornar-se cada vez mais óbvio que no dia seguinte iria trabalhar de camisola polar. Meteu a blusa por dentro do cós e passou a mão ao longo da saia, tentando alisá-la, após o que se endireitou, concentrando-se na porta que tinha diante de si e expirando audivelmente.

— Estás pronta?

Gudlaugur estava ao lado dela, também de olhos fixos na porta. Nenhum deles estava com vontade de bater.

Erla e o representante da Comissão de Identificação tinham tomado, em conjunto, a decisão de que era necessário informar imediatamente os pais de Bríet. Estava fora de questão esperarem pelos resultados do ADN, porque estes só chegariam no final da semana, se chegassem. A comparação das impressões digitais retiradas do corpo com as existentes no apartamento teria de bastar, embora a equipa forense tivesse protestado, argumentando que havia demasiadas impressões digitais, que ainda não tinham sido processadas e catalogadas devidamente. Solicitaram, pois, que o prazo fosse alargado até ao final do dia seguinte, mas este pedido não foi aceite.

Antes de Freyja e Gudlaugur saírem da esquadra, tinham-lhes recordado uma vez mais que não estavam autorizados a comunicar

aos pais de Bríet que esta tinha morrido, mas apenas que havia uma série de indícios de que o corpo que fora encontrado era o dela. A identificação formal e a certidão de óbito só seriam emitidas quando a análise de ADN estivesse concluída. Entretanto, porém, a equipa de investigação precisava de falar com a família e os amigos da vítima sem ter de lhes esconder o que tinha acontecido. O primeiro passo a dar nesta direção era informar os familiares mais próximos de Bríet da descoberta do corpo.

Por outro lado, os media não largavam a polícia. Já sabiam que tinha sido descoberto um corpo, que se tratava de uma mulher e que a morte era um assunto do foro criminal; ainda não sabiam que o corpo fora desmembrado, nem que faltava a cabeça. Assim que essa informação fosse conhecida, seria um pandemónio. E o relógio não parava. Era vital que a polícia falasse com os pais de Bríet antes que essa bomba específica explodisse.

A missão tinha calhado a Gudlaugur, e Freyja fora encarregada de o acompanhar, para o caso de ser necessário dar apoio psicológico. Como se fosse possível os pais receberem uma notícia destas com toda a calma. Antes de os dois colegas saírem da esquadra, Erla tinha-lhes recomendado que, se entrissem oportunidade para tal, perguntassem aos pais de Bríet se a filha estava à espera de alguma visita na noite em que tinha desaparecido do radar; e se fazia tenções de sair da cidade. As informações que pudessem recolher sobre o ex-marido, Lúdvík Jónsson, também seriam de grande utilidade. Freyja considerava um pouco prematuro interrogar os pais, mas também compreendia que a polícia tinha urgência em encontrar o assassino e, para isso, precisava de informações.

Até agora, não havia qualquer suspeito, mas, nos casos de homicídio, os cônjuges e ex-cônjuges eram os candidatos mais prováveis. Erla disse-lhes que o Departamento de Investigação Criminal tinha feito um rápido levantamento das condições do divórcio de Bríet e que, de acordo com o magistrado local, o processo não tinha sido mais nem menos azedo que o habitual, e a questão da guarda da filha tinha ficado resolvida. Mas era possível que os pais de Bríet tivessem uma visão diferente da separação do casal.

Erla referiu uma lista de coisas que Gudlaugur estava encarregado

de fazer durante a visita, incluindo retirar amostras de ADN do pai e da mãe, perguntar-lhes se sabiam do computador de Bríet, se ela tinha alguma relação com o bairro residencial onde o carro fora encontrado e se tinha namorados; além disso, deveria mostrar-lhes fotografias do vestido e das sandálias que tinham sido encontrados com as partes do corpo. Não seria fácil proceder a todas estas diligências numa primeira visita; Gudlaugur teria, muito provavelmente, de escolher com cuidado e optar pelas mais viáveis.

Freyja olhou de relance para o colega e acenou a cabeça.

— Vamos lá acabar com isto.

Gudlaugur bateu à porta, e ambos juntaram as mãos atrás das costas sem dar bem conta do que estavam a fazer, mas como que formando uma guarda de honra. Nenhum dos dois moveu um músculo que fosse enquanto aguardavam que a porta se abrisse, o que levou mais tempo que o normal.

O casal tinha sido avisado com antecedência, por isso estava à espera da polícia e sabia que a visita dizia respeito à filha. Embora não lhes tivessem dado mais pormenores, era evidente que a situação era grave. Não era difícil a pessoa pôr-se na pele deles e compreender a sua relutância em abrir a porta: queriam saber notícias, mas não queriam receber más notícias. Enquanto não abrissem a porta, poderiam agarrar-se à esperança de que tudo aquilo era um enorme mal-entendido, de que a filha, tal como o gato de Schrödinger, podia estar simultaneamente morta e viva, desde que a porta — ou a caixa — não fosse aberta.

Finalmente, o casal apareceu. Tinham ambos por volta de sessenta anos; ele era motorista de uma empresa distribuidora, ela era educadora de infância. Estavam nitidamente fora de si com a ansiedade, mas tentavam mostrar-se compostos. O homem evitou olhá-los de frente; a mulher perguntou-lhes se queriam um chá, sem nunca deixar de contorcer as mãos. Seguiu-se uma estranha declaração sobre a conveniência de beber café ao fim da tarde; quando conseguiram responder, Gudlaugur e Freyja declinaram educadamente a oferta.

Foram para a sala de estar e acomodaram-se precariamente na beira do conjunto de sofás, como que decididos a tratar do assunto o

mais depressa possível e porem-se rapidamente a andar. Gudlaugur foi o primeiro a falar e comunicou ao casal que o corpo que tinha sido referido nos noticiários estava relacionado com a filha deles. O corpo tinha sido encontrado no porta-bagagens do carro da rapariga e tudo indicava que era mesmo ela. Concluiu dizendo que lamentava imenso ter de lhes dar aquela notícia. Depois calou-se, aguardando que eles absorvessem a informação.

— Espere aí, o que está você a dizer? — perguntou o pai de Bríet, subitamente irritado, inclinando-se para a frente e olhando para eles com desagrado, o sangue a subir-lhe às faces. — Há quanto tempo é que sabem isto? Já sabiam que ela tinha morrido quando nos telefonaram ontem a fingir que estavam a pedir informações sobre o carro? Não vos passou pela cabeça dizerem-nos o que se passava?

Gudlaugur respondeu com calma.

— O corpo foi descoberto ontem. Ao fim da tarde. Mas até agora não tínhamos a certeza de quem era. Assim que a informação ficou disponível, viemos comunicá-la.

A ira do pai recuou, substituída por uma onda de dor incapacitante. A mãe continuava sentada, olhando fixamente a parede que tinha em frente, com as lágrimas a correrem-lhe pela cara abaixo.

Gudlaugur pigarreou e prosseguiu. Esta era a parte que ambos mais temiam.

— Lamento muito ter de vos dizer que o corpo, que os indícios sugerem ser de Bríet, foi muito maltratado depois de morto.

Tanto o pai como a mãe de Bríet se voltaram para ele. A mulher levou a mão ao coração e apertou a camisola, ficando com os nós dos dedos brancos do esforço. Olhava para Gudlaugur de boca aberta.

— Maltratado como?

— Preferíamos poupar-vos aos pormenores, mas eles acabarão por se tornar públicos, mais cedo ou mais tarde. — Gudlaugur inspirou fundo, antes de prosseguir. — O corpo foi desmembrado. Repito que isto aconteceu após a morte.

— Como é que ela morreu?

A voz do pai era desprovida de qualquer emoção, mas Freyja sabia que esse facto não tinha qualquer significado: ele estava tão arrasado como a mulher. Havia pessoas que choravam, outras que ficavam

paralisadas quando a dor lhes batia à porta.

— A mulher em questão foi, muito provavelmente, estrangulada.

— Muito provavelmente? — A voz da mãe estava por um fio e ela continuava a apertar a camisola, como se fosse uma boia salva-vidas. — O que quer dizer esse *muito provavelmente*? Ela está de tal maneira que nem conseguem perceber como é que ela morreu?

Gudlaugur estava claramente com vontade de se pôr a andar dali para fora, e Freyja suplicou-lhe, em silêncio, que não o fizesse, porque não tinha vontade nenhuma de ficar ali sozinha e ter de ser ela a dar a informação sobre a cabeça. Mas as coisas não chegaram a esse ponto; passado um momento, Gudlaugur recomeçou a falar, com a mesma calma que demonstrara antes.

— Eu não diria isso. Todos os indícios sugerem que esta mulher foi estrangulada. Só que as coisas não são tão óbvias como na maioria dos casos. É que, infelizmente, falta a cabeça. A cabeça desta mulher não estava no carro.

O casal imobilizou-se, ficando como que suspenso no tempo. O pai pestanejava de forma incontrollável, como se tivesse um tique nos dois olhos. A mãe abria e fechava a boca, incapaz de proferir qualquer palavra.

Freyja considerou que era chegado o momento de intervir e perguntou-lhes se queriam ter acompanhamento psicológico para os ajudar a lidar com aquela notícia horrível; embora eles tivessem recusado, deu-lhes alguns conselhos adequados às circunstâncias. O casal também recusou a proposta de ajuda para dar a notícia à filha de Bríet, embora não o tivessem feito com a mesma veemência; pelo menos, aceitaram o cartão dela. Para concluir, Freyja reforçou que, caso mudassem de opinião, podiam contar com ela a qualquer momento — nem tinha de ser nas horas de expediente. Ao dizer isto, estava a pensar que, se fosse para ajudar este casal, não se importava que lhe interrompessem um programa de televisão ou a acordassem a meio da noite.

Assim que ela terminou, a mãe de Bríet disse:

— Quero vê-la. Onde está a Bríet?

Gudlaugur lançou um olhar de pânico à colega, mas ela não podia fazer nada, porque não tinha ideia nenhuma da maneira como se

organizavam estas coisas, nem se os familiares tinham o direito de ver o corpo dos seus entes queridos em tais circunstâncias. A avaliar pela resposta de Gudlaugur, ele também estava às escuras.

— O corpo está no Hospital Nacional. Mas aconselho-os a não insistirem nisso. Se se tratar efetivamente de Bríet e quiserem vê-la, será preferível fazerem-no depois de ela ter sido transferida para a casa funerária. Por essa altura, já terão tido algum tempo para recuperar do choque inicial.

— Quero vê-la — repetiu teimosamente a mãe.

Freyja achou pouco provável conseguirem dirimir o assunto ali, por isso resolveu ajudar Gudlaugur com uma proposta, na esperança de conseguirem avançar para as outras perguntas que tinham de fazer.

— Quando voltarmos à esquadra, falaremos sobre isso com o detetive encarregado do caso. Nenhum de nós tem autoridade para conceder essa autorização. Entretanto, pensem por favor com cuidado se querem realmente vê-la. Talvez seja melhor centrarem-se na vida da Bríet e não na sua morte e nas circunstâncias em que ela ocorreu. Sei que não é fácil, mas é possível. E por favor tenham em consideração que ainda não determinámos de forma conclusiva que se trata da Bríet.

A mãe não se mostrou minimamente aplacada com esta resposta, limitando-se a repetir a sua vontade, secundada pelo pai.

— Queremos vê-la, e ninguém nos demoverá deste propósito.

*

— Ver a porra do corpo? Mas o que é que vos passou por esses cérebros em miniatura? Porque é que não disseram imediatamente que não? — Erla ficara tão irritada que saltara da cadeira e estava debruçada sobre a secretária, suportando a barriga com as mãos. — Não vos ocorreu com certeza que havia a mais pequena hipótese de tal acontecer! Mas vocês querem dar cabo deles, porra? E não querem também convidar a filha de Bríet para se juntar aos avós neste passeio turístico?

Freyja e Gudlaugur reagiram de forma muito diferente a esta explosão. Ele estava mais bem preparado, dado que não era,

visivelmente, a primeira vez que recebia um raspanete deste género. Por isso, quando Erla perdeu o fôlego, Freyja foi a primeira a replicar; estava cheia de dores nos pés, sentia-se física e mentalmente esgotada depois da visita e, conseqüentemente, estava sem a mínima paciência para ser tratada como uma miúda apanhada a fumar atrás do telheiro das bicicletas da escola.

— Se tivéssemos dado essa resposta, a conversa acabava logo ali. Eles tinham-nos posto na rua por uma orelha. Mas não te preocupes, vais ter oportunidade de lhes dizer tudo isso pessoalmente, porque nós ficámos de voltar a contactá-los. Além disso, não temos a certeza de que, do ponto de vista psicológico, seja prejudicial para eles ver o corpo. Eles já têm imagens horrorosas na cabeça, imagens que poderão ser bem piores que aquilo que efetivamente verão na morgue. O principal é prepará-los adequadamente, e eu posso fazer isso, se for preciso.

Erla mordeu o interior da bochecha e a seguir deixou-se cair na cadeira, subitamente sem forças. Depois, pegou num dos frascos etiquetados com amostras que Gudlaugur lhe tinha entregado ao chegar e aproximou-o da luz. Não se percebia o que esperava ela ver, tendo em conta que o frasco continha cotonetes com amostras de saliva dos pais de Bríet, sem qualquer interesse a olho nu. Estava indubitavelmente a ganhar tempo, tentando pensar na resposta mais adequada; inclinou o frasco para um lado e para o outro, e por fim voltou a pousá-lo sobre o tampo da secretária.

— Muito bem, e que mais disseram eles?

Antes de Gudlaugur ou Freyja terem oportunidade de responder, ouviu-se a voz de Huldar atrás de ambos.

— Está tudo bem por aqui?

Devia ter ouvido os berros de Erla e viera em socorro deles, qual cavalaria. Era uma atitude que violava os termos do acordo que ele tinha feito com Freyja, mas às vezes era preciso abrir uma exceção. Não era o caso, uma vez que a tempestade tinha acalmado sem produzir quaisquer danos.

Erla ergueu as sobrancelhas e fez-lhe sinal para se aproximar.

— Entra, entra à vontade! Há por aí mais alguém que queira juntar-se a nós?

Ignorando o sarcasmo, Huldar fechou a porta atrás de si.

— Que informações trouxeram da visita?

— Estava precisamente a fazer essa pergunta quando tu nos interrompeste.

O rosto de Erla ficou distorcido por uma careta de dor e ela levou as mãos às costas. Para espanto de Freyja, nem Huldar nem Gudlaugur lhe perguntaram se estava bem. Mas antes de Freyja ter oportunidade de remediar a omissão, Erla cerrou os dentes e voltou a falar:

— Continua, Gudlaugur. O que é que os pais disseram?

— Confirmaram basicamente o que nós já sabemos acerca de Bríet: que era divorciada e tinha uma filha de dez anos. Disseram também que a separação foi difícil, mas não deixou de ser civilizada; não houve zangas nem violência do lado dele. Digamos que o casamento tinha-se esgotado, e a decisão de o terminar foi dos dois. Tudo isto é consistente com as informações que nos foram dadas pelo magistrado local.

— Namorados?

Ao fazer esta pergunta, a cara de Erla foi novamente atravessada por um espasmo de dor, e Huldar e Gudlaugur voltaram a reagir como se aquilo fosse normal.

Pensando melhor no assunto, Freyja chegou à conclusão de que todos os membros do departamento se comportavam como se estivessem em negação relativamente ao facto de a chefe estar prestes a dar à luz. Pois bem, ela não fazia tenções de entrar nesse jogo.

— Desculpa, mas estás bem?

— Estou — replicou Erla, com uma entoação tão irritada que Freyja percebeu por que razão as pessoas fingiam que não davam pela barriga. Por muito absurdo que isso fosse, a gravidez de Erla era um tema sensível. — Continua, Gudlaugur.

Ele obedeceu.

— Segundo os pais, não havia nenhum homem na vida dela. Bríet andava com tanto que fazer que não tinha tempo para esse género de coisas. Ainda assim, calculo que era possível ela ter uma relação e os pais não terem sido informados. Dizem eles que a filha não tinha inimigos e que era apreciada no emprego. Não acreditam que o homicídio tenha que ver com a vida privada, o trabalho ou os estudos

de Bríet. Ela não tinha problemas de álcool nem de drogas, nem estava envolvida em nenhum conflito. Não há explicação possível para o que aconteceu.

Erla fez um gesto na direção de Gudlaugur.

— Continua. E sobre sexta-feira à noite? Eles souberam dizer-te se a filha estava à espera de alguém? Quando lhes telefonei a pretexto de que precisava de entrar em contacto com Bríet por causa do carro, a mãe disse-me que a última vez que tinha falado com ela fora na sexta-feira. Ela disse-lhes o que planeava fazer essa noite?

— Não. Segundo a mãe, não fez referência a visita nenhuma. Tinha planeado trabalhar na dissertação de mestrado na sexta-feira e estudar durante o fim de semana. A colega com quem estava a trabalhar na dissertação ia ter uns dias de férias no estrangeiro, e elas queriam avançar o mais que pudessem nesse dia. Passavam bastante tempo juntas a estudar, porque são mais ou menos da mesma idade e ambas mais velhas que a maioria dos colegas. A mãe também referiu que Bríet estava escalonada para o turno da noite de domingo no hospital. E foi basicamente isso. Ah, referiram alguns amigos de Bríet, e eu tomei nota dos nomes. Talvez algum deles saiba dizer-nos o que ela pensava fazer na sexta-feira à noite. — Gudlaugur pousou uma página do seu bloco de notas sobre a secretária de Erla. — E deram-me o nome da colega com quem Bríet estava a fazer a dissertação. Chama-se Andrea. Não sabem o nome de família, mas sabem que é professora de ioga, por isso não há de ser muito difícil encontrá-la. Nenhum dos amigos de Bríet vive no bairro residencial onde ela apareceu, pelo menos que eles saibam. Bem, na verdade, eles não sabem onde vive a tal Andrea.

Erla passou os olhos pela lista dos nomes e voltou a pousá-la.

— E irmãos? Bríet tinha algum irmão que pudesse ter-lhe aparecido lá em casa? Às vezes, os conflitos familiares tornam-se violentos.

Gudlaugur respondeu com um simples «não».

— Infelizmente — acrescentou.

E não precisou de se explicar. Perder um filho era uma coisa terrível, mesmo que esse filho fosse já adulto. Mas, quando se tratava de um filho único... Calaram-se todos por momentos, a digerir o

trágico facto.

Erla parecia ainda mais cansada do que quando Freyja e Gudlaugur lhe tinham entrado no gabinete, embora tivesse, pelo menos, parado de fazer caretas de dor.

— Não há mesmo nenhuma ligação com o bairro residencial?

— Que eles saibam, não.

— E os computadores? Quantos é que ela tinha?

— Eles dizem que ela tinha um portátil. Mas não sabem de que marca era nem onde poderá estar, só sabem que era preto. Aparentemente, quando eles iam lá a casa, costumava estar em cima da mesa da cozinha.

— E as roupas? Mostraste-lhes as fotografias?

Gudlaugur baixou os olhos.

— Não, lamento, mas não. Eles não aguentavam mais.

Seguiu-se um longo momento de silêncio.

Erla passou a mão pela cara.

— Ok. Mais alguma coisa?

— Não. A não ser que, dizem os pais, Bríet estava a sair-se incrivelmente bem na faculdade. Queriam que nós soubéssemos isso.

Huldar interveio com uma pergunta.

— O que estava ela a estudar?

— Saúde pública. Ao que parece, estava muito interessada no tema.

Freyja tomou a vez de Gudlaugur.

— O casal vai falar com a filha de Bríet esta noite. Não quiseram ajuda para isso, mas, se tu aches que é necessário falarmos com a miúda, eu devia estar presente. Idealmente, gostaria de ter a possibilidade de falar com ela em privado no final, só para ver como está a lidar com o assunto. Independentemente da investigação.

— Sim. — Erla não disse mais nada. Continuou sentada, a pensar e a massajar a nuca. — O que é que eu lhes vou dizer a respeito do pedido de verem o corpo?

— Passa o assunto para o sujeito da Comissão de Identificação. — A sugestão de Huldar não era má de todo. — Liga-lhe e deixa-o ser ele a tomar a decisão. Vendo bem, tem tudo que ver com a identificação, não tem? Se eles confirmarem que se trata da filha, a comissão pode

pôr um visto no quadradinho que diz «identificação direta». Ficam todos contentes.

Erla animou-se um pouco, mas não agradeceu a sugestão a Huldar.

— Sim. Talvez. — Embora a chefe se mostrasse hesitante, nenhum deles se deixou enganar: era mais que óbvio que tencionava agarrar-se àquela ideia para escapar à dificuldade. — Muito bem, se não têm mais nada a dizer, ficamos por aqui. Ainda tenho de acabar de rever tudo o que chegou hoje e de preparar a reunião geral de amanhã de manhã. Mas vocês podem ir-se embora.

Assim que saíram do gabinete de Erla e fecharam a porta, ouviram a voz da chefe lá dentro. E Freyja não teve dúvida absolutamente nenhuma de que o telefonema tinha sido para o colega da Comissão de Identificação.

Quarta-feira

NA PAREDE DA SALA DE REUNIÕES tinham sido coladas, em lúgubre montagem, diversas fotografias relacionadas com o caso, cujo conteúdo era impiedosamente revelado em pormenor pelo sistema de luz inteligente, que parecia ter concluído que, naquela situação, era necessária uma luz intensa. Era uma conclusão irónica, pensou Huldar, porque, se havia altura em que era preferível uma luz reduzida naquele departamento, era aquela: tal exposição não contribuía absolutamente nada para elevar o moral da equipa.

Entre as imagens, contavam-se uma fotografia de Bríet da sua página do Facebook e várias fotografias tiradas durante a busca ao apartamento, dos sacos que tinham sido encontrados no porta-bagagens e do restante conteúdo do carro. O olhar de Huldar voltava constantemente à imagem da rapariga em vida, uma imagem que nada tinha que ver com o homicídio. É certo que se tornava mais cómodo pensar nela apenas como um nome e um número de identificação, mas era salutar recordar que a vítima fora, em tempos, um ser humano que vivia e respirava.

Não havia nada nesta fotografia que indiciasse o que estava para acontecer. Tratava-se de uma selfie, aparentemente tirada numa caminhada pela montanha, e Bríet tinha feito o possível por se mostrar na sua melhor forma. Vestia um blusão leve, tinha na cabeça um barrete de lã e na mão dois bastões de caminhada e olhava orgulhosamente para o telemóvel, com uma paisagem de planaltos em fundo, ao longe. Huldar não conseguiu localizar a montanha, mas não se tratava obviamente de uma subida especialmente elevada ou fatigante. Mas o prazer que irradiava do rosto de Bríet não teria sido certamente mais intenso se a jovem tivesse acabado de escalar o

Evereste. Ela não tinha nada de especialmente excepcional: cabelo castanho-claro pelos ombros, a aparecer por baixo do gorro; olhos cinzentos; nariz vulgar; as faces coradas; boca de tamanho médio. Era uma mulher de trinta e cinco anos igual a tantas outras, que parecia perfeitamente satisfeita com o seu destino e incapaz de levantar ondas.

Huldar sentiu um desejo ardente de ver o assassino entrar na esquadra algemado.

Igualmente colado à parede estava um grande mapa que abrangia toda a área da capital, com círculos vermelhos em volta da casa de Bríet, na zona Salahverfi, Kópavogur, e do bairro residencial onde o carro tinha aparecido. Os percursos mais prováveis entre estes dois pontos também tinham sido assinalados, com anotações sobre o tempo que levavam a percorrer de carro e a localização das câmaras de vigilância ao longo desses percursos. O problema é que o corpo não tinha sido desmembrado no apartamento de Bríet, nem no local onde o carro fora encontrado, o que significava que tinha necessariamente de ter sido levado para um terceiro local, situado entre estes dois pontos. Continuavam sem descobrir nada que relacionasse Bríet com o bairro residencial, mas era possível que o assassino tivesse qualquer conexão com ele: talvez lá vivesse, ou tivesse acesso a alguma instalação na zona, onde tinha cortado o corpo aos pedaços. Nesta fase, contudo, e à semelhança de tantos outros aspetos do caso, tudo aquilo era pura especulação.

As fotografias das partes do corpo de Bríet, expostas em todo o seu horror graças à crueza da luz, eram extremamente perturbadoras. O facto de Huldar ter estado presente na autópsia também não ajudava; pelo contrário, provavelmente tornava tudo muito pior. Colado na porta da sala de reuniões estava um aviso a dizer: *Proibido entrar*, presumivelmente para evitar que as senhoras da limpeza abrissem aquela porta. Para além delas, era pouco provável que aparecesse por ali alguém que não estivesse ligado à investigação. No futuro próximo, as únicas reuniões que teriam lugar no departamento seriam relacionadas com aquele inquérito. As próprias reuniões da comissão de direção encarregada de gerir o fluxo de trabalho, que normalmente tinham prioridade sobre tudo o resto, teriam de ser relegadas para

segundo plano durante algum tempo. Não é que Huldar sentisse saudades dessas reuniões, embora tivesse gostado de ver as caras dos membros da comissão caso tivessem entrado desprevenidamente na sala. Far-lhes-ia bem deparar com esta prova gritante do que aquele trabalho implicava na prática, antes de eles o terem reduzido a breves resumos e o terem arquivado em secções nas suas tabelas ligadas com setas.

Para além das fotografias e do mapa, havia uma lista de tarefas por realizar, outra de nomes de pessoas com quem era preciso falar, e ainda uma cronologia dos acontecimentos, por enquanto lastimavelmente pouco preenchida. Mas era natural que assim fosse. Só tinham passado trinta e seis horas desde que Bríet fora descoberta. Na verdade, o Departamento de Investigação Criminal já tinha levado a cabo uma quantidade muito razoável de tarefas nesse período, porque o departamento tinha sido requisitado em peso para esta investigação, e toda a gente estava a dar o seu melhor.

Contudo, era a chefe que carregava com todo o peso do caso. Huldar não sabia a que horas é que Erla fora para casa na noite anterior, mas sabia que ainda ali ficara quando, pouco antes das onze, ele próprio saíra da esquadra. Huldar havia decidido não se ir embora antes dela, mas acabara por desistir. A avaliar pela expressão exausta com que se apresentava na reunião desta manhã, Erla devia ter estado a trabalhar até às tantas.

Huldar sentou-se na beira da mesa da sala, com uma caneca de café entre as mãos. Estava cansado da véspera, mas sabia que o dia de hoje não seria menos exigente. Foi deixando que o seu olhar se deslocasse de um lado para o outro da exposição mural, na esperança de ter uma revelação qualquer, mas nada lhe saltou à vista. Até agora, não tinham encontrado uma única razão plausível para o facto de Bríet ter sido morta e metida no porta-bagagens do seu carro. À primeira vista, tratava-se de uma cidadã vulgar, cumpridora dos seus deveres, que não tinha conflitos com Deus nem com os humanos.

Tinham passado em revista as suas publicações nas redes sociais sem encontrarem nada de interesse. Não era uma pessoa especialmente ativa, não publicava opiniões políticas, não usava palavras insultuosas nem atacava as minorias. Não tinha expressado

qualquer ponto de vista sobre o terceiro pacote energético, a necessidade de uma nova constituição, a mais recente proposta para o sistema de transportes públicos de Reykjavík ou a habitual sátira da noite de fim de ano na televisão. Os seus contributos eram, todos eles, perfeitamente anódinos, e o mesmo se podia dizer das fotografias: pratos de comida, a filha, e selfies como a que tinha escolhido para fotografia de perfil. Não publicava nada desde sexta-feira à noite, altura em que tinha carregado uma fotografia de uma caneca de café ao lado do manual que fora posteriormente encontrado caído no chão da cozinha, juntando-lhe diversos *hashtags* relacionados com a universidade, o estudo, etc.

Tendo em conta que a autópsia não tinha revelado sinais de violência sexual, o mais provável era poderem eliminar essa área como motivação do crime. O ex-marido não era suspeito, embora essa situação fosse passível de se alterar depois da entrevista marcada para esse dia. O computador desaparecido deixava em aberto a possibilidade de se tratar de um assalto, mas não havia no apartamento mais nenhum indício que confirmasse essa ideia: nem coisas retiradas dos armários nem gavetas fora de sítio.

Se Bríet tinha um novo homem na sua vida, fora extremamente discreta a esse respeito, o que tornava improvável que o criminoso fosse um namorado louco. Uma ligação ao mundo das drogas também parecia pouco plausível. Os pais da jovem tinham sido perentórios: ela não consumia nem era dependente fosse do que fosse, e as análises ao sangue haviam-no confirmado, pois não revelavam quaisquer vestígios de álcool ou de narcóticos no organismo. Na manhã desse dia, a polícia tinha entrado em contacto com o seu local de trabalho e com a universidade, mas não obtivera nenhum resultado significativo. O Hospital Nacional rejeitou por completo a possibilidade de Bríet ter cometido algum erro no trabalho que tivesse afetado a vida de alguém: esta técnica tinha uma folha de serviços imaculada. O professor universitário com quem falaram também fez um retrato favorável da jovem: era uma estudante conscienciosa, interessada e que não causava problemas, embora o professor tivesse salientado que a orientadora da tese de mestrado estaria em melhor posição do que ele para dar referências quanto ao carácter da aluna.

Ficavam assim aparentemente eliminados um amante desiludido, um ex-marido irritado, colegas, pacientes ou familiares sedentos de vingança, bem como um traficante de droga. E, contudo, alguém tinha decidido dar cabo desta mulher, cortá-la em oito pedaços e desaparecer com a cabeça. E os únicos suspeitos de que a polícia dispunha eram um assaltante que quisesse roubá-la ou um atacante enlouquecido, sem qualquer relação pessoal com Bríet. Ambos os cenários sugeriam que o acontecimento fora aleatório; se assim fosse, a investigação seria um pesadelo. Felizmente, contudo, havia algumas indicações de que, pelo contrário, Bríet poderia conhecer o seu atacante.

Na véspera ao fim da tarde, Erla conseguira localizar o sujeito que tinha feito a entrega da piza, um miúdo dos últimos anos do secundário, que trabalhava ao mesmo tempo que estudava. O rapaz lembrava-se de ter feito a entrega em Salahverfi e recordava-se de Bríet porque ela tinha tido umas reações estranhas. Ele tocara à campainha, mas, em vez de abrir, Bríet tinha perguntado: «Quem é?» Quando ele disse que vinha entregar a piza, ela perguntou de que marca, e só depois é que abriu a porta, e mesmo assim apenas um bocadinho. Aparentemente, até tinha travado a porta com o pé, como se tivesse receio de que ele tentasse forçar a entrada no apartamento. O rapaz achava que não havia mais ninguém lá dentro: não tinha ouvido vozes por trás dela nem visto outras pessoas quando ela pegou na piza. O plano era conseguir que o miúdo fosse à esquadra fazer um depoimento oficial, dado que as suas declarações permitiam supor que Bríet estava à espera de alguém e não queria deixar entrar essa pessoa. O rapaz também confirmou que Bríet envergava sandálias ortopédicas com uma tira de couro sobre o peito do pé; mas não tinha conseguido ver bem o que ela trazia vestido, à exceção da manga, que podia ser azul ou cinzenta.

A polícia tinha falado com vários vizinhos de Bríet na véspera ao fim da tarde, depois de ter informado os pais, mas não obtivera resultados de interesse. Por exemplo, ninguém se lembrava de ver o carro de Bríet, ou qualquer outro carro, parado nas traseiras do prédio, junto à vedação do pequeno jardim. Era uma pena, dado que a equipa forense afirmava ter detetado indícios de que o corpo da

rapariga tinha sido arrastado pelo jardim fora. Os vizinhos também não se tinham apercebido da presença de quaisquer veículos estranhos ao prédio no parque de estacionamento. Também isto era uma pena, porque, se o assassino se tivesse deslocado de carro para o local, a polícia poderia agora conhecer, pelo menos, a cor e talvez mesmo a marca do veículo. Huldar sentia-se inclinado a considerar que o homem tinha ali chegado por um meio de transporte alternativo; de outra maneira, seria difícil compreender por que razão teria colocado o corpo de Bríet no porta-bagagens do carro dela, em vez de o transportar no seu próprio carro. A não ser que fosse realmente inteligente e estivesse a tentar evitar a presença de vestígios biológicos na sua viatura — caso em que poderia ter regressado ao local mais tarde, para ir buscar o seu veículo.

Os carros que se encontravam estacionados nos espaços pertencentes ao prédio tinham sido todos verificados e registados. Se o carro do assassino lá tinha estado, já desaparecera.

A polícia também tinha falado para as empresas de táxis da cidade, mas não tinha havido nenhum serviço para o endereço do prédio na sexta-feira nem no sábado e, embora tivesse havido outros serviços para aquela zona, nenhum dos clientes parecera aos condutores minimamente suspeito. Além disso, todos tinham pagado com cartão, o que dava a entender que não estavam a tentar esconder o seu rasto. Ainda assim, far-se-ia um levantamento dos nomes em que estavam registados todos estes cartões e os respetivos proprietários seriam investigados.

Nenhum dos residentes no prédio se tinha apercebido de um possível criminoso. A única informação potencialmente útil que a polícia obtivera destas conversas era uma declaração do morador do apartamento por cima do de Bríet, que afirmava ter ouvido barulho e ter pensado que vinha do andar de baixo: uma discussão acesa, com muitos gritos, que lhe tinham parecido de um homem e de uma mulher. Mas não conseguiu ouvir palavras propriamente ditas, e afirmava que a confusão não tinha durado muito tempo. Mais ninguém tinha ouvido nada. Os vizinhos de ambos os lados de Bríet não estiveram em casa nesse período, e os restantes apartamentos ficavam demasiado distantes para o barulho chegar até eles. Além

disso, a maioria dos residentes tinha o rádio ou a televisão ligados.

O único problema era o tempo. De acordo com o vizinho do andar de cima, a discussão tivera lugar antes de o rapaz chegar com a piza, ou seja, pouco depois das seis da tarde. Mas o homem não tinha a certeza absoluta, podendo, portanto, estar enganado; e o criminoso podia ter estado no apartamento por duas vezes: primeiro, antes de a piza ser entregue, altura em que tinha tido uma discussão com Bríet, e novamente pouco depois da entrega, agora com uma raiva ainda mais assassina. Hoje, a polícia tencionava falar com os vizinhos que não tinha conseguido apanhar na véspera à noite, na esperança de que eles ajudassem a estabelecer a sequência dos acontecimentos, ou até, de que tivessem tido algum vislumbre do criminoso.

Por outras palavras, a equipa — que já era pequena demais para as encomendas — ainda tinha uma série de tarefas pela frente.

Dado que esta era já, em termos oficiais, uma investigação criminal, aguardavam autorização para analisar os relatórios da conta e dos cartões bancários de Bríet. Até agora, apenas tinham recebido uma declaração genérica do banco a dizer que não havia quaisquer indícios de irregularidade, e que os cartões não tinham voltado a ser usados desde sexta-feira à noite, altura em que ela pagara a piza.

A carteira de senhora que fora encontrada no carro não continha porta-moedas nem quaisquer cartões. Se foi o assassino a roubá-los, não tinha cedido à tentação de os usar.

Huldar bebeu um grande gole de café e continuou a contemplar a exposição mural. Teria realmente sido um ataque aleatório? O assassino ter-se-ia enganado na pessoa? Ou teria Bríet involuntariamente visto alguma coisa que não devia? Era pouco provável. Como é que alguém podia ser testemunha de uma coisa tão má que tornasse a sua morte necessária? Huldar tinha a mente em branco.

Mas, se não tinha sido um crime aleatório, tinha de haver uma explicação. A questão era: onde estava ela?

— O que te parece? — A voz juvenil de Lína pipilou por trás dele. A rapariga tinha entrado na sala sem que Huldar desse conta. — Colei algumas delas esta manhã, a pedido da Erla.

Huldar voltou-se para ela e sorriu.

— Está ótimo. Mas acho que, nos próximos tempos, não te vou pedir que faças a decoração das paredes de minha casa. — Voltou-se novamente para as imagens e continuou a estudá-las. — Como é que achas que a coisa aconteceu, Lína?

Lína sentou-se em cima da mesa ao lado dele; era tão baixa que os pés não lhe chegavam ao chão.

— Não sei. Mas tenho a certeza de que a pessoa que fez isto estava fora de si de raiva.

— Não me digas! — Huldar lamentou imediatamente ter feito este comentário. Lína poderia pensar que ele estava a ser sarcástico, e essa não era a sua intenção. — E que coisa pode levar uma pessoa a perder a cabeça de raiva a este ponto?

Lína ficou calada por momentos, a pensar. A jovem estagiária tinha tido intervenções tão positivas nos seus anteriores períodos de trabalho no departamento que era muito natural que sentisse relutância em sujar a sua folha dizendo um disparate.

— Parece-me que se trata de um homem. E eu diria que um homem pode perder a cabeça se se sentir humilhado, traído ou enganado. Nesses casos, seguir-se-á a vingança, naturalmente. E há certamente outras razões para isso.

— Traição não foi, porque Bríet não estava envolvida com ninguém em termos amorosos. E, a não ser que a última pessoa que conduziu o carro dela fosse um homem muito baixo, tem de ter sido uma mulher. Ainda assim, parece-me improvável que o assassino seja do género feminino.

— Concorro. Não há registo na Islândia de uma mulher ter alguma vez matado outra mulher adulta, a não ser talvez num passado longínquo. Dito isto, a literatura académica não contém qualquer argumento que nos permita eliminar a hipótese de se tratar de uma mulher.

Huldar sorriu.

— E a literatura académica não mente. Não me digas que analisaste alguma coisa deste género no teu curso...!

— Não, exatamente como esta, não. Mas analisámos coisas muito beras, principalmente do estrangeiro. — Entre os olhos de Lína cavou-se um sulco meditativo. — Tratar-se-á de um caso de falsa identidade?

Teria Bríet sido confundida com uma pessoa que tinha uma vida completamente diferente da dela, o que poderia explicar o que aconteceu? Uma mulher que se tivesse divorciado recentemente de um psicopata violento, por exemplo.

— Talvez. Mas, se ela não conhecia o assassino, é estranho que o tenha deixado entrar. Não há indícios de que a entrada no apartamento tenha sido forçada. Ela abriu-lhe a porta, embora haja, sem dúvida, sinais de luta no vestíbulo, como podes ver pelas fotografias. O que significa que, muito provavelmente, o homem empurrou a porta assim que ela a abriu um nadinha. Ou então a porta não estava trancada e ele entrou, sem mais. Mas, depois de ouvir o depoimento do rapaz da piza, essa versão não me convence.

Calaram-se os dois. Huldar bebeu outro gole de café, enquanto Lína estudava as imagens com uma expressão grave.

A seguir, a rapariga apontou para as fotografias dos diversos bocados de corpo.

— E depois, falta a cabeça. Não é coisa que se possa considerar propriamente normal.

— Nada do que vês naquela parede é normal.

Lína começou a balançar as pernas, como se estivesse farta da conversa.

— Sabes que tarefa me vão dar?

Huldar abanou a cabeça.

— Não faço ideia nenhuma. Nem sabia que fazias parte desta equipa.

Lína endireitou-se toda, com ar convencido.

— Desta vez, tinha sido colocada noutro departamento, mas pediram-me para ficar nos Homicídios, a dar uma ajuda. Aparentemente, há tanto que fazer que vocês vão precisar de toda a gente que conseguirem juntar. — Voltou-se para Huldar, que ficou fascinado com a tira de sardas que lhe começavam no nariz e se estendiam pelas faces de um branco de porcelana. Lína meteu o cabelo ruivo e ondulado para trás das orelhas, e Huldar pôs-se a imaginar uma irlandesa de um passado remoto a ser levada para a Islândia por colonos contemporâneos dos viquingues; se essa mulher fosse tão rija e determinada como Lína, os papéis de senhor e escrava ter-se-iam

invertido rapidamente. — Sabias que eu fui a primeira da minha turma nos exames do Natal? — perguntou ela.

Huldar sorriu.

— Parabéns. Talvez possas substituir a Erla enquanto estiver em licença de maternidade.

Lína interpretou o comentário como um gracejo, e as sardas ficaram ocultas sob uma onda vermelha.

— Ha, ha.

— Não estava a brincar. Não teria problema nenhum em ser teu subordinado.

A cor desapareceu-lhe do rosto, e Lína sorriu. A seguir, inclinou-se na direção de Huldar e perguntou-lhe num sussurro conspirativo, que carregava o cheiro doce do creme de lábios de mentol que ela aplicava várias vezes ao dia:

— Para quando é que o bebé está previsto? Ela expulsou-me do gabinete quando lhe perguntei.

Desta vez, foi Huldar quem sorriu.

— Não me perguntes. Ela também não me disse, por isso não penses que é uma embirração pessoal. Mas deve estar para muito breve. — Ele esticou-se todo e levantou-se. A proximidade de Lína e o odor a menta que lhe saía dos lábios eram perturbadoramente agradáveis. Huldar não podia dar-se ao luxo de se meter em sarilhos nesta frente. — Queres apostar que a Erla acaba por dar à luz no gabinete? Por acaso não sabes fazer um parto, não?

Lína ficou novamente séria.

— Não, mas se calhar era melhor fazer uma pesquisa no Google.

Huldar pensou que talvez não fosse de facto má ideia. Se a previsão dele se realizasse, seria ótimo ter Lína ao pé; ele próprio seria pior que inútil.

— Desde que a Erla não te apanhe a ver vídeos de partos.

Saíram os dois da sala de reuniões, e Huldar apagou as luzes. A sombra que se abateu sobre a parede reduziu a intensidade das horríveis imagens.

A NEVE ESTAVA A TRANSFORMAR-SE EM PAPA. Tinha já derretido nas estradas, e os carros que passavam tinham-na enchido de lixo; os passeios não tardariam a seguir o mesmo caminho. O mundo de brancura imaculada que deliciara o olhar de Sædís na manhã daquele dia estava a transformar-se na sua antítese: um lamaçal cinzento e repugnante. Sædís amaldiçoou a estupidez que a tinha levado a querer estar bem arrajada, calçando sapatos novos, em vez de optar pelas botas; os sapatos iam ficar completamente estragados, com uma linha branca de sal na camurça, que nunca mais sairia. Era uma tolice, mas a vontade dela era chorar o destino daqueles sapatos. Mas não podia ceder a esse impulso: tinha de se mostrar rija como o ferro, com ambos os pés bem assentes no chão.

Infelizmente, porém, Sædís não era nada disso. Era uma mulher de coração incrivelmente mole e de uma sensibilidade exacerbada, que não podia ver ninguém sofrer e estava sempre a imaginar dores que não existiam. Qualquer pessoa que estivesse na mó de baixo, a passar um mau bocado ou doente, tinha um lugar no seu coração, o mesmo podendo dizer-se dos animais, grandes ou pequenos. Até sentia compaixão de objetos inanimados, aos quais atribuíra sentimentos, o que fazia com que não conseguisse deitar nada fora; quando se via livre de algum objeto a que já não dava qualquer uso, passava vários dias preocupada com o destino que ele teria tido, imaginando-o a ser esmagado num aterro sanitário ou a ganhar pó numa loja solidária, onde ninguém seria capaz de lhe dar valor.

Era por esse género de tristeza que estava a passar neste momento: sentia-se cheia de remorsos pelo tratamento que dera aos sapatos, que eram tão elegantes e mereciam continuar a sê-lo por muito mais tempo.

Sædís voltara a conduzir a velha carripa. A reparação não tinha

sido tão dispendiosa como ela receara, embora o mecânico tivesse comentado que não conseguiria mantê-la em circulação durante muito mais tempo: Sædís teria de comprar um carro novo dentro em breve. Esta observação em nada havia contribuído para a animar, pois ela tinha àquela ruína de veículo o mesmo apego sentimental que tinha pelas outras coisas que possuía.

Estendeu o braço para ligar o rádio, que não funcionava bem — não se conseguia mudar de estação —, e que, à semelhança de todos os outros elementos do carro, estava prestes a expirar. Mas também, pensou, uma pessoa não precisava de ouvir mais do que uma estação de rádio de cada vez.

O semáforo passou finalmente a verde e o trânsito recomeçou lentamente a andar. Sædís limpou a humidade do para-brisas, mas o gesto não contribuiu substancialmente para melhorar a visão. Evitou cuidadosamente olhar para o relógio do tabliê — que também não funcionava bem, mas ela sabia quantos minutos ele tinha de atraso. Não valia a pena enervar-se. Tinha saído de casa mais do que a tempo; o trânsito é que estava pior do que ela esperava.

Quando finalmente entrou com o carro no parque de estacionamento do Hospital Nacional, viu que ele já lá estava, pontual como sempre. Tentou, em vão, sentir-se grata por esse facto, mas a verdade é que ele era tão correto que a fazia sentir-se sempre numa posição de inferioridade. Não era propositado — ele era sempre muito cortês —, mas era um sentimento que ela não conseguia contornar. Nenhum deles conseguia deixar de ser o que era.

Muito provavelmente, a ele, nem os sapatos novos pelos quais ela optara lhe pareceriam elegantes. Já noutras ocasiões Sædís tentara vestir-se melhor quando ia encontrar-se com ele, comprando um fato da H&M que achava cheio de classe; mas, quando lhe aparecia à frente, lia nos seus olhos que ele detetara imediatamente a má qualidade do tecido e o corte desleixado. Não fazia qualquer comentário, coisa já de si reveladora, dado que, em geral, começava por lhe dizer que ela estava com ótimo aspeto; seguia-se uma série de perguntas sobre o seu regime alimentar e o seu estado geral de saúde, às quais ela dava sempre a mesma resposta: estava de excelente saúde, e a comer muito bem. Por vezes, sentia-se tentada a declarar que tinha

perdido o apetite porque começara a fumar *crack*, mas nunca o fizera. Por um lado, porque não era do tipo sarcástico, e, por outro, porque não queria magoá-lo com piadas de mau gosto.

Sædís encontrou finalmente um lugar para estacionar, no lado oposto ao hospital, porque os terrenos em volta estavam um caos devido a obras. Os poucos lugares de estacionamento que tinham escapado perto da entrada eram rapidamente ocupados pelos visitantes que chegavam cedo — como ele. Pelo contrário, ela teria de abrir penosamente caminho por entre a papa de neve derretida. Tinha uns sacos de plástico no banco de trás e ainda pensou em cobrir os sapatos com eles, mas ele ficaria mal impressionado, e o mais provável era acabar por se oferecer para lhe comprar umas botas de neve. Mas Sædís não queria. Na verdade, ele já tinha financiado mais do que devia.

Soltou o cinto de segurança, que lhe raspou ao de leve na barriga. Olhando para baixo, Sædís viu-se obrigada a reconhecer que não poderia continuar a escondê-la durante muito mais tempo. As calças largas só resultariam mais uma semana; a partir daí, qualquer pessoa que olhasse para ela com atenção aperceber-se-ia do estado que ela tentava ocultar.

Os pais ainda não tinham notado. A mãe estava a passar por um dos seus frequentes períodos depressivos e, ultimamente, quase não saía da cama. E o pai tinha-se deitado praticamente assim que chegara a casa, depois de Sædís o ter ido buscar à esquadra, após ter comido em silêncio os ovos e a torrada que a filha lhe preparara. Sædís tinha-lhe dito «Aqui tens» quando lhe pusera o prato à frente, e ele correspondera com um «Obrigado» quando voltara a levantar-se da mesa. Nada mais havia sido dito entre eles, e Sædís achara mais sensato esperar por uma altura em que ele estivesse mais bem-disposto para conversar com ele sobre o que tinha acontecido.

Quando, porém, se levantara no dia seguinte, já o pai tinha saído para o escritório. O mais provável era nunca chegarem a ter aquela conversa, mas, também, isso era típico daquela casa. Se a família dela fosse uma empresa, o seu lema seria: *Varremos os problemas para baixo do tapete*.

A gravidez dela, pelo contrário, seria impossível de ignorar. Mais

tarde ou mais cedo, teriam de falar sobre esse assunto — o que ela temia intensamente.

Quando pôs os pés fora do carro, a neve derretida cobriu-lhe metade dos sapatos. Em vez de se levantar e se pôr a andar, Sædís deixou-se estar imóvel uns momentos e inspirou fundo. Tinha de se acalmar. Tentou lembrar-se de coisas que pudessem animá-la, mas não tinha muitas memórias por onde escolher. A única coisa que lhe ocorreu é que o filho que trazia na barriga teria uma vida feliz; teria as oportunidades que a ela lhe tinham sido negadas. Não teria de passar a infância aflito com as depressões da mãe e as ausências do pai.

Como lhe tinha acontecido a ela. E à irmã, Selma.

Sædís foi assaltada por um terrível sentimento de culpa. Dentro em breve, a sua vida mudaria e ela teria possibilidades de sair de casa, mas a irmã mais nova continuaria encerrada no silêncio que reinava naquela família: a mãe na cama e o pai no trabalho. Sem ninguém que falasse com ela ou lhe desse algum ânimo. Se quisesse ser sincera consigo, Sædís tinha de reconhecer que não podia fazer-lhe uma coisa dessas. Fosse como fosse, teria de levar a irmã consigo. Talvez um advogado pudesse ajudá-la a demonstrar que Selma estava melhor a viver com ela. Não teria de ir muito longe para conseguir esse apoio. As coisas tinham mudado. Por outro lado, sabia que nunca se atreveria a pedir semelhante coisa.

Parecia tudo tão desesperante, olhasse ela para onde olhasse. Sædís tinha consciência de um sentimento de temor que conhecia bem, só que desta vez era muito mais intenso, como aquelas montanhas de nuvens escuras que por vezes se amontoavam no horizonte, a aguardar o momento oportuno para se aproximarem inexoravelmente e se transformarem numa tempestade. Estaria a tornar-se depressiva como a mãe? Se tal acontecesse, o que seria de Selma? A ideia fê-la sentir-se ainda pior, até que pensou que aquele temor era normal. Na verdade, dadas as circunstâncias, o que seria preocupante é que ela não fosse tomada por esta horrível sensação de desespero.

Afagou instintivamente a barriga por cima das calças. Tinha de se controlar e de afastar estas preocupações. Dentro dela, crescia uma pequena pessoa; uma pessoa pequenina que poderia sentir a sua

tristeza e ansiedade. E semelhante ideia era insuportável. Esta criança tinha de ter o melhor começo de vida possível.

Encolheu os dedos dos pés quando sentiu o frio da neve derretida a penetrar-lhe nas costuras dos sapatos. Tinha de sair dali antes de ficar com os pés ensopados. Voltando a inspirar fundo, fechou os olhos e contou até dez.

Depois, puxou o fecho do blusão para esconder a barriga e começou a andar. Sentiu-se imediatamente melhor. Sentia-se sempre melhor quando tinha a barriga escondida. Ultimamente, tinha passado a vestir-se e a despir-se no escuro, para não ter de olhar para ela. Quando a barriga se tornava invisível, era muito mais fácil não pensar no bebé. Estava absolutamente decidida a levar o assunto até ao fim, e a única maneira de o conseguir era não ter qualquer ligação a este filho que tinha dentro dela. Por isso, era uma infelicidade que a natureza tivesse programado o corpo e a cabeça para exigirem precisamente que tal ligação fosse criada. A ecografia que se preparava para fazer também não ia ajudar nada. A última coisa que ela queria era ver uma imagem do feto. Depois de isso acontecer, seria ainda mais difícil fingir que nada se passava. Até agora, esta tinha sido a abordagem que melhor resultara — o que mostrava claramente que Sædís saía à sua família na capacidade de viver em estado de negação. Mas não era o momento ideal para tentar libertar-se do jugo familiar. Para seu bem, precisava de funcionar como se não estivesse grávida; ou como se não estivesse propriamente grávida. O que ela estava a fazer era apenas dar guarida ao filho de outra pessoa. Era quase o mesmo que fazer babysitting. Porque o filho não seria dela.

O apelo à sua generosidade também tinha ajudado. Nem toda a gente era capaz de ter um filho, mas ela era. Por essa mesma razão, certamente que faria o sacrifício final — ou não?

Uma pessoa tinha de ser generosa com o que possuía. Sædís nunca tivera muita coisa que partilhar com terceiros, mas sempre havia tentado viver de acordo com essa máxima. Contudo, se levasse este pensamento até à sua conclusão lógica, ver-se-ia forçada a concluir que, neste caso, não se tratava de partilhar coisa nenhuma: ela ia *entregar* o filho.

Por uma quantia muito respeitável, é certo. Uma soma de dinheiro

que lhe permitiria sair de casa e dar início a uma nova vida em condições por ela escolhidas — e com a irmã. De outra maneira, não o faria: Sædís nunca seria feliz se a irmã não pudesse beneficiar da sorte que lhe coubera; Selma tinha mesmo de ir com ela.

Se Sædís quisesse, poderia ter juntado este dinheiro por outras vias. Nos últimos anos, o negócio do pai estava em ascensão, a ponto de ele ter comprado um jipe monstruoso e de a família ter trocado um modesto apartamento por uma casa de tamanho decente, embora tivessem permanecido na zona ocidental da cidade, uma vez que a mãe tinha dificuldade em se adaptar às mudanças. Fora isto, as coisas tinham continuado como sempre. Sædís não pedia ao pai nada que ultrapassasse aquilo de que precisava para fazer as compras para a família, e a ele não lhe ocorria oferecer-lhe mais nada. Não tinha importância, porque Sædís sabia cuidar de si, e o que ganhava bastava-lhe bem: não era gastadora consigo e não fazia tenções de pedinchar dinheiro ao pai ou fosse a quem fosse, embora soubesse que ele não hesitaria em lhe dar o que ela precisasse, e sem fazer comentários. O pai era boa pessoa, a despeito do seu ar de distanciada indiferença e da sua aparente capacidade de ignorar as normais exigências morais. Mas Sædís queria fazer o seu próprio caminho e, de qualquer maneira, era pouco provável que ele estivesse disposto a financiar a saída dela daquele ambiente doméstico horrível, dado que era graças a ela que a família se mantinha em pé.

Era inegável que aquela quantia tão razoável lhe ia dar muito jeito. O sonho de Sædís era arrendar um apartamento bonito numa casa tradicional de madeira, onde ela e Selma pudessem ter um lar acolhedor para as duas, longe da depressão e da indiferença crónica. Deixariam para trás as más recordações, impedindo-as de entrar na nova casa. Na sua imaginação, o apartamento estaria todo decorado em cores pastel, quase como o rosa e branco do coelhinho amoroso dos desenhos animados; e as duas irmãs poderiam aninhar-se no sofá, de pijama, com uma chávena de chá cada uma, a ler ou a ver filmes na companhia uma da outra.

Esta ideia animou-a. Sædís começou a andar mais depressa e acenou ao homem, que estava à espera dela e começava a ficar impaciente. Não era preciso enervar-se. Estavam ligeiramente

atrasados, mas, nas consultas anteriores, tinham tido de esperar, o que os obrigara a sentar-se e a pegar nas revistas desatualizadas e já muito manuseadas até chegar a sua vez. Não podiam conversar um com o outro enquanto aguardavam, porque ele preferia que as outras pessoas não percebessem que estavam a acompanhar-se um ao outro. O teatro teria de acabar quando chamassem o nome dela para ir fazer a ecografia, evidentemente, mas isso era inevitável. Sædís tinha-lhe sugerido que ele fingisse ser irmão dela, e dissesse qualquer coisa bem alto na sala de espera para dar essa impressão, mas o homem rejeitara tal ideia — e ela sentira-se bastante aliviada. Era mais cómodo estar sentada em silêncio do que ter de fazer conversa. Era uma coisa a que ela já estava habituada.

Cumprimentaram-se com um aperto de mão, tão formal como se se tratasse da cerimónia de entrega de um diploma universitário, mas depois o homem deu-lhe um beijo na face. Foi um beijo tão ao de leve, que Sædís quase teve a impressão de que tinha sido tocada pela asa de uma borboleta.

Quando entraram, Sædís tomou uma decisão: não olharia para o ecrã durante a ecografia. Fecharia os olhos e dedicar-se-ia a imaginar o seu apartamento; a imaginar-se, a ela e a Selma, a gozar a sua nova vida. Só esperava que não lhe aparecesse uma legenda a dizer: *Esta existência tão confortável foi paga pelo filho que trazes dentro da barriga.*

FREYJA NÃO ERA A ÚNICA PESSOA À ESPERA de falar com Erla. Gudlaugur, encostado à parede, aguardava a sua vez a seguir a ela. A porta do gabinete de Erla estava ligeiramente aberta, e ambos ouviam os murmúrios de uma conversa que parecia nunca mais acabar.

Gudlaugur fechou os olhos, como se estivesse prestes a cair no sono, mas também não estava sozinho nisso. Quando Freyja atravessara o espaço aberto que ia dar ao gabinete de Erla, todos aqueles por quem tinha passado — gente que, habitualmente, mantinha uma postura exemplar — lhe pareceram esgotados, afundados nas cadeiras, com os olhos vermelhos de terem passado horas a olhar para o ecrã. Todas as secretárias estavam decoradas com pelo menos uma caneca de café, e em alguns casos com uma coleção inteira delas.

Freyja também se sentia praticamente esgotada, depois do dia intenso que tivera na véspera, embora não estivesse tão mal como os restantes membros de equipa. Quando se fora embora, eles ainda haviam ficado a trabalhar. Por isso, o facto de ela se mostrar mais animada que os outros nada tinha que ver com a qualidade dos seus genes, o preço do colchão onde dormia ou o regime alimentar que mantinha; mas tivera a infeliz consequência de a tornar notória na reunião da manhã. Ainda lhe ocorrera bocejar ostensivamente e afundar-se na cadeira para se fazer igual aos colegas. A única compensação é que Lína estava no mesmo barco: a estagiária mostrara-se de tal maneira atenta e de olhos tão brilhantes que tinha posto Freyja a um canto.

Huldar estava algures no meio: nem parecia incrivelmente saudável, qual ator de um anúncio islandês ao *skyr*, como Lína, nem parecia um passageiro do ferry no dia seguinte ao famoso Festival das Westman Islands, como os restantes membros da equipa. Huldar

estava naquele momento sentado à sua secretária, que ficava diretamente na linha de visão de Freyja, a analisar atentamente uma lista de pessoas com quem era necessário conversar, ao mesmo tempo que falava ao telefone, com os olhos no ecrã que tinha à frente, alheio à presença dela. Freyja começou a ter consciência de que se agitavam no seu interior sentimentos estranhos, pelo que desviou os olhos e deu uma cotovelada a Gudlaugur.

— Diz-me uma coisa, sabes como se acede ao Sistema de Informações da Polícia?

As pesadas pálpebras de Gudlaugur abriram-se de repente e ele endireitou-se.

— Ao Sistema de Informações da Polícia? Mas porquê? Precisas de aceder a ele?

— Não, não preciso. Não preciso de todo. Estava só a pensar se é normal as pessoas irem lá buscar informações sobre amigos e parentes.

Gudlaugur mostrou-se surpreendido.

— Porque é que perguntas?

— Porque o meu chefe direto me atirou de repente que eu não devia fazê-lo. Como não percebo o que o levou a dizer-me semelhante coisa, estava cá a pensar se se tratará de um problema comum.

— E tens a certeza de que nunca acedeste ao sistema por razões pessoais? Nunca cedeste a essa tentação?

Freyja fez um esforço para impedir que a pergunta a irritasse.

— Tenho, tenho a certeza absoluta. Nem sequer tenho chave de acesso ao sistema. E não estou interessada em ter.

Gudlaugur pareceu aliviado.

— Ótimo. Calculo que fosse apenas uma advertência. Porque, se fores apanhada, não é brincadeira nenhuma. O departamento de informática controla todas as buscas ao sistema: conseguem ver quem lá entrou e o que foi procurar. Se uma pessoa usar o sistema para satisfazer a sua curiosidade, essa pessoa está metida num enorme sarilho.

— Quão enorme?

— Depende de essa informação sair ou não para o exterior ou ser tratada apenas a nível interno, sem que a imprensa saiba do que se passou. Estamos a falar de qualquer coisa situada entre uma medida

disciplinar e um processo criminal. Depende do objetivo que a pessoa tinha em vista. Se fores procurar informação sobre alguém e depois usares essa informação para fazer chantagem ou intimidar essa pessoa, isso é crime. É só um exemplo.

Freyja assentiu com a cabeça.

— Estou a ver. Ainda assim, acho um bocado estranho o meu chefe ter falado no assunto sem mais nem menos.

Gudlaugur encolheu os ombros.

— É e não é. Se calhar, estão a considerar a possibilidade de te dar acesso ao sistema. Se isso acontecer, não te esqueças do que te disse.

— De repente, o colega pareceu embaraçado e apressou-se a acrescentar: — Não é que eu ache, minimamente, que tu fosses usar esse privilégio para tirar benefícios pessoais dele. Mas o material que há no sistema é uma grande tentação. Está lá a vida toda, quase até aos mais ínfimos pormenores, de qualquer cidadão que já tenha passado pelo nosso radar.

No silêncio que se seguiu, ambos continuaram a ouvir Erla falar interminavelmente ao telefone. Freyja cruzou os braços e aproveitou para olhar para o relógio. Parecia-lhe que aquele telefonema estava a ser desnecessariamente prolongado. Por ela, tentava que as suas chamadas fossem o mais curtas possível; de contrário, estes contactos tinham tendência para se arrastar, sem que nenhum dos lados conseguisse levá-los a uma conclusão, e Freyja era uma pessoa demasiado impaciente para aguentar tal coisa.

— Já agora, de que é que tu estás a tratar?

— Das imagens das câmaras de segurança. Já vi tanto trânsito que acho que hoje vou voltar para casa pela via da marginal, só para não ter de pôr os olhos em mais carros.

Se aquele dia viesse a ser tão comprido como o da véspera, Freyja duvidava de que Gudlaugur cumprisse este propósito: sentir-se-ia tão ansioso por chegar a casa e se meter na cama que optaria por ir de carro.

— E encontrei alguma coisa útil?

— Encontrei. É por isso que tenho de falar com a Erla. Acho que encontrei finalmente imagens do carro de Bríet a ser levado para fora daquela zona na sexta-feira à noite. Não há câmaras em condições nas

ruas residenciais, mas o carro foi apanhado por uma câmara de segurança de uma propriedade privada dos arredores de Kópavogur. Pelo menos, ficamos a saber em que momento se deslocou.

Freyja sorriu-lhe.

— Parabéns. E a que horas foi isso?

— Meia-noite e um quarto.

— O quê? Mas eles não disseram que Bríet tinha morrido entre as sete e as oito da noite?

Freyja fez rapidamente contas de cabeça. Teriam decorrido quatro ou cinco horas entre o homicídio de Bríet e a deslocação do corpo. A jovem psicóloga tinha visto fotografias do apartamento, e este não era especialmente grande. Para ter ficado lá metido com o corpo durante tanto tempo, o assassino tinha de ser uma pessoa mesmo muito perturbada. A maioria das pessoas ter-se-ia posto a andar assim que pudesse, fugindo do local para não ter de se confrontar com a atrocidade que havia cometido.

— Isso é estranho.

— Ainda mais estranho é que só no sábado à noite é que o carro aparece nas imediações do bairro residencial onde acabou por ser encontrado. Quase exatamente vinte e quatro horas depois. — Gudlaugur fez menção de bocejar, mas conseguiu conter-se. — Em ambos os casos, foi uma pena o carro não ter sido deslocado uma ou duas horas depois. Às primeiras horas da manhã, o trânsito é muito menos intenso, pelo que é muito mais fácil localizar veículos. Pelo contrário, aos fins de semana, ainda há bastantes carros a circular por volta da meia-noite. E, só para nos dificultar ainda mais a vida, o coro de Kópavogur deu um concerto na sexta-feira à noite, que terminou por volta da mesma hora. Por isso, havia uma série de carros a circular na mesma direção. Mas acabaremos por descobri-lo. É uma questão de tempo.

— Consegue-se ver o condutor?

— Não. Infelizmente. Vê-se um condutor quando o carro sai do apartamento de Bríet, mas tem um capuz na cabeça, um daqueles grandes, tipo de uma parca, e só temos uma perspetiva de lado; o capuz esconde-lhe o perfil. Além disso, a imagem está cheia de grão, porque a câmara está afastada da rua. Mas talvez consigamos calcular

a altura da pessoa. Parece-me ser um homem. Nas outras imagens, onde o carro parece estar a dirigir-se à zona residencial, não se vê de todo o condutor. A câmara aponta para o lugar do passageiro, que está vazio. E a qualidade da imagem também é péssima.

Depois disto, nenhum dos dois colegas acrescentou fosse o que fosse. No súbito silêncio que caiu entre eles, perceberam que Erla tinha finalmente acabado a conversa, e Freyja, desencostando-se da parede, convidou Gudlaugur a entrar com ela, já que aquilo que tinha para dizer não levaria muito tempo. Evitou acrescentar que teria mais à-vontade para se confrontar com Erla no covil da chefe se tivesse alguém consigo para lhe dar apoio moral.

— O que foi?

Com os auscultadores em volta do pescoço, Erla olhou-os de relance quando Freyja bateu à porta, empurrando-a logo a seguir.

— Hmm, a mãe de Bríet ligou agora, renovando o pedido para ver o corpo. Disse-lhe o mesmo que tu: que tinham de esperar mais algum tempo.

Erla e o representante da Comissão de Identificação tinham concordado que, naquela fase do processo, os pais de Bríet não deviam ser autorizados a ver o corpo da filha. Por muito que esta informação tivesse desagradado ao casal, a verdade é que pouco podiam fazer a esse respeito.

Erla recostou-se.

— Ótimo. Mas não percebo porque está ela a perder tempo a telefonar-te. Tu não tens propriamente capacidade para alterar esta decisão.

Freyja teve o cuidado de não se irritar.

— Eles ficaram com o meu cartão. E a senhora ligou-me por causa de outra coisa. Segundo me disse, o ex-marido de Bríet, Lúdvík, está interessado em que seja eu a falar com a filha. Aparentemente, não sabe bem o que lhe há de dizer. A miúda tem andado a fazer perguntas difíceis.

— Ótimo. Trata disso. Vai em frente. E tu vai com ela, Gudlaugur. Já agora, vejam se lhe arrancam alguma informação. Podemos usar as respostas que ele vos der para preparar a conversa oficial que queremos ter com o sujeito.

Erla já tinha começado a pôr novamente os auscultadores nos ouvidos quando Gudlaugur pigarreou e lhe disse que tinha novidades. Freyja aproveitou a ocasião para sair discretamente. Poderia ir buscar Gudlaugur depois de ter combinado a visita.

Os soluços da criança ecoavam na sala escassamente mobilada. A miúda estava sentada no sofá, ao lado do pai, envergando um pijama colorido que já lhe ficava curto. A manhã ia demasiado avançada para ela ainda estar de pijama, mas quando se tem dez anos e se acaba de ficar sem mãe às mãos de um assassino, esse tipo de regras deixa de vigorar. Sobre a mesinha que havia diante da miúda, via-se um manual escolar e um caderno de exercícios, uma lapiseira verde e um estojo cor de rosa felpudo; visivelmente, tinha estado a fazer os trabalhos de casa para se distrair, mas o mais provável é que, nos tempos mais próximos, não pegasse nas questões que tinha deixado a meio, para as acabar. Ou então, voltaria às contas no dia seguinte. Freyja sabia bem que a reação das crianças à perda de um ser querido era muito diferente da dos adultos: elas só conseguem gerir emoções intensas durante períodos curtos, pelo que, quando lidam com a dor, têm tendência para intercalar os períodos de sofrimento e lágrimas com períodos aparentemente descontraídos de brincadeira, como se nada se tivesse passado. Os observadores caem facilmente no erro de interpretar estes intervalos bem-dispostos como uma ausência de sentimentos, mas não é disso que se trata. Há poucos traumas — talvez nem haja nenhum — comparáveis com o devastador impacto de uma perda deste género na infância.

Hanna tinha dez anos, mas era alta para a idade, e não tinha qualquer semelhança com a fotografia que Freyja tinha visto da mãe dela. Isto não queria dizer grande coisa, porque a miúda tinha a cara inchada e coberta de pequenas manchas vermelhas, em consequência de ter estado a chorar. Freyja observou-a, encostada ao pai. A miúda continuava a chorar, com a ruidosa ausência de inibição própria das crianças — que não se incomodam nada com o facto de os soluços lhes distorcerem as feições —, muito diferente da contenção dos adultos. Felizmente, era nova demais para compreender as dramáticas

mudanças que a sua vida sofreria em consequência de ter ficado órfã de mãe — mudanças que afetariam todos os aspetos da sua existência, desde o dia a dia até às ocasiões especiais: o dia da confirmação seria diferente, tal como o seriam o dia de Natal, o dia de aniversário e outras celebrações, que, de uma maneira geral, trazem à superfície sofrimentos passados. O almoço que levava para a escola seria diferente e ainda passaria algum tempo antes de aquele cabelo comprido merecer a atenção de que precisava. Com sorte, Hanna acabaria por ser capaz de cuidar de si mesma.

Uns anos antes, quando trabalhava no serviço de menores, Freyja tinha acompanhado um pai de fim de semana que ficara sozinho com a filha após a morte súbita da mãe da criança. Da primeira vez que Freyja se encontrara com eles, a miúda tinha o cabelo comprido e cheio de caracóis; com o decorrer do tempo, o cabelo da menina tinha-se tornado mais e mais indomável, até que, no quinto encontro, apareceu com ele cortado. As sessões de terapia tinham terminado antes de o cabelo voltar ao comprimento anterior, mas Freyja presumira que tal acabaria por acontecer. A roupa da criança também ia ficando mais e mais excêntrica a cada nova sessão: nada condizia com nada, e certa vez ela chegara a aparecer em traje de carnaval. Claro que nada disto era especialmente relevante tendo em conta o quadro geral. O que verdadeiramente importava era a genuína vontade que o pai tinha de se adaptar ao seu novo papel.

Freyja esperava que o mesmo acontecesse com o homem que estava naquele momento diante dela e de Gudlaugur. O pai de Hanna estava de tal maneira em estado de choque que era difícil avaliar a probabilidade de um final feliz para aquela história, mas o profundo amor que tinha à filha transparecia claramente: tinha-a nos braços, indiferente às lágrimas e ao ranho que lhe sujavam a camisa. Ele próprio não chorava, o que era compreensível: os sentimentos que tivera pela mulher não passariam já, muito provavelmente, de uma recordação longínqua. Tinham-se divorciado havia três anos e era de presumir que o amor tivesse começado a arrefecer bastante antes disso.

— Quer dizer que não teve notícias da Bríet depois de ter ido buscar a sua filha para passar o fim de semana? — Gudlaugur estava a

ter muita dificuldade em não parecer um agente de polícia a exigir respostas. Mas não estava a sair-se nada mal a demonstrar um interesse preocupado. — Não houve telefonemas nem mensagens?

— Não. Mas isso é normal. Tinha sido tudo combinado previamente. A Hanna passaria a semana comigo, e não havia razão nenhuma para a Bríet e eu falarmos ao telefone enquanto ela cá estivesse. Fui buscá-la na quinta-feira e estava previsto levá-la de novo na próxima sexta-feira à hora do jantar. Por isso, não havia nada a dizer.

— Tinham guarda conjunta em semanas alternadas?

Freyja tinha esperança de que o homem respondesse afirmativamente. Se Hanna estava habituada a ficar com o pai semana sim, semana não, a mudança de situação seria mais fácil. Para ambos.

— Não. Habitualmente, a Hanna passa fins de semana alternados comigo. Mas tinham-me ficado tantos dias de férias por gozar no verão que me pediram para os tirar nesta altura, em que as coisas estão mais calmas. Trabalho num hotel, e eles preferem que eu não desapareça no pico do verão, que é o período mais movimentado. Por isso, tirei uma semana de férias e quis que a Hanna a passasse comigo. Tínhamos acordado na guarda conjunta, ou seja, partilhada, mas, na prática, não é assim que as coisas funcionam. Contudo, a Bríet não levantou qualquer objecção. Pelo contrário, concordou imediatamente com a proposta.

— E tu, Hanna? A tua mãe entrou em contacto contigo depois de teres vindo para casa do teu pai? — Freyja tentou olhá-la nos olhos, mas a miúda enterrou a cara inchada na camisa do pai. — Ligou-te, ou ligaste-lhe tu? Para dares as boas-noites no dia em que chegaste, por exemplo, ou desejar bom dia quando acordaste na manhã seguinte?

A miúda abanou a cabeça, mantendo a cara escondida.

— O que é que isso interessa? — perguntou Lúdvík, estreitando ainda mais os esguios ombros da filha.

— Na verdade, nesta altura não interessa muito. Voltaremos a falar com os dois mais adiante. — Gudlaugur olhou de relance para Freyja. — Só vim ver como estavam e apresentá-los a Freyja, que pode ajudar a Hanna a superar este desgosto. Percebemos, pela sua ex-sogra, que o Lúdvík agradecia esta ajuda e ficaria grato pela nossa colaboração.

Lúdvík não teve qualquer reação.

— É possível que eu tenha dito alguma coisa nesse sentido. Na verdade, não me lembro muito do conteúdo dessa conversa. Nem do telefonema que ela me fez a dar-me a notícia. É tudo um bocado nebuloso.

— É compreensível que assim seja. — Gudlaugur não fez mais comentários. — Seja como for, a Freyja será o seu ponto de contacto com a polícia, caso surja algum dado relacionado com a investigação ou com a Hanna. Além disso, estará presente em todas as conversas que tivermos com a Hanna, se viermos a precisar de falar com ela.

Freyja lançou um breve sorriso a Lúdvík. Tinha-se apresentado à chegada, explicando que era psicóloga infantil. Não lhe pareceu que houvesse necessidade de repetir esta informação, pois presumia que Lúdvík a tinha registado, embora o homem parecesse cansado quando lhes abria a porta.

— Hanna. Não sei se estás a ouvir-me, mas eu chamo-me Freyja e parte do meu trabalho é ajudar crianças que estão a sofrer muito.

A miúda ouviu claramente estas palavras, embora não tivesse respondido: imobilizou-se nos braços do pai, e os soluços foram-se tornando mais espaçados.

Freyja prosseguiu:

— Sei que te sentes muito mal. Eu também perdi a minha mãe quando era pequena. Sofri tanto que pensei que nunca mais voltaria a ser feliz.

Hanna revirou-se um pouco para olhar para a cara de Freyja.

— E voltaste a ser feliz?

— Voltei. Levou tempo, mas, aos poucos, comecei a sentir-me melhor.

A miúda fungou.

— Vivias com o teu pai?

Freyja sorriu.

— Infelizmente, não. Não tive tanta sorte como tu. Fui viver com os meus avós.

— A tua mãe foi assassinada? O criminoso foi preso?

— Não. A minha mãe morreu de doença. Ninguém foi preso.

— A minha mamã trabalhava num hospital. Se calhar, podia ter

feito a tua mãe ficar boa. — A miúda mordeu o lábio. Estava completamente despenteada e tinha os olhos vermelhos. — A minha mamã não estava doente. Foi morta. O paizinho não quer explicar-me porquê. — Ao invés de começar novamente a chorar, como Freyja havia receado, Hanna passou, ela própria, a fazer perguntas. — A mamã foi morta por aquele homem estranho? Quando é que ele é preso? Nunca mais vão deixá-lo sair da prisão, pois não?

As lágrimas recomeçaram a correr-lhe pela cara abaixo, e a miúda voltou-se, encostando-se novamente no peito do pai.

Freyja tentou controlar-se para não mostrar o seu interesse: as palavras de Hanna davam a entender que ela tinha um homem específico em mente. Freyja teria de avançar com extrema cautela, evitando exercer pressão sobre a criança, para que ela não se fechasse em copas. Não era a melhor altura para lhe explicar os aspetos legais das condenações em tribunal: a não ser que fosse louco, o assassino da mãe seria libertado um dia. Mas primeiro tinham de o apanhar e de o meter na prisão.

— Ainda não sabemos, mas a polícia vai tratar disso. O Gudlaugur é polícia. Não és? — perguntou, voltando-se para ele.

— Sou — confirmou, com um aceno de cabeça.

Esta troca de palavras não teve o efeito desejado: a criança continuava de costas para eles. Freyja tentou aplicar outra tática.

— Tu conhecestes o homem estranho, Hanna?

A miúda apertou o pai com mais força. Movendo-se com extremo cuidado, o homem pôs-lhe uma mão debaixo do queixo e levantou-lhe delicadamente a cabeça para poder olhá-la nos olhos.

— Hanna, querida. Isto é muito importante. Temos de ajudar a polícia. Ajudas?

Hanna assentiu, sem se voltar para Gudlaugur ou para Freyja, mas mantendo o olhar no rosto do pai. O movimento foi quase impercetível, de tão ligeiro.

— Conhecestes o homem estranho? — A voz de Lúdvík era calma e inspirava segurança.

Nesta fase, não era aconselhável exercer qualquer pressão sobre a miúda. Se ela se recusasse a responder, Freyja interviria para sugerir que se fossem embora e voltassem noutra altura.

Vendo que Hanna se mantinha teimosamente calada, o pai repetiu a pergunta com palavras ligeiramente diferentes. Desta vez, ouviram um «não» abafado por parte da criança, que fungou e a seguir acrescentou, quase num sussurro: «Não.»

— E a tua mamã?

— Não sei.

Freyja manteve-se calada por instantes, pensando na pergunta que faria a seguir, e depois avançou.

— Quem é que te falou do homem estranho?

— A mamã. Disse-me que ele era estranho. Que era um homem mau. E que estava zangado. Disse-me para ter cuidado com ele.

Freyja tinha de descobrir de onde é que a mãe da miúda conhecia este homem estranho, zangado e mau.

— Ela disse-te onde o tinha conhecido?

— Não. — Hanna endireitou-se um pouco. — Ele está lá fora? — Subitamente, abriu muito os olhos, numa reação de medo. — A mamã disse que ele tinha um carro encarnado. Está algum carro encarnado lá fora?

— Ele não está lá fora. Não está ali nenhum carro encarnado nem nenhum homem mau. Ele não está perto de ti. Não precisas de te preocupar com ele. A polícia vai tratar desse homem.

Era uma afirmação um bocado exagerada, o que era uma pena, porque Freyja não queria mentir à criança; qualquer mentira poderia ter um impacto negativo em futuras interações com ela. Ninguém estava à espera de conseguir extrair-lhe um depoimento testemunhal perfeito nesta visita; poderiam voltar a conversar com ela, numa entrevista bem preparada, feita na Casa da Criança. Freyja acentuaria a importância deste fator no seu relatório.

— Hanna, a tua mamã disse-te alguma coisa sobre o aspeto deste homem? Se pudesses dizer isso ao Gudlaugur, seria uma grande ajuda para ele o prender.

Hanna abanou a cabeça despenteada, e a seguir recaiu num ataque de choro tremendo. Não conseguiram arrancar-lhe mais nenhuma informação, mas o que já tinham era melhor que nada. Alguém que Bríet conhecia, ou de quem tinha ouvido falar, andava a mexer-lhe com os nervos. E tratava-se de um homem.

Freyja e Gudlaugur não esperaram que os levassem à porta ou lhes pedissem delicadamente para se irem embora: levantaram-se ao mesmo tempo e agradeceram a Lúdvík, que se libertou dos braços da filha, deixando-a reclinada no sofá. Depois de lhe dar um beijo na cabeça, o homem acompanhou-os à porta.

Depois de saírem para o vestíbulo, Lúdvík fechou a porta da sala de estar e encaminhou-se com eles para a porta da rua, ficando a aguardar que se calçassem.

— O que é que aconteceu exatamente? Quem é que a matou? De certeza que vocês têm alguma ideia.

— A investigação ainda está em curso, pelo que, infelizmente, não podemos responder a essa pergunta. Pelo menos nesta fase. — Gudlaugur acabou de dar um nó nos atacadores dos sapatos e endireitou-se para fazer, também ele, uma pergunta. — A Bríet ou a Hanna alguma vez tinham referido este homem estranho?

— Não, a mim não me disseram nada. Mas a Bríet e eu só falávamos de coisas que dissessem respeito à Hanna. A Bríet é uma pessoa muito reservada e, depois de nos separarmos, nunca mais tivemos grande contacto. — Lúdvík continuava a referir-se à ex-mulher como se ela ainda estivesse viva. As pessoas levavam sempre algum tempo a habituar-se à ideia de falarem dos mortos no passado. — O que vai acontecer agora? Vão continuar a manter-me informado? Por causa da Hanna? Um dia destes, vou ter de lhe explicar o que aconteceu. Não vou conseguir continuar a responder-lhe apenas que a mãe foi assassinada.

Freyja deu-lhe um conselho que lhe pareceu útil.

— O melhor é começar por ligar para a escola, a comunicar que a mãe da Hanna morreu. Não há nenhuma razão para ela voltar já às aulas, mas se a menina quiser ir, também não há razões para a impedir. Mas tenha em conta que, assim que chegar ao conhecimento do público aquilo que fizeram ao corpo da Bríet, esta informação irá, lentamente, passar para o grupo etário mais baixo. É essencial que a Hanna ouça essa história da sua boca, e não da boca de um colega. Para já, contudo, sugiro que não lhe diga; nesta fase, não vale a pena contar-lhe mais nada, ela já tem demasiado com que lidar. E tenha cuidado para a sua filha não ser engolida por uma espiral descendente

de sofrimento. Se ela quiser brincar, ir ao cinema ou ver pessoas, é importante deixá-la fazer isso tudo. Pela sua parte, seja extraordinariamente carinhoso com ela. Parece-me que é o que já está a fazer.

Lúdvík endireitou ligeiramente os ombros.

— Não se preocupe. Serei certamente. Vou pedir mais uns dias de férias no restaurante. Será o tempo que for preciso. Mas, se eu puder fazer mais alguma coisa...

Gudlaugur pôs-se de cócoras e deu um nó nos atacadores do outro sapato, ao mesmo tempo que respondia à pergunta.

— Voltaremos a entrar em contacto consigo. Dentro em breve, terá de ir fazer um depoimento oficial, e presumo que vamos ter de voltar a falar com a Hanna. Fique descansado que a entrevista será preparada com todo o cuidado, para evitar angustiá-la sem necessidade.

Freyja tinha calçado umas botas simples, pelo que não precisou de se acocorar. Aproveitou, pois, para entregar a Lúdvík um cartão com todos os seus contactos. Ainda não se tinha habituado a ver o seu nome ao lado do logotipo e da morada oficial da polícia.

— Ligue-me quando precisar. Seja a que horas for.

Tentaram despedir-se, mas Lúdvík não queria deixá-los ir embora e continuou a bombardeá-los com perguntas.

— Quando é que eu posso ir buscar as coisas da Hanna? A roupa lavada está a acabar, e não me digam que a roupa dela é uma prova importante para o caso. A não ser que a casa esteja uma confusão total. Roubaram alguma coisa? Foi um assalto?

Gudlaugur fintou as perguntas o melhor que pôde; porém, vendo que o outro não dava sinais de desistir, decidiu pôr fim à conversa, despedindo-se num tom firme e começando a dirigir-se ao carro de polícia descaracterizado no estacionamento. Freyja começou por seguir Gudlaugur, mas depois voltou-se para trás e disse ao homem que lhe ligasse se tivesse alguma questão a respeito da entrevista à filha. Lúdvík, que tinha o cartão dela na mão, baixou os olhos para o ler. Freyja escolheu esse preciso momento para se meter no carro, ficando sem perceber se ele tencionava corresponder a este pedido ou se deitaria o cartão no caixote do lixo.

— Bolas, que alívio aquilo ter acabado. — Gudlaugur soltou um profundo suspiro. — Passo a vida a pedir para não me mandarem falar com as famílias. — Ligou o carro e começou a fazer marcha-atrás. — Caramba.

— Mas saíste-te bem — comentou Freyja, olhando para o espelho retrovisor e vendo Lúdvík ainda à porta de casa, a observar os movimentos do carro. A perspetiva de voltar para dentro não era claramente agradável.

— Hum. Não digas isso a ninguém. Preferia que disseses que eu me tinha portado pessimamente.

Freyja limitou-se a sorrir.

Gudlaugur parou o carro num sinal vermelho e inclinou-se para a frente, a fim de estar em condições de recomeçar a andar assim que o semáforo mudasse.

— O tal homem estranho deve ser o nosso assassino. Sempre achei que era, quase a certeza, um homem. Não consigo imaginar uma mulher a cometer um ato com tamanha brutalidade. Mas se calhar estou a ser ingénuo.

O semáforo mudou para verde, e Freyja não respondeu imediatamente, pois estava a pensar no que havia de dizer, o que cortou o fio da conversa. A jovem psicóloga decidiu, pois, olhar pela janela. Teriam mais oportunidades para discutir o caso quando regressassem à esquadra. Com o tempo, tudo se iria tornar cada vez mais claro — tinha de ser. Mas não era por isso que ela estava irritada consigo própria, por não ter mantido a conversa com Gudlaugur. Era porque olhar pela janela teria sido uma distração, impedindo-a de pensar em todas as decisões que teria de tomar, mais cedo ou mais tarde, na sua vida pessoal.

No topo da lista, estava a sua problemática relação com Huldar; seguia-se a preocupação com o irmão, Baldur, e com a filha deste, Saga. A vida destes dois era um tema constante dos seus pensamentos, mas Freyja começava a habituar-se à falta de senso do irmão — que não ouvia os conselhos dela, nunca os tinha ouvido e nunca os ouviria, pelo que Freyja nada podia fazer. Tinha de reconhecer, contudo, que, ultimamente, Baldur estava melhor, se comportava de forma mais responsável e até falava em reorganizar a sua vida. Talvez as palavras

dela tivessem, afinal, algum efeito. Mas Freyja duvidava muito de que assim fosse. O mais provável era que ele tivesse começado a tomar consciência de que era pai; ou então surgira uma nova namorada, que tinha conseguido meter-lhe algum bom senso na cabeça. Fosse qual fosse a razão, a esperança de Freyja era que a mudança fosse duradoura.

Huldar, porém, era toda uma outra questão: era ela que estava ao comando da situação, e o problema tinha uma natureza diferente. Freyja não sabia de todo o que havia de fazer: continuar como estavam, como amigos, mas com benefícios adicionais? Cortar por completo relações com ele? Manter encontros com ele, mas apenas como amigo, sem qualquer tipo de elemento sexual na relação? Permitir que a relação se desenvolvesse e se tornasse mais séria, como provavelmente aconteceria se ela desse alguma abertura para tal?

Transferiu novamente a sua atenção para o que se passava no exterior do carro, observando as pessoas que aguardavam na paragem do autocarro, as que vinham sentadas no interior dos carros que se iam aproximando, bem como as poucas que se deslocavam a pé. Todas tinham problemas, tal como ela. Problemas diferentes, evidentemente — uns menos sérios, outros mais. Freyja soltou um suspiro. Tal como aconteceria com o caso, tudo acabaria por se resolver com o tempo. E, dada a crise atual, quaisquer pensamentos futuros sobre a situação teriam de esperar.

De momento, o trabalho era a sua prioridade.

O LEITOR DE CARTÕES APITOU. Era bom sinal. Queria dizer que ele ainda não tinha sido despedido. Mas Rögnvaldur não sorriu. Tinha optado por usar a entrada do pessoal, situada nas traseiras do edifício, para evitar ter de passar pela receção. Da última vez que lá fora interrogar os colegas, a rececionista tinha olhado para ele com uma expressão estranha quando ia a sair. Uma expressão bastante diferente daquela com que o recebera à chegada: a já costumeira combinação de pena, compaixão e um grande alívio e gratidão por não estar na mesma situação que ele. Rögnvaldur compreendia perfeitamente. Se fosse ao contrário, ele reagiria exatamente da mesma maneira. Mas a diferença na expressão da rececionista quando ele se fora embora dava a entender que a funcionária tinha ouvido contar o que se passara, muito provavelmente da boca da diretora dos recursos humanos, cuja intervenção se tornara necessária, e que o mandara tirar imediatamente uma licença. Rögnvaldur suspeitava de que a colega dos recursos humanos tinha pedido à rececionista que a avisasse se ele voltasse a aparecer, presumivelmente para o porem novamente fora do edifício. Era uma ideia que não lhe agradava.

Rögnvaldur apertou com força a sacola de pano que trouxera consigo e começou a subir as escadas para o andar que lhe interessava. Ao chegar, avançou com passo decidido para o departamento informático. A porta estava fechada, mas ele passou o seu cartão de funcionário e entrou.

Foi recebido com um cartaz a anunciar que o departamento informático era o coração da empresa. O cartaz não era novo, e ele tinha-se detido muitas vezes diante dele, a pensar que discordava profundamente daquela afirmação. Para ele, o departamento informático era mais os rins da empresa, mas, claro, semelhante comparação ficava mal num cartaz, por muito realista que fosse. O

departamento purificava os desperdícios do sistema de email, tal como os rins purificavam o sangue; além disso, controlava o fluxo de informação, da mesma maneira que os rins controlavam o fluxo do sangue pelas veias. De vez em quando, havia um bloqueio no servidor, que tinha o mesmo efeito que uma pedra no rim, pelo menos a avaliar pelo sofrimento a que o pessoal era sujeito enquanto o sistema estava em baixo.

Rögnvaldur levava consigo o marcador que tinha usado para criar a tabela na parede de sua casa. Tirando-o do bolso, riscou a palavra «coração» e escreveu «rins» por cima, mas aquele gesto não produziu a satisfação que ele esperava.

Enquanto contemplava a nova e melhorada versão do cartaz, passou por ele um colega, que lhe fez um breve aceno com a cabeça e seguiu rapidamente caminho. Era evidente que não fazia tenções de ser apanhado na armadilha de uma conversa com Rögnvaldur. Mas pouco importava, porque ele também não tinha ido ali conversar. Tinha ido tratar de um assunto com um colega daquele departamento.

O funcionário em questão estava sentado à secretária, com três ecrãs à frente, a olhar atentamente para um deles, ao mesmo tempo que carregava numa tecla específica. Estava tão absorvido que não se apercebeu de que Rögnvaldur viera colocar-se ao seu lado.

Rögnvaldur pousou a sacola em cima da secretária.

— Olá, Jói. Preciso de um favor.

Jói olhou para cima, e nem tentou disfarçar o seu incómodo.

— Tu não estás de licença?

— Estou. Mas continuo a precisar de um favor.

— Põe-no na caixa dos pedidos. Sabes perfeitamente como é que funciona. Usa a aplicação. — Jói levantou as mãos do teclado, recostou-se na cadeira e entrelaçou-as na nuca. Vestia uma blusa preta, decorada com uma fotografia do líder supremo da Coreia do Norte. Kim Jong-un sorria a Rögnvaldur por baixo do seu corte de cabelo de boneco de Lego. — Mas não posso prometer-te nada. Está a decorrer uma mega atualização e estou bastante sobrecarregado de trabalho.

— Não, não pode ser assim. — Rögnvaldur deu uma palmadinha na sacola de pano. — Preciso de um favor teu agora mesmo. Não te

esqueças de que estás em dívida comigo.

O colega endireitou-se e olhou em volta com ar preocupado. Era natural. O favor a que Rögnvaldur fizera referência era do género que uma pessoa não queria nada que se tornasse do conhecimento geral.

— O que é isso?

— Um portátil. É o portátil da minha irmã. Ela esqueceu-se da palavra-passe e precisa de entrar no sistema.

— Ok. Deixa-o ficar aí, que eu dou-lhe uma vista de olhos esta noite. Ou pelo menos antes do fim de semana.

— Não. Tens de mo dar hoje ao fim da tarde. A minha irmã tem um trabalho para entregar na universidade amanhã e o trabalho está aqui dentro, ainda por acabar.

Dois anos antes, Rögnvaldur tinha arrastado Jói para fora do vestiário do restaurante onde decorrera a festa de Natal da empresa, tinha-o metido num táxi e mandado para casa. Este ato decisivo salvara o colega de ser apanhado num estado de semi-inconsciência, depois de ter vomitado em cima do sobretudo do chefe. O mistério nunca chegara a ser resolvido, e a suspeita recaía sobre um grupo de penetras. Na segunda-feira seguinte, Jói havia sussurrado a Rögnvaldur que lhe estava eternamente agradecido. Agora, contudo, essa dívida ficaria saldada.

— Volto aqui um quarto de hora antes da saída e tens de ter o portátil pronto.

Jói tirou o computador da sacola.

— Qual é a palavra-passe que ela quer que eu introduza em substituição da anterior? Desta vez, é melhor que seja uma palavra de que ela não se esqueça.

Rögnvaldur lançou-lhe um sorriso desprovido de alegria.

— Terra queimada.

Pareceu-lhe que era uma expressão que se adequava à situação. Mas foi um prazer de curta duração.

— Não podem ser duas palavras. Tem de ser uma palavra só, com pelo menos um símbolo e um número. Vais ter de escolher outra coisa.

A PROFESSORA COM QUEM Huldar e Lína tinham marcado um encontro no edifício da Universidade da Islândia estava atrasada. Não valia a pena ligar-lhe ou ir à procura dela, porque a docente estava a dar uma aula e já sabia que eles tinham chegado. Lína não parava de especular sobre o que a teria levado a atrasar-se: se calhar, tinha sido cercada por um grupo de alunos furiosos, em protesto com as notas que haviam recebido; ou então, como os exames estavam à porta, a turma não a largava; ou ainda, estava a tentar animar um aluno desmotivado.

Huldar acenava a cabeça sempre que Lína apresentava nova explicação. Por seu lado, não tendo qualquer contribuição a dar à conversa, ia observando os estudantes que passavam por eles, quase todos em pequenos grupos, como se o fluxo tivesse estancado aqui e ali. A maioria tinha um ar bastante jovem, vinte e muitos, mas também se viam alguns estudantes de mais idade, que se distinguiam dos docentes porque andavam de mochila às costas. Huldar identificava os professores por estes apenas transportarem livros ou documentos, e não andarem de sobretudo; iam obviamente a caminho do respetivo gabinete ou da sala de professores, não fazendo tenções de mergulhar na tempestade que ululava no exterior do edifício.

Lína ainda tagarelava quando Huldar avistou uma mulher de meia-idade, sem sobretudo nem mochila, que se encaminhava para eles. Avançava com rapidez e decisão, em sentido contrário ao da maré de gente que procurava sair do edifício, com uma pilha de papéis apertada contra o peito, como se levasse segredos de Estado. Tinha de ser a pessoa de quem eles estavam à espera.

E era mesmo. A referida mulher deteve-se à porta do gabinete e estendeu-lhes a mão.

— Viva! Desculpem o atraso. Sou a Ellen.

Huldar apertou-lhe a mão quente e apresentou-se, a si e a Lína.

— Entrem.

Ellen pousou o guião da aula sobre a mesa e deu uma arrumadela rápida ao gabinete. As cadeiras destinadas aos visitantes estavam quase soterradas debaixo de pilhas de livros e papéis, a secretária e as estantes mais ou menos no mesmo estado. A professora acabou por desistir de encontrar uma superfície livre e depositou as suas coisas no chão, em dois montes, após o que se sentou à secretária e prendeu o cabelo, que lhe dava pelos ombros, num rabo de cavalo atado por um elástico.

— Sentem-se.

O cheiro a livros e a pó fez com que Huldar se recordasse das bibliotecas da sua infância. Se tivesse feito um pequeno esforço para ler mais alguma coisa para além de livros de banda desenhada — Pato Donald e Tintim —, talvez tivesse acabado por chegar ali. Mas a ideia não despoletou qualquer tipo de nostalgia: tinha encontrado o seu lugar e estava contente com ele.

Os dois agentes sentaram-se. O gabinete era pequeno e, depois de se acomodar, Huldar ficou com os joelhos encostados à secretária, ao passo que Lína, que tinha as pernas curtas, dispunha de muito espaço. Huldar despachou rapidamente as cortesias habituais, para poderem avançar para o que lhes interessava.

— Obrigado por ter aceitado falar connosco em tão curto intervalo de tempo.

— Sem problema. Não é todos os dias que recebo uma visita da polícia. — Ellen ajustou o monitor do computador para conseguir vê-los melhor. — A pessoa que me ligou não me disse de que se tratava, pelo que tenho de reconhecer que estou curiosa. — Olhou para Lína. — Foi consigo que falei?

Até então, os olhos de Lína tinham vagueado pelas prateleiras, mas naquele momento fixaram-se claramente na sua interlocutora.

— Não, foi com a minha chefe, Erla.

— Infelizmente, esta nossa visita está relacionada com uma notícia muito triste, que temos de lhe pedir que, para já, mantenha sob reserva. — Huldar pousou uma fotografia de Bríet em cima da secretária. — Presumo que reconheça esta mulher.

Ellen pegou na fotografia e aproximou-a do rosto.

— Reconheço, é uma aluna minha, Bríet Hannesdóttir. Sou a orientadora da tese de mestrado em que ela está a trabalhar com Andrea Logadóttir. A tese vale sessenta créditos, por isso temos tido mais contacto do que é habitual.

— O que quer dizer com isso?

— Trata-se de um projeto de grandes dimensões, que não consiste apenas em rever a literatura disponível, como é o caso das teses de trinta créditos, e sim em fazer uma investigação independente. Como se trata de um trabalho a quatro mãos, tem de haver uma metodologia muito específica. — Pousou a foto. — Custa-me acreditar que a Bríet tenha cometido alguma ilegalidade. E o mesmo se aplica à Andrea. São ambas mulheres muito amáveis e conscienciosas.

— Bríet não é suspeita da prática de qualquer crime. — Huldar inspirou fundo antes de comunicar a notícia. — Infelizmente, foi encontrada morta na segunda-feira, com suspeita de ter sido vítima de homicídio.

A orientadora ficou uns momentos imóvel e a seguir perguntou, num tom de voz perplexo:

— De homicídio? Quer dizer que a Bríet é a mulher de quem têm falado nos telejornais?

Huldar assentiu.

— O corpo foi descoberto na segunda-feira, mas estamos convencidos de que morreu na sexta-feira.

— Esperem, o quê? Mas porquê?

Mesmo que soubesse responder àquela pergunta, Huldar não poderia revelar a resposta.

— Lamento, mas não podemos divulgar nenhuma informação a respeito desta investigação.

— Mas o que é que estão aqui a fazer? Com certeza não imaginam que eu, ou a universidade, temos alguma coisa que ver com isso!

Semelhante hipótese não tinha passado pela cabeça de Huldar.

— Não, estamos simplesmente a falar com todas as pessoas com quem Bríet tinha contacto. Quando é que falou com ela pela última vez?

— Eu?

Ellen pareceu perturbada, mas isso não queria dizer necessariamente que tivesse alguma coisa a esconder. A notícia deve ter sido um choque, e a orientadora de Bríet levaria algum tempo a recuperar o suficiente para ser capaz de recordar os últimos dias e de responder corretamente.

— Não estamos com pressa. Leve o tempo que for preciso a lembrar-se. — A voz de Lína era calma e parecia enganadoramente madura para a sua idade.

Ellen concentrou-se, em silêncio. Quando voltou a falar, tinha recuperado um pouco a compostura.

— Estive com ambas há uma semana. Temos reuniões regulares de orientação à quarta-feira, para avaliar os progressos da investigação. E elas comportaram-se como habitualmente.

— A que horas é essa reunião? — perguntou Huldar, olhando para o relógio. — Está marcada para hoje ao final da tarde?

— Não. É às onze da manhã. Mas ambas pediram folga hoje. — Apercebendo-se do interesse dos dois agentes, Ellen tratou imediatamente de o apaziguar. — A Andrea foi passar umas férias ao estrangeiro e tencionava estar a semana toda fora, por isso pediram-me para adiar a reunião desta semana.

— Tem o número de telefone e o email da Andrea? Precisamos de falar com ela, mas ainda não conseguimos localizá-la.

O nome desta colega de Bríet constava da lista de contactos que Huldar estava encarregado de fazer, e era uma das poucas pessoas que ele ainda não tinha contactado.

Ellen voltou-se para o computador e, após uma breve busca, leu as informações de que a universidade dispunha sobre Andrea.

Huldar anotou os dados e a seguir comparou-os com a informação que lhe tinha sido dada anteriormente.

— Parece-me que esse número é o que já temos. Faz ideia de onde é que ela foi? Terá ido para fora da Europa?

— Não. Se ela mo disse, entrou-me por um ouvido e saiu-me pelo outro. A Andrea pratica ioga, e a viagem tinha que ver com isso. Tenho quase a certeza de que me disse que estaria fora uma semana e que o voo era no fim de semana passado. Mas não creio que tenha referido se era no sábado ou no domingo. Tanto quanto sei, até podia

ter sido na sexta-feira.

Huldar acenou a cabeça. Calculou que Andrea tivesse viajado para fora da Europa e não estivesse interessada em pagar uma enorme conta de *roaming*, pelo que tinha desligado o telemóvel. Mas conseguiria certamente ver os emails, presumindo que estava num hotel com wi-fi.

— A dissertação é acerca de quê? Algum tema controverso?

— Controverso? — Ellen abanou a cabeça. — Não diria isso. Mas é um tema importante. Sabem o que é o domínio da saúde pública?

Lína acenou a cabeça com uma expressão grave, e Huldar comentou que fazia uma ideia.

Ellen avançou em tom professoral.

— É uma área relacionada com tudo aquilo que diz respeito à saúde das pessoas, incluindo a prevenção e outras medidas destinadas a promover a saúde da população. A Bríet e a Andrea estavam a estudar a imunização de crianças do ensino primário, utilizando uma base de dados fornecida pelo Ministério da Saúde. Procuravam identificar, por exemplo, situações em que a imunidade de grupo da Islândia fosse eventualmente posta em risco por pais que se recusavam a autorizar que os seus filhos fossem vacinados. Também queriam analisar as razões que levavam as pessoas a tomar a decisão de não vacinar os filhos, bem como o bem-estar geral destas crianças.

— Idiotas.

Huldar pensou que a palavra tivesse saído a Lína inadvertidamente, mas, para sua surpresa, a rapariga não corou nem deu qualquer sinal de lamentar a sua reação.

Ellen não se mostrou minimamente desconcertada.

— Sim, no caso de alguns pais. Mas não de todos. De vez em quando, aparecem crianças que não podem ser vacinadas por razões válidas, por exemplo aquelas que têm o sistema imunitário fragilizado. Mas as pessoas convencidas de que estão a proteger os filhos de contaminação por mercúrio ou de autismo não estão a fazer-lhes favor nenhum, em especial às crianças que já têm problemas que as impedem de ser vacinadas. Os antivacinas parecem estar especialmente preocupados com a vacinação tríplice viral dos dezoito meses, contra o sarampo, a papeira e a rubéola. A Bríet e a Andrea

estão — calou-se um momento e corrigiu-se — *estavam* a analisar esta tendência relativa a essa vacina específica ao longo de um período de dez anos. Ou seja, é a proporção de crianças de dezoito meses não vacinadas que está a aumentar ou foi a perceção negativa dos efeitos da imunização na infância que começou a diminuir? — Ellen abanou a cabeça com ar abatido. — Não sei o que vai acontecer ao estudo, agora que a Andrea ficou sozinha. O material é demasiado para ser analisado só por uma pessoa.

Huldar não tinha dúvidas de que isto complicaria a vida de Ellen e Andrea, mas tinha questões bastante mais graves para resolver.

— Elas chegaram a falar com alguns pais? Isto é, com alguns antivacinas?

— Chegaram sim, por email e ocasionalmente por telefone. Não se encontraram ao vivo com nenhum dos participantes no estudo ou, se o fizeram, foi em circunstâncias excepcionais. Mas não fiquem com a ideia de que elas estavam envolvidas numa espécie de cruzada com o objetivo de mudar a mentalidade dos pais. O que elas estavam a fazer era, tão-só, registar as razões da decisão que estes tinham tomado, e isto quando os indivíduos em questão aceitavam participar no estudo. Além disso, enviavam-lhes questionários sobre o estado geral de saúde e o historial clínico dos filhos. Nunca falaram com estas crianças, nem se encontraram com elas. As perguntas eram totalmente factuais, e nada controversas, e os participantes não tinham obrigação nenhuma de lhes responder.

— Quer dizer que a Bríet não teve quaisquer conflitos com pais? Nem com ninguém aqui da universidade, colegas ou professores?

Huldar começava a chegar à conclusão de que este encontro não teria nenhuma utilidade para a investigação do crime, para além de lhes fornecer o email de Andrea. Mas pelo menos podiam riscar a conversa da lista de entrevistas e avançar para a tarefa seguinte.

— Posso garantir-vos que ela não teve qualquer conflito com professores, e também não soube de nenhuma fricção com colegas. Em geral, a Bríet trabalhava apenas com a Andrea; eram as duas um pouco mais velhas que os restantes alunos do ano delas. E também não parece que tenham tido dificuldades com os pais com quem falaram, embora me tenham referido que, uma vez ou outra, as coisas

aqueceram ligeiramente, em geral porque os pais que não queriam vacinar os filhos tinham uma grande vontade de as converter a elas ao seu modo de pensar. E, obviamente, tal coisa não ia acontecer. Ao que parece, alguns deles levaram bastante a mal o facto de a Bríet e a Andrea não estarem interessadas nos dados imaginariamente científicos que sustentavam as suas teorias antivacinação.

— Quem foram eles? Tem os nomes dessas pessoas?

Ellen ficou calada uns momentos.

— O que aconteceu não poderia de maneira nenhuma levar a um homicídio. Longe disso.

Huldar ignorou esta observação e limitou-se a repetir a pergunta.

— Tem os nomes dessas pessoas?

Ellen cruzou os braços.

— Infelizmente, não posso fornecer-lhes nenhuma informação proveniente desta base de dados. Quando nos deram acesso à mesma, foi com condições muito rigorosas. Eu não posso revelar o nome de nenhuma criança nem de pais. Além disso, é impossível qualquer destas pessoas estar relacionada com o homicídio. Não se trata desse género de estudo. Ou seja, não há interesses em jogo. Ninguém vai tirar estas crianças aos pais nem vai obrigá-las a serem vacinadas... — Calou-se subitamente, parecendo mudar de opinião. — Na verdade, agora que penso nisso, houve de facto um incidente. A Andrea teve uma reunião muito tensa com o pai de uma criança que tinha morrido de sarampo. Foi o homem que veio ter com ela, o que significa que o nome dele não consta da base de dados. Ele não a atacou, nem nada disso, mas ela estava muito abalada quando me descreveu o encontro que tinha tido com ele. Posso tentar encontrar o nome deste homem sem violar as leis de protecção de dados pessoais.

— Sim, por favor — pediram Lína e Huldar em simultâneo.

Era melhor que nada.

Ellen começou à procura por entre os papéis que tinha em cima da secretária.

— Sei que está algures por aqui.

Enquanto a professora procurava, Huldar avançou para a pergunta seguinte.

— O portátil da Bríet desapareceu. Ela tem algum cacifo ou

gabinete aqui na universidade, onde pudesse tê-lo deixado?

Ellen levantou a cabeça da confusão de papéis.

— Não. Tem apenas um espaço de trabalho, que partilha com muitos outros alunos. Nunca o teria lá deixado, a não ser por engano.

E prosseguiu a tarefa de revirar papéis.

A avaliar pelo caos que reinava naquele gabinete, a busca levaria que tempos e poderia não resultar em nada. Por isso, Huldar foi-lhe fazendo outras perguntas, para não desperdiçar tempo.

— Ela teria algum material no computador que pudesse interessar a outras pessoas?

Ellen endireitou-se com uma expressão de triunfo.

— Cá está! — Tinha na mão uma folha com notas manuscritas. — Tem graça que me tenha perguntado pelo portátil. Tanto a Andrea como a Bríet têm cópias da base de dados nos respetivos computadores, e este homem queria que a Andrea o autorizasse a consultar a dela.

— A base de dados das vacinas? — Huldar tentou imaginar que interesse poderia alguém ter nisso, mas não lhe ocorreu nenhuma ideia.

— Sim. Queria descobrir quem é que tinha infetado a filha. Como vos disse, a criança morreu de sarampo. — Ellen estendeu a página manuscrita a Huldar. — Aqui está o nome dele, ao fundo: Rögnvaldur. Rögnvaldur Tryggvason.

Huldar atirou as chaves do carro a Lína e pediu-lhe que tomasse o volante. Assim que se instalaram no carro e puseram o cinto de segurança, ligou a Erla. Longe de agradecer a chamada, a chefe quis saber que urgência era aquela que não podia esperar que ele regressasse à esquadra.

— Estou até às orelhas, Huldar. A lista das chamadas já chegou, e as imagens das câmaras de vigilância continuam a acumular-se. Se não for eu a controlar os acontecimentos, esta malta baralha isto tudo e ficamos sem saber que imagens provêm de que câmara.

Era uma observação grosseiramente injusta, mas Huldar evitou fazer comentários. Quando se sentia pressionada, Erla tinha tendência

para ter uma visão injustificadamente pessimista da realidade. Não é que essa visão fosse muito diferente quando estava bem-disposta.

— Temos o nome de um tarado que andava a incomodar a colega de mestrado da Bríet. É possível que também andasse a incomodar a Bríet.

— Como é que se chama?

— Rögnvaldur. — Huldar baixou os olhos para o post-it amarelo que a orientadora da tese lhe tinha dado. — Tryggvason.

Seguiu-se uma pausa, após a qual se ouviu um berro de Erla.

— Mexam-me esses rabos e venham cá *imediatamente*.

MOLLY FAREJOU VORAZMENTE O CANDEEIRO DE RUA que ela própria tinha regado no princípio do passeio. Antes de se ter tornado mãe adotiva de *Molly*, Freyja achava que os cães urinavam para assinalar o próprio território com o cheiro a urina. Mas, se *Molly* era um indicador de confiança, tinha de chegar à conclusão de que os animais não faziam ideia nenhuma de quem tinha urinado onde.

Baldur, o irmão de Freyja, tinha recebido um pedido inesperado para liderar uma excursão ao Norte da Islândia de um grupo que se tinha desentendido com o guia anterior. Aparentemente farto das intermináveis exigências dos turistas, o guia tinha abandonado o autocarro no meio de nenhures e caminhara quase duas horas até ao aeroporto de Akureyri, onde apresentara a sua demissão por meio de um SMS; a seguir, embarcara no primeiro voo com destino a Reykjavík. Em consequência, Baldur tinha sido contactado para este trabalho em cima da hora, mas, felizmente, Freyja estava desocupada quando ele lhe telefonara em pânico. A avaliar pela atividade frenética que a rodeava, tinha havido um importante desenvolvimento na investigação do crime, mas até àquele momento ninguém se incomodara a informá-la do que se tratava.

Baldur tinha-lhe perguntado se podia cuidar de Saga e de *Molly*, e, como sempre, Freyja tinha respondido imediatamente que sim. Mas como ia ela cuidar da sobrinha no meio de uma investigação criminal? Teria de improvisar. No pior dos casos, trabalharia apenas durante os períodos em que a miúda estava no infantário; bem, teria de arregaçar as mangas, esquecer os intervalos para café e meter prego a fundo. Na verdade, havia trabalhos que ela podia perfeitamente fazer a partir de casa. Por uma questão de segurança, ao chegar a casa ligaria a várias amigas para ver se podia contar com alguma delas em caso de emergência; tendo em consideração que de vez em quando as ajudava

a safar uma situação semelhante, não devia haver problema em lhes pedir o mesmo favor.

Molly já tinha, evidentemente, farejado tudo o que queria. Deixou mais umas gotas de urina ao lado do candeeiro e seguiu em frente. Depois de tantas voltas, estava agora cheia de pressa e começou imediatamente a puxar pela trela com toda a força. A cadela fazia lembrar uma das amigas de Freyja, que levava sempre que tempos para se arranjar, mas, uma vez de casaco vestido, começava a picar toda a gente que tinha à sua volta, como se a casa estivesse a arder.

Saga era exatamente o oposto: ninguém tentasse apressá-la. E como, nos últimos tempos, a sobrinha se recusava a ir sentada no carrinho, insistindo em andar, Freyja teve de lhe dar a mão, acompanhando-a nos lentos passos das suas botinhas de inverno sobre o passeio ainda com restos de neve. Tal como *Molly*, Saga parava constantemente, mas nunca nos mesmos sítios que a cadela. Em consequência, o passeio a três avançava aos arranques, e Freyja, repetidamente arrastada para sentidos contrários, sentia os braços quase a soltarem-se-lhe dos ombros.

Estava nesta situação, dividida entre a criança e a cadela, quando o telemóvel começou a tocar dentro do bolso do seu blusão. Para conseguir responder, teve de prender Saga entre as pernas, encaixar o telemóvel entre o ouvido e o ombro, e a seguir voltar a pegar na mãozita metida dentro de uma luva de lã, antes de conseguir finalmente continuar a andar.

Era a chefe. Freyja deteve-se no meio da rua com o espanto, e quase levantou voo quando *Molly* deu um puxão à trela.

— Onde é que estás?

Erla não perdia tempo com conversas de circunstância. Mas, se tinha pegado no telemóvel para ligar a Freyja, o assunto devia ser sério. Freyja só esperava não apanhar um raspanete por ter saído do emprego mais cedo, ou, pior ainda, ser afastada desta investigação.

A única saída possível era dizer a verdade.

— Estou em casa. Na rua, a passear o cão.

— Dá meia volta.

Freyja sorriu.

— Estou em frente do meu prédio. Queres que volte para trás e dê

mais uma volta ao quarto?

Erla ignorou a graça.

— Tens de voltar imediatamente para a esquadra.

— Vai ser difícil. — Freyja tinha partido do princípio de que teria pelo menos esta noite para ativar o plano de emergência em que pedia ajuda às amigas. — Estou a tomar conta da Saga...

Erla interrompeu-a imediatamente.

— Deixa-a em casa. Ter de tomar conta de uma cadela não é uma desculpa aceitável. Preciso de ti aqui e agora.

— A Saga não é uma cadela, é uma criança. É a minha sobrinha.

Erla soltou um gemido tão sonoro que *Molly* voltou a cabeça para ver o que se passava.

— Que idade tem ela?

— Tem quase três anos.

Freyja sorriu a Saga, que tinha ouvido isto e erguera os olhos para ela. A menina levantou a mãozinha, remexendo os dedos dentro da mitene e mostrando (esperava Freyja) três dedos, em vez de dois ou de um. Estavam sempre a lembrar-lhe o dia dos anos, na expectativa de que ela aprendesse a dizer que idade tinha, pelo menos com os dedos. Com efeito, há muito tempo que Freyja e os restantes membros da família tinham abandonado quaisquer falsas esperanças de que a criança tivesse capacidade para se exprimir.

Fez-se silêncio do outro lado da linha, enquanto Erla refletia.

— Trá-la contigo. Ainda não tem idade para perceber nada. A Lína ou outra pessoa qualquer toma conta dela.

Freyja começou a suspeitar do pior.

— Encontraram a cabeça? — perguntou, e sentiu um arrepio. — Tens consciência de que é totalmente impróprio sujeitar uma criança de três anos a uma coisa dessas? Mesmo que seja apenas para ouvir falar do assunto?

— Não tem que ver com a cabeça. Receberás todas as informações necessárias quando cá chegares.

Era a primeira vez que Erla solicitava pessoalmente a presença de Freyja. E nem parecia ter sido obrigada por um superior, o que significava que a situação devia ser grave. Era impossível não atender a este apelo.

— Estou aí dentro de quinze minutos.

Nem «obrigada», nem «até já». Silêncio absoluto. Erla já tinha desligado.

Saga olhou em redor, detetou imediatamente a presença de Huldar, soltou-se de Freyja e correu para ele o mais depressa que as desajeitadas botinhas lhe permitiam, chamando-o ao seu jeito muito pessoal, isto é, ignorando o H e o R, como se fosse francesa: «Ulda!» Freyja sentiu-se intimamente grata pelo facto de Saga ainda não falar bem, porque Baldur não ficaria propriamente muito satisfeito se soubesse que a filha não só tinha visitado o campo do inimigo, como tinha apreciado enormemente a experiência.

Erla observava Saga da porta do seu gabinete.

— Parece que o Huldar derramou todo o seu charme sobre a miúda. Está visto que ela não tem jeito nenhum para avaliar personalidades.

Freyja ignorou a observação. Tinha os olhos fitos em Huldar, que se havia inclinado para pegar na miúda. Vendo-lhe os músculos da coxa retesarem-se contra o tecido das calças, a mente dela focou-se imediatamente em algo que nada tinha que ver com homicídios ou cabeças desaparecidas. Sentindo que começava a corar, Freyja teve a inteligência de se voltar para Erla, porque a visão da chefe teria o condão de a acalmar.

— Pronto. Aqui estou. O que queres que eu faça?

Erla começou a falar com Freyja, mas sem tirar os olhos de Saga. Era evidente que a criança a deixava insensível.

— Vamos prender um homem que é quase certamente o nosso assassino e trazê-lo para a esquadra para o interrogar. Temos uma certeza razoável de que é o homem estranho e mau que Bríet chamou a atenção da filha para ter cuidado. Pelo menos, tem um Toyota encarnado registado em seu nome e, segundo a lista de chamadas do telemóvel dela que nos entregaram hoje, é uma das pessoas que ligou a Bríet no dia em que ela morreu. O Gudlaugur identificou o carro nas imagens das câmaras de vigilância a dirigir-se para Salahverfi por volta das seis da tarde e a sair de lá por volta das sete e meia, que é o

período em que provavelmente Bríet terá sido morta. Além disso, este homem ameaçou a colega de mestrado dela, Andrea, o que nos faz pensar que é o sujeito de quem andamos à procura. Mas não atende o telemóvel e não respondeu às mensagens que lhe enviámos, ordenando-lhe que se apresentasse na esquadra para ser interrogado. Precisamos da tua presença, porque este sujeito é quase de certeza maluquinho. A detenção e o que se seguirá têm de estar cem por cento de acordo com as normas.

Freyja limitou-se a acenar a cabeça.

— Onde está ele?

Erla desviou finalmente o olhar de Saga, parecia que com esforço, e voltou-se para Freyja.

— A questão é precisamente essa. Ligámos-lhe para o emprego e disseram-nos que ele está de licença. A mulher afirma que ele não está em casa, mas o departamento forense assinala que o telemóvel do sujeito está dentro do apartamento, por isso é lá que vamos tentar. O mais provável é a mulher estar a protegê-lo. Quando falei com ela ao telefone, pareceu-me muito estranha. Fiquei com a impressão de que estava... não sei bem... completamente fora.

— Completamente fora? — repetiu Freyja. — Isso quer dizer que estava drogada ou que tem problemas psiquiátricos.

— Ambas as coisas ou nenhuma delas, tanto faz. Estivemos à procura de informações sobre este casal, e parece que perderam recentemente a única filha que tinham. É uma coisa que afeta profundamente as pessoas, mas, ainda assim, matar alguém seria uma reação excessiva. O tipo já devia ser desequilibrado. — Erla desviou os olhos para ver Huldar pegar em Saga e sentá-la no seu colo, à secretária. Quando se voltou novamente para Freyja, o seu rosto fatigado tinha uma expressão imperscrutável. — A tal filha deste casal morreu de sarampo, e a dissertação de Bríet era sobre vacinas. A relação tem de ser essa, porque, tanto quanto conseguimos perceber, eles não se conheciam. Mas a motivação que o sujeito terá tido para matar Bríet continua a ser um mistério. Vamos ter de lhe arrancar isso.

— Qual é o plano? Eu fico lá fora, no carro, ou avanço convosco? Estou só a pensar na Saga. O que faço com ela, entretanto? Não posso

propriamente levá-la comigo.

— Ai, porra. — Erla pressionou o fundo das costas com as duas mãos. — Ia pedir à Lína que cuidasse da miúda, mas...

Estavam ambas a olhar na direção de Huldar. Lína tinha-se aproximado dele, certamente para perguntar em tom crítico quem era aquela criança, e a reação de Saga tinha sido franzir o sobrolho e deitar-lhe a língua de fora. Depois, pegou numa borracha que havia em cima da secretária e tentou atirar-lha, mas, como continuava com as mitenes calçadas, a borracha caiu ao chão sem fazer mal a ninguém.

Freyja abanou a cabeça. Concluiu que era pouco provável que Saga mudasse de opinião sobre Lína, pelo que seria um desastre tê-las juntas no banco de trás do carro.

— A melhor opção é o Huldar.

Erla olhou de relance para o relógio.

— Ele vai ter de a levar para qualquer lado. A miúda não pode ficar aqui.

— O autocarro. Pode levá-la a dar uma volta de autocarro. É o entretém preferido dela.

Pela expressão de Erla, Freyja percebeu que, na opinião da chefe, o gosto de Saga em matéria de atividades lúdicas deixava muito a desejar. Não valia a pena tentar explicar-lhe que, para Saga, a principal atração daquela atividade consistia em ir sentada no banco a observar criticamente os outros passageiros. Pelo menos era esta a conclusão que Freyja tinha tirado depois de levar a sobrinha a dar inúmeras voltas de autocarro só para a manter entretida.

— Huldar! — berrou Erla para a outra extremidade do espaço aberto. — Pega no blusão. Vais dar uma volta de autocarro e vais levar essa pestezinha contigo!

Freyja viu Saga fechar os olhos, deliciada, ao ouvir a palavra «autocarro»; no caso da sobrinha, aquilo era um sorriso. Depois, voltou a abri-los e pousou os olhos em Erla com uma expressão carregada, transmitindo a mensagem de que, tal como os infelizes passageiros do autocarro que se cruzariam no seu caminho, Erla tinha sido julgada e ficara aquém do esperado.

A equipa da força especial de polícia foi à frente, em dois carros, e Freyja seguiu atrás, no seu carro pessoal. Se soubesse que ele ia ser usado para uma operação policial, tê-lo-ia limpado — por dentro e por fora. Bem, pelo menos teria pensado no assunto.

Os carros da polícia estacionaram em frente de um prédio de apartamentos de Háaleiti. Felizmente, havia lugares suficientes para todos, embora não tivessem ficado lado a lado. Freyja optou por um lugar o mais longe possível do prédio, protegido por uma carrinha. Erla garantiria-lhe que não tinham razões para pensar que houvesse armas de fogo no apartamento, de maneira que quem ficasse na rua não correria qualquer perigo, mas Freyja achou que mais valia prevenir do que remediar. A ideia de ficar com o seu carrinho cheio de buracos de balas não lhe agradava nada. Só um rapper acharia que era fixe ter um veículo nesse estado.

Quando os polícias saíram dos carros, o bater das portas abafou o vago ruído de fundo do trânsito que circulava em Miklabraut.

Reuniram-se à entrada do prédio. À exceção de Erla, quase todos tinham a cara tapada. Os membros da polícia especial usavam capacetes e balaclavas, que apenas lhes deixavam os olhos à vista. Quando se juntou ao silencioso grupo, Freyja teve a sensação de que estava a entrar num jogo de computador. Ninguém a cumprimentou e ela também não disse nada, para não perturbar a concentração de que os polícias certamente precisavam para desempenharem aquela missão. No meio daquele grupo de pessoas que se preparava para combater um suspeito possivelmente armado — um homem que não tinha nada a perder —, Freyja sentiu-se invadir por uma onda de medo: seria pior que inútil numa situação daquelas. A psicologia era para ser praticada em paz e sossego. Qualquer tentativa da sua parte de chamar o suspeito à razão no meio de um confronto seria fútil.

Entraram no átrio do prédio, e Erla levantou o dedo para a campainha que tinha uma etiqueta com os nomes de Rögnvaldur e da mulher, Aldís. Olhando de relance por cima do ombro, advertiu os elementos da polícia especial de que deviam estar alerta e preparados para qualquer eventualidade, e ordenou a Freyja que se afastasse, mantendo-se a uma distância de segurança e só intervindo se lhe fosse pedida alguma coisa. Freyja concordou com um aceno. Era uma

ordem a que não tinha nenhuma dificuldade em obedecer. Embora não fosse propriamente amiga de Erla, Freyja esperava que a chefe seguisse a indicação que acabava de lhe dar: uma mulher que estava prestes a dar à luz estava tão deslocada no contexto de um embate armado como uma psicóloga. Mas absteve-se de fazer comentários. Erla não era estúpida e devia ter pensado na sua própria segurança e na segurança do seu filho.

Erla tocou à campainha e aguardou, no meio do grupo, que lhe respondessem. Não houve reação. Voltou a tocar e, desta vez, após uma breve pausa, ouviram uma voz rouca de mulher ao minúsculo intercomunicador.

— Boa noite.

— Boa noite, Aldís. É a polícia. Precisamos de falar com o Rögnvaldur. Liguei-lhe há bocado. Pode abrir-nos a porta?

— Ele não está em casa.

— Mas pode deixar-nos entrar?

— Não.

A mulher desligou.

Erla voltou a tentar e obteve a mesma resposta: uma recusa linear, após o que o intercomunicador perdeu o som. A chefe voltou a tocar mais duas vezes à campainha, mas não teve qualquer resposta. Por acaso, não houve necessidade de arrombar a porta do prédio, porque nessa altura saiu uma jovem e a polícia aproveitou a oportunidade para entrar. A jovem ficou a olhar para eles, com a boca aberta de espanto — o que se justificava, porque não era todos os dias que uma pessoa via o átrio do prédio onde morava cheio de agentes da força especial de polícia.

Quando chegaram ao piso indicado, Freyja manteve-se a uma distância de segurança enquanto os outros tomavam posição junto à porta: a equipa da força especial de um lado e Erla do outro. A chefe tocou à campainha durante bastante tempo, mas não obteve resposta. Voltou a tocar, ao mesmo tempo que ordenava a Aldís, em voz alta, que abrisse a porta. Vendo que nada acontecia, Erla gritou que eles eram da polícia e que tinham um mandado de busca; que entrariam na casa quer Aldís lhes abrisse a porta, quer não. Após mais uma tentativa de chamar a mulher à razão, fez sinal à equipa da polícia

especial para que arrombassem a porta. Nesse momento, ouviram o clique da fechadura.

A porta continuava sem se abrir. Erla estendeu o braço e experimentou o manípulo. Nesse momento, a porta abriu-se ligeiramente, e o agente da polícia que se encontrava mais perto empurrou-a para trás. Os outros aguardaram por instantes sem se mexer, encostados à parede, não fosse dar-se o caso — presumiu Freyja — de Aldís ou Rögnvaldur avançarem para eles com violência, com uma arma branca ou pior. Mas não houve qualquer movimento desse género.

Erla anunciou que iam entrar e ordenou ao casal que se ajoelhasse e pusesse as mãos na nuca. Era pouco provável que a mulher agisse em conformidade, tendo em conta a dificuldade que haviam tido até agora para que ela obedecesse.

Os elementos da polícia especial foram entrando um a um silenciosamente no apartamento, deixando Erla e Freyja sozinhas no patamar. As duas mulheres ouviram portas a ser abertas com violência e repetições da ordem de ajoelhar, desta vez proferidas num berro ensurdecidor — tão ensurdecidor que Freyja teve de fazer um esforço enorme para contrariar o instinto que a mandava, também a ela, cair de joelhos. Enquanto tudo isto acontecia, Freyja observou Erla, e espantou-se com a expressão impassível da chefe. Parecia que estava na fila para a caixa do supermercado.

Um dos polícias apareceu à porta.

— Podem entrar. Já a algemámos. O homem não está em casa, mas tem cá o telemóvel.

Erla não conseguiu ocultar a sua frustração: o objetivo daquela operação era prender Rögnvaldur. Com um movimento do queixo, ordenou a Freyja que viesse com ela e ambas entraram na casa do homem suspeito de ter assassinado uma mulher e de a ter cortado em pedaços. Do pouco que Freyja sabia sobre ele, Rögnvaldur não parecia encaixar em nenhuma das categorias a que, segundo ela, o criminoso poderia pertencer: não era caçador e, dado que trabalhava numa companhia de seguros, também não devia estar habituado, em termos profissionais, a decepar animais de grande porte ou pessoas. Mas, como ainda não tinham feito uma análise pormenorizada à vida do

homem, ainda poderiam vir a descobrir que ele tinha trabalhado num matadouro na juventude. Se assim não fosse, Freyja estava certa de que seria um psicopata, ou que sofria de psicose aguda.

Ao entrar no apartamento atrás de Erla, tudo aquilo que foi vendo a fez pender para a segunda hipótese. As cortinas estavam corridas, criando um espaço escuro e abafado. Freyja observou cuidadosamente todos os pormenores do interior, para formar uma imagem das pessoas que ali viviam, e só conseguia recordar-se das fotografias que tinha visto de casas abandonadas em Chernobyl; faltava apenas a vegetação que ia avançando pelas paredes dentro. A vida do dia a dia em ruínas.

Todas as superfícies estavam cobertas por uma camada de pó. Havia cartas por abrir e lixo espalhado pelo chão. Olhando para a cozinha, cuja porta estava aberta, detetou travessas ainda com comida e copos de leite coalhado. Contudo, não era difícil imaginar o aspeto que este apartamento tinha tido quando era limpo com regularidade, as luzes estavam acesas e as cortinas abertas. Antes de ter sido atingido pela tragédia.

Mas o mais bizarro de tudo era a sala de estar, que estava de pernas para o ar, com o mobiliário afastado para um lado, os quadros e as fotografias no chão, bem como cacos de uma jarra ou uma taça que se tinha partido. Viam-se canetas e papéis por toda a parte, como se tivessem sido atirados ao ar, ficando onde tinham caído. Em cima do sofá, estava pousada uma embalagem vazia de comprimidos com o nome de um estimulante comum, o que dava a entender que a mulher ou o marido, ou ambos, estavam a tomar este medicamento. Se estivessem a tomar uma dose superior à recomendada pelo médico, o resultado não seria o melhor.

A parede maior da sala de estar tinha sido transformada num mural doméstico, com informação rabiscada em múltiplos pedaços de papel. Freyja ainda conseguiu fotografá-lo rapidamente com o telemóvel, antes de Erla a chamar ao quarto.

Era ali que se encontrava a mulher, Aldís, de joelhos. Não tinha as mãos na nuca, porque lhas tinham algemado atrás das costas. Vestia uma blusa branca e umas calças de pijama que, nitidamente, não contactavam há muito com o interior de uma máquina de lavar. O cabelo caía-lhe pelos ombros, num eriçado oleoso.

Aldís tinha um elemento da brigada especial de cada lado e outro atrás, pelo que Freyja presumiu que não correria qualquer perigo agachando-se diante dela. Não teria qualquer hipótese de conseguir chegar ao interior desta mulher tão fragilizada se permanecesse de pé diante dela, numa atitude de juiz.

— Aldís — começou, inclinando ao de leve a cabeça, numa tentativa de a olhar nos olhos, mas Aldís desviou a cara. — Vão levá-la para a esquadra, e é preferível não oferecer resistência. Compreende o que lhe estou a dizer?

Aldís olhava fixamente para o guarda-fatos que tinha no quarto, não dando sinais de ter absorvido as palavras de Freyja.

— Se oferecer resistência, corre o risco de se magoar. E nós não queremos que isso aconteça.

Aldís continuava a fixar o guarda-fatos, feito à medida, que ocupava a parede por trás de Freyja. Todos os compartimentos do armário tinham sido abertos, presumivelmente à procura do marido, e talvez também da cabeça de Bríet, que continuava desaparecida. A mulher parecia atordoada, mas Freyja achou que podia perfeitamente tratar-se de uma reação normal à violenta entrada da polícia em casa; ou então, era consequência da medicação para uma depressão profunda.

Erla foi postar-se ao lado do agente que se encontrava atrás da mulher algemada e, apontando para a cabeça de Aldís, começou a falar mexendo os lábios, mas sem emitir som. Freyja — que não estava habituada a ler lábios — levou algum tempo a perceber que Erla pretendia que ela perguntasse onde estava Rögnvaldur.

— Aldís, o que lhe vou perguntar é muito importante. Onde está o Rögnvaldur?

Os olhos de Aldís desviaram-se do guarda-fatos e cruzaram-se com os de Freyja.

— Não sei. E agora, já podem ir embora?

— Estará algures aqui no prédio?

— Não sei.

— Este apartamento tem garagem?

Aldís abanou a cabeça.

— Seria melhor para ele, e para toda a gente, se conseguíssemos

descobri-lo o mais depressa possível. Se sabe onde ele está, diga-nos, por favor.

— Não sei onde ele está. Por isso, podem libertar-me. Não sei de nada. De manhã, estava aqui, mas agora não está.

Todas as perguntas que Erla transmitiu a Freyja através do movimentos dos lábios — *A que horas se foi embora? Levou o vosso carro? Levou alguma coisa com ele? Onde é que ele costuma ir? Ele tem mais algum telemóvel? Levou dinheiro ou cartão de crédito?* — receberam a mesma resposta:

— Não sei.

A única pergunta que foi respondida com clareza foi uma pergunta sobre armas de fogo, que Freyja também fez a pedido de Erla:

— O seu marido tem acesso a alguma arma?

— Não.

Aldís não se mostrou minimamente surpreendida com a pergunta, mas, se estava a tomar sedativos, isso explicava a sua indiferença. E também poderia explicar por que razão não tinha perguntado o que se passava. Freyja tentou fazer uma pergunta por sua própria iniciativa.

— Sabe por que motivo estamos à procura do Rögnvaldur?

Sem baixar os olhos, Aldís respondeu num tom de voz inexpressivo e com uma expressão neutra, desprovida de qualquer emoção:

— Sei. Por homicídio. O Rögnvaldur matou uma pessoa.

A seguir a isto, não disse mais nada, e Freyja ficou com a sensação de que devia ter insistido ou feito uma abordagem diferente. Tinha um pressentimento de que esta mulher sabia qualquer coisa, qualquer coisa que precisava de contar a alguém, para se libertar dela, mas não conseguia. Embora não fazendo ideia do que fosse, Freyja tinha a sensação de que Aldís escondia um terrível segredo.

Quinta-feira

NA RUA, ESTAVA O MELHOR DIA DE INVERNO que se podia desejar: sem ponta de vento, um céu totalmente limpo e o mundo coberto por uma camada puríssima de neve. Assim que o sol subisse um pouco no horizonte, seria o tempo ideal para fazer esqui. Era um azar danado que aquele tempo excelente tivesse calhado num dia de semana, até porque a previsão para o fim de semana era um cocktail de ventos fortes, neve intensa e infelicidade generalizada. Mas isto também não teria qualquer relevância para Huldar, que estaria fechado na esquadra a trabalhar. A investigação continuava a bom ritmo, apesar de a equipa estar convencida de que tinha identificado o assassino. Teoricamente. Na prática, o homem continuava à solta.

Huldar encostou-se ao muro do pátio das traseiras da esquadra e tirou um cigarro do bolso. Acendeu-o, deu uma passa e soprou uma espessa camada de fumo, que formou uma série de grandes nuvens ondulantes no ar gelado. O melhor que tinha a fazer era saborear aquele momento, porque tinha pela frente mais um dia muito ocupado. Um dia que seria passado dentro de salas de interrogatório e salas de reunião, ao telefone e diante do computador. Não era exatamente uma perspetiva atraente com o tempo maravilhoso que estava, e Huldar sentiu uma pontinha de inveja dos seus colegas que andavam na rua de uniforme, por turnos.

A porta que dava para o terraço abriu-se, e Huldar olhou rapidamente naquela direção a ver quem era, rezando para que não se tratasse de um dos pregadores antitabaco que abundavam no edifício. Mas não; era a chefe. Erla também não gostava do fumo, mas tinha desistido há muito de implicar com Huldar por causa disso. Era o mesmo que implicar com o mar por fazer ondas.

A princípio, Erla não deu pela presença dele e deixou-se estar quieta, de olhos fechados e cara voltada para o sol. Depois, levou as mãos ao fundo das costas e inclinou-se para trás, o que fez com que a barriga se espetasse de tal maneira que Huldar teve subitamente um medo horrível de que a pele estalasse e o bebé saltasse cá para fora. Logo a seguir, porém, endireitou-se e a barriga retomou a sua dimensão normal.

— Enche bem esses pulmões, porque vais passar o resto do dia a respirar o ar estagnado dos gabinetes. — Huldar deu uma palmada na parede atrás dele. — Este lugar está livre.

Erla aproximou-se e apoiou-se na parede ao lado de Huldar, inspirando avidamente o ar frio de inverno, como se tivesse acabado de vir à superfície depois de um mergulho.

— Onde diabo se meteu Rögnvaldur?

Huldar não se importaria nada de falar de outra coisa durante os cinco minutos que ainda lhe restavam de intervalo. Mas a investigação pesava intensamente sobre os ombros de todos, em especial nos de Erla.

— Ele há de aparecer. É só uma questão de tempo. Não conseguiste arrancar nada de jeito à mulher?

— Não. Porra para isto tudo. Não consigo perceber se ela está a fingir ou a dizer a verdade. A única coisa que conseguimos arrancar-lhe é que está convencida de que Rögnvaldur matou uma pessoa. Mas não sabe quem, nem onde, nem quando. E só quer voltar para casa. — A chefe deu um estalido com a língua. — Ela e todos nós.

Huldar apagou o cigarro no asfalto, para evitar que o fumo fosse para o rosto de Erla.

— É possível que a mulher esteja a dizer a verdade. Se calhar, não sabe mesmo nada. Tenho a impressão de que ela não sai de casa há várias semanas, ou mesmo meses. Tem-se deixado estar ali, drogada com os medicamentos que lhe receitaram.

— Sim. Parece que é isso. Aparentemente, teve uma noite péssima, a vomitar as entranhas e por aí fora. Sintomas de abstinência. — Erla voltou a encher o peito de ar e reteve-o o mais que pôde. — A boa notícia é que detetámos sangue no par de sapatos que descobrimos na rusga ao apartamento do casal. Do mesmo tipo que o de Brít. E as

impressões digitais que encontrámos no apartamento correspondem a algumas das que encontrámos em casa de Bríet, incluindo na porta do jardim. O carro de Rögnvaldur aparece nas imagens das câmaras de vigilância no bairro da vítima na sexta-feira, e a hora coincide com a da morte dela. Além disso, sabemos que ele ligou várias vezes a Bríet e lhe mandou uma série de mensagens nos dias que antecederam o homicídio, o que mostra que andava atrás dela. Rögnvaldur é o nosso homem, sem dúvida nenhuma.

Huldar concordou.

— Temos mais resultados de ADN?

Erla continuava a fazer exercícios respiratórios, pelo que levou uns momentos a responder.

— Ao que parece, vão enviar-nos mais qualquer coisa amanhã. É uma chatice este atraso, agora que apanhámos Rögnvaldur e que conseguimos amostras do ADN dele para comparação. Não é que eu ache que o teste de ADN seja essencial. O homem é o culpado. A análise do vómito será apenas um dos muitos elementos de prova da acusação contra ele. Pena que a motivação seja tão obscura. Mas quem sabe? Talvez o homem consiga explicar-nos tudo quando o apanharmos.

Huldar separou o plástico do maço de cigarros e meteu a beata lá dentro.

— Não. Ele nunca será capaz de explicar ou de nos fazer compreender por que razão fez aquilo. Ninguém consegue explicar uma coisa daquelas. — Huldar meteu a beata envolvida em plástico dentro do bolso. — Se aquela arte mural que ele fez na sala tem alguma razão de ser, o homem anda obsessivamente à procura da pessoa que lhe infetou a filha. É uma taradice, é certo, mas pelo menos é compreensível. Pelo contrário, matar Bríet, que não tinha nada que ver com o assunto, não faz sentido nenhum. Ninguém pode seriamente responsabilizar uma estudante universitária que está a fazer um estudo sobre vacinação pelo facto de outra pessoa qualquer ter decidido não vacinar um filho contra o sarampo. Que meios tinha Bríet para impedir uma situação dessas? Só espero que o homem tenha uma porra de uma pena bem grande.

— Nesse caso, é melhor começares por me fazer o favor de o

encontrar. Para ele ser metido na prisão, primeiro temos de o apanhar.

Erla encheu novamente os pulmões e soltou lentamente o ar. Depois, pôs as mãos nas ancas e fez uma careta. Huldar calculou que a chefe estivesse a sentir uma pontada por causa da gravidez, mas decidiu que era mais sensato não fazer comentários. Uma das irmãs dele tinha ido a Reykjavík dar à luz, e passara as duas últimas semanas da gravidez em casa dele. Certa vez em que a irmã andava de um lado para o outro na sala de estar, perdida de dores e com um saco de cubos de gelo nas costas, Huldar tinha-lhe sugerido que se estendesse e tentasse esvaziar a cabeça, uma vez que a dor era um fenómeno essencialmente mental. Como recompensa, fora presenteado com um rol de pragas e por pouco não se desviava a tempo quando o saco de gelo voou na sua direção. Por isso, achou preferível não dizer nada, esperando apenas que aquelas dores não fossem o começo das contrações de Erla.

— Havemos de o encontrar. Ele é um sujeito normal, como qualquer outro. Quem é que vai escondê-lo da polícia? Pusemos um cartaz a circular nos meios de comunicação, e as pessoas andam atentas. Confia em mim, ele aparece ainda hoje.

— Sim, está-se mesmo a ver — replicou Erla num tom carregado de ceticismo. — A malta já está para aí a telefonar cheia de sugestões, na sua grande maioria disparates completos, já para não falar da porra dos jornalistas, que não me largam nem um minuto. Não sei como é que vamos ter gente que chegue para atender os telefones. Sabes quantas chamadas eu recebo por dia?

Como se aquilo fosse uma deixa, o telemóvel de Erla começou a tocar, e a chefe resmungou que era mesmo típico. Mas ainda não tinha trocado meia dúzia de palavras com a pessoa que estava do outro lado da linha quando a sua disposição se alterou. Ao terminar a chamada, o pessimismo cansado fora substituído por uma excitação triunfante, que nem por isso a impediu de dizer palavras.

— Anda daí. Apareceu a porra da cabeça.

Era Huldar quem ia ao volante. Tinha apanhado as chaves do carro antes de Erla conseguir deitar-lhes a mão, receoso de que, com a

excitação, a chefe tivesse uma condução descuidada e acabasse por sofrer algum acidente. Se o cinto de segurança ficasse bloqueado, a barriga certamente impediria quaisquer movimentos.

O carro abrandou quando entraram na pequena estrada que ia dar a Gróttta, a reserva natural que ficava na extremidade da península, no termo ocidental da cidade. Era uma zona que as pessoas apreciavam para fazer passeios à beira-mar ou ir até à ilha de maré, onde havia um farol. Ao fundo da curta estrada, havia um parque de estacionamento, que estava deserto, pelo que Huldar pôde escolher o lugar que mais lhe agradou. A vista era espetacular, começando a norte, na baía de Faxaflói, e estendendo-se para oeste, para as montanhas e os promontórios da costa, revelados em toda a sua glória naquele dia de sol radioso.

Mal chegaram, Erla saltou do carro e, enquanto Huldar arrumava o veículo, pôs-se a gesticular com ar impaciente, ordenando-lhe que se despachasse. Assim que Huldar saiu do carro e foi ter com ela, a chefe começou a andar, a tal velocidade que escorregou na neve, e só não caiu porque Huldar a amparou rapidamente.

— Cuidado, Erla. Ali adiante, há uns pedregulhos e tanto.

Erla abrandou com relutância, e atravessaram juntos a extensão de neve que separava o parque de estacionamento do caminho que corria ao longo da zona cimeira da praia. O casal que tinha descoberto a cabeça estava sentado num banco. Mesmo que houvesse por ali mais gente, não teria sido difícil localizá-los, porque o ar deles era exatamente o que seria de esperar de duas pessoas que acabavam de encontrar uma cabeça humana dentro de um saco de plástico: a jovem estava debruçada para a frente, apoiada nos joelhos, como que para não desmaiar; o rapaz, sentado ao lado dela, estava muito direito e com a cabeça inclinada para trás. O único que parecia indiferente à confusão era o rafeiro que tinham aos pés; foi o primeiro a aperceber-se da chegada de Huldar e Erla, e começou a torcer-se todo, ansioso pelo que iria seguir-se. O cachorro deu um puxão na trela, chamando a atenção da jovem, que levantou a cabeça. Ao ver os dois investigadores, deu uma cotovelada ao companheiro, e ambos se levantaram.

— Oh, meu Deus, pensei que nunca mais cá chegavam. — A jovem

disse que se chamava Dröfn. — Não é brincadeira, estar aqui à espera com aquela *coisa* ali — comentou, e depois olhou para o telemóvel. — E o Aggi vai chegar atrasado ao emprego. Já nos podemos ir embora? Não queremos ficar aqui nem mais um minuto. — Parecia estar à beira das lágrimas.

— Obrigada por terem esperado por nós. — Erla não perdeu tempo a apertar-lhes a mão nem a perguntar-lhes se precisavam de acompanhamento pós-trauma. Nem ela nem Huldar eram especialmente competentes nessa área. — Mas, infelizmente, não, não se podem ir embora.

— Mas eu tenho mesmo de ir andando! — O jovem enterrou as mãos sem luvas nos bolsos do blusão. — Tenho de ir trabalhar. Não posso chegar atrasado.

— Onde é que trabalhas?

Erla tinha tirado o telemóvel do bolso.

O jovem referiu o nome de um restaurante do centro da cidade.

— Costumo trabalhar depois das aulas, mas hoje tive folga da faculdade e prometi fazer um turno. E não posso perder este emprego.

O olhar de Huldar recaiu sobre a mochila que Aggi trazia ao ombro; era uma mochila cara, de designer, e não o surpreenderia que o rapaz tivesse feito um empréstimo para a comprar e tivesse arranjado um emprego a meio tempo para o poder pagar. Estas mochilas eram muito apreciadas pela camada mais jovem, mas Huldar não percebia como é que alguém podia cair naquela banha da cobra. Antigamente, eram sobretudo as mulheres que se deixavam levar por estes disparates. Os proprietários das grandes lojas de moda deviam estar a esfregar as mãos de contentes com a influência que os rappers mimados e consumistas de outros países tinham sobre os consumidores islandeses.

Teve de recordar a si próprio que a sua função e de Erla não era dar lições de vida a estes miúdos. Infelizmente, o que os trouxera ali era uma cabeça separada do respetivo corpo — coisa que dificilmente se tornaria um acessório de moda num futuro próximo.

Erla encontrou o número de telefone do restaurante e ligou para lá.

— Aggi... — Interrompeu-se e voltou-se para o jovem. — Como é o teu nome completo?

— Agnar, Agnar Grétarsson.

Erla voltou a falar para o telemóvel.

— Sim, Aggi, Agnar Grétarsson não vai conseguir chegar a tempo hoje. Vai chegar atrasado. Muito atrasado. Na verdade, poderá nem ir trabalhar. — Calou-se e ouviu-se um eco indistinto de uma voz do outro lado. — Sim. Pronto, é isso, Agnar não vai conseguir aparecer, por isso vão ter de resolver o assunto de outra maneira. E não, não posso dar-lhe uma justificação. Sou da polícia, e nós não fazemos isso.

Agnar abriu a boca com ar indignado, e Huldar reparou que Dröfn lhe apertava o antebraço, como que receosa de que o amigo se atirasse a Erla. Ou talvez não fosse isso. Talvez estivesse apenas a mostrar-se solidária, porque, se o jovem perdesse o emprego, poderia ter de vender a bela mochila. Mas os dois amigos descontraíram visivelmente quando Erla acrescentou que ele não era suspeito de qualquer atividade criminal, mas apenas testemunha.

— Muito bem, hoje tens folga — anunciou Erla, voltando-se para o jovem. — Que universidade frequentas?

— A Universidade da Islândia. Estou no terceiro ano de Gestão.

— E tu? Também tiveste folga das aulas hoje?

A jovem assentiu.

— Tive. Também estou na faculdade. Estou em Direito.

— E também devias estar a trabalhar?

— Não. Tencionava estudar. Mas agora já não vou ser capaz, nem pensar.

Erla acenou a cabeça e sacou do bloco de notas, onde anotou estes elementos, bem como o nome completo da rapariga e o número de telefone de ambos. Enquanto a chefe procedia a estas diligências, Huldar contemplava as barras nuas das velhas armações de madeira para secagem de peixe que havia à beira do caminho, relíquias do passado, que hoje em dia eram apenas decorativas.

Erla ergueu os olhos.

— Onde está o saco?

Os dois jovens apontaram para a praia, separada do caminho costeiro por uma tira de erva, que começava com um declive suave para baixo a seguir ao parque de estacionamento, mas que se ia tornando gradualmente mais inclinada para sul, onde fora erguido um

muro de contenção de rochas e pedras mais pequenas, para evitar a erosão. Foi para esta zona que o casal apontou. Enquanto Agnar, a tremer de frio, apertava o fecho-éclair do blusão até ao pescoço, Dröfn descrevia o local.

— É, tipo, um saco de lixo preto. Ficou preso entre as rochas do muro de contenção das águas. Está bem visível. Nós puxámo-lo para fora porque a Tína se recusava a afastar-se, escavava e escavava, por isso fomos ver o que era. Quem me dera que não tivéssemos ido. Quem me dera que tivesse sido outra pessoa a encontrar aquilo. — Desta vez foi ela que se arrepiou toda. — Nunca teríamos vindo tão longe se o tempo não estivesse tão bom.

Erla trocou um olhar com Huldar.

— Vai lá ver.

Ele obedeceu imediatamente, vencendo a sua relutância. Era difícil pensar numa coisa que lhe apetecesse menos fazer, mas nem lhe passou pela cabeça protestar. O melhor era tratar aquele assunto como se fosse um penso rápido, e arrancá-lo de uma vez, sem pensar demasiado. Por muito repugnante que fosse, pelo menos não teria de andar por ali muito tempo. Estavam à espera de reforços, que ficariam de guarda ao local do crime, e a equipa forense também lá iria assim que reunisse todo o equipamento necessário. Quando os colegas chegassem, ele podia ir-se embora.

Tendo localizado o saco, Huldar escalou a linha de rochas que formavam a defesa contra o mar, tendo o cuidado de se manter bem acima do plástico preto. Quem tivesse prendido o saco entre as rochas, só podia tê-lo feito a partir de baixo, da praia, pelo que, permanecendo acima dele, Huldar não destruiria nenhum elemento de prova. Na verdade, se a cabeça ali estava desde sexta-feira ou sábado, pensou, era pouco provável que ainda restassem provas incriminatórias, a não ser que o assassino tivesse deixado cair qualquer coisa dos bolsos. Huldar duvidava de que tivessem essa sorte, mas a equipa forense não deixaria de fazer uma busca cuidadosa ao local. Se conseguissem demonstrar que tinha sido Rögnvaldur a levar a cabeça para ali, a prova seria de tal maneira irrefutável que o julgamento ficaria concluído antes do almoço.

Estava maré baixa. Ao fundo, já na praia, sobressaía das águas uma

sequência de rochas cobertas de algas, que, na maré, estariam submersas. Não se via neve digna desse nome, à exceção de uns pozinhos aqui e ali, sobre pilhas mais antigas de algas, que se tinham acumulado contra a linha de rochas. Ao longo da areia, entre as rochas e a beira-mar, viam-se dois pares de pegadas, presumivelmente do jovem casal, que, aparentemente, tinha caminhado ao longo da praia desde o campo de golfe. Também se viam as pegadas do cão, num louco zigzague de um lado para o outro. O animal não vinha à trela, nitidamente — contrariando a lei, porque estavam num local de nidificação protegido. As pegadas do cão iam dar ao ponto onde o saco sobressaía das rochas, e era possível identificar o local onde os dois jovens tinham voltado para trás, aproximando-se do saco para ver o que tinha lá dentro. Todos os indícios eram perfeitamente consistentes com o relato que Dröfn e Agnar tinham feito.

Huldar aproximou-se um pouco mais, até conseguir tocar no saco preto de plástico com o ponteiro retrátil. À primeira tentativa, conseguiu puxá-lo um pouco — o suficiente para perceber que não se tratava de um engano nem de uma partida: no interior do saco, via-se uma ponta de cabelo castanho, molhado e sujo.

Feito isto, soltou o saco e este voltou ao sítio onde estava. Depois, Huldar empoleirou-se numa rocha coberta de gelo, voltou a cara para o mar e concentrou-se a observar uns patos que nadavam pacificamente perto da zona de rebentação. Passado um ou dois minutos, abanou a cabeça, levantou-se e voltou a subir o caminho.

A MUDANÇA QUE SE OPEROU EM ERLA FOI EXTRAORDINÁRIA: passou da melancolia personificada a um otimismo superior ao de um organizador islandês de concertos: endireitou-se toda, a nuvem ameaçadora que lhe cobria a cabeça desapareceu, e passou a concluir qualquer troca de palavras, fosse para comentar alguma coisa ou para dar ordens, com uma nota positiva. Os papos que tinha debaixo dos olhos suavizaram-se e as faces recuperaram a cor. Freyja achou-a com um ar quase afável.

Não era difícil adivinhar a causa de semelhante transformação. A cabeça de Bríet tinha aparecido, o que implicava que podiam deixar de se preocupar com o paradeiro da dita, com a possibilidade de não chegarem a encontrá-la e com a pessoa que acabaria por descobri-la. Freyja calculou que o jovem casal que tinha deparado com a cabeça não tivesse pensado em lhe tirar fotografias; portanto, também não havia o perigo de a dita aparecer nas redes sociais. Naquele momento, estava em segurança, entregue às mãos do médico legista. Contudo, a autópsia tinha sido adiada, dado que havia a possibilidade de os pais de Bríet serem autorizados a identificar o corpo, e nesse caso era preferível fazerem-no antes de a cabeça ser cortada ao meio. A situação já era, por si só, suficientemente macabra.

Mas esta não era a única razão do bom humor de Erla. Também tinha chegado a primeira parte da análise ao ADN e esperavam a qualquer minuto uma atualização enviada pelo departamento forense; é certo que ainda não sabiam se haveria coincidência com o perfil de ADN de Rögnvaldur, feito com base num cabelo que lhe tinham tirado da escova, mas não deixava de ser um ponto de viragem naquela investigação.

A única notícia negativa é que uma das câmaras de vigilância de Seltjarnarnes, o subúrbio onde a cabeça tinha aparecido, estivera

avariada durante o fim de semana em que Bríet fora assassinada. Havia duas câmaras a cobrir as vias que iam dar ao centro da cidade e, como Rögnvaldur não aparecia nas imagens da margem sul, dava a impressão de que teria ido para Grótta pelo lado norte da península, o local cuja câmara estava avariada. Consequentemente, a polícia não sabia se ele tinha largado a cabeça quando conduzia o carro de Bríet ou o seu. Mas estavam convencidos de que o teria feito no fim de semana, dado que a câmara fora reparada na segunda-feira e, depois disso, não havia sinal de nenhum dos dois carros nas imagens.

Os movimentos dos dois carros continuavam, pois, a ser desconhecidos, à exceção do facto de o Toyota encarnado de Rögnvaldur ter sido levado até Salahverfi na sexta-feira por volta das seis da tarde e ter saído do local pelas sete e meia. Pouco depois da meia-noite, alguém tinha saído daquela zona no Skoda branco de Bríet e, vinte e quatro horas depois, esse carro tinha reaparecido a caminho do bairro residencial onde fora posteriormente encontrado ao abandono. A polícia presumia que Rögnvaldur tivesse regressado ao apartamento de Bríet a pé, para levar o corpo no carro da vítima. O percurso a pé entre a casa dele e a dela era de cerca de hora e meia, o que era consistente com o enquadramento temporal que os registos das câmaras de vigilância tinham permitido estabelecer. Faltava descobrir para onde tinha ido a seguir, mas a polícia continuava a recolher imagens de câmaras de segurança de vários pontos da cidade.

Independentemente dos movimentos de Rögnvaldur, a investigação tinha finalmente recebido o impulso de que precisava para sair do fundo do poço e regressar à estrada, e a polícia contava dispor de provas seguras dentro de pouco tempo — ninguém pode negar o próprio ADN. É certo que ainda faltava descobrir uma série de pormenores, incluindo o local onde Rögnvaldur tinha desmembrado o corpo, mas a prioridade absoluta era encontrar o homem.

A equipa tinha lançado um pedido de ajuda aos cidadãos, mas as chamadas recebidas não haviam fornecido quaisquer pistas; pelo contrário, tinham levado a equipa — já de si com falta de pessoal — a perder um tempo precioso andando de um lado para o outro a seguir indicações sem fundamento. Era inevitável que Rögnvaldur acabasse por ser descoberto. A polícia tinha alertado o pessoal do aeroporto

de Keflavík, por isso estava segura de que ele não escaparia por aí. E ninguém conseguia andar muito tempo escondido num país como a Islândia, pelo menos enquanto estivesse vivo. Outra coisa era se ele se tivesse matado, porque um suicida tinha maneiras de evitar que o seu corpo fosse descoberto.

Toda a informação recolhida sobre o passado de Rögnvaldur havia sido entregue a Freyja, para ver se a psicóloga detetava alguma pista que lhe permitisse prever os passos que o homem daria a seguir: haveria o risco de voltar a atacar, ou seria mais provável suicidar-se? Freyja também foi encarregada de detetar se alguma das pessoas que haviam negado conhecer o seu paradeiro estaria a mentir. A polícia falara com um número espantoso de possíveis testemunhas desde que, já na véspera, Rögnvaldur lhes aparecera no radar, umas por telefone, outras em interrogatórios formais. Mas este esforço gigantesco não lhes permitira chegar a lado nenhum.

Um colega de trabalho do homem afirmou que o tinha visto nas instalações da empresa na véspera. Quando, porém, solicitaram ao departamento informático da companhia de seguros que verificasse, este respondeu que não havia qualquer registo de Rögnvaldur ter entrado no edifício, salientando que estava fora de questão ele ter destruído as provas da sua presença, porque era coisa que só a equipa informática tinha capacidade para fazer. Como era muito improvável que isto tivesse acontecido, a polícia concluiu que o colega de Rögnvaldur estava enganado.

Entre os familiares e amigos, não havia ninguém que o tivesse acolhido em casa ou ajudado a esconder-se da polícia, e Freyja não tinha maneira de perceber, pelas declarações destas pessoas, se estavam ou não a dizer a verdade. Era raro um depoimento escrito, só por si, permitir apanhar as pessoas a mentir; para isso, tinham de se contradizer ou de afirmar qualquer coisa que fosse nitidamente um disparate. Por outro lado, Freyja teria de as observar, de analisar a linguagem corporal, de ouvir o tom de voz — razão pela qual abandonara rapidamente estes depoimentos, preferindo concentrar-se na análise do estado mental de Rögnvaldur, segundo a descrição dos seus parentes e amigos. Mais adiante, talvez tivesse tempo para ver as gravações das entrevistas que haviam sido feitas na esquadra da

polícia.

Os resultados dos esforços da jovem psicóloga foram bastante decepcionantes, mas a verdade é que as perguntas da polícia não tinham sido concebidas para recolher informação sobre o estado de espírito do homem. Com base naquilo com que tinha de trabalhar, nada lhe sugeria que Rögnvaldur estivesse tão perto de romper as barreiras do comportamento civilizado que cometesse um homicídio. Era evidente que não estava bem em termos psicológicos, mas nada apontava para a possibilidade de o seu desgosto explodir no tipo de selvajaria de que era acusado. Segundo os pais e o irmão, Rögnvaldur nunca tinha sido do género violento, nem em criança nem na idade adulta; pelo contrário, sempre fora uma pessoa calma, cordata e lenta a irritar-se. Os pais de Aldís tinham confirmado esta descrição.

Ainda assim, um acontecimento traumático tem potencial para transformar a mais doce das almas. E os depoimentos das pessoas próximas do casal davam a entender que a dor evoluíra, em ambos os casos, para problemas psicológicos profundos. Freyja calculava que os traumas anteriores tivessem contribuído para tal. A mãe de Rögnvaldur, que parecia ser a mais faladora, acabara praticamente por colocar toda a vida do filho em cima da mesa; tratava-se, aparentemente, de uma daquelas pessoas cujas comportas se abrem sob pressão. O seu depoimento era, pois, na opinião de Freyja, o mais informativo de todos, mesmo que tivesse, muito provavelmente, levado os agentes que a haviam interrogado a remexer-se com impaciência na cadeira até ela acabar.

Uma informação importante a retirar do relato da mãe era que, antes de dar Íris à luz, Aldís tinha tido dois abortos espontâneos e um nado-morto. A perda de uma filha que fora tão desejada, a juntar a estes desgostos, teria sido, evidentemente, um choque brutal para o casal. Todos os entrevistados lamentavam que eles tivessem rejeitado as muitas propostas de ajuda na gestão daquela dor; se as tivessem aceite, a probabilidade de as coisas descarrilarem como tinham descarrilado seria mais reduzida. A acreditar na descrição do estado do casal nos últimos meses, feita pela mãe de Rögnvaldur, ambos evidenciavam sinais de transtorno de stress pós-traumático e de perturbação aguda de stress, embora os exibissem de maneira

diferente.

Aldís tinha-se recolhido de tal forma na sua concha que parecia tentar desaparecer da face da terra: fechara-se no quarto e mostrara-se indiferente a todas as tentativas, empreendidas pela família e os amigos, de a trazer novamente à vida. Atualmente, estava quase catatónica. Nas quase vinte e quatro horas que haviam passado desde a sua detenção, a polícia não tinha conseguido arrancar-lhe nenhuma declaração coerente. Tinham tentado interrogá-la por duas vezes, sempre na presença de Freyja, mas as conversas tinham terminado pouco tempo depois de começarem, porque Aldís se limitara a permanecer sentada em silêncio, de cabeça baixa. Freyja também fora visitá-la à espartana cela onde estava encerrada e tivera um baque quando vira a patética figura: a mulher estava deitada no colchão, com a cara voltada para a parede, as vértebras e o íliaco tão salientes que se viam no interior da fina blusa. As tentativas que Freyja empreendera de estabelecer contacto tinham sido quase todas em vão, embora ela soubesse que Aldís estava consciente. A certa altura, a mulher tinha-se voltado para Freyja e aberto a boca, como se fosse dizer qualquer coisa, mas acabara aparentemente por mudar de ideias e voltara-se de novo para a parede. Tinha uma expressão profundamente triste, como se aquilo que se preparava para dizer fosse terrível. Esta reação contribuiu para reforçar a suspeita que Freyja já albergava de que Aldís detinha uma informação importante, mas os esforços que fez para lhe extrair foram em vão.

Os relatos dos amigos e da família também davam a entender que, após a morte da filha, Rögnvaldur havia cortado todos os laços com o mundo exterior. Contudo, ao contrário da mulher, não se metera na cama com o edredão a tapar-lhe a cabeça. Pelo contrário, tinha voltado ao trabalho, a princípio a meio termo, depois de forma mais esporádica, até deixar por completo de ir, na sequência de um incidente lamentável ocorrido na empresa; um incidente relacionado com a sua crescente obsessão com o acaso do destino que os conduzira à situação trágica em que se encontravam. A tabela que tinha desenhado na parede da sala não tinha outra interpretação, o mesmo se podendo dizer dos relatos sobre os interrogatórios acerca do estado de saúde de todas as pessoas com quem estivera em contacto.

Contudo, para conseguir explicar o processo pelo qual a obsessão crescera de tal maneira que o levara a cometer uma atrocidade horrível, Freyja teria de conversar com o homem durante várias sessões de terapia — uma ideia que Erla estava a ter dificuldade em absorver.

— Quer dizer que não tens ideia nenhuma da razão pela qual Rögnvaldur perdeu um parafuso, é isso?

Freyja mediu cuidadosamente as suas palavras, a despeito da crueza da pergunta.

— Eu talvez não dissesse que ele perdeu um parafuso, mas é evidente que foi a morte da filha que espoletou estes acontecimentos terríveis. Contudo, só poderei saber exatamente como é que o processo se desenvolveu quando falar com ele. Mas calculo que, neste momento, a motivação não é o fator mais importante, pois não?

Erla encolheu os ombros.

— Não. Talvez não seja. O que eu estou essencialmente a tentar perceber é se é possível concluir desses... — abanou os braços com ar levemente desdenhoso — desses perfis de personalidade que tu fazes se é ou não provável que Rögnvaldur ataque mais alguém.

Freyja não se ofendeu. Desta vez, pelo menos, Erla não tinha feito o gesto de aspas com os dedos, como fizera tantas vezes quando se referia à área de especialização de Freyja. Dava a impressão de que a relação entre as duas estava a fazer progressos. Por isso, era mesmo uma pena que a resposta de Freyja não contribuisse para olear ainda mais a engrenagem.

— Nenhuma hipótese é cem por cento certa.

Mas Erla estava tão bem-disposta que não permitiu que isto a enervasse.

— E cinquenta por cento?

— Isso.

Freyja estendeu a mão para uma embalagem pequena de ketchup para o qual Erla tinha estado a olhar e estendeu-lha. Para sua surpresa, Erla agradeceu-lhe o gesto antes de abrir a embalagem.

Estavam as duas sentadas na cantina da esquadra, na companhia de mais uns quantos colegas, a encher a boca com as batatas fritas que Huldar tinha ido comprar para celebrarem o ponto de viragem na

investigação. Se fossem corredores de Fórmula 1, ter-se-iam regado mutuamente com champanhe. Freyja não era grande apreciadora de batatas fritas, mas sempre era melhor que ser afogada em álcool, em especial porque em breve teria de ir buscar a sobrinha ao infantário, onde o cheiro a ketchup não se faria notar, ao passo que o cheiro a álcool provocaria certamente vários sobrolhos franzidos.

Era a primeira vez, desde que tinha começado a trabalhar na esquadra, que Freyja se sentia ali como em casa, que sentia que não tinha um papel apenas decorativo, mas fazia parte da equipa. Era extraordinariamente agradável ficar com a sensação de que, para variar, o seu contributo era relevante. Sentia-se à beira das lágrimas, por os receios que tivera quanto à sensatez daquela transferência desaparecerem num abrir e fechar de olhos. Mas controlou-se, percebendo que, se comesse a lacrimejar naquele momento, voltaria a perder o estatuto recém-adquirido. Os colegas não eram do género de se deixar dominar pelas emoções.

A porta abriu-se e Gudlaugur apareceu na fresta. O jovem polícia inspirou com ar agradado, com os olhos postos no festim disposto sobre a mesa.

— Alguém sabe da Erla?

— Estás a gozar? — Erla inclinou-se para diante, tornando-se visível e esmagando a barriga contra a mesa. Depois, ergueu as mãos e apontou com os dois indicadores para o alto da própria cabeça. — Alô! Tenho de pôr um prato em cima da cabeça para me veres?

Gudlaugur corou intensamente; mas, como estava bem-disposta, Erla não deu mais importância ao assunto, limitando-se a fazer-lhe sinal para que se juntasse ao grupo.

Não foi preciso convidá-lo duas vezes: Gudlaugur sentou-se e acomodou-se, o vermelho a desaparecer-lhe das faces com a primeira batata frita que lhe passou pelos lábios.

A chefe esperou que ele engolisse e depois disse-lhe:

— Muito bem, atira lá essas novidades.

Gudlaugur voltou a engolir, para ter a certeza.

— Encontrámos o carro dele. Está estacionado no complexo desportivo de Laugar, numa zona movimentada, no exterior do ginásio. A avaliar pela quantidade de neve que tinha em cima da

capota, passou lá a noite, pelo menos.

— Pediram as gravações das câmaras de vigilância do ginásio?

Gudlaugur assentiu com a cabeça.

— O carro está estacionado num lugar que parece ser abrangido por uma das câmaras, por isso devemos conseguir assistir ao momento em que ele o estaciona e ver se a seguir se mete noutra carro. Também vamos ter de perceber o que traz vestido, porque pode vir a ser útil, isto presumindo que o homem não teve hipótese de mudar de roupa.

— O carro está a ser vigiado? Para o caso de ele regressar. Pode ser que se farte de andar a pé e tenha a tentação de voltar a usá-lo. Até agora, não houve ninguém que tenha confessado ter-lhe emprestado um carro.

— A Lína ficou por lá, e estão outros agentes a caminho para a substituir. Felizmente. Está um frio dos diabos na rua.

As manchas vermelhas que Gudlaugur trazia na cara ao chegar davam testemunho disso mesmo.

Erla acenou a cabeça e serviu-se de mais batatas fritas.

— Ótimo. Temos de falar com o departamento legal sobre Aldís. É um absurdo mandá-la embora, mas não me parece que mantê-la sob custódia seja a solução mais adequada. Esta mulher está claramente muito doente, mas não me parece que tenha estado implicada no homicídio. Parece estar incapaz de se pentear, quanto mais de fazer coisas mais drásticas. Não concordas?

Erla espetou uma batata frita na direção de Freyja.

— Concordo. Com base no que vi nas conversas anteriores, ela não está em condições de fazer grande coisa. Acho que não deve continuar metida numa cela, mas também não pode ir sozinha para casa. Eu recomendaria tentar interná-la num hospital psiquiátrico. Não sei se preferes que fique sob detenção, ou se te basta um internamento normal. Pessoalmente, diria que basta o internamento, porque concordo que é pouco provável que ela tenha participado no planeamento de um homicídio. Poderá ter suspeitado do que estava a acontecer, mas pouco mais do que isso. O teste de sangue de ontem mostrou que está a tomar uma dose de sedativos muito mais alta que a prescrita. Devia estar quase completamente inconsciente.

— O teste ao sangue permite concluir há quanto tempo ela está a

tomar essa dose tão elevada? — perguntou Huldar. — Ou seja, é possível ela ter embochado uma mão-cheia de comprimidos imediatamente antes de ser detida, mas estar totalmente consciente antes disso? — concluiu, bebendo um gole de café. Huldar não tinha tocado nas batatas fritas, embora a sugestão tivesse sido dele, e fosse ele a ir buscá-las.

— Não. Não temos qualquer informação sobre isso...

O telemóvel de Erla começou a tocar, interrompendo-lhe a frase. Depois de ter trocado umas palavras com quem lhe ligara, a chefe levantou-se. Pela metade da conversa que tinham ouvido, os outros perceberam que dizia respeito aos resultados da análise ao ADN.

Erla saiu da cantina sem dizer palavra. Huldar e Gudlaugur levantaram-se imediatamente e foram atrás dela; Freyja decidiu fazer o mesmo. Ainda faltava meia hora para ir buscar Saga e, com alguma sorte, poderia ficar a par do mais recente desenvolvimento do caso antes de se ir embora. Não tinha conseguido perceber o sentido da conversa pela expressão de Erla durante a chamada, o que significava que a notícia tanto podia ser boa como má.

As únicas pessoas que ficaram sentadas à mesa foram dois membros do departamento cujos nomes Freyja desconhecia. Até então, estes dois colegas tinham-se contido; mas, assim que ficaram sozinhos com as batatas fritas, atiraram-se vorazmente a elas.

Logo que tomou posição entre Huldar e Gudlaugur de encontro à parede do gabinete de Erla, Freyja arrependeu-se dessa decisão. Devia ter encontrado melhor pouso. Em primeiro lugar, estava encostada a Huldar e sentia-lhe o calor do corpo musculoso, circunstância que era enormemente perturbadora. Por outro lado, o que aconteceria se fossem horas de ela se ir embora e o técnico forense ainda não tivesse acabado de falar? Teria de interromper a conversa de Erla com o homem. O gabinete era demasiado pequeno para conter cinco pessoas sem que houvesse contacto físico entre elas, mas talvez Freyja conseguisse passar discretamente pela frente de Huldar e por trás do técnico sem dar muito nas vistas. Ele estava a levar tanto tempo a chegar ao ponto, que Freyja não tardaria a ter de testar essa hipótese de saída.

Ela não era a única a sentir-se impaciente com as voltas que o

técnico dava. Erla tinha semicerrado os olhos e começava a dar vários sinais de alerta de erupção iminente. A disposição da chefe azedara logo que vira Huldar, Gudlaugur e Freyja entrar no gabinete, ansiosos por saber novidades. Ainda assim, não os tinha expulsado, como seria de esperar numa situação normal.

— Não te importas de ir ao que interessa? Essa coisa da variabilidade longitudinal, ou lá o que é, não me interessa uma pevide. Só quero saber quais são os resultados da comparação do ADN do sangue com o do vômito. Quando me ligaste ainda há bocado, disseste-me que tinhas notícias extraordinárias, mas até agora só me apresentaste uma data de palavreado incrivelmente entediante.

O técnico assumiu uma expressão de quem gostaria de responder na mesma moeda; e, embora não tenha cedido a essa tentação, foi atraído pelo tom profundamente ofendido com que prosseguiu:

— Já que não estás interessada na maneira como os resultados foram alcançados, avanço diretamente para as conclusões.

— Ótimo. — Erla curvou os lábios no tipo de sorriso que os empregados de mesa fazem quando lhes aparece um cliente a dizer que é alérgico à água, ou outro disparate parecido. — Então venham elas.

— As amostras de sangue encontradas no apartamento de Bríet provêm de duas pessoas. Do género feminino. A comparação com as amostras do corpo mostra que uma delas era Bríet. A outra, não sabemos.

Erla franziu intensamente o sobrolho.

— Duas mulheres? Quer dizer que nenhuma delas pode ser de Rögnvaldur? Ele podia ter ficado ferido na escaramuça.

— Não. — O técnico não parecia nada incomodado por ter de presentear a chefe com esta má notícia. — A não ser que Rögnvaldur seja uma mulher.

— Não te armes em engraçadinho. Não fica bem a um especialista do departamento forense. Rögnvaldur não mudou de género: nasceu homem e homem é. — Erla voltou-se para o ecrã do seu computador e mexeu no rato. — Hoje de manhã, recebi um email vosso a dizer que tinham encontrado no apartamento de Bríet impressões digitais que coincidiam com um conjunto encontrado no apartamento de

Rögnvaldur. — Localizou a mensagem e ergueu os olhos para o técnico com uma expressão furiosa. — Isto foi há poucas horas. E agora estás a dizer-me que o criminoso é uma mulher?

— Não estou a dizer-te nada que se pareça. A informação relativa às impressões digitais está correta. O que eu estou a dizer é que o sangue que encontrámos no apartamento é de duas mulheres. Comparámos os perfis de ADN com o perfil que obtivemos do corpo. A comparação confirmou que uma das mulheres é Bríet. Não é a nós que compete descobrir quem é a outra mulher. Essa dor de cabeça é tua. O que te posso confirmar é que não existe na nossa base de dados nenhum perfil de ADN que corresponda ao sangue que não foi identificado, nem na nossa base de dados, nem na base de dados da Comissão de Identificação, nem na base de dados da Comissão de Rastreio.

Enquanto Freyja perguntava a si própria qual seria a diferença entre estas duas comissões, Huldar interveio:

— Deixa-me só ver se percebi bem. Estamos perante a possibilidade de o criminoso ser uma mulher, possivelmente em conluio com Rögnvaldur. Ou de haver duas vítimas, ambas mulheres, uma possivelmente ferida, mas ainda com vida, e Bríet, que, obviamente, já morreu. — Ergueu uma mão a fim de silenciar o técnico, que tinha assumido uma expressão de enorme sofrimento e aberto a boca para falar. — Não estou a pedir-te a tua opinião, nem espero que sejas tu a resolver-nos o caso. Nós tratamos disso. Estava só a pensar alto.

— Continua — ordenou Erla ao técnico, ignorando a interrupção de Huldar. — E o ADN do vómito? Vais dizer-me que também é de uma mulher?

— Vou. — Quanto mais irritada Erla se mostrava, mais empertigado ficava o técnico. — Uma terceira mulher; cujo perfil de ADN não coincide com nenhum dos anteriores.

Os últimos vestígios da boa disposição de Erla desapareceram.

— O quê?!

O técnico mostrou-lhe a página inicial dos documentos que trouxera consigo.

— Tens aqui um breve resumo que fiz dessa amostra específica.

Erla não fez qualquer gesto para pegar no relatório.

— Não preciso de ler isto em papel. Não temos indicações para poupar? Não bastava carregar o relatório na pasta online desta investigação?

— Na verdade, não. Acho que vais querer ficar com um exemplar disto. — O técnico pousou os papéis em cima da secretária de Erla, obviamente satisfeito com o ar espantado da chefe. — Vamos agora à parte que eu te disse que era extraordinária.

Fez uma pausa, nitidamente ansioso por que lhe fizessem perguntas. Como nem Huldar, nem Gudlaugur nem Erla avançaram, a tarefa coube a Freyja, que era, afinal, quem estava com pressa.

— E então? Que coisa extraordinária é essa?

O técnico teria claramente preferido que Erla tivesse sido forçada a suplicar, mas teve de se contentar em responder à pergunta de Freyja.

— Passei o perfil de ADN pela base de dados da Comissão de Identificação. Nada. — Nova pausa dramática. — Depois, passei-o pela base de dados da Comissão de Rastreio. E aí, sim, saiu-me o jackpot.

— Na base de dados da Comissão de Rastreio?

Huldar avançou para a secretária de Erla e estendeu a mão para o relatório, mas Erla conseguiu agarrá-lo primeiro.

Era evidente que a informação lhes tinha interessado. Mas, para sua frustração, Freyja não sabia porquê. Por isso, embora os ponteiros do relógio continuassem a avançar, não conseguiu deixar de intervir.

— O que é a Comissão de Rastreio?

O técnico voltou-se novamente para ela, satisfeito com o interesse, e presenteou-a com uma expressão amigável, ao mesmo tempo que adotava um tom didático. Freyja ficou com a certeza de que, se o homem falava assim com a família, os filhos eram génios e a mulher arrancava os cabelos, mas não conseguiu deixar de lhe prestar atenção.

— Ambas as comissões contêm perfis de ADN relacionados com investigações. A base de dados da Comissão de Identificação contém os perfis genéticos de indivíduos condenados por crimes graves e a da Comissão de Rastreio retém os perfis de ADN retirados de cenas de crimes por resolver. Neste caso, encontrei uma correspondência com uma investigação antiga.

Erla bateu sonoramente com a palma da mão no tampo da secretária, e tanto o técnico com Freyja desviaram novamente a sua atenção para ela. A chefe tinha o relatório na mão.

— O que diz aqui está correto?

O técnico assentiu.

— Está, sim, está correto. Com uma probabilidade de noventa e nove ponto nove por cento.

Erla tapou a cara com as mãos.

— Como raio é isto possível?

O técnico fez beicinho.

— Vocês é que têm de descobrir. A mim, pediram-me que analisasse os perfis genéticos, e eu assim fiz. — A atitude do homem suavizou-se ligeiramente e ele prosseguiu. — Não há dúvida nenhuma. O perfil pertence a Mía Stefánsdóttir, uma bebé que desapareceu do carrinho onde se encontrava há onze anos e que todos julgavam estar morta, coisa que posso agora afirmar de forma categórica não ser verdade. — O homem inspirou fundo. — É a única maneira de explicar a presença do ADN dela no vômito: não é um vômito de bebé e nunca tinha sido congelado. Por outras palavras, esta miúda está viva.

Quinta-feira à noite

A MESA DA SALA DE JANTAR estava coberta de cadernos de exercícios, a maioria dos quais fechada, dando a entender que o trabalho de casa dessas matérias já tinha sido feito. O único caderno que permanecia aberto era o que Selma tinha à sua frente, sobre o qual estava agora debruçada, picando o texto com um coto de lápis e emitindo frequentes suspiros. Se fosse a sua disciplina preferida, Islandês, estaria a trabalhar cheia de entusiasmo, sem uma palavra de protesto.

Sædís sorriu à irmã e remexeu-lhe o cabelo com a mão.

— Já chega por hoje?

Selma deixou-se cair sobre a mesa num gesto melodramático de rendição.

— Sim. Não aguento mais.

Claro que aguentava. Na verdade, toda a gente aguentava mais do que já fazia. Só que umas pessoas eram mais duras consigo próprias do que outras. Sædís sabia que não tinha exigido o suficiente a si própria, mas a verdade é que o seu percurso escolar havia terminado prematuramente: nem sequer concluíra os exames de final do secundário antes de começar a trabalhar numa receção, onde permanecera até há pouco mais de um ano; nessa altura, aceitara o convite do pai para ir trabalhar com ele. Não era o emprego dos seus sonhos. É certo que a empresa era razoavelmente grande, mas o escritório propriamente dito era pequeno, e as únicas pessoas que ali trabalhavam eram o pai, a própria Sædís e o funcionário que processava os vencimentos. Na verdade, o pai raramente lá estava, uma vez que andava sempre de um lado para o outro, pelo que, no fundo, Sædís passava o dia com o funcionário, um velhote que tinha perdido o braço esquerdo num acidente de trabalho; apiedando-se

dele, o pai colocara-o numa nova posição. O homem trabalhava ao computador, usando o teclado só com uma mão e detendo-se a intervalos regulares para exclamar: «Esta agora!» Era um trabalho que em nada se adequava ao seu temperamento, e Sædís tinha às vezes a sensação de que gastava a maior parte do seu tempo útil a ajudar o colega a navegar pelo ecrã, à procura de ficheiros que tinham «desaparecido».

Sædís tinha um salário respeitável, diga-se a verdade, mas não se podia dizer que o seu trabalho fosse muito estimulante: atendia o telefone, anotava as mensagens, fazia café e encomendava as refeições, que depois andava a distribuir pelo pessoal. No Natal, escrevia os cartões destinados aos clientes e colava os laços nas garrafas de vinho que os acompanhavam. E era tudo. Por puro tédio, tinha sugerido ao pai que podia também encarregar-se da limpeza, primeiro no escritório, nas horas de expediente, e mais tarde no armazém e na oficina, como horas extraordinárias. Tendo assumido esta tarefa, tinha conseguido convencer o pai a comprar produtos de limpeza amigos do ambiente, facto que lhe dera a sensação de que tinha finalmente alcançado alguma coisa relevante no emprego. Além disso, as horas extraordinárias permitiam-lhe dispor de mais algum dinheiro todos os meses, o que, no entanto, não lhe alterou especialmente o estilo de vida: Sædís não fazia gastos em artigos de luxo nem comia fora de casa, investindo a maior parte do que ganhava numa conta-poupança. A princípio, decidira-se por esta conta porque tinha muito poucas opções e queria pôr a render o que sobrava; algum tempo depois, contudo, aquilo tornou-se um desafio em termos pessoais: poupar o mais que pudesse e assistir ao lento, mas constante, crescimento do seu saldo.

Dentro em breve, teria de largar as limpezas. E quanto mais depressa o fizesse, melhor. A simples ideia de voltar a varrer e limpar o pó na oficina dava-lhe vómitos. Era mesmo melhor largar já. Embora os químicos fossem amigos do ambiente, era pouco provável que fizessem bem ao bebé, e este tinha de estar saudável quando ela o entregasse. Mas não estava com vontade nenhuma de dizer isto ao pai, porque havia poucas coisas que lhe desagradassem mais do que ter de passar pelo processo de contratação de pessoal, e a actual situação era

a ideal para ele. Mas o pai não diria nada. Vendo bem, o que podia ele dizer? De qualquer maneira, a notícia que Sædís tinha para lhe dar seria um golpe bastante mais duro que este.

Selma reuniu os cadernos de exercícios e meteu-os na mochila.

— A Rósa pode vir cá para casa? Prometo que não fazemos barulho. E a Gudda também?

Eram quase horas de jantar e, embora Rósa tivesse autorização para sair a qualquer hora do dia ou da noite, o mesmo não acontecia, nem por sombras, com Gudda.

— Não. Já é muito tarde. Conversem online. De qualquer maneira, é quase fim de semana. Se quiserem, levo-vos a todas ao cinema amanhã à noite.

Ficou combinado, e Selma correu para o quarto. Sædís continuou mais algum tempo sentada à mesa da sala de jantar, a refletir com prazer no facto de a irmã ter bom aproveitamento na escola: Selma era boa aluna nas disciplinas de que gostava, e não se saía mal nas restantes — o suficiente para lhe permitir seguir para a universidade. Nem todas as crianças se podiam gabar do mesmo. Ela própria tinha sofrido bastante durante o período em que andara na escola, sentindo-se isolada porque nem o pai nem a mãe se interessavam o suficiente para a incentivarem. Sædís achava que tinha a responsabilidade de impedir que a história se repetisse no caso de Selma, porque mais ninguém o faria por ela.

Ouviu um barulho de pratos na cozinha. A mãe tinha voltado a levantar-se, e há muito tempo que não se sentia tão bem.

Sædís levantou-se, envolvendo cuidadosamente o corpo com o casaco de malha comprido. Depois, apoiando-se na ombreira da porta, perguntou se podia ajudar. A mãe voltou-se com um sorriso fatigado e respondeu-lhe que não; momentos depois, acrescentou que já era tempo de ser ela a fazer alguma coisa, já que se sentia outra vez melhor. Voltando-se novamente para a mesa da cozinha, começou a dispor os pratos. A mãe estava de facto com bastante bom aspeto — o cabelo lavado, os olhos brilhantes —, mas continuava espantosamente magra e tremiam-lhe as mãos, embora tentasse disfarçar esse facto.

— O pai vem jantar?

Sædís presumia que sim, senão a mãe não estaria a cozinhar. A

pergunta visava criar uma abertura para poderem conversar sobre a bebedeira que ele tinha apanhado no fim de semana. Talvez a mãe se sentisse melhor se a família discutisse abertamente as coisas de quando em vez.

Mas a mãe deixou essa possibilidade escapar-lhe por entre os dedos.

— Vem. Ligou a dizer que está a caminho. Estou a fazer o teu prato preferido, esparguete à bolonhesa.

Sædís acenou a cabeça. Nunca tinha apreciado especialmente esta iguaria, e o pai também não. Mas não era a melhor altura para referir esse facto. A sua família tinha uma particularidade: nunca era a melhor altura para conversarem, embora parecessem estar todos constantemente à beira de o fazer. Pareciam burros de banda desenhada, com uma cenoura suspensa diante do nariz.

— Vou fazer uma sesta rápida.

A mãe anuiu com a cabeça e lançou-lhe outro sorriso inexpressivo.

— Vai sim, querida. Até já.

Sædís deitou-se de costas em cima da cama. Nesta posição, a barriga sobressaía como um tufo de erva num pasto seco — uma comparação que resultava da sua má consciência, dado que não tinha referido aos futuros pais do bebé que a mãe sofria de depressão. Eles não a tinham questionado acerca da família e ela também não tomara a iniciativa de lhes dizer. Queria muito fazer aquilo e tivera receio de que esse facto fosse um senão. A verdade é que Sædís não era depressiva, embora se pudesse afirmar que tinha uma sensibilidade exagerada.

Sædís fechou os olhos. Esperava que o bebé herdasse as melhores qualidades dos pais. Veio-lhe à memória uma cena ocorrida durante o procedimento de inseminação intrauterina, que a fez abrir os olhos e olhar fixamente para o teto branco. Era preferível contemplar aquela pintura do que voltar a viver esse momento.

Uma lágrima a que ela não tinha dado ordem de se formar correu-lhe pela face e foi-lhe entrar no ouvido. Estaria a fazer uma coisa estúpida? Teria permitido que a trágica história dos pais a levasse a cometer um erro enorme? Se sim, a culpa era toda da sua veia sentimental. Porque tinha sido ela a fazer a sugestão, apanhando toda

a gente de surpresa, incluindo a si própria. Eles não tinham aceitado a proposta imediatamente, de maneira que nem sequer podia afirmar que fora conduzida a uma armadilha. Não, Sædís tinha-se metido voluntariamente numa armadilha de sua própria autoria.

Vinda do outro lado da parede, chegou-lhe aos ouvidos a voz de Rósa, a amiga de Selma, rindo-se e guinchando. Estavam as duas obviamente a conversar no FaceTime. Sædís agradeceu a interrupção; podia agora distrair-se pensando em Rósa, que era uma miúda muito estranha. Sædís estivera várias vezes à beira de fazer queixa dos pais dela aos serviços sociais, mas nunca tinha dado o passo final. Na verdade, não tinha provas de maus tratos ou de negligência, tinha apenas suspeitas. A miúda faltava demasiadas vezes à escola por estar «doente», muito mais do que Selma ou Gudda, nenhuma das quais era especialmente robusta. Além disso, Rósa era muito mais alta e madura que as outras amigas, e o mais provável é que comesse a meter-se com rapazes mais cedo que elas. Sædís esperava que ela não contagiasse as outras duas. Não havia pressa nenhuma.

Sædís ouviu bater a porta da rua. Devia ser o pai a chegar. O pai não lançou um ««Olá!» geral, como faziam os pais das amigas dela, limitando-se a entrar e a fechar a porta. Sædís sentou-se e inspirou fundo. Teria chegado o grande momento? Voltaria a ter um momento tão bom como este para confessar aos pais o que tinha feito? E talvez até, depois de lhes fazer esta revelação, chamar o pai à parte e ter com ele a conversa que tanto receava, e que ambos andavam a evitar, sobre as aventuras dele no fim de semana anterior?

Mas, quando finalmente voltou os pés para o chão, ficando sentada na beira da cama, o impulso tinha morrido. Não. Ainda não. O pai ainda estava a recuperar. E a mãe acabava de se levantar.

Ficava para outra altura. Haveria outra oportunidade mais adiante.

A SÍDUMÚLI ESTAVA DESERTA. E não era porque a rua tivesse sido evacuada devido ao mau tempo, ou porque a televisão estivesse a emitir o Festival da Eurovisão. Era todas as noites assim: a Sídumúli não era uma zona residencial e os escritórios que havia nesta zona não eram do género de as pessoas ficarem a trabalhar até tarde. Rögnvaldur conhecia bem este bairro, porque era aqui que a companhia de seguros onde havia trabalhado durante quase sete anos tinha a sua sede. À sexta-feira, as portas dos carros começavam a bater às quatro da tarde, e havia outra onda do mesmo ruído às cinco; pelas seis, o silêncio era completo. Noutros tempos, ele era uma das poucas pessoas que assistiam à saída dos últimos funcionários: sempre que Íris era internada no hospital, ele era autorizado a começar o seu dia de trabalho à hora do almoço e ficar até mais tarde no escritório; desse modo, podia passar pelo hospital de manhã, altura em que tinha mais hipóteses de conseguir conversar com os médicos.

Uma rajada de vento lançou-lhe um floco de neve contra a cara, e os cristais de gelo picaram-lhe o rosto, que já estava gelado. A mesma rajada varreu uma série de lixo na direção da esquina onde ele se encontrava parado, arrastando um recibo imundo de cartão de crédito, que foi aterrar-lhe em cima de um sapato. Rögnvaldur sacudiu o papel e esmagou-o na neve, para o impedir de se mover dali. A seguir, ergueu os olhos e voltou a observar a rua. Nada. Ninguém. Nem sequer um gato. Até os animais evitavam este deserto apocalíptico.

Bolas, é que aquilo era mesmo um sítio lúgubre. Os arquitetos nem tinham tentado tornar os prédios de escritórios minimamente atraentes. Pelo contrário, tinham montado os materiais sem esforço que se visse: paredes para proteger quem lá trabalhava da inclemência do tempo, janelas para deixar entrar luz e ar, e um telhado para não chover em cima das pessoas nem dos papéis.

Não era o local que Rögnvaldur escolhesse para passar o serão. Só ali estava porque não podia ir para casa. Na véspera, tinha avistado a polícia à porta do seu prédio, mesmo a tempo de fazer inversão de marcha antes que dessem por ele. Tinha então levado o carro para uma rua próxima, estacionando-o na extremidade de um beco sem saída, atrás de uma caravana a cair de podre e cheia de lixo, com dois pneus em baixo. Daí, dera uma corrida até junto do seu prédio, passando devagar à frente dele, mas do outro lado da rua. Por essa altura, os agentes tinham desaparecido, mas os carros continuavam lá.

Rögnvaldur avançara para o prédio seguinte, tocara à campainha dos apartamentos do último andar e tinham-no deixado entrar. Contudo, em vez de subir, descera rapidamente para a cave, onde ficara escondido até lhe parecer que podia voltar novamente para cima: não quisera correr o risco de encontrar a pessoa que o deixara entrar no prédio, não fosse ela ter vindo cá abaixo ver a quem tinha aberto a porta.

Na escada que ligava os diversos andares, havia uma janela de onde se tinha uma visão bastante nítida da entrada do prédio.

Passado algum tempo, os agentes da polícia voltaram a sair, e ele observou a procissão com alguma calma, até que viu Aldís, escoltada por dois elementos da polícia especial. Os homens tinham a cara tapada com as máscaras do equipamento. Que raio pensariam eles que Aldís faria? Desatar a fugir? Atacá-los? Não era preciso um grupo especial para deter Aldís; teriam bastado os bonecos da *Patrulha Pata*, os desenhos animados de que Íris tanto gostava.

Rögnvaldur sentira os joelhos a tremer e um ardor nos olhos ao ver a mulher ser levada pelo parque de estacionamento fora. Aldís ia de cabeça baixa, envergando apenas umas calças de pijama e uma blusa, embora lhe tivessem lançado um blusão pelos ombros. Rögnvaldur não tinha conseguido desviar os olhos daquela cena, por muito que lhe tivesse custado assistir a ela.

Metendo a mão no bolso do blusão, tinha tirado uma embalagem de comprimidos e permitira-se meter dois deles na boca, para o ajudar a ultrapassar aquele momento de tensão. Nesta altura, lamentava tê-lo feito, porque já só tinha consigo uma embalagem e, depois do que tinha acontecido, não tinha hipótese nenhuma de ir a casa buscar

mais. Além disso, os comprimidos não tinham produzido o efeito desejado: a dormência só começara a espalhar-se depois de a operação policial ter terminado. Fora, pois, obrigado a ver — ainda totalmente sóbrio — um membro da equipa especial abrir a porta traseira de um dos carros da polícia, cobrir a cabeça de Aldís com uma mão para a ajudar a entrar. A seguir, a porta do carro bateu com força e a mulher dele desapareceu; o carro fez inversão de marcha do lugar de estacionamento e foi-se embora.

Rögnvaldur recusava-se a pensar onde estaria Aldís naquele momento. Era uma ideia que não podia admitir no seu espírito. Tinha de se manter alerta. Já tinha tomado diversas medidas para esconder o seu rasto. Assim que lhe pareceu que não corria riscos, voltou para o carro, foi até uma caixa multibanco e levantou o máximo que a máquina lhe permitiu. A seguir, foi até ao parque comercial de Skeifan, onde comprou um conjunto barato de calças, camisola e casaco. Depois, largou o carro no complexo desportivo de Laugar e regressou a pé a Skeifan, levando consigo o portátil de Bríet dentro de uma sacola de pano, e acabou de fazer as compras que pareceram necessárias.

Na verdade, fora uma sorte ter reagido tão depressa, porque a polícia tinha lançado um apelo público para a ajudar a descobrir o paradeiro dele. Rögnvaldur tinha visto a notícia num dos tablets em exposição na loja de produtos eletrónicos onde estava à espera de ser atendido. O plano era comprar o telemóvel mais barato que encontrasse e um cartão SIM sem registo; mas, ao ver a notícia, pôs-se a andar dali para fora, meteu-se numa loja de ferramentas, onde comprou um pé-de-cabra e voltou para junto da caravana abandonada. Com a ajuda do pé-de-cabra, conseguiu abrir a janela sem fazer grandes estragos, e passou as vinte e quatro horas seguintes encolhido dentro da caravana, sem ninguém o incomodar, mas cheio de frio e de fome.

Estava quase sem dinheiro, mas isso era irrelevante, desde que conseguisse entrar no seu gabinete. A sua esperança — com base na lentidão com que a companhia mudava os sistemas — era que, apesar de estar na lista de pessoas procuradas pela polícia, o seu cartão de funcionário ainda estivesse operacional. E assim aconteceu.

Rögnvaldur voltou a usar a porta das traseiras e não acendeu nenhuma luz, movendo-se graças à parca iluminação que entrava da rua e à memória que tinha da disposição do local. Começou por avançar para o bar, que vasculhou à procura de comida, engolindo vorazmente o que conseguiu encontrar. Quando ficou saciado, meteu mais comida num saco e encheu de água uma garrafa vazia de dois litros. Levou tudo isto consigo, juntamente com um pequeno alarme que o cozinheiro usava para os pratos de forno. Como não dispunha de um sítio aquecido onde pudesse refugiar-se, tencionava dormir num dos armazéns que havia na cave. Se marcasse o alarme para as sete, poderia sair dali antes da chegada dos primeiros funcionários. Teria, muito provavelmente, de passar todo o dia seguinte de novo a gelar e a tremer de frio na caravana; mas, como era sexta-feira, poderia voltar a entrar no escritório, desta vez mais cedo, e talvez conseguisse usar um dos carros da empresa durante o fim de semana. Ninguém daria pelo desaparecimento e a polícia não andaria à procura dele. Mas teria de o usar o mínimo possível, não fosse algum dos colegas detetá-lo ao volante. A Islândia era um país pequeno.

Depois de sair do bar, subiu ao segundo andar e foi instalar-se numa sala de reuniões sem janelas, onde tirou o portátil de Bríet da sacola de pano. Enquanto o computador iniciava, agradeceu pela enésima vez o facto de o sobretudo sobre o qual Jói, o colega de informática, tinha vomitado ser o do chefe, e não o de um colega irrelevante. Na verdade, o Jói tinha cumprido a sua palavra, e Rögnvaldur fora buscar o portátil à hora combinada. Não lhe parecia que o Jói chamasse a polícia quando descobrisse que Rögnvaldur andava fugido; e, ainda que o fizesse, pouco importava. O mesmo se aplicava aos restantes colegas com quem se tinha cruzado nas duas curtas visitas que fizera ao edifício: se o denunciassem, paciência. Mas Rögnvaldur duvidava de que lhe tivessem dado atenção, pois não o tinham cumprimentado e nem pareceram ter reparado nele. Sentiu-se grato pelo facto de o apelo da polícia ter sido publicado algum tempo depois de ele ter saído do edifício, porque os mesmos colegas olhariam indubitavelmente para ele com enorme atenção se voltassem a cruzar-se. Rögnvaldur não duvidava de que esse era o principal tema de conversa de todos nos intervalos do café.

O ecrã iluminou-se com um brilho que lhe feriu os olhos. Mas Rögnvaldur habituou-se rapidamente a ele e não levou muito tempo a localizar o registo das vacinas. Só que a satisfação esperada não se concretizou: com o sedativo ainda a entorpecer-lhe os sentidos, a passagem do desespero à alegria tornou-se quase inexistente.

Rögnvaldur sentiu-se um pouco incomodado com isto: estaria realmente assim tão em baixo? Por que diabo estava a fazer tudo aquilo se não conseguia retirar qualquer prazer do facto de estar a aproximar-se do seu objetivo? Seria possível que não alcançasse nenhum tipo de satisfação ao chegar à meta? Consolou-se com a ideia de que o importante não era sentir-se bem; esse estado de espírito tinha deixado de existir para ele. Os centros de prazer do seu cérebro tinham morrido com a morte de Íris. Não, isto era uma questão de justiça.

Abriu o registo e verificou que continha a informação de que andava à procura. Não levou quase tempo nenhum a retirar os nomes das crianças que não tinham sido vacinadas contra o sarampo. A seguir, organizou-as com base na morada, criando um ficheiro especial para aquelas que viviam na zona de Reykjavík. Mas isto não lhe permitiu estreitar assim muito o seu campo de ação, dado que, aparentemente, havia mais idiotas a viver na capital do que no campo. Também eliminou todas as crianças que tinham recebido a primeira dose, mas não tinham feito a dose de reforço que era necessária para completar a proteção contra o vírus. Este processo reduziu consideravelmente o número.

Rögnvaldur entrelaçou as mãos na nuca, reclinou-se na cadeira e ficou a observar os resultados. Nesta altura, sim, teve consciência de uma vaga sensação de realização pessoal.

Debruçando-se novamente sobre o ecrã, começou a ler a informação relativa a cada uma das crianças. O elevado número de nomes não o surpreendeu; já sabia que cerca de cinco a dez por cento de crianças não tinha recebido a vacinação completa contra o sarampo. Mas pouco importava. Ele não tinha pressa. Tinha a intuição de que o nome de que andava à procura estava algures à sua frente, e dispunha de toda a noite para o encontrar.

Na verdade, porém, não precisou de gastar toda a noite.

Antes de começar a analisar a longa lista de nomes, Rögnvaldur decidiu ir procurar motivação à Internet. Para isso, minimizou este registo e entrou na nuvem onde ele e Aldís tinham armazenado as suas fotografias. Queria ver uma fotografia de Íris. Por muito doloroso que fosse, precisava de recordar a si próprio o motivo pelo qual estava a fazer tudo aquilo, bem como o que tinha perdido. Para aumentar o efeito, ligou o portátil ao projetor: ver a imagem de Íris no ecrã, aumentada para um tamanho superior ao da realidade, não deixaria de o encher de um espírito combativo, emprestando-lhe a força de um Hércules.

As fotografias eram indubitavelmente a maneira mais fácil de preservar memórias, mas eram também a mais implacável. Na nuvem, não havia fotografias de Íris na cama do hospital. Nem ele nem Aldís teriam sonhado em tirar fotografias à filha nessas circunstâncias, nem sequer quando Íris ficara no hospital com sarampo e ainda havia hipóteses de ela resistir; e muito menos o tinham feito já no final, quando o medo começara a aumentar e já não havia grandes dúvidas sobre o que seria o desfecho.

Isto queria dizer que Rögnvaldur podia abrir a fotografia mais recente sem correr o risco de ficar perturbado com o conteúdo. O diretório estava organizado por datas, e esta fotografia tinha sido tirada dez dias antes de Íris ficar com febre, num dos dias em que havia maior probabilidade de ela ter sido infetada. Rögnvaldur voltou a confirmar a data. Quando começara a compilar a sua tabela, revira todas as fotografias que ele e Aldís tinham tirado durante aquele período, quer com o seu telemóvel, quer com o da mulher, para recordar o que haviam feito com Íris nesses dias. Nessa altura, não havia uma única fotografia com esta data. As fotografias tiradas nos outros dias do período possível de infeção ainda estavam nos telemóveis dos dois; não tinham sido carregadas para a nuvem. Na verdade, tanto as fotografias mais recentes como as mais antigas ainda estavam nos telemóveis do casal; aparentemente, portanto, só as fotografias deste dia específico tinham sido carregadas.

Era estranho.

Rögnvaldur abriu o ficheiro e olhou para a parede, onde apareceu uma fotografia enorme de Íris. Ele sentiu uma dor aguda no coração,

uma dor que nem o sedativo conseguiu atenuar. Mas Íris não estava sozinha naquela fotografia; estava com mais duas meninas da sua idade e um rapaz que parecia mais novo. Rögnvaldur percorreu as restantes fotografias, fazendo uma pausa na última, para a qual ficou a olhar durante algum tempo, com as lágrimas a correrem-lhe abundantemente pelas faces. Passado algum tempo, fechou os olhos, incapaz de aguentar mais tempo, o corpo sacudido pelos soluços. Só agora compreendia por que razão Aldís tinha perdido tão depressa a vontade de viver.

Rögnvaldur voltou a abrir os olhos, dando rédea solta aos seus sentimentos.

Sentiu-se furioso. Depois, magoado. Finalmente, triste — triste como nunca se tinha sentido. Passado algum tempo, todos os outros sentimentos recuaram diante de um esmagador sentimento de raiva.

Os rostos satisfeitos e alegres das crianças sorriam para ele do alto da parede. É certo que não tinha provas disso, mas Rögnvaldur estava convencido de que uma delas tinha sido a portadora do vírus. Era óbvio. E o nome dessa criança tinha de estar no registo. Também isto era óbvio.

Rögnvaldur olhou para o relógio do canto inferior direito do ecrã. Já era tarde para fazer um telefonema a perguntar os nomes das crianças que figuravam nesta fotografia. Era uma tarefa que teria de aguardar para a manhã seguinte. O atraso não provocou nele especial desilusão ou impaciência. A verdade é que estava apenas a dois passos do seu objetivo: um telefonema, e a seguir bastava-lhe ir procurar os nomes no registo. Feito isso, ficaria a saber quem fora o portador da infeção. Já sentia intimamente que assim era.

O sentimento que estava à espera de ter voltou a não se concretizar. Mas a ausência de prazer não ficava a dever-se, com grande probabilidade, apenas ao sedativo. Pagara um preço muito alto para aceder àquele registo. Rögnvaldur afastou do espírito a memória do que acontecera a Bríet. Tal como a satisfação, também os sentimentos de remorso ou de pena teriam de esperar.

Rögnvaldur levantou-se, desligou o computador e voltou a metê-lo na sacola de pano. Depois, saiu da sala de reuniões e desceu as escadas até à cave, onde poderia perder-se em sonhos de uma

vingança sofisticada até o despertador tocar, às sete da manhã do dia seguinte. Porque, embora o sedativo tivesse um efeito de entorpecimento das emoções, nada podia contra a raiva que se tinha instalado na sua alma — uma raiva com uma força tal que nem drogas, nem terapias, nem palavras conseguiriam aplacá-la. A raiva e os pensamentos de vingança eram o combustível que o mantinha em movimento. Sem eles, há muito que teria murchado, acabando por morrer.

AS IMAGENS E INFORMAÇÕES DISPOSTAS NA PAREDE da sala de reuniões eram agora bastante mais abundantes. Para além de todo o material referente ao homicídio de Bríet, havia documentos relacionados com o desaparecimento, onze anos antes, de um bebé de nome Mía Stefánsdóttir. De entre todo o horror com que se confrontava quem para elas olhasse, a fotografia do carrinho de bebé vazio era a que mais impressionava. Huldar estava sentado ao lado de Erla, contemplando a exposição mural sem se concentrar em nenhum elemento concreto, mas tentando captar o quadro geral; e calculava que Erla estava a fazer o mesmo.

A chefe estava afundada numa cadeira, com ar exausto, massajando repetidamente as têmporas. Já deviam ter ido ambos para casa, pois não se percebia bem que resultados conseguiriam obter a trabalhar até tão tarde. Ao longo da última hora, Huldar tinha visto o seu tempo de concentração reduzido para uns quantos minutos de cada vez. Não parava de abrir pastas, que voltava a fechar quase imediatamente; de beber canecas de café; de ir ao exterior fumar um cigarro. De regresso da sua última excursão ao pátio, tinha-se apercebido de que Erla se encontrava na sala de reuniões e fora juntar-se a ela.

— Como é que uma coisa destas pode ter acontecido? — O tom de voz da chefe coincidia com a aparência: estava arrasada. — Como é que este fantasma nos pode ter aparecido do nada, assim sem mais nem menos, quando estávamos finalmente a chegar a algum lado?

Huldar encheu a boca de ar, que foi libertando lentamente.

— É uma grande merda. Mas tem de haver uma explicação para isto. Não pode ser uma coincidência este caso antigo aparecer à mistura com a investigação.

A observação não contribuiu para animar a chefe.

— Tens a certeza? Não terá sido uma porra de um acaso qualquer que nunca conseguiremos desvendar? A miúda que desapareceu teria agora onze anos. Nem sequer vou tentar imaginar onde é que ela andou estes anos todos, mas podia simplesmente ter passado por ali, ter olhado para o interior do porta-bagagens, ter vomitado quando viu o que estava dentro dos sacos, e depois ter ido à vida dela. Não é impossível.

— Não. Nem pensar. Seria uma coincidência dos diabos.

Huldar continuava a olhar para a parede, agora, porém, à procura de alguma coisa que substanciasse a sua afirmação. Mas não conseguia encontrar nada. Tratava-se de dois incidentes independentes, que tinham ocorrido com onze anos de diferença. Não havia qualquer ligação entre os protagonistas, ou pelo menos a polícia ainda não tinha conseguido encontrá-la.

— Mas, se for, havemos de descobrir. De uma maneira ou de outra. Disso tenho eu a certeza. Vamos começar por encontrar Rögnvaldur, e o resto acabará por ir ao sítio. Ele tem de ter alguma ligação com o bebé que desapareceu. Só temos de perceber que ligação é essa.

— Isso não altera nada. Se não houve um erro nos resultados do ADN, eu estou metida num grande sarilho. Mesmo que acabemos por resolver os dois casos.

— Como é que chegaste a essa conclusão? Eu diria que, se conseguires encontrar uma miúda que toda a gente dava como morta, serás a heroína do momento.

Huldar desviou os olhos da parede para estudar o perfil de Erla. A chefe tinha os dentes cerrados e o músculo do maxilar saído, apesar dos papos de fadiga que lhe distorciam as feições desde que o técnico forense largara a bombástica notícia. A não ser que aquele semblante nada tivesse que ver com o mais recente contratempo, e se devesse apenas ao sal contido nas batatas fritas que ela tinha comido antes dessa reunião.

— Uma heroína? Eu não nasci ontem. Quem é que tu pensas que vai ser responsabilizado se a investigação anterior tiver sido de uma incompetência total? Não será certamente o sujeito que chefiava esta coisa na altura e que trocou a polícia por um cargo simpático num ministério qualquer. Ele nunca terá de responder pelos seus erros.

Sabes muito bem como é que as coisas funcionam. É sobre os meus ombros que o fardo vai cair. Vou ter de reabrir a investigação antiga, que passa automaticamente a ser minha. Sou eu que vou ficar, literalmente, com o menino nos braços. E, como vou estar em licença de parto, não vou ter hipótese de me defender. Acredita em mim, no final disto tudo, a culpada vou ser eu. E, se não resolvermos este caso, a culpa também vai ser minha. Ou seja, aconteça o que acontecer, estou lixada.

Huldar voltou-se novamente para a parede. Não tinha vontade de mentir à chefe, mas também não queria concordar com ela, o que a faria sentir-se ainda pior. Optou, portanto, por lhe propor a única solução que lhe ocorreu.

— Nesse caso, vais ter, muito simplesmente, de resolver os dois casos antes de ires de licença. Assim, poderás defender-te caso os media comecem a tentar intervir. Basta apontares o dedo ao sujeito que esteve à frente da investigação no caso do bebé desaparecido, e ficas safa. Vendo que estás... tipo... grávida..., os jornalistas de certeza que voltam imediatamente os tiros para ele. Ninguém está disposto a pôr em cheque uma mulher que se prepara para dar à luz.

Erla soltou uma gargalhadinha seca.

— Nesse caso, é melhor apressarmo-nos.

Cá estava. Huldar ia finalmente ficar a saber para quando estava marcado o parto de Erla.

— Até que ponto tem de ser essa pressa?

— Apressada.

Xeque-mate.

Huldar sorriu, concedendo a derrota.

— E que tal se fôssemos para casa? Amanhã de manhã, aparecemos aí frescos que nem umas alfaces, depois de uma noite bem dormida, e metemos prego a fundo.

— Não. Não me vou embora antes de a malta que anda à procura de Rögnvaldur regressar. Parece-me importante estar cá quando eles voltarem. Andam a bater as ruas desde as três da tarde, e seria muito foleiro encontrarem a esquadra vazia, especialmente tendo em conta que os esforços deles não produziram qualquer efeito. E, a avaliar pela evolução que tivemos até agora, não foi de certeza na última meia

hora que eles lhe encontraram o rasto.

— Eu espero por eles. Vai tu para casa. Ficamos todos bem.

Erla voltou-se para Huldar e, por momentos, ele pensou que a chefe ia aceitar a proposta, mas viu-a abanar a cabeça.

— E se o tipo de quem andamos à procura não é o culpado, Huldar? E se pedimos a ajuda dos cidadãos para encontrar um homem que não matou ninguém? Ainda por cima, depois de lhe termos detido a mulher? De a termos fechado num hospital psiquiátrico? Estamos a falar de um casal que acaba de perder uma filha. Ou seja... caramba!

— Em primeiro lugar, Aldís não foi fechada em lado nenhum, ficou internada no hospital. E não havia maneira de dizer que não era necessário. Seja como for, ouvi uma das enfermeiras dizer que ela deve ter alta em breve. Aldís quer ir para casa, e eles não conseguem convencê-la a ficar lá por tempo indefinido. Como não está detida, pode ir-se embora a qualquer momento. O que é uma pena, porque a Freyja acha que ela sabe qualquer coisa. Mas, segundo a enfermeira, a mulher recusa-se a falar sobre o marido. A enfermeira recomenda que lhe demos tempo, porque exercer pressão sobre ela neste momento não vai resultar. Infelizmente. — Huldar apontou para a parede, espetando o dedo na direção da imagem de uma câmara de segurança onde se via o carro de Rögnvaldur entrar no bairro de Bríet.

— Em segundo lugar, é impensável que Rögnvaldur não seja o nosso homem. Já te esqueceste de que encontrámos as impressões digitais dele dentro do apartamento? Além disso, tinha sangue nos sapatos; o carro dele foi apanhado por uma câmara a uma hora que coincide exatamente com o período em que a morte ocorreu; ele andava atrás de elementos que Bríet tinha no computador, que foi roubado; ele bombardeou-a com mensagens e ameaças, e anda desaparecido. Rögnvaldur é o nosso homem. Sem dúvida nenhuma.

— Pelo contrário, com muitas dúvidas, Huldar. Não conseguimos ver a cara dele na imagem. O carro podia estar a ser conduzido por outra pessoa.

— Quem? Estás a pôr a hipótese de alguém lhe ter roubado o carro e depois lho ter devolvido? A mulher dele, por exemplo? É extremamente improvável. A avaliar pela altura, parece-me ser um homem.

Huldar levantou-se e aproximou-se dos contributos mais recentes para o mural, atraído pela fotografia do carrinho de bebé vazio. Deteve-se à frente dela e debruçou-se ligeiramente para ver melhor. Na fotografia, a colcha estava dependurada do fecho, e a visão do interior vazio era chocante. Aos pés, havia uma mantinha branca toda enrodilhada, mas, à exceção desse pormenor, nada: nem lençol, nem cobertor, nem peluche, nem biberão. No chão de ladrilhos do terraço, estava o monitor partido que Númi, um dos pais, tinha deixado cair quando se apercebera do desaparecimento de Mía.

Os olhos de Huldar transferiram-se para a fotografia seguinte, onde se viam os restos mortais de uma mulher: Droplaug, a mãe biológica de Mía. Huldar desviou imediatamente o olhar. O corpo estava num estado lastimoso, depois de ter passado dez dias no mar, e, como se não bastasse, parecia ter ficado emaranhado na hélice de um barco com motor de popa. Tendo em conta que o proprietário do barco não se tinha apresentado à polícia, presumiu-se que não se tivesse apercebido do que acontecera.

Droplaug tinha-se afogado, os pulmões tinham-se-lhe enchido de água e o corpo afundara-se. Começara então o processo de decomposição, com as bactérias a formarem gases, que se tinham juntado no abdómen e na cavidade pulmonar. Com a acumulação de gases, o corpo tinha subido à superfície, ficando retido por baixo de uma extensão de algas. Acabara por ir dar à praia em Ægisída, na costa sul de Reykjavík, enrolado em algas, surrado pelos elementos e em decomposição avançada por ter passado quase duas semanas dentro de água.

O relatório da autópsia não tinha sido colado na parede, mas Huldar passara-lhe os olhos por cima nesse dia, e parecia-lhe ter captado o essencial. O momento em que a morte ocorrera era vago, como seria de esperar, dada a quantidade de dias que tinham decorrido antes de o corpo ser descoberto. Mas o desaparecimento de Mía combinava com a janela de tempo. O corpo tinha sido bastante picado pela hélice do barco, e as gaivotas tinham debicado a nuca da mulher até ao osso durante o período que ela passara a flutuar de cara para baixo no meio das algas. O patologista estava convencido de que estes ferimentos teriam sido infligidos após a morte, mas, dado o

estado do corpo, não podia garantir nada. Ainda assim, era praticamente certo que ela não tinha morrido daqueles ferimentos, mas por afogamento; a base para esta conclusão era a análise histológica e a profunda alteração observada nos alvéolos e nos brônquios. Todos os documentos relacionados com a autópsia tinham sido enviados para o departamento de medicina forense do Hospital Nacional para serem revistos, caso tivesse havido algum erro de análise, mas Huldar não estava à espera de nenhuma novidade.

Ao lado da medonha fotografia do corpo, havia outra fotografia, esta de um cobertor de lã esfarrapado e cheio de manchas, estendido sobre uma mesa de aço do laboratório. O cobertor também tinha sido encontrado na praia, uma semana depois de o corpo de Droplaug ter aparecido; não estava em Ægisída, mas numa pequena gruta à beira do campo de lava de Hvassahraun, na península de Reykjanes, a cerca de quinze quilómetros a sul de Seltjarnarnes, em linha reta. Fora encontrado por um transeunte atento, que recordara a descrição que os media tinham feito de Mía, que se pensava estar embrulhada no cobertor que havia desaparecido do carrinho de bebé.

Embora o cobertor tivesse passado muito tempo no mar, as análises tinham permitido detetar vestígios biológicos da bebé e da mãe, Droplaug. Os vestígios não chegavam para fornecer perfis intactos de ADN, mas eram suficientes para confirmar a identidade de uma e de outra.

Dado que o corpo de Mía nunca fora encontrado, a criança tinha sido dada como morta. A conclusão da investigação fora que a mãe, Droplaug, teria raptado a filha e se teria lançado ao mar com ela. Depois de a bebé se ter afogado, o minúsculo corpinho teria sido consumido por criaturas marinhas, ao passo que o cobertor fora arrastado para sul pelas correntes, indo dar à costa em Hvassahraun. Passado algum tempo, as buscas nas praias haviam sido suspensas, o nome de Mía fora acrescentado à lista de pessoas desaparecidas e o caso fora encerrado.

A investigação concluíra que Droplaug havia sido levada a praticar aquele ato de desespero em consequência da luta que travara pela custódia da filha. A mulher vivia em Unnarbraut, no subúrbio de Seltjarnarnes, separada da praia e da marina apenas por uns quantos

degraus. Era raro haver por ali gente durante o dia, pelo que o risco de ser vista e detida era muito baixo — e de facto, como seria de esperar, ninguém a tinha visto.

Os pais de Mía eram dois homossexuais chamados Númi e Stefán. Droplaug era a mãe da criança, que tinha sido gerada por Stefán, numa tentativa de contornar a legislação islandesa, que proibia as barrigas de aluguer.

Os dois homens tinham adotado Mía na qualidade de pai e pai adotivo, um processo mais fácil que o de adoção primária, no qual não há qualquer relação entre a criança e os futuros pais. Stefán era o pai biológico de Mía, e Droplaug não era casada nem tinha parceiro conjugal oficial. Este aspeto era importante, dado que, de outra maneira, a bebé teria sido legalmente registada como filha do marido ou do parceiro conjugal de Droplaug, e Stefán teria tido de instaurar um processo para provar que o pai da criança era ele. Ora, sendo Droplaug solteira, nada disso foi necessário: ela registou Stefán como pai da criança na certidão de nascimento, e transferiu a custódia para ele. O marido de Stefán, Númi, pôde então adotar a bebé recém-nascida, que, até àquele momento, era sua enteada. Concluído este processo, Droplaug tinha efetivamente cedido qualquer pretensão à guarda da criança, e os dois homens haviam-se tornado, à face da lei, os pais de Mía.

A princípio, tudo tinha corrido bem, e Droplaug chegara mesmo a confirmar a adoção três meses depois de assinar os papéis preliminares.

Havia cópias de ambos os documentos coladas à parede. Talvez fosse uma fantasia, mas Huldar teve a impressão de conseguir detetar uma diferença na assinatura de Droplaug do primeiro para o segundo conjunto de papéis. Uns e outros tinham sido indubitavelmente assinados pela mesma mão, mas a letra do segundo documento pareceu-lhe um pouco mais trémula. Talvez ela tivesse começado a lamentar a sua decisão. Devia ter tido alguma hesitação, quanto mais não fosse porque a assinatura do segundo conjunto de papéis tornava a decisão irrevogável: assim que Droplaug pousasse a caneta, não havia maneira de voltar atrás.

Fosse por acaso ou propositadamente, pouco depois de isso

acontecer, Droplaug deixou de ser autorizada a entrar em casa dos dois homens, aonde, até então, ia regularmente dar de mamar a Mía.

De acordo com a irmã, Droplaug tivera um enorme choque quando os pais se recusaram a autorizá-la a ver a bebé e tentara convencê-los a conceder-lhe o direito de comunicar com ela. Droplaug estabelecera uma ligação com Mía durante a gravidez e o período de aleitamento, e não compreendera bem o papel que lhe havia sido destinado. Nesta altura, tornou-se claro que nunca fora intenção dos dois homens permitir que ela acompanhasse o desenvolvimento de Mía — tinha havido um terrível mal-entendido.

Droplaug apercebeu-se rapidamente de que a sua situação era irremediável: a adoção tinha ido até ao fim e sido confirmada; ela tinha entregado a sua filha e não tinha o direito de ter quaisquer contactos com ela. Se os novos pais não queriam que ela participasse na vida da criança, esta decisão era soberana. Teria sido esta situação que levava a pobre mulher a perder a cabeça e a decidir que, se ela não podia ter acesso à filha, mais ninguém teria. Fora uma decisão trágica, em especial para a criança, que era inocente e tinha pagado com a própria vida — pelo menos era o que toda a gente pensava até agora.

O relatório final continha um parágrafo bastante severo a respeito do facto de Stefán, Númi e Droplaug terem conspirado para violar a lei que proibia a maternidade de substituição, com a recomendação de que este caso fosse investigado, em especial tendo em conta as desastrosas consequências daqueles atos. Em geral, era difícil demonstrar casos de gestação de substituição sem uma confissão: se todos os implicados mantivessem a narrativa de que a criança tinha sido concebida em consequência de um adultério, e que a adoção fora uma solução posterior, a polícia pouco podia fazer. No caso de Mía, um dos pais tinha deixado escapar a história toda durante a entrevista com a polícia, ao passo que o outro, que era jurista, se tinha recusado a responder a quaisquer perguntas sobre a conceção e a adoção de Mía. Aparentemente, tinha sido Númi a confessar e Stefán a manter-se mais circunspecto. Este facto era mencionado apenas nas últimas linhas do relatório e, até àquele momento, Huldar não tinha conseguido localizar a confissão de Númi em nenhum dos numerosos

depoimentos que o homem tinha feito.

Tanto quanto Huldar conseguia perceber, a polícia havia perdido o entusiasmo pela investigação da maternidade de substituição depois de os dois homens terem contratado um advogado de renome, que havia argumentado que Númi não estava no seu perfeito juízo quando fizera aquelas declarações. E não havia dúvida nenhuma sobre isso; na verdade, Huldar tinha visto diversas referências ao estado mental de Númi nas anotações da investigação. E descobriu igualmente por que razão não tinha conseguido encontrar, no dossiê original do caso, a confissão de Númi acerca do acordo que tinham feito com Droplaug: o advogado conseguira que este depoimento, incluindo a versão digital, fosse destruído. Consequentemente, o processo contra o casal ficara incompleto e a polícia tinha decidido que não valia a pena tentar avançar. Os dois homens já tinham sido punidos de forma arrasadora pelos seus atos, e não era razoável continuar a bater em quem estava caído.

Huldar não conseguiu encontrar no processo nada que indicasse que a conclusão da investigação não fora a mais correta. A alegada sequência de acontecimentos tinha por base os depoimentos de várias testemunhas e condizia com as narrativas dos dois homens: Stefán e Númi presumiram imediatamente que Mía fora raptada pela mãe, que não atendia o telemóvel. Depois de receber um telefonema histérico de Númi, Stefán tinha ido a correr a casa de Droplaug, que não respondera à campainha; Stefán batera à porta com violência até ficar com as mãos doridas, mas, encostando o ouvido à madeira, não lhe chegara qualquer som do outro lado. Quando a polícia fora chamada àquela morada, a reação fora a mesma. Dada a gravidade da situação, os agentes tinham entrado no apartamento à força, mas este estava deserto: nem Droplaug nem Mía ali se encontravam.

Depois disto, todos os esforços se haviam concentrado na tentativa de encontrar Droplaug. A polícia tinha interrogado os pais, a irmã e as amigas mais chegadas, mas ninguém sabia nada. Contudo, todos eles estavam a par do que se tinha passado com os pais de Mía, e a irmã de Droplaug usou expressões muito pouco simpáticas para se referir a Stefán e a Númi. Além disso, ficou extremamente perturbada quando lhe perguntaram se achava que Droplaug poderia fazer mal à bebé:

não eliminava a possibilidade de a irmã ter raptado a filha em consequência de lhe terem negado acesso a ela, mas negou veementemente que Mía corresse qualquer espécie de risco — estava totalmente fora de questão. Os outros membros da família de Droplaug concordaram com esta opinião, embora não se tivessem expressado com a mesma ferocidade.

Havia provas de que Droplaug tinha estado naquela zona na manhã desse dia, por volta da hora a que a bebé tinha desaparecido. Por exemplo, os dados móveis do telemóvel, que ela tinha deixado no apartamento quando desaparecera, mostravam que tinha estado em Skerjafjörður, o bairro onde os dois homens viviam. O carro estava na garagem, mas o computador de bordo confirmava os movimentos no período esperado: Droplaug tinha-se deslocado a Skerjafjörður enquanto Mía estava a dormir na varanda, dentro do carrinho.

Tudo apontava para a mesma conclusão. A vizinha de Stefán e Númi testemunhou ter visto o carro de Droplaug lá fora nesse dia de manhã, e os operários, que tinham ido buscar as ferramentas, afirmaram ter-se cruzado com o carro dela, que ia a sair da rua, salientando que era Droplaug quem ia ao volante. Os homens conheciam-na bem, tanto a ela como ao carro, já que era uma visita frequente enquanto as obras decorriam, inicialmente entrando em casa e sendo depois proibida de passar para lá da porta.

Por outro lado, os operários tinham assistido a várias cenas, incluindo diversas discussões acesas entre Númi e Droplaug, quando ela aparecia lá em casa sem avisar, querendo ver a filha. A gritaria chegara a ser tal que se sobrepunha ao ruído das ferramentas dos operários, e uma vez ou outra Stefán também se tinha envolvido no confronto, quando Númi lhe telefonava a pedir ajuda. Certa vez, Droplaug tinha aparecido com reforços, sob a forma da irmã, e nessa altura as coisas tinham-se tornado mesmo muito azedas. Os operários — que tinham ouvido o suficiente para perceber o que se passava — eram unânimes: Droplaug dava a impressão de ter perdido por completo o norte; mas outra coisa não seria de esperar. E afirmaram que havia sido um alívio acabar aquela obra e sair dali.

Os vizinhos tinham contado a mesma história, dado que as discussões haviam decorrido, na sua maioria, à porta de casa. Além

disso, tinham visto a mulher sentada dentro do carro a chorar em mais do que uma ocasião, coisa que os operários também haviam testemunhado.

Todos os elementos recolhidos sugeriam que Droplaug estava à beira do desespero, facto que parecera ter sido confirmado quando o corpo dera à praia em Ægisíða. Após a posterior descoberta do cobertor da menina, a sequência dos acontecimentos pareceu ficar clara: a mãe da bebé tinha-a levado do carrinho, e tão grande era o seu desespero que se metera mar adentro com a filha nos braços. Caso encerrado. Não teria passado pela cabeça de ninguém que, onze anos mais tarde, Mía voltasse a aparecer, e com vida.

Huldar olhou para a fotografia de Íris, a filha de Rögnvaldur e Aldís, e a seguir para uma fotografia de Mía, uma bebé ainda sem cabelo, com o seu sorriso feliz e desdentado.

A fotografia de Íris tinha sido confiscada do apartamento do casal aquando da busca, juntamente com outro material integrado na colagem que Rögnvaldur montara na parede da sala de estar. Já a fotografia de Mía fora dada à polícia pelos pais adotivos, a fim de circular nos media aquando do seu desaparecimento — e não chegara a ser devolvida, talvez pelo facto de um dos membros da equipa de investigação ter anotado as datas do nascimento e do desaparecimento de Mía a marcador em cima da imagem.

Huldar debruçou-se sobre as garatujas e a seguir voltou-se para Erla.

— Não sabia que elas tinham nascido no mesmo ano.

Erla ergueu os olhos, o rosto transformado numa máscara de exaustão.

— Quem?

— Mía e Íris. Que estranho.

— E então?

— Oh, nada. Só que não consigo perceber se será uma coincidência ou terá algum significado relevante. Mas também não percebo como.

— Sim. Pois.

Erla parecia ter adormecido, coisa que, naquelas cadeiras duras como pedra, era um feito.

— E há outra ligação entre os dois casos.

Erla bocejou enquanto respondia, arrastando a palavra.

— Qual?

— Ambos estão relacionados com filhos muito desejados. — Huldar tentou detetar mais alguma ligação, mas tinha a mente toldada pelo cansaço. — Alegria, perda e dor.

— Bolas, não te ponhas agora com sentimentalismos. — Erla inclinou a cabeça para trás, contemplando o teto por momentos, após o que estendeu os braços e voltou a bocejar. — Numa investigação destas, não há lugar para isso. — Apoiando-se na beira da mesa de reuniões, levantou-se. — Mas, já que estás inspirado, tenta descobrir onde é que Mía esteve escondida estes anos todos. Quem sabe, talvez te saia um poema sobre o assunto ao correr da pena.

Huldar ignorou a provocação.

— Fora do país. É a única explicação. Não é assim tão fácil esconder uma criança na Islândia, e muito menos fingir de repente que se deu à luz um bebé que foi roubado.

Erla bamboleou-se em direção à porta.

— Talvez não. Mas não te esqueças de que ninguém andava à procura dela. Estava tudo convencido de que a bebé tinha morrido. Por isso, era mais fácil ocultar-lhe a identidade. — A chefe voltou-se e, por momentos, a fadiga pareceu recuar. — Eu ligo a Númi e a Stefán a dizer-lhes que a filha desaparecida poderá estar viva e a combinar um encontro com eles o mais depressa possível. Finalmente, uma tarefa que não me vai custar fazer.

Huldar não era capaz de imaginar o que seria receber um telefonema daqueles: uma combinação de loucura, alegria, confusão, incompreensão e lágrimas, tudo atravessado por muita ansiedade. Era melhor a polícia encontrar mesmo a miúda; caso contrário, os dois homens voltariam a sofrer a sua perda.

— Vão ficar felicíssimos. Mas não te esqueças de lhes dizer que ainda não temos nada concreto.

— Achas que eu sou uma idiota chapada? — Erla voltou-se e, subitamente, parecia quase prostrada de cansaço. — Como raio é que vamos conseguir arranjar tempo e pessoal para gerir as duas investigações? Claro que elas estão relacionadas e devem ser encaradas como partes da mesma investigação, mas, na prática, não

vai ser assim. Enquanto não soubermos qual é a conexão entre a bebé e o homicídio de Bríet, vamos ter o dobro do trabalho, ou pior: vamos andar à procura de Mía, à procura de Rögnvaldur e a investigar os dois crimes. Não estou mesmo a ver como raio vamos conseguir dar conta de tudo.

— Acabaremos por lá chegar. — Huldar exprimia-se com uma convicção que estava longe de sentir. Os próximos dias seriam de loucos, que era precisamente o tipo de situação que dava origem a erros e deslizes. — E que tal reservares o dia de amanhã para lidar com Mía e aplacar as chefias, e eu concentro-me na investigação do homicídio e na procura de Rögnvaldur? Não te esqueças de que já estive à frente desta equipa e sou perfeitamente capaz de delegar tarefas e manter as pessoas ocupadas. Só precisas de aceitar a minha ajuda.

Erla acenou a cabeça com uma expressão apagada. Não era típico da chefe aceitar ajuda em nada que tivesse que ver com a gestão do departamento, e desta feita também não fez qualquer comentário à proposta de Huldar, limitando-se a começar a listar as tarefas a que era preciso dar resposta. Huldar teria de se contentar com aquele ligeiro aceno de cabeça.

— A tarefa mais urgente nesta altura, como é óbvio, é encontrar o cabrão. Podes mandar a todos os media a imagem de Rögnvaldur no complexo desportivo de Laugar que captámos na câmara de segurança. Já temos autorização. Esperemos que o interesse do público seja reavivado e que ele continue vestido da mesma maneira. É uma pena não haver mais nada de interesse na imagem.

Rögnvaldur tinha sido fotografado a estacionar o carro, saindo da viatura e afastando-se a pé em direção a sul. Que eles vissem, não tinha entrado noutro veículo.

Erla fez uma pausa para respirar e depois prosseguiu.

— Vais ter de ligar ao resto das pessoas com quem queremos falar, a começar por aquelas que conversaram com Bríet no dia em que ela morreu ou nos dias anteriores. Em especial Andrea, a colega com quem ela estava a escrever a dissertação, e às outras duas amigas cujos nomes figuram repetidamente na lista de chamadas de e para o telemóvel de Bríet.

— Certo, eu trato disso.

Huldar sabia a que amigas se referia a chefe; eram os poucos nomes que restavam na lista de contactos ainda por fazer. Já tinha tentado, em vão, ligar a Andrea e contactá-la por email, e o mesmo se aplicava a estas duas amigas, embora neste caso se tivesse limitado a tentar ligar-lhes. Nenhuma das duas tinha atendido. Uma delas era fotógrafa, a outra professora.

— E tens mesmo de conseguir chegar a elas amanhã. O depoimento da tal Andrea é vital, tendo em consideração que ela também teve um desaguizado com Rögnvaldur. — Erla fez uma careta. — É possível que o sangue que encontrámos no apartamento de Bríet e não conseguimos identificar seja dela. Se assim for, podemos dar por adquirido que ela estava lá em casa quando Bríet foi atacada.

Huldar tentou visualizar a cena.

— Não achas um bocado forçado? Segundo nos disseram, Andrea está no estrangeiro. Não me parece nada que uma pessoa se metesse num avião para ir fazer férias ao estrangeiro depois de ter presenciado um homicídio. Muito menos tratando-se de um retiro de ioga.

Erla encolheu os ombros.

— Se ela estiver implicada no crime, uma viagem ao estrangeiro seria ideal. Não te esqueças disso.

Huldar sorriu.

— Estás a querer dizer que ela e Rögnvaldur foram cúmplices?

— Não sabemos, porra! Já nada me surpreende neste caso.

— Não. Desculpa, mas não me parece nada. Não te preocupes, eu trato disso. Temos o fim de semana todo à nossa frente e vamos aproveitá-lo bem — declarou Huldar, fazendo o que esperava que fosse um sorriso animador. — Tenho a certeza de que toda a equipa vai estar disponível para trabalhar nos dois dias. Até tarde.

Evitou recordar à chefe a quantidade de testemunhas com quem teriam de falar em conexão com o processo de Mía, entretanto reaberto. Mas pronto, isso podia esperar. Passados onze anos, era de supor que a memória das pessoas estivesse um tanto turva, mas seria certamente uma lista comprida: os vizinhos de Númi e Stefán, as amigas e a família de Droplaug, um exército de operários da construção civil, o médico que fizera a autópsia e os polícias que

tinham trabalhado na investigação original...

— Tudo se vai resolver.

— Pois, pois. — Erla continuava a mostrar-se bastante cética. — Ah, mais uma coisa: podias combinar com os pais de Bríet virem ver o corpo. Já nos deram autorização para avançar. E quanto mais depressa, melhor, porque o médico forense está à espera para dar início à autópsia da cabeça. É só seguires os procedimentos; os preparativos estão quase todos feitos.

Huldar olhou inadvertidamente para as fotografias das partes do corpo de Bríet. Ainda ninguém tinha decidido juntar-lhes uma fotografia da cabeça, e não seria ele a recordar essa necessidade.

— Tens a certeza de que é boa ideia?

— Não, não tenho. Pelo contrário. Mas o assunto já não está nas nossas mãos. O tipo da Comissão de Identificação apresentou o caso aos colegas e todos concordaram. E eu estou demasiado cansada para argumentar, por isso vou obedecer. Esperemos só que, na morgue, consigam juntar as partes do corpo de modo a minimizar o choque que os pais vão sofrer. Calculo que apenas deixem visível a cabeça e que tapem o resto com um lençol. Mas pede à Freyja que converse com eles primeiro. Ela ofereceu-se para os preparar.

Parecendo incapaz de se lembrar de mais coisas, Erla apoiou as mãos no fundo das costas e afastou-se a arrastar os pés. A chefe podia não ter nascido ontem, como havia comentado, mas, a avaliar por aquela maneira de andar, era uma pena não ter dado à luz ontem.

Sexta-feira

HULDAR SENTOU-SE, passou os olhos pela lista de tarefas que tinha redigido nesse dia de manhã, assim que chegara à esquadra, e riscou duas delas, já cumpridas. Enquanto Erla participava numa reunião com os chefes e o representante do gabinete de Relações Públicas da polícia acerca do caso Mía, ele tinha distribuído missões, de modo que todos os colegas tivessem bastante que fazer, atribuindo a si próprio a tarefa de contactar as pessoas que tinham falado com Bríet ao telefone antes de ela morrer. Desta lista, restavam apenas dois nomes: o da fotógrafa, Ólína Traustadóttir, e o da colega de dissertação de Bríet, Andrea Logadóttir. A terceira amiga, que era professora, tinha atendido o telefone e tinha explicado a Huldar que ela e Bríet haviam discutido planos para uma estadia de um grupo de amigas numa casa de verão que ambas estavam a organizar. Esta amiga soubera do que tinha acontecido pela mãe de Bríet e, embora o nome da vítima não tivesse sido tornado público, não guardara a informação para si; as amigas do tal grupo estavam desfeitas com o que tinha acontecido, e falavam mesmo em cancelar as ditas férias. A esta declaração seguira-se uma pausa, como se a interlocutora de Huldar tivesse a esperança de que ele a incentivasse a manter o projeto, mas Huldar despedira-se rapidamente e desligara o telefone.

Apertavam-se as malhas da rede em volta das duas mulheres que restavam na lista. Era mais urgente entrar em contacto com Andrea que com Ólína, porque Andrea também tivera contactos com Rögnvaldur. Mas o telemóvel desta continuava desligado, e a colega de Bríet também não tinha respondido aos emails nem às mensagens que Huldar lhe enviara. Posto isto, Huldar resolvera contactar a mãe da rapariga, que o informou de que a filha estava na Tailândia e só

regressaria no dia seguinte. Andrea partira na madrugada de sábado e não havia maneira de chegar à fala com ela enquanto não voltasse: fora fazer um retiro de meditação e ioga, onde era proibido usar telemóvel e computador; e a mãe tinha ideia de que se tratava de um retiro de silêncio. A senhora forneceu a Huldar o nome do local onde decorria o retiro, mas todas as tentativas de estabelecer contacto por telefone foram goradas.

A situação era incrivelmente frustrante, porque Bríet e Andrea falavam com muita regularidade. Para além de ser crucial obter o depoimento de Andrea a respeito de Rögnvaldur, as duas colegas iam às aulas juntas, estudavam juntas e estavam a fazer a tese em conjunto — o que significava, naturalmente, que não teriam limitado as suas conversas aos conteúdos académicos; ou seja, Andrea estava com certeza na posse de informações que só ela conhecia. Segundo a mãe de Bríet, a filha e Andrea tinham planeado trabalhar juntas sobre a tese na sexta-feira, e até era possível que Andrea estivesse dentro do apartamento de Bríet quando Rögnvaldur forçara a entrada, e que o sangue detetado na cena do crime que ainda estava por identificar fosse dela. Por outro lado, só havia um prato na mesa da cozinha e nada levava a supor que a piza tivesse sido partilhada por duas pessoas.

Huldar tinha analisado um diagrama do apartamento onde estava assinalada a localização de todos os vestígios biológicos, mas isto em nada contribuíra para explicar as manchas de sangue não identificadas. De acordo com este plano, havia sangue de Bríet na cozinha e as restantes manchas de sangue estavam no vestíbulo. Como estas manchas eram de outra mulher, isso dava a entender que Bríet não estaria sozinha em casa. Talvez Andrea estivesse com ela, mas não lhe apetecesse piza.

Huldar recordou a si próprio que o sangue não identificado podia ser da assassina. Não era impossível o atacante de Bríet ter sido uma mulher. Mas ele não fazia tentativas de apresentar esta hipótese até ver, uma vez que Erla já tinha bastante com que se entreter. Além disso, o comportamento de Rögnvaldur dava fortes indícios de ser ele o culpado.

Huldar abandonou temporariamente estas especulações e voltou de

novo as suas atenções para o trabalho que tinha entre mãos. Começava a ficar seriamente irritado com esta Andrea e o seu retiro de ioga. Se o retiro fosse na Islândia, ele entrava por ali adentro e arrastava a mulher consigo, com a boca aberta num grito silencioso. Mas, como não tinha esta hipótese, resolveu pedir ao Departamento Internacional que apresentasse à polícia tailandesa um pedido para a contactar. Não esperava receber resposta até à tarde, isto com sorte.

Ólína, a amiga esquiva, não se encontrava no estrangeiro, mas, sempre que tentavam ligar-lhe, aparecia uma resposta automática em inglês: *I'm in a meeting, I'll call back later*. Tendo em conta que os telefonemas haviam sido feitos, quer durante o dia, quer à noite, ou a mulher tinha mais amor às reuniões que uma comissão processual, ou o telemóvel estava programado para enviar esta resposta sempre que ela não podia atender.

É certo que a conversa com Ólína não era uma prioridade daquela investigação, mas não deixavam de precisar de chegar à fala com ela, pois era uma das pessoas com quem Bríet tinha conversado ao telefone nos dias anteriores ao homicídio. Na manhã desse dia, Huldar tinha ligado à mãe de Bríet para combinar o momento em que ela e o pai iriam à morgue; e havia aproveitado a oportunidade para lhe perguntar se conhecia Ólína, ficando a saber que não se tratava de uma amiga especialmente próxima — o que era estranho, dado o volume de telefonemas entre as duas mulheres nos últimos tempos.

A mãe de Bríet ficara surpreendida com esta informação e explicara-lhe que elas tinham sido grandes amigas quando andavam na escola, mas tinham acabado por se afastar. Não é que se tivessem zangado, nem nada disso, só que cada uma tinha seguido o seu caminho: Bríet tinha estudado ciências biomédicas, Ólína, fotografia. Era possível que se tivessem reaproximado, mas, se assim fora, a mãe de Bríet não percebia como é que a filha não lhe tinha falado do assunto; dito isto, fez marcha-atrás, comentando que talvez fosse por andar muito ocupada. Nesta altura, desfez-se em lágrimas.

A única coisa que interessava à polícia era qual tinha sido o tema das múltiplas conversas entre Bríet e Ólína na sexta-feira e nos dias anteriores. Mais nada. Huldar estava ansioso por riscar esta tarefa da sua lista e passar à seguinte. Era bom para o moral ser capaz de

concluir várias incumbências, por pequenas que fossem. Por isso, ligou para o departamento informático e pediu-lhes que localizassem o telemóvel de Ólína. Queria ter o máximo de coisas da lista feitas antes de Erla voltar, a fim de animar a chefe. Assim que acabasse as reuniões, Erla tinha marcado ir a casa dos pais de Mía, o que lhe dava a ele, Huldar, alguma margem de manobra. Os restantes encargos tinham sido distribuídos pelos colegas: Freyja e Gudlaugur tinham ido ter com os pais de Bríet, a fim de os prepararem para ver o corpo da filha, e os restantes elementos da equipa estavam ocupados em diferentes missões, incluindo a caça a Rögnvaldur.

O telefone tocou. Era o colega da informática com as coordenadas do telemóvel de Ólína.

Huldar observou Lína em processo de adotar deliberadamente uma atitude dominante: endireitou-se toda, ergueu o queixo e assumiu uma expressão severa; e pensou que a tão gabada licenciatura em Ciências Policiais não devia ser grande coisa, se era esta a pose que ensinavam aos alunos. Os pequenos flocos de neve que caíam do céu pareciam concordar com ele: foram pousando no ruivo cabelo, nas pestanas claras e nos ombros da rapariga, e cintilavam à luz dos candeeiros de rua, como se ela se tivesse coberto de purpurina, minando por completo a tentativa de assumir um ar profissional.

Os miúdos iam saindo aos poucos do edifício, metidos dentro de anoraques de cores vivas. À exceção destes agasalhos, a maioria não tinha roupa suficiente para se proteger da neve, que, por esta altura, começara a cair em força. O dia havia começado com um céu sem nuvens, mas as divindades do tempo tinham mudado de opinião; e eram poucas as crianças cujos pais tinham tido a sensatez de conferir a previsão meteorológica, e que vinham equipadas com gorros, luvas e botas de neve.

— O que faz uma fotógrafa numa escola?

Lína contemplava sem grande entusiasmo o pátio do edifício cinzento de dois andares.

Huldar encolheu os ombros.

— Veio tirar fotografias aos alunos, por exemplo. A não ser que

trabalhe cá. Se calhar, eles organizam cursos de fotografia. Não seria a coisa mais estúpida que ensinam.

Lína olhou-o de esguelha e, pelos lábios cerrados da estagiária, Huldar percebeu que não concordava com ele.

— Entramos?

— Não temos razão nenhuma para ficar cá fora.

Avançaram os dois em sentido contrário ao da maré de crianças, e Huldar teve de se desviar de uma bola de neve, cujo alvo não eram eles. Tanto Huldar como Lína envergavam o blusão do uniforme, e a criança que tinha atirado a bola de neve ficou nitidamente aterrorizada ao ver que por pouco não tinha atingido um polícia: levou as mitenes cobertas de neve à cara e começou a recuar, desaparecendo no meio do grupo. As crianças que tinham vindo mais preparadas para o frio eram, claramente, as que participavam no combate de bolas de neve com maior entusiasmo; as restantes eram alvos apetecíveis, como costuma acontecer nestas situações.

Huldar e Lína entraram no edifício, e a porta fechou-se depois de eles passarem, abafando os gritos e berros provenientes do recreio. Quando encontraram a secretária, Huldar bateu à porta e abriu-a logo a seguir. Deparam-se com uma mulher agachada, a arrumar revistas numa caixa, que olhou para cima com ar surpreendido.

— Boa tarde. Precisam de alguma coisa? É por causa do alarme de incêndio?

Huldar respondeu que não, que eles eram da polícia.

A mulher endireitou-se.

— Desculpem o mal-entendido. O nosso alarme de incêndio tem um defeito e dispara a toda a hora. É impossível trabalhar assim, por isso tivemos de mandar as crianças para casa.

Lína ergueu os olhos para o teto e depois olhou em volta, duvidando manifestamente do que esta mulher estava a dizer, dada a ausência de ruído; por isso, a outra apressou-se a esclarecê-la.

— Não é constante. Está sempre a parar e a recomçar.

— Não há problema. Na verdade, viemos por causa de outro assunto.

— Porquê, aconteceu alguma coisa?

— Não. Estamos à procura de Ólína Traustadóttir.

— É uma aluna?

A mulher franziu ainda mais o sobrolho, com ar preocupado.

— Não. É uma adulta. Possivelmente trabalha aqui.

Logo que proferiu estas palavras, Huldar percebeu que era muito improvável que assim fosse: a escola não era propriamente enorme e, se Ólína ali trabalhasse, a mulher teria reconhecido imediatamente o nome.

— Hum, não. Não temos cá nenhuma Ólína. Mas eu não sou da secretaria. Sou da biblioteca. Só vim aqui tratar de uma coisa.

— Ólína é fotógrafa. É possível que tivesse vindo tirar fotografias aos alunos.

A mulher abanou a cabeça.

— Não. As fotografias foram tiradas o mês passado. Não sei se foi essa tal Ólína que cá veio. Era de facto uma mulher, mas, tanto quanto sei, não voltou cá. E também não precisava de voltar. As fotografias chegaram há que tempos, e todas as crianças levaram a sua para casa.

— A mulher animou-se. — Será uma das empregadas da limpeza? Não sei o nome de todas. — Calou-se, meio envergonhada. — A rotação é muito alta.

— É possível. As empregadas da limpeza já cá estão?

— Não, infelizmente não. Só chegam às quatro. Ainda falta algum tempo.

Passava pouco das onze.

Lína resolveu intervir.

— Será mãe de alguma criança?

— Talvez. Não sei o nome de todas. Mas, que eu saiba, não está mãe nenhuma aqui na escola. Como lhes disse, as crianças foram todas para casa. Se for uma mãe, poderá estar lá fora. Mandámos um email a todos os pais ao princípio da manhã a dizer-lhes que tínhamos de fechar a escola por causa do ruído. — Subitamente, a mulher semicerrou os olhos. — Mas porque é que acham que essa mulher está aqui na escola?

Huldar não lhe respondeu, limitando-se a agradecer e a sair da secretaria, com Lína atrás. Lína deteve-se antes de chegarem à porta da escola.

— Tenta ligar-lhe.

Era boa ideia. Huldar tirou o telemóvel do bolso, selecionou o número e, assim que percebeu que estava a chamar, encostou o aparelho à coxa, para impedir que o som interferisse com um possível toque do telemóvel de Ólína, caso o aparelho estivesse ali perto.

Ficaram os dois imóveis, aguçando a audição.

Nada.

Lína foi a primeira a desistir.

— Não seria uma das mães, como disse esta mulher? Se era, o mais provável é que já se tenha ido embora.

Huldar soltou um suspiro.

— Talvez. Mas da informática disseram-me que tinham localizado as coordenadas por duas vezes, com meia hora de distância entre elas, para ver se o proprietário do telemóvel estava em movimento, e de ambas as vezes chegaram a este local. A segunda vez foi mesmo antes de nós sairmos da esquadra.

Voltou a meter o telemóvel no bolso.

Quando já se encontravam no recreio, decidiu fazer nova tentativa. Talvez Lína tivesse razão e Ólína ainda ali estivesse, à espera de um filho.

Selecionou o número e começaram a ouvir o som abafado de um telefone a tocar, sobrepondo-se às vozes dos miúdos que restavam. O toque era tão comum, que várias crianças levaram instintivamente a mão ao bolso ou à mochila, antes de perceberem que não era o deles. Entretanto, Huldar e Lína tentavam perceber de onde provinha o som, tarefa dificultada pelo rebuliço de vozes agudas que tinham à sua volta. Nessa altura, o alarme de incêndios soltou um guincho ensurdecedor e começou a tocar, abafando o som do telemóvel e as vozes das crianças.

Mesmo antes de o alarme finalmente se calar, Huldar sentiu que lhe puxavam o blusão e, olhando para baixo, viu um rapazinho a contemplá-lo com uma expressão cheia de admiração.

— Tens uma pistola?

Huldar respondeu rapidamente, não fosse Lína intervir e começar a fazer citações das normas relativas ao uso de armas e da força por parte da polícia.

— Não.

— E vais prender-nos?

O miúdo não se mostrava especialmente assustado com essa possibilidade.

— Não. Não te preocupes. — Ansioso por se livrar da criança para poder voltar a ligar o telemóvel, Huldar começou a lamentar não ter permitido que Lína fizesse o seu sermão sobre as normas da polícia. De certeza que o rapazito se ia embora. — Mas agora, precisamos de paz e sossego para trabalhar. Vai brincar com os teus amigos.

Mas o miúdo não tencionava deixar-se enxotar com tanta facilidade.

— O que estás a fazer?

Crianças e perguntas: andavam sempre juntas, como os morangos e o chantilly.

Huldar pediu a Lína que tratasse do rapaz enquanto ele tentava novamente encontrar o telemóvel. Desta vez, foi ainda mais difícil localizar a origem do toque, abafado pela voz de Lína, que pregava ao rapazito sobre a importância da polícia e a necessidade de a população não interromper o trabalho dos agentes. Olhando em volta, Huldar percebeu que todos os miúdos estavam a olhar para ele e para Lína. A neve acabada de cair tinha manifestamente perdido o interesse. Não era todos os dias que apareciam polícias no recreio da escola — felizmente.

O toque do telemóvel calou-se antes de ele conseguir localizá-lo. As crianças começaram a dispersar, deixando o pátio da escola em pequenos grupos; depois de interrompida, a batalha de bolas de neve deixara aparentemente de suscitar entusiasmo. Sendo bastante mais alto que todos eles, Huldar não teve dificuldade em confirmar que Ólina não estava no meio das crianças. Enquanto elas desmobilizavam, voltou a tentar ligar o número. Desta vez, silenciado o guincho do alarme, o toque era mais nítido; contudo, em vez de provir de alguma das crianças que se iam afastando, provinha do ponto onde tinham estado todas reunidas.

Desaparecidos os miúdos, não foi difícil encontrar o aparelho: estava caído no chão, sobre a neve.

Huldar bateu a porta do carro com mais força do que pretendia, meteu a chave na ignição e ligou o motor.

— Não sei qual deles tinha o telemóvel, mas que ele não esteve ali a manhã toda, isso te garanto. Para já, não tinha praticamente neve nenhuma em cima do ecrã, e se lá estivesse antes de os miúdos chegarem, de certeza que um deles o tinha visto e pegava nele, ou o pisava por engano. Não, o aparelho estava ali pousado, quietinho e impecável. — Huldar calou-se enquanto via se podia sair do lugar em marcha-atrás. — Foi um dos miúdos que o largou no chão. Se calhar, porque adivinhou que era disso que nós andávamos à procura.

Lína, que trazia o telemóvel dentro de um saco de plástico de recolha de provas, apertou o cinto de segurança.

— Não será possível Ólína ter emprestado o telefone ao filho ou filha, e ele ou ela tê-lo deixado cair durante a batalha de bolas de neve? Se calhar, é tão simples quanto isso. — Calou-se uns momentos, procurando algo no seu próprio telemóvel, após o que prosseguiu: — Não. Ela não tem filhos. Segundo o Registo Nacional, é solteira e não tem filhos.

Huldar meteu-se pelo trânsito.

— Mas podia ter emprestado o telemóvel ao filho de uma amiga, a uma sobrinha, a um sobrinho, qualquer coisa assim. Se calhar é uma tarada do ioga como Andrea e gosta de ir fazer retiros de silêncio.

— Eu nunca emprestaria o meu telemóvel a uma criança. — Lína voltou a assumir o seu tom pomposo. — Em circunstância nenhuma.

Lína tinha razão. Huldar nunca na vida confiaria o seu telemóvel aos sobrinhos, que lho devolveriam, garantidamente, todo lambuzado, com uma racha no ecrã e carregado de jogos idiotas.

— O que dizes a um café? Um café a sério, numa pastelaria? — perguntou, olhando de relance para a colega.

Lína assumiu a mesma expressão assustada com que o Capuchinho Vermelho terá certamente olhado para a suposta avó.

— Não seria melhor voltarmos para a esquadra? Não estou nada interessada em me meter em sarilhos.

— Lína, nesta profissão, metes-te em sarilhos quando partes um braço a uma testemunha, prendes um ministro sem querer ou deixas cair uma prova importante na sanita e puxas o autoclismo. Ir beber

um café nem sequer figura na lista.

Lína não se mostrou convencida, mas Huldar estava decidido: tinham um dia comprido pela frente e, logo a seguir, um fim de semana de trabalho ainda mais comprido. O trânsito ainda não estava demasiado confuso, e não era o quarto de hora que iam passar na pastelaria que faria diferença.

— Olha, eu preciso de um café, por isso, está decidido.

OS PAIS DE BRÍET ESTAVAM SENTADOS lado a lado na sala de espera. Tinham aproximado as duas cadeiras e dado as mãos, num gesto de solidariedade silenciosa. Estariam certamente a ter os mesmos pensamentos, a passar pela mesma dor. Tinham-se vestido a rigor para esta ocasião: ela, de vestido, collants e saltos baixos; ele, de fato e gravata, com os seus melhores sapatos. Nem Freyja nem Gudlaugur tinham feito qualquer comentário a esse facto quando tinham ido buscá-los a casa.

Os dois polícias estavam sentados a curta distância do casal, Gudlaugur olhava fixamente a parede nua à sua frente, Freyja lançando-lhes um olhar de esguelha a intervalos regulares. Não passava pela cabeça de nenhum deles tirar o telemóvel do bolso para ajudar a passar o tempo.

Não se tratava propriamente de uma sala de estar. Era mais um corredor, no qual tinham sido colocadas umas quantas cadeiras, encostadas à parede. As portas que davam para este corredor estavam todas fechadas e eram poucos os agentes que por ali passavam. Os que o faziam estugavam o passo, sem deixarem de olhar em frente; não se percebia se tinham sabido do objetivo desta visita ou se estavam, muito simplesmente, cheios de trabalho.

O relógio de parede dava um estalido sempre que o ponteiro dos minutos se movia e o som era absurdamente intenso naquele corredor silencioso. Aquela indicação regular da inexorável passagem do tempo não era útil a ninguém, muito menos a quantos ali aguardavam.

A mãe de Bríet levou a mão livre a um dos olhos, limpando uma lágrima, e Freyja apercebeu-se desse movimento. A seguir, a senhora fungou ao de leve, tão baixinho que, noutras circunstâncias, ninguém a teria ouvido. O marido apertou-lhe a outra mão com mais força.

— Precisam de alguma coisa?

Freyja inclinou-se para diante, numa tentativa de os olhar nos olhos. Tinha estado com eles durante meia hora antes de saírem para a morgue, dando-lhes tempo para fazerem perguntas e se libertarem de tudo aquilo que quisessem soltar do peito. Antes deste encontro, Freyja desligara o telemóvel, não fosse receber uma chamada do infantário de Saga a dizer que iam fechar mais cedo por qualquer razão e que ela tinha de ir buscar a sobrinha; era pouco provável que tal acontecesse, mas nunca fiando. Não podia correr o risco de incomodar o casal. Estas pessoas precisavam de atenção, daquele contacto afetuoso que nenhum membro da equipa de investigação parecia ser capaz de dar. Freyja concluía a conversa com umas palavras sobre a perda e a dor, mas o casal recusara-se a falar sobre a sua decisão de ver o corpo de Bríet. Pelo menos, já tinham sido informados de que a cabeça aparecera, de maneira que essa parte não os surpreenderia.

— Como sabem, podem mudar de opinião a qualquer momento — recordou-lhes.

Tanto o pai como a mãe de Bríet tinham estado afundados nas respetivas cadeiras, mas, ao ouvirem estas palavras, endireitaram-se ambos. Foi o pai quem respondeu.

— Não mudámos de opinião. Mas preferíamos não ter de esperar muito mais tempo.

Freyja concordava com ele. Tinham ali chegado à hora marcada, e já os haviam obrigado a esperar doze minutos, de acordo com o estrepitoso relógio.

— Eles sabem que já cá estamos. Não tardam a abrir a porta. — Só esperava que o casal não decidisse levantar-se e avançar sem aguardar que os chamassem. Se entrassem na sala antes de os preparativos estarem concluídos, o resultado podia ser desastroso. — Se calhar, estão à espera do capelão, que foi convidado um bocado à pressa.

De facto, à última da hora, os pais de Bríet tinham pedido que o capelão do hospital os acompanhasse, para fazer uma oração. Freyja achou que era ótima ideia e fez imediatamente um telefonema a transmitir este pedido, que lhes proporcionaria uma espécie de encerramento formal do assunto; de outra maneira, os pais entravam na sala, olhavam para o corpo da filha, choravam um bocado e iam-se

embora outra vez — e mais nada. Freyja esperava também que os dois aceitassem o apoio do capelão no final daquela provação. Havia poucas pessoas com tanta experiência em cuidados pastorais a famílias enlutadas, independentemente das suas crenças, como os capelães dos hospitais. Este casal precisava manifestamente de ajuda e era pouco provável que aceitassem a que Freyja tinha para lhes dar. Por vezes, os terapeutas não conseguiam estabelecer com os clientes uma relação suficientemente próxima para suscitarem confidências; nesses casos, era importante encontrar uma solução alternativa. Talvez os pais de Bríet a achassem nova demais, ou não gostassem dela por ser mulher, ou a considerassem irritante ou pouco sincera. Freyja tinha a esperança de que o capelão estivesse mais próximo deles.

Não teve de esperar muito mais. Naquele momento, surgiu no alto das escadas uma mulher jovem e loura, com um aspeto bastante semelhante ao dela, que se aproximou dos quatro. Em lugar da veste preta habitual nos luteranos, envergava um blusão branco, por baixo do qual se via uma roupa discreta e convencional. Contudo, enquanto a mulher se aproximava, Freyja percebeu que usava uma camisa com um colarinho clerical.

O casal mostrou-se um tanto desiludido, o que dava a entender que a resistência que haviam demonstrado em relação a Freyja tinha mesmo que ver com a sua idade e, possivelmente, com o seu género. Freyja não se ofendeu: as pessoas eram como eram.

A capelã apresentou-se e pediu desculpa pelo atraso. Não se referiu ao facto de ter sido chamada à pressa e concentrou a sua atenção nos pais de Bríet, ignorando Freyja e Gudlaugur. E era assim que devia ser.

Depois de ter falado em voz baixa com os dois e de ter confirmado que não tinham perguntas a fazer, anunciou que estavam prontos. Freyja ouviu a maior parte das coisas que a capelã lhes disse para os preparar, que eram semelhantes às que ela própria lhes tinha referido de manhã, embora apresentadas numa linguagem um pouco mais religiosa. Freyja consolou-se com a ideia de que o casal estava, pelo menos, o mais bem preparado possível para ver o corpo da filha.

Os pais de Bríet levantaram-se. A mãe cambaleou, como se não aguentasse os joelhos, e o marido tomou-lhe o braço com carinho, não

lho soltando, embora ela tivesse recuperado o equilíbrio quase logo. Marido e mulher cruzaram um olhar e seguiram a capelã, que avançou para a porta.

A capelã bateu ao de leve e abriu uma nesga, espreitando para o interior. A seguir, voltou-se para o casal, perguntando-lhes se estavam prontos. Ambos acenaram a cabeça, sem nada dizer.

Freyja e Gudlaugur deixaram-se ficar no corredor, aonde lhes chegou uma voz masculina, presumivelmente do médico forense, a receber o casal, conforme tinha sido acordado. Freyja fora informada do procedimento previsto, a fim de poder explicá-lo aos pais; numa altura destas, não podia haver surpresas. A perda da filha já era suficientemente difícil, e a visão do corpo teria um papel crucial no processo de luto. As coisas tinham, pois, de correr com o mínimo de percalços.

Pela nesga da porta, Freyja ouviu o médico a dar os pêsames ao casal. Depois, disse-lhes que tiraria o lençol que tapava a cara de Bríet quando eles estivessem preparados, recordando-lhes que a filha tinha os olhos fechados, como se estivesse a dormir; e que não podiam tocar-lhe, por muita vontade que tivessem de o fazer. Freyja sabia porquê: a cabeça e as restantes partes do corpo que tinham sido montadas debaixo do lençol haviam saído do congelador pouco antes, e os pais sofreriam um choque horrível se tocassem a carne congelada, mesmo tendo sido previamente informados desse facto. Também sabia que os técnicos tinham inserido pequenos moldes de plástico por baixo das pálpebras de Bríet, para evitar que os olhos parecessem afundados — e teria passado bem sem esta informação específica.

O médico disse-lhes que estivessem à vontade e que lhe comunicassem quando se sentissem preparados.

— Estou pronta.

A voz da mãe estava rouca, como se acabasse de inalar uma enorme quantidade de cinzas vulcânicas. E a do pai, quando disse o mesmo, não estava melhor.

O silêncio que se seguiu foi mais prolongado do que Freyja esperava. A psicóloga sentiu-se impressionada com a compostura dos pais, que não ouvia sequer fungar, e suspirou, cheia de compaixão pelo pobre casal. Estava à espera de os ouvir chorar, e talvez que

dissessem alguma coisa. Mas o que podia alguém dizer num momento destes? O que teria ela pensado que eles diriam?

Tudo menos aquilo que saiu da boca do pai:

— Esta não é a Bríet.

O corpo continuava pousado sobre a maca rolante de aço na qual tinha sido levado para um dos laboratórios na sequência do fiasco. O lençol fora afastado da cabeça, mas os moldes de plástico continuavam no seu lugar, por baixo das pálpebras. Freyja daria o que lhe pedissem para não ter de o ver, mas não havia alternativa. Como se não bastasse ver a cara da morta, saber que o corpo tapado pelo lençol estava aos bocados ainda tornava as coisas piores. Freyja não conseguia deixar de perguntar a si própria se a pobre mulher seria cosida como o monstro de Frankenstein antes do funeral. Ao pensar nisto, teve um arrepio.

Huldar estava desfeito e parecia tão incomodado pela visão do cadáver como Freyja: desviava constantemente os olhos, embora tivesse observado que a cabeça estava com melhor aspeto que da última vez que ele a vira, na praia. Freyja tinha sido informada de que a cabeça fora toda limpa depois de terem tirado as amostras para análise, a fim de facilitar a identificação. Mas a limpeza não parecia ter sido especialmente eficaz: havia uma ferida notória na parte inferior do pescoço e outra no lado direito da testa, que permanecera escondida dos pais de Bríet.

Gudlaugur estava sentado num banco de metal de altura ajustável, o único assento existente na sala, com as mãos no colo. Sendo ele, habitualmente, um epítome da boa educação, o facto de se ter deixado cair sobre o banco sem primeiro o oferecer aos outros ilustrava bem o estado em que se encontrava. Quando a confusão se havia instalado, Gudlaugur tinha tido a presença de espírito de ligar a Huldar, porque não tinha conseguido que Erla lhe atendesse a chamada. Aparentemente, a chefe ainda estava em reunião, ou seja, num mundo onde a investigação continuava no bom caminho; um pouco fragilizada, talvez, mas a aguentar-se. Freyja tinha impedido Gudlaugur de lhe enviar uma mensagem a reportar a mais recente

reviravolta; era uma notícia que ninguém, e muito menos uma mulher no fim da gravidez, queria receber por SMS no meio de uma reunião com os seus chefes.

No final, Freyja tinha conversado com os pais, que estavam a encarar tudo aquilo com extraordinária compostura. A princípio, tinham ficado muito corados, nitidamente interpretando aquele erro como um sinal de que talvez a filha ainda estivesse viva. Não foi agradável apagar esta chama de esperança, mas Freyja não podia permitir que eles abraçassem semelhante alegria para depois terem de passar novamente pelo processo de luto. Apesar do que tinha acontecido, não era razoável presumirem que Bríet estava viva. Freyja passou quase todo o tempo que esteve com eles a pedir desculpa pelo erro.

A capelã do hospital também lá estava, mas haviam-lhe faltado palavras apropriadas à situação, dado que nunca tinha vivido nada parecido. A verdade é que, à exceção de uma catástrofe natural ou um bombardeamento num contexto de guerra, não havia desculpa para uma confusão deste calibre. Freyja nem tentou diminuir a gravidade da situação ou afastar responsabilidades. Nunca tendo passado por uma coisa assim, não tinha experiência na matéria, o que a levou a ser totalmente sincera; isto fez que a atitude do casal em relação a ela parecesse ter-se suavizado, tornando a conversa mais suportável. A maioria das pessoas tem mais facilidade em simpatizar com quem reconhece que fez asneira.

— Não estou disposto a assumir a responsabilidade por isto. — O chefe do departamento de patologia forense estava imerso numa combinação de fúria e tensão. — É a primeira vez que me aproximo desta cabeça. A minha função era fazer a autópsia, mais nada. Este fiasco é totalmente culpa da polícia. Nem fui eu a supervisionar a recolha de amostras e a limpeza. E gostaria de recordar que me opus completamente a esta visita. — Tirou uma caneta do bolso da bata branca, apontou-a a Huldar e repetiu as palavras. — Opus-me completamente. E tenho a certeza de que expressei esta opinião num dos emails que enviei. Há provas disto.

Huldar conquistou a admiração de Freyja não perdendo a calma, em especial porque não era propriamente famoso pela sua capacidade

de se controlar. Se calhar, também estava em estado de choque. A notícia chegara-lhe aos ouvidos no preciso momento em que se sentava a uma mesa, preparando-se para gozar um café duplo na sua pastelaria preferida. Lína, que estava com ele na altura — embora tivesse feito o possível por salientar que não pedira nada para si —, tinha-se atrelado a ele, seguindo-o até à morgue. Num aparte sussurrado a Freyja, a jovem estagiária havia comentado que achava pouco próprio parar na baixa da cidade a meio de uma investigação. Pela maneira como o disse, parecia considerar a visita à pastelaria ainda mais escandalosa que a confusão com a cabeça.

Huldar aguardou que o médico baixasse a caneta.

— A cabeça não é a certa?

— A cabeça não é a certa? O que é que isso quer dizer? Se esta é a cabeça de Bríet? Não. Se é a cabeça deste corpo? É.

— Ótimo. — Huldar passou as mãos pelo cabelo, olhou de relance para a maca e desviou rapidamente os olhos. — Fazes alguma ideia de quem seja esta pessoa?

O chefe do departamento de medicina legal ficou roxo.

— Eu? Como é que eu hei de saber? E não quero voltar a ver-vos à minha frente enquanto não o tiverem descoberto. E quero uma radiografia aos dentes antes de assinar a certidão de óbito. — Subitamente, pareceu perder o fôlego, mas afinal era mais de alívio que de derrota. — Caramba. Pelo menos, tive o bom senso de não me responsabilizar pela identidade no relatório da autópsia. E ainda não passei a certidão de óbito.

Este facto era indubitavelmente uma fonte de grande conforto para ele, mas os outros não sentiam o mesmo: Erla e a sua equipa tinham avançado a toda a brida na investigação com base na certeza de que o corpo que haviam encontrado era de Bríet.

Do bolso do homem, chegou-lhes o som de entrada de um SMS. O médico tirou o telemóvel do bolso, leu qualquer coisa no ecrã e a seguir olhou para Huldar.

— Que azar. Quando ontem entregámos a cabeça, mandei uma mensagem ao dentista de Bríet a pedir que me enviasse uma radiografia dos dentes dela, para comparação. Acaba de chegar.

O homem pegou num escalpelo que tinha em cima de uma mesa de

trabalho.

— Lamento imenso, mas não sou capaz de o ver a abrir a cabeça — exclamou Freyja, horrorizada, ao vê-lo avançar para o corpo. Não aguentava mais. — Tenho de me ir embora.

O outro parou e olhou para ela com uma expressão surpreendida.

— Eu não vou abrir a cabeça. Só quero ver uma coisa. — E, virando a faca ao contrário, usou o cabo para levantar o lábio superior. A seguir, fez um gesto na direção de Huldar. — Anda cá ver.

Freyja desviou a cara, sem vontade nenhuma de olhar para dentro da boca de uma cabeça sem corpo. Huldar parecia igualmente desagradado, mas engoliu em seco e aproximou-se do médico com uma expressão resignada.

Quando achou que a operação tinha acabado, Freyja voltou-se novamente para os dois, mesmo a tempo de ver o médico regista afastar o cabo da faca, deixando o lábio voltar ao sítio.

— Como podes ver, os dentes são completamente diferentes. Os de Bríet tinham obviamente sido endireitados.

Estendeu o telemóvel a Huldar, e Freyja presumiu que estivesse a mostrar-lhe a radiografia de uma dentadura.

— Não consigo ver diferença nenhuma — comentou Huldar, devolvendo o aparelho.

A afirmação não foi surpresa para Freyja, que tinha observado Huldar a navegar no Tinder e percebera que a única coisa a que ele dava atenção nas fotografias das mulheres era aos filtros, para os quais tinha especial habilidade. Também tinha olho para as marcas dos designers. Se a fotografia apresentasse um filtro ou uma marca, remetia-a para a esquerda, esquecendo a mulher. E também tinha um método de eliminação muito próprio quando se tratava de perfis de mulheres. Graças a esta abordagem desleixada, que dificilmente poderia ser classificada de científica, restavam-lhe quase só mulheres de uma certa faixa etária, que Huldar selecionava imediatamente. A princípio, Freyja sentira-se tentada a trocar dele, mas acabara por reconhecer que o método era eficaz. Ainda assim, por qualquer razão estranha, quanto mais mulheres caíam dentro desta categoria, menos à vontade ela se sentia.

— Não consegues ver diferença nenhuma? — repetiu o médico,

espetando-lhe o telemóvel debaixo do nariz.

Mas Huldar limitou-se a abanar novamente a cabeça.

Freyja estava a sentir-se cada vez mais incomodada com esta conversa sobre dentes e ansiosa por ir apanhar ar. O que estavam eles ali a fazer? O melhor era voltarem para o departamento e começarem a preparar-se para se ajoelhar e rogar pedidos de desculpas. Mas a verdade é que ela também não tinha vontade nenhuma de o fazer. Pensando bem, estava-se melhor ali.

Aparentemente, Freyja não era a única a achar isso. De facto, ninguém parecia estar com pressa de se ir embora. Mas a análise da dentadura mais não fazia que atrasar o momento do desastre. Com sorte, o facto de ter sido a Comissão de Identificação a recomendar que os pais fossem autorizados a ver o corpo retiraria algum peso ao papel da polícia, mas nem isto era seguro; quando se tratava de evitar responsabilidades, uma comissão anónima teria muito mais facilidade em o fazer que um conjunto de indivíduos identificados — e, desta vez, esses indivíduos eram ela e a equipa do Departamento de Investigação Criminal.

Nem Lína parecia agora ansiosa por voltar ao seu local de trabalho. Se alguém a tivesse convidado para ir tomar um café, aceitaria imediatamente. A jovem mantinha-se à parte, observando tudo com ar impassível, sem participar em nada.

Subitamente, Freyja teve uma ideia. Tinha visto uma fotografia de Andrea na parede da sala de reuniões e ocorreu-lhe que as duas mulheres tinham algumas parecenças: a mesma altura e o mesmo peso, ambas com cabelo castanho-claro. Ela não estaria em condições de identificar Andrea apenas com base naquela fotografia, mas Huldar ou o médico legista talvez estivessem em melhor posição.

— Huldar, podes mostrar aí a fotografia de Andrea, para se comparar com a cabeça? Tem de ser ela, não achas? Há quase uma semana que ninguém consegue contactá-la, e Rögnvaldur também a ameaçou, não foi?

A ideia era excelente, mas Huldar não parecia especialmente grato pelo facto de Freyja a ter apresentado.

— Claro. Porque não?

E tirou o telemóvel do bolso com um gesto relutante; se o aparelho

tivesse de se aproximar muito da cabeça, o mais provável era ele decidir comprar um novo no regresso para a esquadra.

O médico legista interveio.

— Quero ver essa mulher num ecrã de tamanho normal, o telemóvel não me chega.

E encaminhou-se para o computador, com Huldar atrás, ostentando uma expressão ligeiramente mais satisfeita.

Atrás deles, Freyja observava o processo, com o palpite de que tinha razão. Virou-se para trás, lançando um sorriso a Lína e Gudlaugur, que continuava rígido de horror, a cara enterrada nas mãos. Lína, porém, estava de costas. Tinha aproveitado o facto de Huldar e o médico estarem entretidos com outra coisa para se aproximar e observar melhor a cabeça. Freyja estava espantada com a falta de sensibilidade da jovem. A seguir, voltou-se novamente para o ecrã, onde apenas conseguia ver, espreitando por sobre os ombros dos dois homens, a testa e a cabeça de uma mulher.

— É ela?

Antes de eles conseguirem responder, ouviram atrás deles o clique de um telemóvel a ser desbloqueado. Freyja voltou-se de repente, indignada e disposta a repreender Lína pelo facto de ter tirado uma fotografia à cabeça, mas afinal não era isto que a estagiária estava a fazer.

Lína também se voltara e olhava fixamente para Freyja, de olhos muito abertos.

— Já sei quem é — disse, com um telemóvel na mão, calçada com uma luva. O ecrã do telemóvel estava iluminado, sinal de que o aparelho tinha sido ativado. — É Ólína, a fotógrafa.

GUDLAUGUR, ERLA E FREYJA ESTAVAM SENTADOS dentro de um carro da polícia sem identificação, do lado de fora da casa. Gudlaugur, que ia ao volante, tinha estacionado junto ao passeio e desligado o motor, mas nenhum deles tinha coragem para abrir as portas e sair do carro. Continuavam os três lá dentro, em silêncio, olhando fixamente para o mar alterado que se entrevia por entre as casas. Embora o sol estivesse alto, pouca influência tinha nas nuvens carregadas de neve que escureciam o céu. O mar estava de um negro a condizer, à exceção das cristas brancas das ondas, que desapareciam quase mal se formavam.

Nenhum deles tinha dito palavra no percurso desde a esquadra. Pouco depois de Huldar, Gudlaugur, Freyja e Lína terem regressado da morgue, Erla tinha aparecido, mostrando-se razoavelmente satisfeita após a reunião com os chefes. A satisfação foi de curta duração. Huldar assumiu a responsabilidade de lhe contar o que tinha acontecido e, saindo do gabinete da chefe pouco depois, ordenou a Freyja e Gudlaugur que voltassem a vestir os blusões, pois iam com Erla a casa dos pais de Mía. A visita já tinha sido combinada e não podia ser adiada. Segundo Huldar, Erla tinha-se recusado a discutir a mais recente bomba antes de concluírem este encontro, dado que não estava, pura e simplesmente, capaz de lidar com mais coisas. Huldar recomendou a Freyja que não discutissem o assunto pelo caminho; e devia ter feito a mesma recomendação a Gudlaugur, porque esta era a única explicação possível para o estranho silêncio que reinava dentro do carro. Estavam os três preocupados com o erro na identificação da cabeça e nas suas consequências; mas, como se tratava de um tema proibido, o melhor era não dizer nada.

Acabou por ser Freyja a quebrar o silêncio com uma observação geral:

— Quanto custará uma coisa daquelas? — perguntou, observando

a elegante e moderna casa voltada para o mar, plantada num dos mais apetecíveis lotes de terreno de Reykjavík.

As propriedades que flanqueavam a moradia, ambas já com várias décadas, eram testemunho das alterações nas tendências arquitetônicas. Uma delas tinha a porta de entrada ladeada por colunas, que estariam melhor na Acrópole do que ali em Skerjafjörður. Contudo, a despeito da variedade estilística, todas estas moradias tinham sido claramente construídas por pessoas de bolsos recheados e ocupavam tanto espaço do respetivo lote de terreno que, ironicamente, quase não havia distância entre elas.

Nenhum dos outros dois respondeu à pergunta de Freyja, mas a quantia devia estar muito para além daquilo que os ordenados dos três juntos conseguiriam alcançar. Gudlaugur apertou o volante com força e deu-lhe um ligeiro abanão.

— Muito bem, malta. Vamos a isto?

Erla continuava com cara de poucos amigos, mas pelo menos fez um esforço para responder.

— Vamos lá. São horas.

Saíram do carro no preciso momento em que um avião levantava voo do aeroporto de voos domésticos, que passava mesmo pelo meio das ruas de moradias de Skerjafjörður. Quando alcançaram a porta da casa dos dois homens, o avião já tinha sido engolido pela massa escura de nuvens. A delegação era invulgarmente alargada, mas havia razões para isso. Em geral, quando a polícia considerava desnecessário ou inconveniente pedir às pessoas que fossem à esquadra, mandava dois agentes. Contudo, pela conversa que Erla tivera com estes homens na véspera ao fim da tarde, tornara-se evidente que a comunicação com eles poderia tornar-se um campo minado. Os relatórios sobre o desaparecimento de Mía tinham-se mostrado estranhamente omissos a respeito dos problemas que haviam acompanhado as relações da polícia com os pais da criança, relações essas que, aparentemente, tinham começado mal e continuado ainda pior.

Os chefes de Erla tinham-lhe feito ver com insistência que, desta vez, queriam que os dois homens fossem tratados com luvas. Freyja calculou que a esperança dos superiores era que Erla conseguisse amansá-los o suficiente para evitar que a sua irritação a respeito da

investigação original chegasse aos ouvidos da imprensa. De facto, era de esperar que, assim que os resultados da análise ao ADN se tornassem conhecidos, os media competissem entre si para conseguir entrevistar os dois homens. E nem a imprensa e as estações de televisão internacionais seriam imunes ao milagroso reaparecimento de uma criança que se pensava ter morrido há mais de uma década.

Além disso, Erla tinha as suas razões para querer que os dois homens se sentissem à vontade. Em circunstâncias normais, e tendo em conta o mais recente contratempo, teria mandado outra pessoa conversar com eles; mas a investigação estava a seu cargo, e se os pais de Mía fossem para os jornais, o alvo das críticas seria ela. Para potenciar as hipóteses de estas táticas resultarem, os chefes tinham-lhe ordenado que levasse os outros dois: Freyja, presumivelmente, para pacificar os dois homens com a sua competência de psicóloga; e Gudlaugur, talvez por ser homossexual, embora isto nunca tivesse sido claramente dito. Freyja não percebia bem o que pensavam eles conseguir com isto.

A porta da casa foi aberta por um homem dos seus trinta e poucos anos, de cabelo escuro, óculos, altura mediana e ar de quem estava em boa forma — por ser praticante de corrida ou de ciclismo, pensou Freyja. As feições, que em circunstâncias normais seriam certamente amistosas, acusavam ansiedade, mas a ruga que se lhe tinha formado na testa desapareceu e os olhos abriram-se-lhe muito ao ver tanta gente.

— São todos da polícia?

Erla respondeu que sim e apresentou-se, bem como a Freyja e Gudlaugur. Depois, vendo que o homem não dava sinais de os convidar, a chefe tomou a iniciativa de lhe perguntar se podiam entrar um minuto.

Nas costas dele, via-se um vestíbulo com o chão e as paredes em grandes ladrilhos pretos muito brilhantes, que davam a impressão de ter sido encerados nesse dia de manhã. O homem olhou de revés para trás, chamando:

— Stebbi, chegou a polícia!

Depois, recuou para o escuro vestíbulo e os três agentes atravessaram a enorme entrada, que tinha uma altura absurda. A

gigantesca porta devia pesar pelo menos uns cinquenta quilos.

A seguir ao vestíbulo, havia um patamar aberto, do qual saíam dois ou três degraus, que davam acesso a uma sala de estar cujas dimensões eram de cortar a respiração. O teto era tão alto que quase teria dado para fazer mais um andar, mas tinha indubitavelmente valido a pena o sacrifício de um ou dois quartos em troca da parede de vidro a toda a altura. A extraordinária vista do mar escuro e revoltado concentrava por completo as atenções, fazendo esquecer o mobiliário de design. Os dois homens podiam perfeitamente ter ali apenas umas paletes sobrepostas, com umas quantas almofadas, e dois ou três cartazes decorativos do IKEA nas paredes, que poucas visitas teriam olhos para outra coisa que não fosse a vista.

O homem que lhes abria a porta — Númi, presumivelmente — mandou-os entrar para a sala de estar, e convidou-os a sentar no elegante sofá de couro castanho. Enquanto se acomodavam os três nas enormes almofadas, cujo recheio era certamente de penas de ganso, Freyja perguntou a si mesma se, no final daquele encontro, teriam de ajudar Erla a levantar-se. Númi sentou-se diante deles, num cadeirão de couro, tão elegante quanto o sofá, mas não parecia, nem de longe, tão confortável. Talvez fosse por isso que ele se mostrava incomodado: não disse uma palavra nem olhou para eles de frente enquanto o marido, Stefán, não apareceu.

— Que casa espantosa — comentou Freyja, para quebrar o desconfortável silêncio.

Mas Númi, que desviara os olhos deles e os fixara na janela, não respondeu. Freyja pôs-se a pensar no que teria sido a vida dos dois homens naquela casa durante todos aqueles anos em que tinham estado convencidos de que a filha, Mía, se tinha afogado no mar. A vista devia ter perdido todo o encanto para eles, em especial enquanto havia o risco de o bebé ser novamente atirado para terra. A ideia provocou-lhe um arrepio, e Freyja perguntou a si própria porque não teriam vendido a casa, indo viver para um sítio longe do mar.

Stefán apareceu no patamar, vindo de outra zona da casa, desceu os degraus com estrondo, muito pálido, e foi sentar-se num cadeirão igual ao de Númi. Contudo, em contraste com o marido, não mostrou qualquer pejo em olhar os polícias de frente. Stefán era mais alto e

mais moreno que Númi, com as sobrancelhas mais carregadas, mas parecia estar igualmente em boa forma. Vestia uma camisa elegante e calças de fato, um bocado para o curto, na opinião de Freyja. Por dentro dos sapatos caros de couro, avistavam-se umas meias coloridas. Tinha as mangas da camisa arregaçadas, o que lhe dava um ar de banqueiro que, a caminho do escritório, fizera um desvio para travar um combate. Mas este homem não era banqueiro — segundo Erla, Stefán era advogado e sócio de um dos mais importantes escritórios de advogados da cidade. Freyja achou imediatamente que ele era um sujeito arrogante, e que seria um pesadelo trabalhar para ele. Númi, que parecia ter uma personalidade bastante mais doce, trabalhava num fundo de investimento, e a sua área eram os seguros.

Erla explicou que era a pessoa com quem tinham falado ao telefone na véspera à noite e novamente nesse dia de manhã. De seguida, apresentou Freyja e Gudlaugur, mas, mal acabou de falar, Stefán avançou em força.

— Estão a brincar connosco? Mandam-nos uma grávida, uma psicóloga e quê?, um homossexual? Qual é o objetivo? Conquistar-nos e fazer-nos esquecer a maneira como a polícia nos tratou da outra vez?

Erla contrariou imediatamente aquela ideia, embora Stefán tivesse alguma razão no que tinha dito.

— Não. Como não somos clarividentes, não sabíamos, há nove meses, que teríamos de ter esta conversa. Se viemos os três, foi para podermos responder a todas as vossas perguntas e dar-lhes o apoio que julguem necessário. É provável que a informação que trazemos seja difícil de assimilar.

Stefán apertou com força os braços de metal brilhante do cadeirão onde estava sentado, a ponto de ficar com os nós dos dedos brancos.

— Falando em nome dos dois, declaro desde já que não quero apoio absolutamente nenhum por parte da vossa gente. Se precisássemos de ajuda, não era de certeza convosco que íamos ter. Não estamos interessados na vossa solidariedade fingida, nem na vossa nem na de ninguém da polícia. E se dissessem o que têm a dizer e deixassem de nos fazer perder tempo?

A reunião não estava a correr nada bem, mas Erla reagiu

estoiicamente. Era óbvio que tinha recuperado do choque inicial da falsa identificação e avançado para a fase do entorpecimento.

— Independentemente do que aconteceu entre os senhores e os nossos colegas há onze anos, nós não estamos a fingir coisa nenhuma. Precisamos urgentemente de perceber como é que o ADN da vossa filha apareceu de repente neste contexto. Contudo, antes de prosseguirmos, tenho de lhes repetir o que lhes disse ontem: embora tudo indique que ela está viva, não podemos ter nenhuma certeza.

— Mas vocês não têm o mínimo de bom senso? — Númi tinha-se voltado para eles quando Stefán entrara na sala. A voz tremia-lhe, mas não se percebia bem se era de raiva contida ou em consequência de um estado emocional que não conseguia controlar. — Como é que vos passa pela cabeça darem-nos a notícia desta maneira? A Mía está viva, mas não, se calhar não está? Não nos podem fazer uma coisa destas! Porque não se põem à procura dela, em vez de tentarem demonstrar que, vendo bem, ela afinal não está viva, só para não terem de pagar pelos erros que cometeram? Estou mesmo a ver que é esse o vosso objetivo. O que vieram cá fazer? Achrom que nós mantemo-la escondida na cave, ou coisa assim? Francamente!

Erla aproveitou a oportunidade para avançar.

— Não. Claro que não. Nem viemos com o intuito de desculpar os responsáveis pela investigação original. A nossa prioridade é encontrar a Mía. — E, antes de Númi ou Stefán terem a possibilidade de a interromper, prosseguiu: — Revimos os relatórios do processo ao tempo do desaparecimento dela, em busca de alguma coisa que pudesse esclarecer este último desenvolvimento. Na verdade, porém, não temos muito a que nos agarrar. Dada a informação disponível na altura, a conclusão da investigação foi razoável.

— Ai acham que sim? — replicou Stefán. — Surpreende-me bastante que digam isso, tendo em conta que o agente que conduziu o caso era totalmente incompetente. Além de ser homofóbico. Os vossos relatórios fazem referência ao facto de ele ter suspeitado de nós durante muito tempo? — A última frase soou quase como um rugido.

— Sim, vi essa referência. — Erla estava com dificuldade em se manter direita, o que a obrigava a permanecer empoleirada na extremidade do esponjoso sofá, como se ele fosse um banco de jardim.

— Neste tipo de crimes graves, a atitude padrão é suspeitar dos membros da família. No vosso caso, essa suspeita não se confirmou, mas, na maioria dos casos deste tipo, é uma suspeita que se revela correta.

Númi esfregava as palmas das mãos, muito agitado.

— A investigação do passado não me interessa nada. Não percam tempo com isso. Podemos voltar a falar desse assunto noutra altura. A única coisa que me interessa agora é saber se continuam à procura da Mía. Quando é que julgam que conseguirão encontrá-la, para ela poder voltar para casa?

Erla tinha-se afundado no sofá, mas esforçou-se por voltar a endireitar-se antes de responder.

— A investigação ainda está numa fase muito inicial, pelo que, infelizmente, não podemos fazer uma estimativa realista do momento em que conseguiremos encontrá-la. Ainda há muitas coisas por esclarecer. Como lhes disse ontem, a única coisa que sabemos é que temos um perfil de ADN que coincide com o retirado do cordão umbilical da menina na investigação original.

Freyja tinha sido informada destes detalhes por Huldar, que os tinha lido nos relatórios do caso original. Depois de Mía ter sido dada como morta, a Comissão de Rastreio tinha solicitado uma amostra do ADN da bebé para a sua base de dados, prevendo a possibilidade de os restos mortais alguma vez aparecerem em terra ou em qualquer outro contexto. O material biológico tinha sido extraído do coto já seco do cordão umbilical que os pais tinham guardado num saco, no fundo do congelador, com a ideia de o mandar preservar num molde de plástico a fim de comemorarem o nascimento da bebé — embora não tivessem chegado a pôr este plano em prática. Huldar nunca tinha ouvido falar de ideia tão bizarra; e acrescentara que, tanto quanto sabia, jamais ocorrera a qualquer das cinco irmãs — que viviam em Egilsstadir — fazer semelhante coisa: quando o cordão umbilical dos filhos se soltava, o coto ia direitinho para o lixo. Huldar calculou que se tratasse de um costume urbano de gente estranha, e Freyja não o contradisse.

— Onde é que o ADN dela apareceu? — Stefán não desviava os olhos dos de Erla. — Ontem, recusou-se a dizer-me, mas gostaria que

tivesse a cortesia de nos informar. A Mía é nossa filha, e é menor. Não consigo compreender em que medida é que a revelação desta informação aos pais da criança pode pôr em causa uma investigação. Temos o direito de saber. Aviso-vos desde já que, se não respeitarem a nossa vontade, levamos o caso até onde for preciso — à Proteção de Menores, aos tribunais... se for preciso, aos jornais. Se calhar, é melhor ficar já com os vossos nomes, caso precise de os referir em alguma entrevista.

Erla hesitou, enquanto procedia, evidentemente, a uma rápida avaliação mental dos riscos. Quando voltou a falar, tornou-se óbvio que havia chegado à conclusão de que era menos arriscado partilhar a informação do que arrastar a polícia para a desagradável situação que as ameaças de Stefán faziam prever.

— Encontrámos o ADN na cena de um crime.

Não era credível que lhe passasse pela cabeça que lhe bastaria dizer aquilo, mas achou que pelo menos valia a pena tentar.

— Um crime? Que crime?

Númi levou a mão ao peito, evidentemente imaginando o pior.

— Um homicídio.

A expressão atónita de Númi mostrava que semelhante possibilidade nem lhe tinha passado pela cabeça.

— Um homicídio? Um homicídio? Não estou a perceber. A Mía está morta? Mas o que é que se passa convosco? Primeiro, dizem-nos que ela está viva e agora que ela foi assassinada. Mas o que se passa aqui? — E fez menção de se levantar, mas Stefán estendeu um braço e agarrou-o, obrigando-o a ficar sentado.

Stefán centrou-se em Erla, com uma expressão que dava a entender que a vontade dele era fritar a chefe num caldeirão de óleo a ferver.

— Está a referir-se ao homicídio que tem aparecido nas notícias? Ou trata-se de outro caso que os media ainda não conhecem?

— O que tem aparecido nas notícias.

Erla preparou-se para o pior.

Númi tapou a boca com a palma da mão e esbugalhou os olhos. Depois, baixou a mão e disse, com a voz a tremer:

— A mulher que foi encontrada no porta-bagagens do carro? O assassino apanhou a Mía? Mas porque não andam à procura dela?

— Isto é inacreditável — interveio Stefán. — A menina tem estado viva nos últimos onze anos e vocês não conseguiram encontrá-la. Foram onze anos. E é agora que nos aparecem aqui. Não podiam ter vindo há seis meses? — Olhou-os aos três com uma expressão de profundo desdém. Freyja teve a sensação de que era ré de um crime e que estava no banco dos réus. — Isto deve ser um recorde mundial de incompetência: não conseguir encontrar uma criança desaparecida num país do tamanho da Islândia.

Númi tinha voltado a cabeça e contemplava novamente o mar. Quando finalmente voltou a intervir na conversa, mostrava-se desgastado.

— Ninguém andou à procura dela. Estava toda a gente satisfeita com a teoria de que ela tinha desaparecido no mar. Todos menos eu. Mas ninguém me deu atenção.

A observação ficou sem resposta. Erla avançou para o objetivo daquela visita.

— Algum dos dois conhece uma mulher chamada Ólína Traustadóttir? Ou uma Bríet Hannesadóttir?

Ambos abanaram a cabeça, e Stefán perguntou:

— O que é que elas fazem?

— Ólína é fotógrafa freelancer e Bríet é técnica de laboratório no Hospital Nacional — respondeu Erla. — Além disso, está a estudar Saúde Pública na Universidade da Islândia. Mais especificamente, a investigar questões de imunização infantil. Os senhores são por acaso contra as vacinas?

— Não, claro que não — respondeu Númi. — E também não conheço nenhum técnico de laboratório.

Stefán assentiu com a cabeça, concordando.

— E Rögnvaldur Tryggvason? Conhecem-no? Ou Aldís Ellersadóttir? Estes são um casal; ele trabalha numa companhia de seguros e ela é contabilista, embora não tenha trabalhado muito nos últimos anos. Tinham uma filha com leucemia, que se chamava Íris e tinha dez anos quando morreu, Íris Rögnvaldsadóttir.

— Não conheço nenhuma dessas pessoas. — A resposta veio de Stefán. — Vi a fotografia de Rögnvaldur nos jornais e tenho a certeza de que não o conheço. E os nomes da mulher e da filha também não

me dizem nada. — Olhou de relance para Númi, que abanou a cabeça. — É ele o assassino da mulher? É por isso que vocês andam à procura dele? E raptou a nossa filha?

Vendo que Erla não dava sinais de responder a estas perguntas, Freyja correu em seu auxílio mudando de assunto.

— É natural que lhes custe muito absorver esta informação, em especial porque vai com certeza abrir feridas antigas. — Tinha tirado o seu cartão da algibeira do blusão e colocou-o em cima da mesinha de centro. — Recomendo-lhes que entrem em contacto comigo assim que lhes for conveniente. Posso ajudá-los a gerir esses sentimentos. Também posso recomendar-lhes outro psicólogo. Seja qual for a vossa opção, aconselho fortemente que aceitem esta ajuda. — Freyja fez uma pausa para permitir que Númi ou Stefán reagissem, mas, como isso não aconteceu, prosseguiu. — Quando... se... a Mía aparecer, vão passar os três por uma verdadeira montanha-russa emocional, e a maneira como gerirem a situação terá impacto no futuro. De momento, não fazem ideia onde é que ela passou estes anos todos, mas é importante prepararem-se para a possibilidade de a pessoa que a raptou não a ter tratado como devia. Esperemos que não seja pior do que isso. Sou especialista em psicologia infantil e competir-me-á proteger os interesses da Mía em todas as fases desta investigação. Faremos tudo para que o processo seja o menos doloroso possível, mesmo que a vossa anterior experiência com a polícia não seja essa. Mas mentir-vos-ia se vos dissesse que vai ser fácil.

Stefán e Númi olhavam em direções diferentes: Númi para o cartão profissional que ela tinha pousado sobre a mesa, Stefán para Freyja, talvez não com o mesmo ódio com que olhara para Erla, mas não estava muito longe disso.

— Não precisamos da *sua* ajuda.

Freyja não permitiu que esta declaração a desconcertasse.

— Muito bem. A proposta continua de pé, para o caso de mudarem de opinião.

Sentia-se incomodada com a fúria de Stefán, que não parecia acalmar, antes pelo contrário, mas nem Erla nem Gudlaugur se mostravam minimamente intimidados.

Quando voltou a intervir, Erla expressou-se num tom perfeitamente

calmo:

— Voltando à questão. Conseguem pensar em alguém que possa ter raptado a Mía, agora que os indícios sugerem que não terá sido a mãe biológica? Tendo em conta que a Droplaug se tornou rapidamente o centro da investigação original, talvez não tenham pensado seriamente em nenhuma alternativa.

— Não, claro que não pensámos — replicou Stefán com frieza. — Se tivéssemos suspeitado de outra pessoa qualquer, teríamos achado estranho que essa pessoa passasse de repente a ter uma filha, em especial se a criança fosse parecida com a Mía.

Númi não fez comentários, limitando-se a acenar a cabeça num gesto de concordância.

— As crianças mudam muito ao longo do primeiro ano de vida. — Era a primeira observação que Gudlaugur fazia desde que se tinha sentado. — Muito provavelmente, bastaria escondê-la durante os primeiros meses, até fazer um ano. Passado esse tempo, não é certo que a tivessem reconhecido. De acordo com os relatórios do processo, a bebé não tinha qualquer elemento distintivo que chamasse a atenção.

— Tê-la-íamos reconhecido passado um ano. Tê-la-íamos reconhecido hoje, se ela aparecesse.

Númi cruzou os braços como que disposto a replicar se alguém se atrevesse a contrariá-lo. Nenhum dos presentes tinha a mesma convicção, mas ninguém se pronunciou.

— Há uma pessoa que me vem à ideia — comentou Stefán. Númi abriu ligeiramente a boca, surpreendido. — A irmã de Droplaug — prosseguiu Stefán. — A Ellý. Era tão maluca como a irmã.

Erla anotou esta informação.

— Vamos investigar essa hipótese.

Não disse mais nada, porque naquele momento a porta da casa abriu-se e ouviu-se alguma confusão no vestíbulo, de onde lhes chegou a voz animada de uma criança.

— Olá, pai! Olá, pai! Cheguei. Tivemos folga na escola, por isso fomos a casa da Rósa, mas agora viemos brincar cá para casa.

Todos voltaram a cabeça na direção do vestíbulo, onde apareceram três miúdas pequenas só de meias. Uma delas desceu os degraus que

iam dar à sala de estar, observando os presentes com interesse. Era pequena e magrita, tinha duas tranças fininhas e usava um macacão e uma camisola de gola alta que estava toda puxada para um lado. Os óculos, que lhe tinham caído pelo nariz abaixo, estavam visivelmente sujos.

— O que é que estás a fazer em casa? Quem são estas pessoas?

— Também tivemos folga. E estas pessoas são umas visitas. — Stefán fez um gesto com a mão à miúda. — Leva a Selma e a Rósa para o teu quarto. Vão brincar. Nós precisamos de sossego.

— Vocês vão-se divorciar?

A miúda não se mostrava especialmente incomodada com esta perspetiva.

— Não, não nos vamos divorciar. Estas pessoas são visitas.

As outras duas crianças aproximaram-se para observar melhor os convidados, e nenhuma delas se mostrou muito impressionada. A mais baixa deu uma cotovelada à filha do casal.

— Anda daí. Devem ter vindo cobrar alguma dívida.

A terceira miúda estava atrás das outras, observando a cena por cima dos ombros das amigas, o que não era difícil, porque era consideravelmente mais alta do que elas.

— Ou então, são assistentes sociais. De vez em quando, também vão lá a minha casa.

— Vão brincar, meninas.

Stefán fez menção de se levantar, e as três crianças fugiram a correr na direção dos quartos.

— Quer dizer que têm uma filha?

Erla deu voz àquilo em que todos estavam a pensar, e Freyja presumiu que os colegas estivessem tão espantados como ela. Pelo que tinha lido sobre o caso, presumira que os dois homens não tencionavam recorrer aos serviços de uma mãe de substituição enquanto esta possibilidade não tivesse sido legalizada. Nenhum magistrado teria autorizado outra adoção apenas por um deles depois de a combinação com a mãe de Mía se ter tornado pública, em especial porque o magistrado que aprovara a adoção de Mía tinha sido alvo de severas críticas. Mas parecia que os pecados de algumas pessoas eram rapidamente esquecidos.

— Que idade tem ela? Quem é a mãe?

Stefán voltou a perder as estribeiras.

— Tem onze anos e a identidade da mãe não é da vossa conta. E, antes de começarem com suspeitas idiotas, ficam já a saber que é tudo perfeitamente legal. — Levantou-se, começando a baixar as mangas da camisa. — Muito bem, tenho de voltar ao trabalho. O Númi acompanha-os à porta. Se querem saber a minha opinião, gastavam melhor o vosso tempo à procura da Mía. — E, em vez de observar as habituais fórmulas de cortesia à despedida, limitou-se a bradar uma ordem. — Tratem de a encontrar!

Stefán desapareceu na direção dos quartos, presumivelmente para ir vestir um casaco e pôr uma gravata. Entretanto, Númi pôs-se de pé num movimento elástico, dizendo que ia levá-los à porta. Mostrava-se nervoso e não parava de esfregar as mãos. Sentindo que ele queria dizer qualquer coisa, Freyja perguntou-lhe se assim era; e tinha razão.

— Vão autorizá-la a voltar para nós, não vão? — perguntou Númi de repente.

Freyja respondeu à pergunta em tom compassivo:

— O mais provável é ela ficar inicialmente entregue aos cuidados do Serviço de Proteção de Menores. Vai ser uma situação incrivelmente difícil para ela, porque não vos conhece. Mas prometo-lhe que a prioridade serão sempre os interesses da criança e que ela acabará por ser autorizada a voltar para casa. Tanto nós como os senhores queremos que esse regresso seja o mais feliz possível, mas vai ser necessário fazer alguns preparativos.

Númi acenou lentamente a cabeça.

— Mas promete-me que, no final, ela volta para junto de nós.

Freyja inspirou fundo.

— Sim, não vejo porque não. A Mía é vossa filha. — Depois apontou para o cartão, que tinha deixado sobre a mesinha. — Por favor, pense na minha proposta. Não fazia ideia de que tinham outra filha. Quando a Mía for encontrada, também vai ser um processo muito difícil para ela. Não sei se lhe disseram que tem uma irmã, mas, se não o fizeram, é muito importante que o façam e que preparem cuidadosamente o terreno. Não deixe de me ligar, para eu poder ajudá-los ou recomendar-lhes outro psicólogo.

Númi nada disse, limitando-se a olhar fixamente para o cartão. A seguir, acompanhou-os ao escuro vestíbulo, que parecia agora menos carregado, pois estava decorado com três pares de sapatos de criança, descalçados e largados ao acaso: um par de botas caras de neve, uns ténis muito coçados e um par de botas de borracha já gastas, que deviam ser da miúda mais alta. Assim que Erla, Gudlaugur e Freyja saíram para o exterior, Númi fechou a porta, continuando estranhamente nervoso.

Quando já se encontrava sentada no carro, Freyja olhou para cima e viu as três pequenas à janela, com os cotovelos apoiados no peitoril e o rosto encostado ao vidro. As três carinhas ficaram a olhá-los com enorme atenção enquanto se afastavam.

Assim que virou para a rua, Gudlaugur começou a falar. Tinham finalmente alguma coisa que conversar, para além da confusão por causa do corpo.

— Fui só eu que achei ou aquilo foi uma reação muito estranha à informação que lhes levámos? Não seria de esperar que eles ficassem felicíssimos?

Freyja interveio antes de Erla:

— Não existe uma reação padrão, que seja a mais natural à notícia que eles receberam ontem. Mas não acharam estranho que Stefán tivesse perguntado porque não tínhamos aparecido há seis meses? O que queria ele dizer com aquilo?

Erla olhava pela janela do seu lado com ar melancólico.

— Quem sabe? O que me está a fazer mais impressão neste momento é o facto de eles terem adotado outra miúda, e que não só é uma rapariga, como tem a mesma idade que Mía. Isto é que eu acho mesmo muito estranho e até meio tarado, vocês não acham? — Virou-se para trás, para olhar para Freyja. — O que diz o teu cérebro de psicóloga acerca disto?

Freyja não tinha resposta. Mas, de certa maneira, concordava com Erla: dadas as circunstâncias, a presença de outra filha da mesma idade era extraordinariamente lamentável.

HULDAR NEM SE PREOCUPOU EM TENTAR ALIGEIRAR O AMBIENTE da sala de reuniões. Qualquer esforço nesse sentido apenas serviria para elevar o nível de risco, do vermelho para a zona de perigo. Erla estava prestes a arrepelar-se toda, Freyja e Gudlaugur haviam sido reduzidos ao silêncio; e ele próprio não parava de andar às voltas, a despeito das repetidas solicitações para se sentar. A agitação de Huldar começava a enervar Erla, e a chefe já estava exasperada quanto bastasse. A pobre Lína mantinha-se discretamente encostada a uma parede, como se — ideia absurda — fosse a única responsável por tudo aquilo.

De regresso de casa dos pais de Mía, Erla tinha-os chamado a todos à sala de reuniões e tinha-lhes dito com toda a clareza que o seu objetivo era ocultar o erro de identidade enquanto fosse possível. Huldar achava que o objetivo também era evitar que os colegas os vissem; se Erla os tivesse levado para o gabinete dela, que era uma espécie de aquário, tudo o que fizessem estaria à vista dos restantes membros da equipa. Na verdade, a chefe tinha conseguido manter a compostura quando Huldar a informara da confusão de identidades, perguntando apenas se aquela conversa poderia esperar pelo seu regresso do encontro com os dois pais de Mía.

— Só pode ser um engano. Como é possível? Então a pessoa não tem de ter os olhos abertos para o telemóvel desbloquear com a identificação facial?

Erla continuava agarrada à vaga esperança de que este último contratempo fosse um terrível mal-entendido.

— Não. Só se o utilizador tiver especificado isso nas definições. — A voz de Lína pouco mais era que um sussurro. A jovem estagiária sentia-se manifestamente relutante em dar demasiadas explicações, não fosse Erla perder de vez a paciência. — Acontece que o modo de bloqueamento não tinha sido selecionado.

Freyja olhou de relance para o telemóvel que era o centro de todas as atenções. O aparelho não era responsável pelo facto de o corpo não ter sido corretamente identificado. A bem dizer, tinham de estar todos gratos a Lína por ela ter sido tão esperta; se tivessem de dar início a um longo processo de identificação, estariam numa situação bastante mais complicada. A estagiária também merecia elogios porque, tendo desbloqueado o aparelho através da identificação facial, tivera a presença de espírito de alterar as definições para o manter desbloqueado.

Erla ergueu os olhos para o teto e gemeu.

— Estou tão lixada!

Ninguém contrariou esta afirmação. Huldar achava que conhecia razoavelmente os chefes, e que Erla não tinha de facto motivos para grandes otimismo. Por razões compreensíveis, era essencial manter a confiança dos cidadãos na polícia, e tudo aquilo que contribuísse para minar essa confiança era mal visto; nos tempos que corriam, já não se podia ficar de braços cruzados a aguardar que a crise rebentasse.

Para piorar ainda mais as coisas, parecia que Freyja também estava em maus lençóis. Naquele dia de manhã, Huldar tinha ouvido um colega comentar que ela acedera ao Sistema de Informações da Polícia por razões pessoais. Huldar reagira imediatamente, esmagando o boato na raiz, pois não acreditava, minimamente que fosse, que Freyja tivesse a tentação de fazer semelhante coisa; mas a verdade não estava no topo das preocupações dos mexeriqueiros da esquadra, e esta história podia ser prejudicial para a jovem psicóloga, porque os chefes não apreciavam nada estas violações de segredo.

Huldar deteve-se uns momentos para se debruçar sobre o telemóvel, pousado sobre a mesa da sala de reuniões, embora não soubesse bem o que esperava conseguir com isso. Erguendo a cabeça, cruzou o olhar com o de Freyja, que não baixou imediatamente o seu. Valeria a pena manter aquela pantomima idiota, cuja falsidade qualquer palerma detetava imediatamente? Já pouco importava que toda a gente comentasse a relação entre os dois. Na verdade, a tentativa de guardarem segredo sempre fora inútil.

Em especial agora, que ela podia estar prestes a perder o emprego.

Freyja inspirou fundo e pareceu estar a preparar-se para avançar.

Ela não era o tipo de pessoa que se punha a lamuriar quando as coisas corriam mal, uma qualidade que Huldar muito apreciava; podia ser temperamental, instável e silenciosa, mas pelo menos não era nenhum bebé-chorão.

— O que é que eu posso fazer? — perguntou Freyja, levantando-se. A chefe voltou-se para ela com uma expressão fatigada.

— Podes fazer-me o favor de não dizer absolutamente nada seja a quem for. Preciso de tempo para pensar antes de esta notícia chegar ao conhecimento de toda a gente.

— Não direi nada — replicou Freyja sucintamente, sem se incomodar a fazer um longo discurso explicando que era uma pessoa de confiança. Se Erla não confiava na sua psicóloga, não seriam os protestos desta que a fariam mudar de ideias.

— Talvez pudesses centrar-te na melhor maneira de lidar com os pais de Bríet. Vamos precisar de falar novamente com eles, sem lhes dar razões para pensarem que a filha poderá estar viva e de boa saúde.

— Erla esfregou os olhos. — Valha-me Deus!

Huldar voltou a cruzar o olhar com Freyja.

— Quando chegar a altura, eu vou contigo.

— Ninguém vai falar com ninguém de fora da polícia, pelo menos nesta fase. — Erla dava a impressão de estar a recuperar a compostura. Ou talvez se tivesse resignado ao que tinha acontecido.

— Pelo menos enquanto eu não tiver montado um novo plano de ação — concluiu, olhando para Freyja.

Huldar endireitou-se.

— E se tratássemos já disso? Temos alguma razão para adiar? Não acredito que nos apareçam mais confusões do mesmo gabarito; com certeza que já batemos no fundo, não? Pior que isto não pode haver! Digam lá, que mais pode acontecer?

— Bem... — Era típico de Lína; a jovem estagiária tinha de intervir, por muito abatida que estivesse. — Ainda não encontrámos Bríet. A cabeça dela pode aparecer à porta de uma das estações de televisão. Ou então...

— Pára com isso, por favor.

Erla inclinou-se para diante, para conseguir massajar o fundo das costas. Parecia prestes a deitar a toalha ao chão.

Lína abriu a boca para continuar a falar, mas Huldar lançou-lhe um olhar que a obrigou a fechá-la outra vez. A seguir, apontou com o queixo para o telemóvel de Ólína.

— E se fizesses uma investigação ao conteúdo do aparelho, Lína? É muito provável que ele nos revele comunicações que possam ajudar-nos a retomar o controlo dos acontecimentos. Vê as fotografias que Ólína tirou recentemente, os emails que enviou. Também seria boa ideia conseguires uma lista de todos os amigos dela no Facebook e dos contactos de telefone e de email. Pode ser que ela tenha alguma ligação com Stefán, Númi, Rögnvaldur ou Aldís. Há de certeza alguma relação entre todos eles. Nós é que ainda não percebemos qual é. Quando tivermos percebido, teremos resolvido o caso.

Erla soltou uma gargalhada sarcástica.

— Sim, vai sonhando. Estás a esquecer-te de que ainda nos falta descobrir onde está Rögnvaldur, onde é que o corpo foi cortado, onde está a miúda, Mía, e que aconteceu ao cadáver de Bríet. Ou se Bríet está viva, e onde. Não sei bem como é que os contactos de Ólína vão ajudar-nos a sair desta trampa de pesadelo.

Huldar não respondeu, limitando-se a fazer um sinal a Lína para que pegasse no telemóvel e se pusesse a trabalhar. Sem esperar que a ordem fosse repetida, a jovem calçou umas luvas de borracha, pegou no aparelho e saiu da sala. Ao fechar a porta, já do lado de fora, não conseguia esconder uma expressão de alívio.

— Quatro, com todos os acompanhamentos, por favor. E duas Coca-Colas. — Huldar estendeu o cartão de pagamento e a empregada pescou as salsichas da frigideira coberta de gordura e meteu-as dentro dos pãezinhos. Depois, foi-os passando a Huldar, um de cada vez, e Huldar deu provas de considerável destreza a levar os cachorros e as Coca-Colas para a mesa redonda da frente do café, conseguindo depositar tudo aquilo no suporte de plástico sem entornar nada. — Aqui tens.

Erla olhou para aquela comida toda de boca aberta.

— Estás a brincar? Não me digas que achas que eu consigo dar conta de quatro cachorros quentes?

— Claro que consegues. Vai fazer-te bem.

Huldar tinha-se levantado para ir fumar um cigarro depois de ter feito uma série de telefonemas a pessoas com quem precisavam de falar, mas bastou-lhe olhar de esguelha para a chefe para perceber que ela precisava urgentemente de apanhar ar.

Erla tinha protestado, mas fora mais um proforma. Quando ele descobriu que a chefe não tinha voltado a comer desde a festa de batatas fritas da véspera na cantina, insistiu em levá-la à rua para lhe meter alguma coisa na barriga. E optou pela bomba de gasolina por não ter lugares sentados, receoso de que, caso se sentasse, ela já não tivesse forças para se levantar. Pelo caminho, tinha-lhe arrancado a confissão de que ficara a trabalhar até às duas e meia da manhã, regressando ao trabalho às seis e meia.

— Isto é para compensar as refeições que não fizeste ontem nem esta manhã. Vai fazer-te bem — declarou.

Erla deu uma dentada sem grande entusiasmo e, enquanto mastigava, olhou para o telemóvel. Huldar calculou que estivesse a controlar as mensagens.

— Não me parece que a investigação se desmorone se a deixares em paz uns minutos, Erla.

— Mais enrolada do que já está é que não pode ficar. Estou à espera de notícias do Gudlaugur. Não percebo como é que ele ainda não encontrou o carro nas imagens das câmaras de vigilância. A gente não vive propriamente em Los Angeles.

— Claro que não, mas achas que isso não pode esperar? Ficas a saber as novidades assim que voltares à esquadra.

Erla deu outra dentada no cachorro, desta vez com um pouco mais de apetite; o suficiente para ficar com marcas de ketchup e mostarda nos cantos da boca.

— Não consigo desconstrair enquanto não apanharmos o desgraçado que fez uma coisa daquelas e encontrarmos Mía e Bríet. Onde raio estarão elas? — A barriga fez um movimento e Erla calou-se por instantes. Mas, quando recomeçou a falar, não foi sobre a gravidez nem o bebé. — Quero resolver este caso antes de ficar de licença de parto. Se isso não acontecer, sabes tão bem como eu que a pessoa que vier substituir-me vai transferir para mim toda e qualquer crítica à

investigação. Independentemente de eu ainda lá estar ou já me ter ido embora.

Huldar estendeu-lhe um guardanapo.

— Depende da pessoa que te vier substituir. — E fez uma lista mental dos candidatos. Pensando bem, eram de facto poucos os que assumiriam as responsabilidades pelos seus próprios erros, mas não o disse em voz alta. — Não precisas de te preocupar.

Erla resfolegou, mas, ao responder, parecia mais conciliatória do que o habitual.

— Quando voltar ao trabalho depois da licença de parto, não quero vir a descobrir que perdi o emprego, Huldar.

— Não penses numa coisa dessas. Não há hipótese absolutamente nenhuma de isso acontecer.

Por vezes, era preferível mentir. Tinha ele oito anos e a irmã dez, estavam os dois a brincar na rua e ela caiu e fez um rasgão nas calças na zona do rabo. E Huldar mentiu-lhe, dizendo-lhe que o rasgão não se via. Se ela fosse a sair de casa, tinha-lhe dito a verdade; mas era absurdo afligi-la numa situação daquelas, em que a miúda tinha de ir a pé para casa. A verdade não teria alterado coisa nenhuma: continuaria com as cuecas à mostra. E, aos dez anos, isso tem mesmo muito peso. Quando chegou a casa e se foi ver ao espelho, contudo, a irmã não ficou propriamente agradecida pelo tato de que Huldar dera mostras.

— Hipótese absolutamente nenhuma — repetiu.

Erla continuou a comer, com uma expressão ligeiramente menos deprimida.

Huldar achou que era boa altura para rever alguns pontos da investigação. Era fácil perderem a visão de conjunto, porque tinham a sensação de estar a lidar com duas investigações independentes. Huldar tinha anotado algumas coisas que queria discutir com Erla, e desconfiava que não teria hipótese de o fazer quando regressassem à esquadra. Tendo em conta que não havia mais nenhum cliente na bomba de gasolina e que a rapariga que estava ao balcão não falava islandês, podiam conversar à vontade.

— Uma coisa, Erla.

Ela acenou a cabeça, ainda com a boca cheia.

— Aquela história do telemóvel de Ólína. Estou convencido de que era um dos miúdos que estavam no recreio que o tinha. Tu disseste-me que a filha de Númi e Stefán teve folga na escola. Pois bem, os miúdos da escola aonde a Lína e eu fomos tiveram folga. É de certeza a mesma escola. Repara que é a escola da zona deles.

Erla ergueu os olhos e disse qualquer coisa incompreensível, mas que lhe pareceu ser, «E então?» As palavras vieram acompanhadas por um bafo a mostarda.

— Não pode ser mais uma coincidência. Estou cá a pensar que quem tinha o telefone era a filha de Stefán e Númi.

Erla engoliu o que estava a mastigar.

— Ok. E quem é que lho deu?

— Pois, a questão é essa. Se calhar Ólína conhecia os pais da miúda.

— Não. Pelo menos, eles disseram-nos que não a conheciam. — Erla bebeu um gole de Coca-Cola. — Podiam estar a mentir, claro. Estás a querer dizer que foram eles que mataram Ólína? Um deles ou ambos?

— Não necessariamente. Continuo a apostar em Rögnvaldur. Mas não achas que é uma coincidência muito estranha?

— É, sim, Huldar. Não há dúvida nenhuma — respondeu Erla com uma expressão fatigada.

Ele calou-se, vendo-a dar a primeira dentada no segundo cachorro quente. Assim que a chefe engoliu esta dentada, Huldar avançou para o segundo ponto.

— Tenho estado a pensar em Bríet, no paradeiro dela. — Vendo que Erla não respondia, continuou a falar. — Tanto o corpo de Droplaug como a cabeça de Ólína foram encontrados no mar ou à beira-mar, na zona ocidental da cidade. Não achas provável que o corpo de Bríet também aí esteja? Isto, presumindo que ela está morta. Se calhar, Rögnvaldur acha que aquele é o melhor sítio, ou pelo menos o sítio mais conveniente para deitar lixo.

— Huldar, Droplaug suicidou-se. Não teve nada que ver com Rögnvaldur. — Erla fez uma pausa e franziu o sobrolho com ar pensativo. — Pelo menos que nós saibamos. Se calhar, valia a pena perguntar à mulher dele. Aldís ainda está no hospital. Mas continua a

recusar-se a responder às nossas perguntas. — Erla pegou no cachorro quente e pareceu ansiosa por acabar o que estava a dizer a fim de poder dar nova dentada. — Nesse caso, porque é que ele levou o corpo de Ólína para o bairro residencial? E porque é que não os despachou aos dois? Isto presumindo que Bríet está efetivamente morta.

Huldar não tinha resposta para aquelas perguntas.

— Não sei. — Olhou de relance para as suas notas. — E os seguros? Rögnvaldur vendia seguros de vida e não analisámos essa questão. Haverá alguma relação?

Erla engoliu o que tinha na boca enquanto abanava a cabeça.

— De que maneira? Achas que ele podia ir buscar informações confidenciais ao registo de vacinas? Tipo, não fazer seguros de vida a pessoas que não estivessem vacinadas? Não me parece que valha a pena avançar por aí. Já sabemos que ele anda atrás da pessoa que infetou a filha.

Huldar distraiu-se de Erla por momentos, recordando a conversa que tinha tido ao telefone com o funcionário do departamento informático da companhia de seguros, a quem pedira para investigar a lista de entradas de Rögnvaldur no edifício. Jóhannes — parecia-lhe que era assim que o homem se chamava. Huldar tinha detetado uma nota dissonante na sua voz, embora não conseguisse identificar com precisão qual era. O sujeito estaria nervoso? Incomodado com o facto de ter um colega que era procurado pela polícia? Ou seria apenas um homem que tinha uma voz ligeiramente estranha?

Huldar poupou Erla a estas meditações e avançou para a questão seguinte.

— Andrea tencionava regressar amanhã. Lembras-te dela, a tarada do ioga? Não devemos ter dificuldades em chamá-la para uma entrevista. Depois de passar uma semana num retiro de silêncio, o que ela mais quer é de certeza falar. Só espero que consiga dizer-nos alguma coisa que nos seja útil. — Huldar empurrou a segunda Coca-Cola na direção de Erla. — E se tentássemos olhar para esta confusão toda de uma perspetiva positiva e começássemos a trabalhar com base na hipótese de que Ólína é o eixo, o elo de ligação entre Bríet, Rögnvaldur, a mulher dele, Mía e os pais de Mía? Não sabemos praticamente nada sobre ela, a não ser que é fotógrafa freelancer e

que passa muito tempo a tirar fotografias nas ilhas Faroé. Descobri este pormenor pela página dela na Internet.

Erla arrancou um guardanapo de papel do suporte de aço e limpou do queixo uma mancha de molho tártaro.

— Reparaste que ela também tira fotografias em escolas, daquelas que os miúdos levam para os pais? Não és o único que está ligado à Internet, Huldar.

Ele decidiu não responder que na verdade já tinha notado esse facto. A chefe tinha de ter a sensação de que estava a dar o seu contributo.

— Consegui falar com a diretora da escola e ela acedeu a essa informação a partir de casa — prosseguiu Erla. — A Ólína tirou-lhes umas fotografias de turma há cerca de um mês. O mais provável é ter perdido o telemóvel nessa altura, e houve um miúdo que o apanhou e o meteu no bolso.

— Achas que ela andou sem telemóvel durante um mês? — Huldar abanou a cabeça. — Não acredito. Teria ido procurá-lo. Ou então, mandava bloqueá-lo. Não seria difícil recarregá-lo, claro, de maneira que o facto de a bateria estar com carga não quer dizer nada, mas continua a parecer-me altamente improvável.

— Pode ter ido à escola entregar as fotografias e ter perdido o telemóvel nessa altura. A diretora não sabia como é que as fotografias tinham sido entregues às crianças. Mas disse-me outra coisa que me pareceu interessante. Eu perguntei-lhe se ela conhecia Bríet, e ela lembrava-se de uma mulher ter ido à escola conversar com algumas crianças por causa de um estudo sobre imunização, e que o nome dela era Bríet. Vai verificar na segunda-feira, mas achava que ainda tinha uma cópia da carta que a mulher lhe tinha mostrado, com autorização para conversar com os tais miúdos.

— Autorização dada por quem?

— A diretora não se lembrava, mas achava que a carta era do Ministério da Saúde. Isto foi há cerca de três semanas, calculou ela. — A chefe bebeu um gole de Coca-Cola antes de prosseguir. — Ela não sabia quem eram as crianças com quem Bríet tinha falado, mas parecia-lhe que tinha ido a duas turmas.

Huldar franziu o sobrolho.

— Isso não condiz com as declarações da orientadora de Bríet. A professora disse-me que não havia a intenção de entrar em contacto com as crianças que não tinham sido vacinadas. Será possível que a diretora esteja a baralhar os estudos e os nomes?

Erla encolheu os ombros.

— Talvez. Também é possível que Bríet não tivesse ido à escola falar com crianças que não tinham sido vacinadas. Podia ter ido conversar com um grupo de controlo, para os comparar com os resultados das crianças que não tinham sido vacinadas, por exemplo.

— É possível. Não sei grande coisa acerca do estudo. Mas uma coisa sei, é que é muito fácil forjar uma carta de autorização. E se Bríet tivesse ido àquela escola à procura de Mía?

— E por que diabo haveria Bríet de andar à procura de Mía? Já devia ter bastante com que se entreter, com o emprego, a faculdade e uma filha para cuidar. Não, calculo que haja uma explicação perfeitamente natural para isto. Embora tenha de reconhecer que é uma coincidência muito peculiar ela ter aparecido logo na escola da filha de Stefán e de Númi. Mas quem sabe se ela não andou a visitar todas as escolas da área de Reykjavík.

— Talvez. — Huldar olhou de relance para as suas notas. Faltava-lhe falar de um ponto. — E depois, temos Rögnvaldur. Estava cá a pensar se não seria boa ideia tentarmos encontrar a pessoa que infetou a filha dele. É quase certo que ele conseguiu chegar ao registo das vacinas. Andrea, a colega com quem Bríet estava a fazer a dissertação, chega amanhã e poderá dar-nos alguns nomes prováveis. Não acredito que não seja possível contornar a lei de proteção de dados numa circunstância destas: estamos a tentar salvar uma pessoa da possível vingança de Rögnvaldur. Ele já mostrou que é capaz de tudo. Se descobirmos o portador da infeção, é muito possível que encontremos Rögnvaldur.

— Estás a ser otimista. Pela minha experiência, as leis de proteção de dados pessoais sobrepõem-se a tudo. O que é uma ironia, tendo em consideração que a maioria da população expõe diariamente os pormenores mais íntimos da sua vida privada nas redes sociais. Mas quem sabe? Não é certamente a ideia mais estúpida que já te passou pela cabeça.

Erla olhou para o terceiro cachorro quente, e Huldar passou-lho.

— Continua. Vai fazer-te bem. Tens à tua frente uma longa tarde de telefonemas e reuniões. Senão, corres o risco de o teu estômago se pôr a protestar de tal maneira que nem consegues ouvir as pessoas com quem estás a falar.

Foi o suficiente para levar Erla a dar uma grande dentada no terceiro cachorro quente.

— Huldar, tens consciência de que és a primeira pessoa que me convida a sair desde há vários meses? E trazes-me a uma estação de serviço! — Bebeu mais um gole de Coca-Cola e a seguir pegou no tabuleiro com o último cachorro quente e empurrou-o na direção dele. — Vais ter de ser tu a comer este. Já estou cheia.

Huldar piscou-lhe o olho.

— Prometo que para a próxima será melhor. Levo-te, a ti e ao bebé, a comer um hambúrguer. Por estranho que possa parecer-te, os miúdos adoram-me.

Erla revirou os olhos.

— Sim, pois.

A despeito do miserável fracasso das suas anteriores tentativas de conseguir que Erla lhe dissesse quem era o pai da criança, Huldar achou que era boa altura para fazer novo avanço. Erla estava com a disposição mais próxima do agradável que a sua natureza lhe permitia, o tema da criança já tinha sido aflorado e, vendo bem, ele era a primeira pessoa que a convidava a sair desde há vários meses — um facto que deveria contar para alguma coisa, embora o local deixasse um pouco a desejar.

— Eu sei que não queres falar sobre isso, Erla, mas diz-me uma coisa: e o pai? Ele vai estar minimamente presente? Para dar uma ajuda, e isso?

Erla ergueu as sobranceiras, e Huldar preparou-se para ouvir um sermão sobre o tema de meter o nariz onde não era chamado. Mas a expressão ameaçadora suavizou-se, e quando a chefe voltou a falar, o tom era brando.

— Ele diz que sim, e tem-se portado bastante bem durante a gravidez. Digamos que não tenho uma esperança enorme. O bebé não foi planeado, e nenhum de nós tinha a expectativa de ficar ligado ao

outro desta maneira. — Voltou a baixar as sobrançelas. — Espero que tenhas consciência de que não tens o monopólio das aventuras sem compromisso, Huldar.

Ele ignorou a farpa, porque não queria ir por esse caminho.

— Quer dizer que não têm propriamente uma relação estável?

Erla encolheu os ombros.

— Nem por isso. Ou talvez sim. Não sei bem que nome hei de dar-lhe. O tempo dirá. Estamos ambos a apalpar terreno, eu até mais do que ele, para dizer a verdade. Não tenho a certeza de que sejamos compatíveis ou de que venhamos a ser um bom casal. Somos muito diferentes.

— Às vezes, isso é uma vantagem, Erla. — Huldar não acrescentou que não conseguia imaginar como é que duas pessoas implicativas como Erla poderiam viver juntas. A chefe estaria muito melhor na companhia de um sujeito superanimado e descontraído. Sentindo que a coisa estava a correr bem, Huldar decidiu fazer a pergunta que ansiava por fazer desde que tinha percebido que ela estava grávida. — Então diz lá, é alguém do trabalho? É um polícia?

Como única resposta, teve direito a um sorrisinho que dava a entender que Erla se tinha divertido com a pergunta. Um sorrisinho cujo significado ele não conseguia adivinhar, mas que implicava que a conversa tinha acabado ali. Erla amachucou os guardanapos e os pacotes que estavam em cima da mesa e tentou lançá-los para dentro de um caixote do lixo sem tampa que se encontrava a dois metros deles. A bola de papel foi parar ao chão.

— Vamos embora.

Huldar meteu o resto do cachorro quente dentro da boca e foi a correr apanhar o lixo do chão e metê-lo dentro do caixote, não fosse Erla tentar dobrar-se para fazer o mesmo: corria o risco de não conseguir endireitar-se ou — horror dos horrores — de lhe rebentarem as águas, e ele não queria vir a arrepender-se de a ter convidado para a sua estação de serviço preferida. Além disso, a chefe tinha comido bastante — e se lhe desse para vomitar no chão? Se tal acontecesse, ele tornar-se-ia *persona non grata* ali e teria de ir à procura de nova fonte de cachorros quentes.

ERLA E HULDAR TINHAM saído, certamente para tratar de algum assunto importante. Freyja percorreu o departamento com os olhos, à procura de uma cara simpática, mas todos os colegas estavam imersos nos respetivos ecrãs ou tinham o telefone colado ao ouvido e uma expressão grave. Lína estava sentada muito direita, de sobrolho franzido em sinal de concentração intensa; dava a impressão de estar a resolver, não apenas este caso, mas o próprio mistério da vida. Pelo contrário, Gudlaugur estava sentado a ver as gravações das câmaras de vigilância de toda a cidade, e não parecia tão concentrado — mas era difícil imaginar tarefa mais entorpecente. Freyja decidiu não lhe perguntar se tinha alguma coisa para ela fazer; não estava com vontade nenhuma de acabar ao lado dele a olhar fixamente para o trânsito.

A principal razão que levava Freyja ao andar de cima fora relatar a Erla a conversa telefónica que havia tido com os pais de Bríet. Primeiro pensara em ligar-lhe, mas os dedos tinham perdido o vigor quando se preparava para seleccionar o número da chefe: o mais provável era apanhar uma sarabanda por tê-la distraído. Também não valia a pena ligar a Huldar, dado que ele estava com Erla; só serviria para irritar ainda mais a chefe e transferir Huldar para o lado dos maus aos olhos de Erla. O facto de Freyja ter boas notícias a comunicar seria irrelevante.

Durante a conversa, os pais de Bríet não tinham dado a entender, minimamente que fosse, que tencionavam levar a história para os jornais, ou apresentar uma queixa formal. É claro que Freyja não lhes tinha feito essa pergunta diretamente, mas conseguira ler nas entrelinhas; se ela tivesse insistido no assunto, daria a impressão de que a principal preocupação da polícia era a sua imagem. E isso era absurdo. A principal preocupação da polícia era a investigação.

Freyja também tinha recebido um telefonema do irmão, Baldur, a dizer-lhe que regressava a Reykjavík no domingo e a perguntar-lhe se estava tudo em ordem. Ela tinha-lhe respondido que sim, porque nunca valia a pena queixar-se a Baldur dos seus problemas: o irmão era tão descontraído e despreocupado que não tinha capacidade para ouvir uma ladainha de queixas e desligava a meio, como Freyja tinha percebido nas raras ocasiões em que tentara esta abordagem. Por isso, optava por deixá-lo papaguear, contando história após história sobre o seu grupo de estrangeiros de idade avançada, com mais dinheiro que bom senso, e sempre insatisfeitos: o escuro era demasiado escuro, as quedas de água eram demasiado húmidas, a neve era demasiado fria e os islandeses eram demasiado islandeses para o gosto deles. À despedida, Freyja tinha-o consolado com a ideia de que nenhum dos dois estava destinado a apodrecer debaixo de uma pilha de dinheiro na velhice. Baldur tinha mandado saudades para Saga, e nesse momento fora interrompido por um velhote irritado: Freyja ouvira-o pedir insistentemente a Baldur que fizesse alguma coisa para evitar que o sol lhe batesse nos olhos, a fim de que ele pudesse usufruir da paisagem com mais conforto. O irmão tinha desligado antes de Freyja conseguir despedir-se.

As conversas que eram interrompidas antes de terem terminado oficialmente tinham o seu quê de perturbador. Era uma tolice, mas Freyja ficava sempre com a sensação de que restara alguma coisa por dizer entre os dois. De todas as vezes anteriores, o que Baldur guardava para lhe dizer no fim, já muito à pressa, eram sempre más notícias. Freyja só esperava que não se tratasse de nova passagem pela prisão. Mas também reconhecia que o seu incómodo poderia não ter nada que ver com Baldur; que talvez fosse apenas uma picada da sua própria consciência, pois ela não tinha sido propriamente muito sincera com o irmão relativamente ao caso precário que mantinha com Huldar.

A jovem psicóloga continuava no mesmo sítio, percorrendo com os olhos o labirinto de secretárias, mas nenhum dos presentes olhou para ela ou deu sinais de ter dado pela sua presença. Embora não fosse agradável de constatar, era perfeitamente óbvio que ninguém lhe atribuiria qualquer tarefa a não ser que ela interpelasse cada colega do

departamento individualmente.

O seu olhar voltou-se de novo para Gudlaugur. Freyja estava cheia de vontade de lhe perguntar se ele podia aceder aos dados do processo de Mía e passar-lhos, mas não se atrevia, dada a conversa que tivera com ele sobre o Sistema de Informações da Polícia: não tinha vontade nenhuma de o colocar numa posição incómoda. Era preferível pedir autorização ao seu chefe direto e discutir com eles as regras de acesso a esta base de dados. Podia acontecer que Freyja não tivesse o direito de visionar casos antigos a não ser que fizesse um pedido especial. Não tardaria a descobrir como funcionavam as coisas. O pior de tudo era não saber por que estatuto se regia em relação a estas coisas, uma vez que isso aumentava o risco de cometer algum erro.

A referência críptica que o seu chefe direto tinha feito às entradas ilícitas no sistema continuava a preocupá-la, em especial porque Gudlaugur se mostrara tão sério ao descrever as limitações do acesso. O chefe de Freyja suspeitaria de que ela tinha entrado indevidamente no sistema? Não podia ser. Mas talvez fosse mais sensato ir ter com ele para esclarecer o assunto.

Freyja olhou em volta e percebeu que era praticamente invisível para todos os presentes. A única solução era esperar que Erla regressasse. Até lá, teria de se ocupar com a burocracia gerada por todas as comissões a que pertencia. Ou de ir falar com o seu chefe imediato.

Antes, porém, de ter tomado uma decisão, o telemóvel tocou. Várias pessoas levantaram a cabeça, mas voltaram imediatamente ao trabalho ao perceber de quem era. Freyja não reconheceu o número, mas atendeu na mesma, porque estava a dirigir-se para a saída. Podia ser de muitos sítios: do banco, do infantário de Saga, da associação de moradores com queixas acerca do barulho que *Molly* fazia a ladrar; podia ser uma das inúmeras namoradas de Baldur a tentar entrar em contacto com ele. A intuição de que o irmão estava a tentar dizer-lhe qualquer coisa podia muito bem estar relacionada com o seu mais recente fiasco amoroso. Não seria a primeira vez que Baldur fazia asneira nessa área e precisava de desabafar. Nem seria a primeira vez que hesitava antes de avançar, conhecedor da opinião de Freyja sobre a sua vida amorosa.

Mas quem estava do outro lado não era uma namorada que fora traída. Era Númi, que lhe perguntou, com muita hesitação e num tom de voz tenso, se poderiam encontrar-se; assim que formulou a pergunta, recuou, mas voltou a avançar, repetindo o pedido. Freyja não teve de pensar duas vezes antes de dizer que sim, que iria ter com ele, despedindo-se rapidamente para não lhe dar oportunidade de mudar de opinião.

Meia hora depois, Freyja estava novamente no escuro vestíbulo da elegante moradia. Os sapatos de criança ainda lá estavam, mas agora muito bem arrumados em sequência; as botas de borracha eram manifestamente maiores e mais desajeitadas que os outros dois pares. Númi tinha-lhe aberto a porta e mostrava-se tão perturbado como lhe parecera ao telefone. A roupa que envergava agora — calças de ganga e camisola — era mais descontraída que aquela que usava de manhã, mas, à exceção desse aspeto, tudo nele era tenso.

Em vez de lhe estender a mão para a cumprimentar, puxou-a para dentro, como se receasse uma tempestade iminente, ou que ela tivesse sido seguida por alguém que forçasse a entrada em sua casa se ele não se despachasse a fechar a porta.

O receio não era tão exagerado como poderia parecer. Antes de sair da esquadra, Freyja havia ligado a Erla, presumindo que a chefe não ficaria muito satisfeita se ela se ausentasse sem dizer nada a ninguém. Era preferível correr o risco de ser castigada pela interrupção do que ser recebida por um tornado quando regressasse ao departamento. Erla tinha tentado insistir para que ela levasse um colega consigo, mas Freyja tinha conseguido dissuadi-la: Númi não recorrera a ela como investigadora criminal, mas como psicóloga; se ela aparecesse com companhia policial, era pouco provável que o homem a deixasse entrar.

Númi convidou-a a sentar no mesmo sofá da vez anterior e sentou-se ele próprio no mesmo cadeirão que ocupara antes. Freyja quase estava à espera de encontrar a almofada ainda quente, mas não foi isso que aconteceu, evidentemente. Na verdade, o couro macio era bastante gelado.

— Se calhar, foi um erro ter-lhe ligado — começou ele, brincando com as costuras da almofada sobre a qual estava sentado. — O Stebbi está tão furioso com a polícia que se recusa absolutamente a conversar com qualquer um de vós, nem que seja para pedir conselho. Ele não sabe desta minha iniciativa, e eu preferia que continuasse sem saber.

Freyja garantiu-lhe que, por ela, o marido não saberia daquela visita. Mas esta garantia não bastou para acalmar as dúvidas de Númi.

— Eu sei que isto é um erro. Mas não sabia a quem havia de recorrer. Tenho medo de enlouquecer se passar o fim de semana a dar voltas a estes pensamentos. E é impossível arranjar consulta com um terapeuta no próprio dia. — Olhou de relance para Freyja, mas desviou os olhos logo a seguir. — Não é um assunto sobre o qual possa conversar com as pessoas que me são próximas. Já foi tempo. Toda a gente perdeu a paciência para mim. — Abanou a cabeça, esfregando nervosamente as mãos. — Ainda assim, não devia tê-la convidado a vir cá a casa.

— Mas, já que convidou, não quer aproveitar esta oportunidade? — Freyja cruzou as mãos no colo para se impedir de as mover em simpatia com as de Númi. — Se não tem mais ninguém com quem falar, será difícil encontrar melhor ouvinte. Não se esqueça de que sou uma profissional. — Em sentido estrito, não era bem verdade, uma vez que ela tinha deixado a Casa da Criança e o consultório, mas as suas competências de terapeuta continuavam intactas. — Como lhes disse esta manhã, é natural que a notícia que receberam tenha suscitado emoções muito fortes, emoções que vão levar tempo a processar, que não ficarão resolvidas em poucas horas, ou mesmo em dias. Calculo que tenham vindo à superfície muitas memórias difíceis, nomeadamente relacionadas com o trauma pelo qual passaram há onze anos. Nunca é fácil lidar com feridas antigas que são reabertas.

Freyja calou-se um momento, para lhe dar oportunidade de dizer alguma coisa, mas Númi não mordeu o isco. Parecia estar a suster a respiração, tão imóvel tinha o peito por dentro da camisola.

Freyja retomou o que estava a dizer. Por vezes, era necessário falar durante algum tempo antes de as pessoas darem o passo de se abrir, mesmo aquelas que tinham sofrido choques bastante menos profundos que Númi.

— Calculo que o senhor e o seu marido tenham aceitado a perda da Mía. Pode parecer contraintuitivo, mas não vai ser fácil gerir os sentimentos que se agitam dentro de si, agora que parece que essa perda não foi, afinal, definitiva. Ainda por cima, não há certezas sobre se e quando a Mía vai ser encontrada, nem sobre o tipo de cuidados que recebeu ao longo destes anos.

Númi continuava a puxar a costura da almofada, mas agora com gestos menos frenéticos.

— Há onze anos que estou em suspenso, à espera. Sempre soube que ela não tinha acabado no mar. — Ergueu a cabeça e olhou para Freyja. — Vai pensar que eu estou a dizer isto por dizer, agora que é óbvio, mas está enganada. Nunca acreditei. Mas ninguém me dava ouvidos. Até o Stebbi acabou por desligar. — Os gestos nervosos tornaram-se novamente mais frenéticos. — Mais depressa do que eu esperava. Desistiu e pronto.

— As pessoas lidam com os traumas de maneira diferente — comentou Freyja. — Por vezes, os casais passam por dificuldades na relação quando acontece alguma coisa terrível e uma das pessoas tem uma reação mais emocional do que a outra. O elemento menos expressivo da relação sente-se obrigado a reconfortar e apoiar constantemente o outro elemento, o que é mais aberto, e, como consequência, não consegue processar a sua dor. Não é raro isto acontecer. Por fim, não aguenta mais, porque também está a sofrer.

Númi acenou a cabeça.

— Ele sofreu, e muito. Sofremos ambos. Ficámos completamente de rastos. Se calhar, é por isso que, neste momento, não consigo falar com ele sobre o assunto. Nem com os meus amigos ou a minha família. Estão todos convencidos de que, na altura, eu tive uma depressão e enlouqueci. Mas eu tinha razão. Não estava a ver coisas.

— O que quer dizer com isso? Não estou a perceber bem. Voltou a ver a Mía depois de ela ter alegadamente morrido? — Freyja conseguiu manter a estabilidade da voz, disfarçando a sua ânsia de saber. E perguntou a si própria porque não teria Númi comunicado o facto à polícia. — Quando é que isso aconteceu?

Númi inspirou fundo.

— Não, não a vi. — Depois, cruzou novamente o olhar com o

de Freyja, inclinando a cabeça ao de leve para o lado com uma expressão intrigada. — Não leu a informação que estava no processo?

Freyja não tinha lido os relatórios. O que sabia sobre os acontecimentos tinha origem nos relatos fragmentários que tinha absorvido de Erla e dos restantes membros da equipa, juntamente com o que se lembrava de ouvir nas notícias, à época.

— Não, não li os relatórios. Acontece que eu não faço parte da equipa de investigação, sou apenas consultora, por isso, infelizmente, não sei a que se refere.

Númi ficou em silêncio. De uma zona distante da casa, chegou-lhes aos ouvidos o ruído de um baque, seguido por uma explosão de gargalhadas infantis. Freyja estava cheia de vontade de perguntar se a filha dos dois homens sabia quem era Mía. A jovem psicóloga não tinha visto fotografias de Mía pela casa, mas a verdade é que também não vira fotografias da outra filha. Talvez as houvesse noutra zona da moradia. Ou talvez não. As fotografias emolduradas eram essencialmente uma coisa do passado. Hoje em dia, as pessoas tinham tendência para as armazenar em pastas eletrónicas.

Soprou do mar uma rajada de vento, que fez estremecer a enorme janela panorâmica. Freyja voltou-se instintivamente e olhou para fora. As ondas estavam mais intensas do que de manhã, e a casa ficava tão perto da beira-mar, que o vidro era constantemente tocado por salpicos de espuma. A água escorria pela janela abaixo, deixando atrás de si uma fina camada de sal, que tornava o vidro mate.

— Esta vista é incrível. Está sempre a mudar.

— Eu odeio aquela janela. — Númi tinha recuperado a voz. — Durante algum tempo, pensei em tapá-la. Depois de a Mía morrer, passei muito tempo sem conseguir olhar por ela. Agora, olho muitas vezes, mas a vista perdeu o seu encanto.

Freyja voltou-se novamente para ele.

— Apesar de sempre ter tido a certeza de que a Mía não tinha desaparecido no mar?

Númi encolheu os ombros.

— Tinha e não tinha. Não dispunha de provas, à exceção daquilo que os meus olhos tinham visto, e muitas vezes tinha dúvidas. Cheguei a ter dúvidas sobre a minha sanidade mental. Durante algum tempo,

cheguei a acreditar naquilo que toda a gente dizia: que estava a ter alucinações por causa do choque.

Era preciso dizer-lhe a verdade.

— Pode acontecer — comentou Freyja. — Não é raro as pessoas terem alucinações depois de passarem por um choque profundo. Mas o que é que pensou que tinha visto, e quando é que isso aconteceu?

A expressão de Númi endureceu.

— Pensei que você era diferente. Parecia simpática. Mas afinal é como os outros todos: não acredita em mim. Vai fazer parelha com esses que pensam que sou eu que estou a ver coisas.

— Experimente contar-me, a ver o que acontece. Se eu fizer coro com eles, uma a mais não terá grande importância. Parece-me que não tem nada a perder.

Númi fez um sorriso triste.

— Sim, tem razão. — Fechou os olhos por momentos e inspirou fundo, abrindo muito as narinas. — Quando eu cheguei junto do carrinho, estava outro bebé lá dentro. — Olhou Freyja nos olhos, observando atentamente as reações dela. — Um bebé morto.

Freyja teve o máximo cuidado em não reagir.

— Um bebé morto? Não ouvi falar de nada disso. Que bebé era esse?

Númi começou a puxar as pontas da costura.

— Não sei. — Calou-se uns momentos, baixando os olhos. — Desapareceu. Eu perdi a cabeça e deixei-o no carrinho enquanto ia a correr ligar ao Stebbi, e fiquei à espera dele dentro de casa. Não conseguia voltar lá fora. Nem sequer conseguia olhar na direção da porta da varanda. Mas, quando o Stebbi chegou a casa e correu para o carrinho, o bebé tinha desaparecido.

Novos guinchos de gargalhadas provenientes do quarto da rapariga. Desta vez, duraram mais tempo, e Númi pareceu estar a preparar-se para se levantar e ir dizer às miúdas que se acalmassem. Freyja esperava que ele não o fizesse. Era um alívio ouvir expressões de felicidade dentro desta casa. Por isso, começou a falar para o distrair.

— Não consigo avaliar se isso foi uma alucinação ou se foi real. Mas parece-me ligeiramente implausível. Porque é que não ligou à

polícia?

— Porque tinha a certeza de que a culpa era da Droplaug, a mãe da Mía. Tínhamos tido uma discussão monstruosa e ela não estava completamente equilibrada. Eu tive a certeza de que ela tinha vindo roubar-nos a Mía, e a única coisa que me interessava era recuperá-la. Além disso, o nosso acordo com a Droplaug era um bocado nebuloso, e a última coisa que eu queria era meter a polícia ao barulho, a não ser que se tornasse mesmo necessário. Não me passou pela cabeça que ela fizesse mal à Mía, fosse de que maneira fosse. Pensei que a tinha roubado, por isso liguei ao Stebbi, que estava no escritório. Não tinha os óculos postos quando fui lá fora e, enquanto esperava por ele, tentei convencer-me de que aquilo que lá estava era um boneco horrível, ou coisa do género. Que a Droplaug o tinha pintado de maneira a parecer que era um bebé morto, como uma espécie de vingança simbólica ou assim. Mas sabia perfeitamente que não era verdade. Aquilo não era um boneco. Era um bebé morto. E alguém o levou. Tal como levaram a Mía.

Freyja acenou a cabeça, enquanto dava mentalmente voltas à história: primeiro, alguém tinha lá ido trocar Mía por um bebé morto; depois, a pessoa em questão tinha lá voltado e também levava o bebé morto. Era uma coisa tão forçada que não a espantava que toda a gente tivesse classificado este relato de Númi como sinal de um esgotamento nervoso.

— Bem, a única coisa que posso dizer-lhe é que dentro em breve terá uma explicação para o que aconteceu. Quando encontrarem a Mía, vamos finalmente ficar a saber, pela pessoa que a levou, o que realmente aconteceu. Não consigo pensar em nenhuma explicação para o que me conta. Mas é possível que se tenha tratado *efetivamente* de uma alucinação. Não seria honesta consigo se não lho dissesse.

Desta vez, Númi não reagiu mal.

— Mas não é tudo.

— Não? Que mais?

— O cobertor que encontraram na praia não era o que estava no carrinho. A Mía estava embrulhada num cobertor diferente.

— Também é a primeira vez que ouço dizer isso — comentou Freyja, acrescentando logo a seguir num tom neutro: —

Mas, como lhe disse, eu não li o processo.

— Nem sei se isto ficou registado. Quando finalmente consegui ver o cobertor, ninguém quis dar-me ouvidos. Tinham encerrado o caso e eu fui classificado como um homossexual neurótico, que só dizia disparates.

Númi passou as mãos pelas coxas como se estivesse a alisar as calças, que não podiam estar mais lisas.

— Mas não é verdade que encontraram o ADN da Mía no cobertor? E o da Droplaug? Ou fui eu que percebi mal?

Númi voltou a passar as mãos pelas calças.

— Não. O cobertor era dela, não há dúvida nenhuma. Só que não era o que estava no carrinho. Uns dias antes, a Mía tinha vomitado e nós tencionávamos levar aquele cobertor à lavandaria. Depois de eu me ter apercebido de que não era o mesmo, o Stebbi e eu virámos a casa de pernas para o ar, mas o cobertor tinha desaparecido.

Freyja começava a ficar cada vez mais convencida de que Númi não estava bom da cabeça.

— E quem é que acha que levou o cobertor de vossa casa? — perguntou. — Ele deu à costa, expulso pelo mar.

Númi, que continuava a passar as mãos pelas calças, imobilizou-se.

— Não sei. Mas quem foi não precisava de ter entrado cá em casa. O cobertor estava do lado de fora da porta principal, metido num saco de plástico, por causa do cheiro. Esteve ali algum tempo, porque nós nos esquecíamos de o levar quando saíamos. Os nossos carros ficam na garagem, que tem uma porta que dá diretamente para dentro de casa; por isso, raramente usamos a porta principal.

— Estou a ver. — Mas Freyja achava tudo aquilo muito estranho. — Ou seja, qualquer pessoa podia ter-se apoderado dele. E faz alguma ideia de quem teria sido?

— Faço. Acho que a pessoa que levou o bebé morto o embrulhou no cobertor e o atirou ao mar.

Freyja acenou com a cabeça e calou-se uns momentos, tentando — em vão — imaginar a sequência dos acontecimentos. A única explicação razoável que lhe ocorria era que os homens do lixo tivessem pensado que o saco do cobertor era para deitar fora e o tivessem levado na recolha. Mas não era fácil explicar como é que o

cobertor tinha acabado por ser atirado ao mar — presumindo que se tratava do mesmo cobertor. O homem podia, muito simplesmente, estar confuso.

— Tem noção de que se trata de uma explicação bastante complicada e confusa do que se passou, não tem, Númi?

— Tenho, sim.

Freyja não queria concluir aquela conversa com uma visão negativa. Númi estava visivelmente perturbado e precisava desesperadamente de apoio.

— Bem, de uma coisa pode estar certo: o caso vai ser reaberto e todos os elementos recolhidos vão ser reavaliados. Vendo bem, e ao que parece, a investigação original chegou a um resultado que era falso, talvez porque ninguém deu atenção ao Númi.

Freyja viu o homem que tinha à sua frente sofrer uma transformação: endireitou as costas, tirou as mãos das coxas e os olhos tornaram-se-lhe brilhantes, cheios de lágrimas acumuladas.

— Obrigado. Há muito tempo que espero ouvir dizer uma coisa dessas. — Fez um leve sorriso. — Desde que a Mía desapareceu.

Ouviu-se um espirro abafado proveniente do patamar, e tanto Númi como Freyja se voltaram bruscamente. A filha de Númi e Stefán estava a olhar para eles, na companhia das duas amigas. A mais alta tinha a mão à frente da boca: o espirro fora dela. A filha da casa, sempre com o seu ar maltrapilho, olhava para o pai com uma expressão intrigada.

— Papá, quem é a Mía?

O VENTO AGITAVA O CABELO RUIVO DE LÍNA, chicoteando-lhe a cara. A rapariga tentou, em vão, prendê-lo atrás das orelhas, mas acabou por desistir; tirou um elástico do bolso e prendeu-o num rabo de cavalo alto. O novo penteado dava-lhe um ar demasiado jovem para quem andava em representação oficial, e o facto de ser muito mais baixa que Huldar também não ajudava; quem os visse na rua pensaria que ele tinha levado consigo uma miúda do secundário, que estava a fazer uma experiência de trabalho profissional. Isto apesar de Lína fazer um enorme esforço por se manter muito direita e adotar uma expressão séria.

— Onde é? — perguntou ela, pondo as mãos na cintura e olhando para o fundo da rua, como se esperasse ver a resposta dirigir-se a ela ao volante de um carro.

Huldar apontou para o edifício do ministério aonde se dirigiam. Lína era de Akureyri, uma cidade do norte do país, pelo que não conhecia bem Reykjavík. Na verdade, Huldar estava convencido de que a maioria dos jovens não fazia a mínima ideia onde ficava a sede dos ministérios. Ele próprio tinha-se visto obrigado a ir procurar a morada.

A entrada era surpreendentemente pequena e, ao aceder ao edifício, cruzaram-se com um mar de pessoas que iam a sair, dado que era sexta-feira e princípio de fim de semana. Aparentemente, estava toda a gente ansiosa por deixar o escritório, e poucos tinham gastado tempo a fechar o blusão antes de correrem para a liberdade.

Em contrapartida, a mulher que se encontrava na receção tinha um ar furioso, e presenteou Huldar e Lína com uma expressão de desdém mal disfarçado. Huldar calculou que ela tivesse sido obrigada a ficar mais algum tempo por causa deles e estivesse a imaginar a fila da loja de bebidas a aumentar a cada momento que passava. Nem sequer se

preocupou em os cumprimentar quando eles se aproximaram, fingindo que tinha visto qualquer coisa urgente no ecrã do computador.

Ignorando a desagradável receção, Huldar bateu com os nós dos dedos no balcão, obrigando a funcionária a levantar os olhos, disse-lhe o nome do homem com quem tinham ido falar e explicou-lhe que ele os aguardava. A mulher apontou para o elevador, dizendo com brusquidão:

— Segundo andar.

— O que terá ela? — perguntou Lína quando as portas do elevador se fecharam, com os dois colegas já lá dentro.

— Não podes esperar que toda a gente esteja bem-disposta, Lína.

— Huldar viu o painel acima da porta passar de «R/C» para «1», depois de «1» para «2». — Pensa bem, gostavas de trabalhar aqui? Eu azedava como ela ao fim de uma semana.

A porta do elevador abriu-se, e Lína encolheu os ombros.

— Calculo que eu também.

O funcionário público com quem tinham ido falar estava à espera deles à porta do elevador. Teria os seus sessenta anos, o cabelo grisalho e uns óculos de ver ao perto metidos no bolso do casaco. A camisa, demasiado justa, em nada lhe favorecia o físico, acentuando a impressionante barriga, que fazia lembrar a de Erla dois meses antes. Com um largo sorriso de boas-vindas, o homem estendeu-lhe a mão e apresentou-se a um e a outro. Huldar achou que preferia a hostilidade honesta da rececionista a esta falsa cordialidade.

Pensando melhor, podia estar a interpretar mal o sujeito. Se calhar, ele era mesmo simpático e era Huldar que tinha um preconceito, resultante dos muitos anos de encontros com gente desprezível dos níveis superiores da polícia: tiranetes que se tinham esquecido do objetivo dos cargos que ocupavam e cuja única preocupação era exercer o limitado poder que a respetiva posição lhes conferia. Mas este fenómeno não era, de modo nenhum, exclusivo da polícia.

O funcionário, que se chamava Valgeir, apontou para um corredor deserto, que ia dar ao seu gabinete.

— Entrem, entrem. Sentem-se. Infelizmente, não tenho nada para lhes oferecer, mas, se quiserem, há uma máquina de café ali fora.

Sentaram-se ambos, depois de recusarem a proposta, e Valgeir

seguiu-lhes o exemplo, recostando-se e entrelaçando as mãos na nuca. A avaliar pela limpeza da secretária, devia passar muito tempo nesta posição.

— Então que notícias me trazem do Gabinete do Comissário de Polícia? As mesmas de sempre?

Huldar fingiu que não tinha ouvido a pergunta. Valgeir sabia o que eles tinham ido ali fazer, e aquela conversa de circunstância era uma tentativa de atrasar o inevitável. Mas Huldar e Lína não tinham tempo a perder. Ele quase tivera de a arrastar fisicamente para a fazer largar o conteúdo do telemóvel de Ólína, e só conseguira com a promessa de que o encontro não demoraria mais de meia hora, no máximo; e tencionava cumprir a promessa. Lína estava ansiosa por voltar para a sua mesa de trabalho, porque ainda não tinha conseguido abrir a aplicação que, segundo ela, Ólína utilizava para conversar com as amigas, incluindo Bríet. Até agora, a única conta a que conseguira aceder fora à página do Facebook, o que lhe dera algum trabalho, dado que Ólína era uma das poucas pessoas que se preocupava em bloquear as suas contas das redes sociais no telemóvel. Ora, o aparelho não tardaria a ser-lhe arrancado das mãos para ser entregue ao departamento informático.

— Como lhe expliquei ao telefone, vimos falar consigo sobre a investigação ao desaparecimento de um bebé, Mía. Sei que já passou muito tempo, mas foi o senhor que supervisionou o caso e espero que não se tenha esquecido de nenhum aspeto importante.

Valgeir soltou as mãos e pôs-se sério.

— Sim, claro. Sem dúvida. Avancem. Tenho estado a pensar nele desde que me ligaram, mas não me consigo lembrar de nada que seja especialmente relevante; que seja estranho, quero eu dizer. Para além do facto de se tratar de um crime estranho, evidentemente.

Huldar acenou a cabeça.

— Começemos com três nomes. Temos andado à procura deles nos relatórios do processo, mas não encontrámos nenhuma referência. Tenho a noção de que é pouco provável que isso aconteça, mas ainda assim gostava de saber se se lembra de algum deles ter aparecido no curso da investigação, mesmo não tendo chegado a figurar em nenhum relatório.

— Vamos a isso — sorriu Valgeir. — Mas notem que isso foi há onze anos.

— Primeiro, temos duas mulheres. Ólína Traustadóttir e Bríet Hannesdóttir.

Era Lína quem falava. Huldar tinha-lhe sugerido que aproveitasse esta oportunidade para treinar as entrevistas. Valgeir tinha mudado de carreira, mas continuava ligado à polícia, à qual pertencera anteriormente, pelo que era a cobaia ideal. Huldar não estava preocupado com a possibilidade de ela cometer falhas. De facto, nas raras ocasiões em que Lína tinha intervindo noutras conversas em que estivera presente, os seus contributos sempre tinham sido cuidadosos e oportunos. Bem, quase sempre.

Lína pousou umas fotografias sobre a mesa.

— As mulheres são estas, caso ajude.

Valgeir pegou nelas, pescando os óculos do bolso com gestos lentos, e estudou as fotografias com uma expressão pensativa. Depois, voltou a pousá-las e abanou a cabeça.

— Não. Infelizmente, nenhuma delas me é familiar. Se o processo tiver sido devidamente arquivado, todos os relatórios, depoimentos das testemunhas e outras informações estarão lá. Não deixámos nenhuma ponta solta, se é nisso que estão a pensar.

— Não há qualquer indicação nesse sentido. — Huldar pegou nas fotografias e devolveu-as a Lína. — Uma destas mulheres, a que se chama Bríet, é técnica num laboratório biomédico. A outra, Ólína, é fotógrafa. Isto diz-lhe alguma coisa?

Valgeir tornou a abanar a cabeça.

— Não, diria que não. Mas a verdade é que o crime era muito grave, razão pela qual falámos com um grande número de pessoas. Contudo, não nos passou pela mão nenhum fotógrafo. Mas lembro-me, a certa altura, de conversar com uma enfermeira ou parteira. E também falei com a médica de família da bebé. Queríamos confirmar que os dois homens...

— Os pais da criança — corrigiu Lína. E não parecia tê-lo feito inadvertidamente, porque não corou nem se mostrou constrangida.

Valgeir olhou-a por cima dos óculos, surpreendido, mas recuperou rapidamente da surpresa e corrigiu-se.

— Sim, claro, os pais. Queríamos confirmar que ela estava a ser bem tratada. Dado que, a princípio, a suspeita recaía sobre eles, era um aspeto necessário da investigação. Passou-me agora pela cabeça, como você referiu uma técnica de laboratório, que é possível que, no contexto das conversas que tivemos com pessoal de saúde, tenhamos falado com alguma técnica de laboratório. Não me lembro. As entrevistas não foram todas feitas por mim, embora eu tivesse lido todos os relatórios, evidentemente.

— Esse pessoal de saúde seria do Hospital Nacional?

Huldar tentou recordar-se há quanto tempo é que Bríet ali trabalhava. Mas, se tinha ouvido dizer, não tinha registado essa informação. A verdade é que, se já lá trabalhava há onze anos, teria acabado de chegar, pois seria bastante jovem.

— Sim, julgo que sim. Pelo menos a parteira era. Mas tenho a impressão de que também havia alguém de um consultório. Uma mulher, se não estou em erro, a médica de família. De qualquer maneira, não era técnica de laboratório.

Lína olhou de relance para Huldar, que lhe fez sinal para prosseguir. Ela tirou outra fotografia.

— E este homem? Rögnvaldur Tryggvason. É corretor de seguros. Valgeir pegou na fotografia e analisou-a com atenção.

— Esperem lá, este não é o sujeito de quem a polícia anda à procura? Acham que foi ele que raptou Mía?

Lína geriu bem a conversa: em vez de responder, insistiu na sua pergunta.

— Lembra-se dele da investigação original?

— Não. Tenho a certeza disso. Nem do nome nem da cara. E também não havia ali nada que se relacionasse com seguros, pelo menos no que nos dizia respeito. É possível que a mãe de Mía tivesse um seguro de vida, mas, como já disse, se tinha, isso não passou por nós. E duvido muito de que os dois homens... os *pais*... tivessem feito um seguro de vida à bebé. Mas isto sou eu a falar.

Huldar voltou a intervir:

— E quanto à conclusão da investigação, tendo em conta o que sabemos hoje? O que nos diz desta nova informação?

Valgeir assentou as mãos sobre o tampo de madeira da secretária e

debruçou-se ligeiramente para diante, como que para reduzir a distância que o separava dos visitantes.

— Honestamente, não sei o que dizer. Como calculam, fiquei muito satisfeito quando o ouvi dizer que há indícios de que a miúda está viva. Mas também fiquei espantado. Atónito, melhor dizendo. Não havia nada nas conclusões do inquérito que me fizesse hesitar ou que me perturbasse posteriormente. Nada de nada. Reconstruímos os acontecimentos com base nos depoimentos das testemunhas e nos indícios de que dispúnhamos. Não deixámos nada por investigar. Não consigo perceber qual foi o erro que cometemos. — Levantou as mãos da secretária e voltou a recostar-se. — Se é que *cometemos* algum erro. Não sei como lhe hei de chamar. Trabalhámos sem parar e fizemos uma investigação escrupulosa. Não me venham dizer o contrário. Mas, claro, como sabem, eu deixei a polícia, e agora é a vocês que compete descobrir o que é que correu mal. Uma investigação não se reduz a uma pessoa. A responsabilidade tem de ser assumida pela polícia no seu todo, não pode ser atirada para cima de mim.

Huldar não reagiu. A posição de Valgeir era tudo menos invejável, mas o mesmo se podia dizer sobre Erla.

— Na verdade, não estou minimamente interessado nesse aspeto da questão — declarou. — A nossa preocupação é encontrar a Mía.

— Sim. Naturalmente. Só queria deixar isto claro.

Huldar não perdeu mais tempo com o jogo do passa-culpas, que, por esta altura, era um assunto lateral.

— Olhando para trás, consegue pensar em alguma coisa que nos ajudasse a encontrar a criança? Alguém que lhe pareça um possível suspeito? Disse-nos que os pais foram suspeitos, mas não haveria outros nomes, mesmo que, na altura, fossem apenas vagamente duvidosos?

Valgeir tirou os óculos, puxou um lenço do bolso e começou a limpá-los, embora Huldar tivesse a impressão de que as lentes estavam impecáveis. Mas se o gesto o ajudava a recordar o caso... Finalmente, Valgeir ergueu o olhar.

— Posso garantir-lhes que nunca houve outros suspeitos, para além de Droplaug e dos pais; não tínhamos absolutamente ninguém em vista. De contrário, podem ter a certeza de que teríamos feito uma

investigação completa. Seja como for, seria uma coincidência incrível que houvesse mais alguém envolvido no caso. A bebé foi raptada exatamente ao mesmo tempo que a mãe desistiu da luta e se suicidou. Não faz mesmo sentido nenhum que tenha sido outra pessoa. Tínhamos inúmeras testemunhas a confirmar que a mulher tinha andado nas proximidades da casa aquando do rapto. Não consigo mesmo perceber como é que a coisa podia ter acontecido de outra maneira.

Huldar não ficou surpreso com a resposta. Depois de ter analisado cuidadosamente o processo, ele próprio não conseguia imaginar outra explicação.

— Há um grande número de testemunhas, formais e informais, relacionadas com o caso. É possível que tenhamos de voltar a entrevistar algumas das pessoas que nele participaram. Há alguém em particular com quem nos aconselhe a falar? Alguém que, em sua opinião, poderá ter mentido ou ter fornecido informações incorretas de forma involuntária? Será provavelmente nessas pessoas que nos centraremos. A nossa ideia não é rever o caso para chegar à mesma conclusão, que já percebemos que está errada.

— Hum. Não está a pedir muito. — Valgeir entrelaçou os dedos e levou-os aos lábios, aparentemente a pensar na pergunta. — Ouçam, na altura, pareceu-me que as pessoas estavam a dizer a verdade. Não me lembro de ter suspeitado de que alguém estivesse a mentir. — Voltou a refletir, antes de continuar. — Não, não me lembro de ninguém. Mas, claro, apoiámo-nos essencialmente nos depoimentos de pessoas que tinham visto a mãe nas proximidades da casa quando a bebé desapareceu, incluindo uma das vizinhas de Skerjafjörður, uma senhora de idade que, por esta altura, já deve ter morrido; ela insistiu na hora a que a discussão tinha ocorrido na casa ao lado, porque os berros a tinham incomodado enquanto estava a ouvir um programa de rádio específico. Além disso, reconheceu as vozes, porque havia discussões quase todos os dias. Depois, falámos com os operários, que se tinham cruzado com o carro da mãe quando iam a sair da casa. O testemunho destes homens foi crucial, porque eram vários e diziam todos a mesma coisa. Mas duvido de que consigam localizá-los; eram quase todos estrangeiros, e o mais provável é terem regressado às suas

terras. Havia um eletricitista que era islandês, e acho que um carpinteiro também, para além do próprio empreiteiro. Pensando bem, ele não se mostrou tão seguro como os outros; afirmava que não tinha visto o carro da mãe e achava que o mais provável era terem sido os pais a fazer alguma coisa à bebé.

— Ah, sim?

Huldar não se lembrava daquilo. Recordava-se vagamente dos depoimentos dos operários estrangeiros e islandeses, que circulavam juntos em dois veículos. O depoimento do empreiteiro dizia essencialmente respeito às cenas a que tinha assistido entre os pais e Droplaug enquanto os seus homens trabalhavam na moradia. Não tinha a certeza de ter passado pelo carro de Droplaug quando se dirigia ao local, mas tinha-se encontrado com os dois veículos que transportavam a sua equipa, que estavam a sair precisamente quando ele ia a chegar, pelo que é possível que estivesse demasiado atento aos seus homens para dar atenção a outros carros.

— Não me lembro de ter lido que ele suspeitava dos pais.

— Pois não. Deu a entender isso, mas, quando chegou a hora da verdade, não quis que ficasse registado. Disse-nos que não tinha provas, para além do facto de gostar da mãe e de ter pena dela. Achava que a mulher tinha sido maltratada e não tinha nada de positivo a dizer sobre os dois homens. Mas não se esqueçam de que, na altura, ele estava em conflito com eles por causa de uns pagamentos extra, portanto é natural que não fosse totalmente neutro. Mas eu diria que era uma testemunha fiável. Na verdade, o depoimento dele foi prejudicial a Númi, o que descobriu o carrinho de bebé vazio, porque o empreiteiro afirmava que não tinha ouvido gritos nem choros na altura em que ele teria, supostamente, dado pelo desaparecimento da criança. Mas o certo é que ele chegou ao local por essa altura, portanto é possível que o burburinho já tivesse passado. E Númi não se lembrava bem se tinha berrado ou não. Ora afirmava que sim, ora não se lembrava.

Fez-se silêncio no gabinete, finalmente quebrado por Lina.

— Houve alguma coisa estranha no caso, que não apareça nos depoimentos das testemunhas nem nos relatórios?

— Alguma coisa estranha? O que eu acabei de referir não vos

parece estranho? — Valgeir sorriu a Lína, mas, vendo que ela não correspondia ao sorriso, optou por se voltar para Huldar. — Estávamos a investigar um caso no qual estavam implicadas duas pessoas com problemas de saúde mental: a mãe, Droplaug, que, ao que parece, estava a sofrer de depressão pós-parto, e Númi, que perdeu completamente o norte quando a bebé desapareceu, e começou a arengar os disparates mais inacreditáveis. Nada disto facilitou o nosso trabalho.

Foi Huldar quem replicou, dado que não estava certa de Lína ter tido acesso a todo o processo, como ele tivera.

— Li algures que ele ficou muito afetado, mas não se especificava em que sentido. O depoimento dele era bastante curto e não tinha nada de estranho. Esses disparates, como lhes chamou, constavam do relatório que foi destruído?

— Exatamente. Constavam do depoimento feito na esquadra no dia em que aquilo aconteceu, em que Númi estava fora de si com o desaparecimento da filha. Foi nessa altura que ele deixou escapar a história da mãe de substituição e mais uma série de coisas que não faziam sentido nenhum. Quando o marido se apercebeu da situação, cortou a direito. O advogado dos dois homens insistiu imediatamente em dois pontos: primeiro, que Númi não tinha sido informado de que tinha o direito de não fazer depoimento algum, tendo em conta que ele e o marido eram suspeitos, e, segundo, que ele tinha sofrido um esgotamento e devia ter sido visto por um médico. Nós não o tínhamos tratado com a consideração exigida pelo código de conduta da polícia. Verdade ou não, o certo é que o advogado fez uma barulheira tal que se tomou a decisão de destruir o tal depoimento. O que não fez grande diferença, porque Númi voltou à esquadra algum tempo depois e fez uma descrição mais pormenorizada e plausível dos acontecimentos. Nessa ocasião, estava completamente lúcido; pelo contrário, quando fez o primeiro depoimento, mas também quando a polícia apareceu no local, estava histérico e balbuciante.

Tal como Huldar, Lína tinha estado a ouvir o discurso de Valgeir com atenção e com uma expressão impassível, exceto aquando da referência à violação do código de conduta da polícia, altura em que se mostrou indignada. Quando ele se calou, fez uma pergunta:

— O que foi exatamente que Númi disse que foi considerado um disparate?

Valgeir contou-lhes, e Huldar não conseguiu evitar um aceno de cabeça ao ouvir falar do bebé morto no carrinho de bebé, posteriormente desaparecido sem deixar rasto. Uma tolice desvairada. Mas depois apercebeu-se pelo canto do olho de que Lína franzia o sobrolho com uma expressão cética e foi quanto bastou para o levar a pensar melhor. Lína era uma rapariga esperta. Se calhar, havia mesmo qualquer coisa a ter em conta na narrativa original de Númi.

Sexta-feira à noite

A SÍDUMÚLI AINDA NÃO ESTAVA DESERTA. Rögnvaldur tinha posto o capuz do seu anoraque barato e mantinha a cabeça baixa enquanto caminhava. Não era o único a seguir nessa posição, porque estava um vento frio, acompanhado de flocos de neve, pelo que ninguém lhe prestava nenhuma atenção. Seria muito mais suspeito se seguisse pela rua fora muito direito e de cabeça descoberta. Pelo menos neste aspeto, o tempo estava a favor dele; por outro lado, o frio intenso tinha-o obrigado a abandonar a caravana mais cedo do que tencionava: ou ia para um sítio aquecido ou morria de hipotermia. E ele não estava disposto a morrer congelado — pelo menos por enquanto.

Rögnvaldur levantou a cabeça, pois era a única maneira de atravessar a rua sem ser atropelado. Esperou que passassem dois carros, e a seguir avançou rapidamente por entre as poças de neve até ao outro lado. Tinha os pés tão gelados que quase nem notou a água fria a entrar-lhe pelas costuras dos sapatos. Os primeiros passos que dera ao sair da caravana tinham sido aos tropeções; parecia um espantalho, com as extremidades dormentes e as articulações tão rígidas que não funcionavam. Quando começou a andar, foram-se soltando a pouco e pouco, mas continuava a sentir-se retesado. Mas o pior era o grito do corpo, ansiando por calor. As dores eram tão intensas que ele não conseguia evitar a careta que lhe deformava as faces — e que também ajudava a disfarçar a sua identidade, isso e a barba de três dias. A fotografia que acompanhava o apelo que a polícia fizera à população era completamente diferente deste espantalho de barba e expressão carregada; era a fotografia de um homem que trabalhava num escritório na Sídumúli e estava sempre

disposto a ir a casa das pessoas conversar sobre seguros de saúde, quer estivessem elas interessadas, quer não.

Ao passar pelo edifício da companhia de seguros, Rögnvaldur olhou de relance lá para dentro. As luzes estavam todas apagadas, à exceção das da entrada, onde os cartazes colados ao vidro lhe pareciam de repente sós e desamparados. Quando tinham sido montados, Rögnvaldur achou que ficavam ali muito bem, e que esta campanha de publicidade e o novo logo da companhia teriam um enorme impacto nas vendas. Ao ver que isto não acontecia, ficou tão surpreendido como os outros colegas, que, em conversa, atribuíram a responsabilidade pelo fracasso à combinação de cores: os cartazes tinham demasiado amarelo — tinha de ser isso. Nesta altura, Rögnvaldur achava inconcebível ter-se alguma vez incomodado o suficiente para formar uma opinião sobre o assunto.

Chegando à esquina da rua, virou abruptamente e avançou para as traseiras do edifício. Ao ver as luzes apagadas, concluíra que os colegas já tinham ido todos para casa e decidira arriscar. Não conseguia estar ao frio nem mais um minuto. Com as mãos a tremer, tirou do bolso o cartão da empresa e aproximou-o do sensor da porta. Tinha os dedos tão dormentes que lhe custou muito clicar nos números do pequeno teclado onde tinha de introduzir o código, e teve de fazer a operação por três vezes. Finalmente resultou, e Rögnvaldur entrou no abençoado calor.

A sua primeira prioridade era comer. A única coisa que havia no bar eram biscoitos, porque a fruta e outros produtos perecíveis, que poderiam estragar-se durante o fim de semana, tinham sido fechados à chave na despensa. Rögnvaldur abriu o pequeno frigorífico onde os funcionários guardavam os produtos que levavam de casa e encontrou muitos *skyr*s e iogurtes. Tirou as embalagens todas, embora tivessem os nomes dos proprietários claramente assinalados. Tinha mesmo de se alimentar.

A luz que entrava pelas janelas do bar era suficiente para lhe permitir comer confortavelmente. Sentou-se a uma mesa ao lado de um radiador, sentindo-se invadir pelo calor enquanto devorava os produtos lácteos. Quanto mais quente ficava, mais intensa era a dor que sentia nos dedos das mãos e dos pés, mas por fim a dor passou. Ao

voltar a levantar-se, sentia-se quase normal outra vez. As entranhas tinham parado de resmungar e as articulações funcionavam de novo.

Saindo do bar, dirigiu-se à receção, onde pegou na chave de um carro — mas só depois de desligar as luzes, para não estar à vista de quem passava na rua, qual peixinho dourado dentro de um aquário. Ao sair, voltou a acendê-las, certo de que, mesmo que alguém se tivesse apercebido do acender e apagar das luzes, não se incomodaria com o assunto. Ninguém se importava.

No interior do escritório, mergulhado no escuro, reinava o silêncio. Em vez de usar o portátil de Bríet, que era fraco, Rögnvaldur decidiu ver se o seu computador de trabalho ainda estava ligado. Avançou com dificuldade em direção ao elevador e carregou no botão. Quando as portas se abriram, recuou momentaneamente perante o brilho intenso da luz; depois entrou na cabina, onde foi obrigado a confrontar-se com a sua imagem no enorme espelho. Não ficou especialmente fascinado com esta nova versão de si próprio: para além da sua aparência maltrapilha, tinha um brilho estranho nos olhos; as órbitas, rodeadas de sombras, pareciam ter-se afundado no interior da cabeça, dando-lhe um ar desequilibrado, como se o mecanismo que controlava os olhos estivesse demasiado tenso.

As portas de aço fecharam-se antes de Rögnvaldur conseguir desviar os olhos desta visão, mas o ruído quebrou o efeito hipnótico e ele apressou-se a seleccionar o andar para onde queria ir. Estava a ficar descuidado. Da vez anterior, tinha optado pelas escadas, para não correr o risco de alguém detetar a luz do elevador. Só esperava que os transeuntes fossem completamente indiferentes ao que se passava no interior de um edifício de escritórios numa sexta-feira à noite; na verdade, estariam todos ansiosos por chegar a casa.

Ao ver a secretária onde habitualmente trabalhava, sentiu-se deprimido. Os seus pertences tinham sido metidos dentro de duas caixas de cartão. Teria bastado uma, se fossem arrumados com algum cuidado. Mas não, parecia que a pessoa que se tinha encarregado disto se limitara a limpar a mesa e as prateleiras, a oito. Rögnvaldur ficou a olhar para a moldura com a fotografia de Íris, enfiada de esguelha numa das caixas, e teve a sensação de que lhe tinham espetado um espigão a ferver pela coluna abaixo. Teria custado muito arrumar a

fotografia na caixa respeitosamente?

Rögnvaldur pegou na fotografia e seguiu com o dedo uma racha que havia no vidro e que atravessava a fotografia de uma ponta à outra, passando por sobre as belas feições da filha. Só tinha escapado um olho e metade da boca. Passou a língua pelos lábios cheios de feridas, apertando a fotografia no peito, e ficou assim uns momentos, tentando controlar a respiração, até lhe passar a tentação de pegar fogo ao edifício.

Antes de se sentar, Rögnvaldur voltou a colocar a fotografia em cima do tampo, onde a tinha anteriormente. Concentrando-se no único olho visível de Íris, pensou que o desleixo tinha um lado positivo. A pessoa que fizera aquele trabalho não pensara em o levar até ao fim: o computador dele continuava ligado e o cartão de acesso não tinha sido desativado. Um funcionário consciencioso também teria tratado desses pormenores.

O computador deu um estalido e começou a funcionar, emitindo o habitual zumbido da ventoinha de arrefecimento. Há que tempos que estava para pedir um novo, mas nunca chegara a fazê-lo, o que era uma pena. Seria um prazer pensar que a companhia tinha desperdiçado algum dinheiro por causa dele. Agora era tarde. As caixas de cartão eram um sinal de que fora despedido. Aparentemente, ser procurado pela polícia era mau para o currículo. Mas o cartão de acesso e o computador davam a entender que o processo não tinha sido concluído: ele tinha sido semidespedido — de um semiemprego; ou seja, era um quarto de funcionário.

Quando o computador concluiu o arranque, Rögnvaldur pôs-se a trabalhar. Precisava de informações e, embora não fosse uma tarefa demorada, era preferível não tentar o destino com demoras. Além disso, agora que estava finalmente quente, corria o risco de adormecer na cadeira.

Tirou uma *pen* de uma das caixas e arrancou uma folha amarrotada de um dos blocos de notas que também tinham sido atirados lá para dentro. O bloco fez-lhe lembrar inevitavelmente o manual de Bríet, tombado no chão do apartamento e com as páginas amarrotadas pela queda. Empurrando decididamente esta imagem para a parte de trás da memória, começou à procura da informação de que precisava.

Estava Rögnvaldur a escrever o último pormenor numa folha já bastante cheia quando ouviu um ruído. Imobilizando-se, levantou a cabeça num movimento brusco, reconhecendo o rangido da porta do departamento. Alguém a tinha aberto. Para ver quem era, teria de espreitar por cima da divisória que rodeava a sua secretária. Mas nem por sombras ele se arriscaria a levantar a cabeça. A única coisa que lhe ocorreu foi esconder-se por baixo da mesa, encostando-se o mais que podia à divisória, na esperança de que a pessoa não tivesse nada que ver com ele, nem com as secretárias em seu redor.

Rögnvaldur gemeu por dentro quando percebeu que o seu ecrã, ainda iluminado, estava a refletir-se na janela. Como não podia fazer nada, susteve a respiração e olhou para o chão.

Acenderam-se as luzes e apareceram dois pés, metidos dentro de umas botas de neve muito sujas, que começaram a aproximar-se, detendo-se diante da secretária dele.

— Sei que estás aí escondido.

Rögnvaldur pensou na hipótese de se deixar ficar onde estava, aguardando que o homem que falara se debruçasse para se aproximar dele. Mas depois decidiu ver de quem se tratava. Conhecia aquela voz e, embora o outro não parecesse propriamente muito satisfeito, também não estava furioso. Rögnvaldur contorceu-se todo para sair de baixo da secretária e levantou-se. Era o Jói da informática.

— Olá.

— Olá? Olá? Mas tu estás completamente doido? O que estás tu aqui a fazer?

Jói estava ruborizado pela indignação. Ou pela fúria. Ou por ambas.

— Precisava de usar um computador. — Quando a situação era complicada, em geral, o melhor era dizer a verdade.

— De usar um computador? De usar um computador?

— Não precisas de repetir as frases.

Rögnvaldur pegou na folha de papel onde tinha estado a tirar notas e meteu-a no bolso do blusão, receoso de que Jói a apanhasse e a rasgasse toda.

— Tens de sair daqui. Sabes porque é que ainda tens acesso?

— Não. Achei que talvez só me tivessem despedido pela metade.

Jói não percebeu a piada.

— Não. Foste despedido por completo. Foste despedido mesmo — repetiu, pondo as mãos na cintura. — Ainda tens acesso porque eu não o cancelei. Precisava de falar contigo e era a única maneira de conseguir apanhar-te. Tenho uma ligação em casa e consigo ver a lista dos acessos. Quando o teu nome me apareceu, pus-me imediatamente a caminho.

— Estou a ver — respondeu Rögnvaldur.

Mas não estava a ver nada de nada.

— Menti para te proteger. Menti à polícia. Não me perguntes porquê. Disse uma coisa muito estúpida: que era impossível teres sido visto dentro do edifício, porque não havia registo de teres cá entrado. Depois, apaguei o registo da tua entrada, quando vieste cá deixar o portátil e quando o vieste buscar.

Não era difícil perceber a razão pela qual Jói tinha mentido: não queria ter de explicar por que razão tinha ajudado Rögnvaldur a entrar no portátil de Bríet.

— Não fizeste nada de mal — disse-lhe Rögnvaldur para o descansar. — Quando eu cá vim, ainda não andavam à minha procura.

— Eu sei. Foi por isso que eu disse que tinha sido estúpido. Entrei em pânico. Mas agora tens de te ir embora.

— Vieste cá só para me mandar embora? — Rögnvaldur coçou a cara. A barba começava a fazer-lhe comichão por causa do calor. — Ou vieste perguntar-me por que razão anda a polícia atrás de mim?

— Não. Não quero saber. Prefiro pensar que é por causa de uma coisa sem importância. Vim pedir-te para não lhes falares do assunto do portátil quando fores apanhado. Porque vais acabar por ser apanhado. É só isso.

Rögnvaldur percebia que o outro estava inquieto. Sabia que Jói gostava do seu trabalho e não queria ser despedido, como ele fora. Por isso, começou a ficar com pena do colega.

— Não te preocupes. Não direi nada. Não tenho razão nenhuma para o fazer.

Jói ficou tão aliviado que soltou um suspiro que ecoou por todo o escritório. Depois, contudo, voltou a ficar tenso.

— O que queres em troca disso?

— Nada. Absolutamente nada. Já fizeste muito por mim. Obrigado. Estamos mais do que quites.

— Muito bem. Mas agora vou tirar-te do sistema. Não vais conseguir voltar a entrar. E também vou apagar as tuas visitas. Não vais contar a ninguém que entraste cá, pois não?

— Não. Não precisas de te preocupar. — Rögnvaldur hesitou. — É melhor ir-me embora, não?

Jói acenou a cabeça.

— Sim. Acho que é melhor.

Na verdade, porém, Rögnvaldur não podia sair do seu cubículo, porque Jói estava a bloquear-lhe o caminho. Apercebendo-se deste facto, o colega afastou-se para o lado com ar constrangido. Nenhum deles se despediu do outro; dadas as circunstâncias, não faria sentido estarem com grandes cumprimentos.

Rögnvaldur desceu as escadas e saiu do edifício.

Depois, escondeu-se ali perto, à espera de ver Jói aparecer e afastar-se no seu carro. Quando teve a certeza de que o outro não voltava atrás, aproximou-se da entrada do pessoal e tentou usar o seu cartão: já não funcionava.

Rögnvaldur correu para a zona onde estavam estacionados os carros da empresa, olhou em volta à procura da chapa de matrícula correspondente à chave que tinha tirado da receção, encontrou o veículo e entrou. Os antigos colegas teriam uma grande dor de cabeça na segunda-feira de manhã, tentando perceber o que teria acontecido ao carro que desaparecera. Mas as suspeitas não recairiam sobre ele, porque, de acordo com o sistema, Rögnvaldur não tinha lá estado. Rögnvaldur tinha sido despedido e não tinha acesso ao edifício. Felizmente. Ele não estava nada interessado em arranjar sarilhos ao Jói. O colega do departamento informático não tinha de se preocupar com a possibilidade de ele o denunciar.

Rögnvaldur não fazia tenções de falar com a polícia. Nem fazia tenções de ser apanhado. Pelo menos com vida.

SAGA E ERLA OLHAVAM UMA PARA A OUTRA com expressões carregadas: era difícil perceber qual das duas estava menos agradada com a outra. Huldar percebeu que Freyja se tinha apercebido deste confronto, porque estava a tentar desviar as atenções da miúda, como se tivesse receio de uma explosão. E se calhar ainda bem, porque Erla estava a chegar ao seu limite, ainda a recuperar do choque de saber que o corpo não era de Bríet Hannesdóttir, mas de Ólína Traustadóttir. Huldar não se lembrava de a chefe ostentar semelhante palidez ou se mostrar tão silenciosa. Em geral, reagia aos contratempos atacando tudo e todos, habitualmente aqueles que menos mereciam, mas a sua equipa tinha aprendido a viver com isto. Era fácil reconhecer os recém-contratados pelas suas expressões sofridas quando Erla os tratava a pontapé. Os mais antigos limitavam-se a encolher os ombros e a continuar a trabalhar.

Na verdade, Huldar tinha tido um vislumbre da Erla de antigamente na viagem de regresso à esquadra, quando Erla protestara com o facto de Freyja «passar a porra do tempo a fazer de ama-seca». A retórica tinha dado origem a uma série de perguntas sobre Saga, a que Huldar não conseguira responder. Porque não ficava a mãe da criança com ela? A miúda era um bocado estranha, não era? Já tinha nascido assim? Aquilo era hereditário? E o pai? A família era toda constituída por falhados do mesmo calibre? Freyja ia ter de cuidar da miúda durante muito mais tempo? A todas elas respondera Huldar da mesma maneira: «Não sei», até que, a certa altura, começara a parecer-lhe que a irritação de Erla não vinha tanto do facto de Saga impedir Freyja de trabalhar, mas de se imaginar a si própria numa situação semelhante dentro em breve. Ou seja, nada daquilo tinha que ver com Freyja, com Saga ou com os inúteis pais da criança, mas com o futuro da própria Erla.

A chefe voltou a amansar quando Huldar mudou de assunto, perguntando-lhe como tinha corrido a conversa com a família de Ólína. Erla tinha falado ao telefone com o pai da fotógrafa, um viúvo que vivia algures na zona oeste da Islândia, e que ficara muito perturbado com a notícia. O homem afirmara que tinha uma boa relação com a filha, mas que, quando deixava de receber notícias regulares dela, presumia que Ólína estaria em Svalbard a tirar fotografias. Sim, podia muito bem ter confundido a data em que ela tencionava viajar até ao Ártico. O telefonema não durara muito mais tempo, porque o pai de Ólína estava demasiado emocionado para conseguir continuar.

Erla e Huldar estavam agora sentados, na companhia dos outros três colegas e de Saga, num restaurante da praia de águas quentes da baía de Nauthólsvík. Eram os únicos clientes, dado que passava muito da hora do almoço, mas ainda era cedo para o jantar. Huldar tinha arrastado Erla consigo depois de Freyja lhe ter ligado a explicar que a entrevista com Númi se tinha prolongado mais do que o previsto e que tinha mesmo de ir buscar a sobrinha.

Huldar recebera esse telefonema quando estava a regressar à esquadra depois da sua conversa com Valgeir, o ex-detetive e atual funcionário público que havia dirigido a investigação original ao desaparecimento de Mía. As esperanças que Huldar depositara nessa conversa tinham saído algo frustradas.

Em contrapartida, parecia que a visita de Freyja a Númi trouxera elementos novos, que ela queria discutir com Huldar e com Erla. O problema é que não tinha quem ficasse com Saga. Propôs levá-la para a esquadra, mas Huldar sugeriu que se encontrassem antes no restaurante. Erla precisava de comer outra vez — aparentemente, os três cachorros quentes que havia ingerido ao princípio do dia tinham-lhe despertado o apetite e estava faminta, com o corpo a tentar compensar todas as refeições que tinha saltado nos últimos tempos. Além disso, a presença de filhos de funcionários na esquadra não era propriamente bem vista, e nenhum deles estava com vontade de ouvir mais críticas vindas das chefias. Finalmente, Huldar estava ansioso por se ver na rua: quando uma investigação começava a correr mal, como acontecia neste caso, não suportava estar fechado dentro de muros;

era como se o seu pessimismo fizesse ricochete nas paredes, tornando-se cada vez mais insuportável, a ponto de ele ter a sensação de que estava a enlouquecer.

Ao verem Erla e Huldar sair juntos do departamento, Gudlaugur e Lína pegaram rapidamente nos respectivos blusões e colaram-se a eles. Gudlaugur estava tão vesgo de olhar para imagens de trânsito que teria agarrado qualquer oportunidade para fazer um intervalo, mesmo que os outros dois tencionassem deslocar-se aos esgotos da cidade.

Huldar não percebeu o que levava Lína a juntar-se ao grupo. Quando tinham regressado os dois da visita ao ministério, a rapariga avançara direitinha para a sua mesa de trabalho, retomando a tarefa que tinha deixado a meio. Se calhar, queria apenas manter-se informada dos desenvolvimentos do caso. À exceção de Huldar, eram poucos os detetives que lhe davam atenção: raramente lhe falavam e nenhum deles partilhava com ela elementos importantes quando estes chegavam ao seu conhecimento.

Também era possível que nem Lína nem Gudlaugur quisessem ficar sozinhos com os restantes elementos da equipa, que ainda não estavam a par da confusão de identidades. Huldar compreendia que assim fosse, porque era muito desagradável carregar o fardo de um segredo que não se pode partilhar.

Mas Erla não guardara totalmente o segredo: revelara a informação ao seu chefe direto, que a recebera como seria de esperar — mal.

A pedido dele, Erla adiara a revelação dos factos aos restantes elementos do departamento, mas tinha-lhes pedido que fizessem uma investigação apurada sobre Ólína Traustadóttir, a amiga de infância de Bríet, prometendo-lhes que lhes comunicaria mais informações ao final do dia. Nenhum deles pensou em lhe recordar que o longo dia de trabalho estava quase no fim.

O empregado do restaurante aproximou-se da mesa e perguntou-lhes se queriam café. Todos aceitaram, incluindo Saga, que acenou vigorosamente a cabeça, embora não fazendo ideia nenhuma do que estava a pedir. Freyja pediu um copo de sumo de maçã para ela. Ninguém disse nada enquanto o empregado retirava os pratos vazios que tinham ficado dos ocupantes anteriores. O grupo tinha escolhido uma mesa situada a um canto do edifício de vidro, o mais distante

possível do balcão, para terem alguma privacidade, porque o tema da conversa não era, nem podia ser, do domínio público.

Enquanto o empregado limpava a mesa, Huldar olhava pela enorme janela para o tranquilo cenário exterior. Via-se um homem a correr pela pista iluminada que passava em frente do clube de vela e prosseguia ao longo do sopé da colina de Öskjuhlíd, acabando por desaparecer ao longe. Três pessoas, todas com sacos ao ombro, avançavam na direção da praia de águas quentes; iam nitidamente dar um mergulho. Com um arrepio de solidariedade, Huldar desviou os olhos da escura e gelada noite de inverno, regressando ao calor interior.

Lína pôs uma cruz diante de qualquer coisa na folha de papel que tinha à sua frente. Trouxera consigo uma pilha de documentos e quase não levantara a cabeça desde que se tinham sentado. Quando o empregado lhes trouxe os pedidos, limitou-se a deslocar os papéis para o lado do talher, a fim de poder continuar a trabalhar enquanto comia a salada. Era tal a sua preocupação que quase não dissera palavra, e dava a impressão de que não tencionava dar grandes opiniões durante toda a refeição.

Até àquele momento, tinham estado a conversar sobre o bebé morto que Númi afirmava ter visto no carrinho de bebé. O facto de Huldar já ter ouvido falar do assunto e o ter referido a Erla diminuiu bastante o impacto da comunicação de Freyja, mas ela recuperou rapidamente, pois tinha um trunfo na manga: Huldar não tinha ouvido falar no cobertor, presumivelmente porque o chefe da investigação original também não conhecia este pormenor. Segundo Freyja, este dado só se tornara conhecido já depois de a investigação estar concluída, sendo portanto compreensível que a declaração de Númi tivesse sido ignorada — ou tida por mais um disparate do homem. Não seria a primeira vez que tal coisa acontecia na esquadra.

— Não encontrei nada no processo que dissesse que o cobertor não era o do carrinho de bebé de Mía. — Erla fez uma careta, tentando recordar-se dos pormenores. — Mas também não é de admirar, porque a primeira vez que ouvi falar do bebé morto foi há bocado, quando o Huldar me contou. É o único ponto em que o depoimento de Númi não coincide com aquilo que o sujeito que dirigiu o primeiro inquérito

tinha para nos dizer.

Erla encolheu os ombros.

Freyja pousou o guardanapo de papel com que tinha limpado a boca a Saga.

— E porque é que esses pormenores não foram investigados? A questão do cobertor e do bebé morto?

— Porque Númi não te contou por que motivo essa versão não está registada em lado nenhum — explicou Huldar. — Ele e o marido conseguiram que o depoimento fosse destruído. Foi a maneira de evitarem ser processados por terem usado, ilegalmente, uma mãe de substituição. E não foi a única coisa que foi parar à trituradora. Quando, mais tarde, Númi fez novas declarações, tinham claramente planeado e ensaiado com muito cuidado o que ele diria, obviamente para evitar que lhe voltassem a sair, sem querer, quaisquer pormenores da combinação que eles tinham feito com Droplaug.

Freyja não se mostrou satisfeita.

— Ainda assim. Ele tinha falado no assunto. Eu diria que é uma regra da polícia, no mínimo, ver que fundo de verdade haveria na história.

Ela tinha razão. Huldar tinha argumentado no mesmo sentido na conversa que tivera no ministério.

— O assunto foi analisado. Segundo o fulano que chefiou a investigação, foi tudo analisado. Só que não descobriram nada. Não apareceu mais nenhum bebé morto, nem tiveram qualquer sinal de que ele tivesse existido. E, como as provas eram inexistentes, compreendo que não o levassem a sério. A única coisa que Númi conseguiu com esta história bizarra foi tornar-se pessoalmente suspeito.

— Mas porquê?

Freyja estendeu a Saga a colher de chá que a miúda estava a tentar, em vão, alcançar. Saga não parecia ter consciência de que os seus braços tinham, no mínimo, meio metro a menos do que o necessário.

— Não foi certamente a primeira vez que a polícia falou com uma pessoa em estado de choque. Vocês devem estar habituados a lidar com todo o género de reações.

Erla, que começava a parecer mais ela própria, mostrava-se claramente irritada com as críticas de Freyja ao trabalho da polícia, embora fossem referentes a um caso onde não tinha intervindo pessoalmente. Huldar apressou-se, pois, a tomar a iniciativa de responder a Freyja:

— Tens de ter em consideração que, quando a polícia chegou ao local, Númi estava histérico, e devia dar a impressão de que tinha sido ele a matar a própria filha num ataque de loucura. A princípio, o nosso pessoal pensou que ele tinha atirado o corpo da bebé ao mar antes de ligar ao marido e recuperar a noção da realidade. A casa fica mesmo à beira-mar, ele não teria de fazer um grande esforço. Mais tarde, quando o estado de loucura abrandou, começou a baralhar os acontecimentos na sua cabeça e a terrível verdade tornou-se-lhe manifesta: convenceu-se de que o corpo que tivera nos braços era de um bebé desconhecido.

— Ele disse-me que nunca tinha sido preso, nem nada disso. — Freyja meteu discretamente um guardanapo de papel por baixo da colher com que Saga batia ruidosamente sobre o tampo da mesa. Ao ver que o guardanapo abafava o ruído, a menina franziu o sobrolho mais que o costume. — Se ele era realmente suspeito, porque é que não foi preso?

Huldar avançou novamente em vez de Erla, nervoso com a possibilidade de a chefe perder completamente a cabeça.

— Ninguém tem vontade de prender o pai de uma criança desaparecida. Seja como for, as atenções focaram-se rapidamente na mãe da bebé. E também não podiam prendê-la.

Lína ergueu os olhos.

— Mas percebes que, se de facto havia um bebé morto no carrinho, isso resolve o problema do paradeiro de Mía durante estes anos todos. Se ela tiver sido trocada por uma bebé que tinha morrido, o caso fica resolvido. Seria muito mais fácil do que esconder uma criança que até àquele momento não existia. Estou convencida de que havia mesmo um bebé morto no carrinho. É a única explicação racional.

Ninguém contradisse estas afirmações, embora Erla não conseguisse resistir a um remoque.

— Já que pareces ter resolvido o mistério, Lína, o que é que

aconteceu à bebé morta?

Lína corou ao de leve.

— Não sei. Se calhar, foi atirada ao mar ou está enterrada algures.

Erla não tinha acabado o contrainterrogatório.

— E quem é que faria uma coisa dessas? Matar um bebé e roubar o bebé de outra pessoa para os substituir?

— Não sei.

Lína olhou para Freyja, pedindo ajuda.

— Não sabemos como é que a primeira bebé morreu, se é que existiu — observou Freyja. — Podia perfeitamente ter tido morte súbita, é uma coisa que às vezes acontece, ou ter morrido com outra coisa qualquer. Uma doença. Não tem necessariamente de ter sido morta, não acham? — Calou-se um momento, dando a Erla a possibilidade de reagir, após o que prosseguiu o seu raciocínio. — Há pessoas que raptam bebés. Tanto homens como mulheres. Não são muitas, e uma pessoa normal não faria uma coisa dessas.

Erla cruzou os braços por cima da barriga. Como não podia franzir o sobrolho a Freyja e a Lína em simultâneo, optou por fixar o seu olhar irritado em Saga, que reagiu deitando-lhe a língua de fora. O gesto em nada contribuiu para suavizar a expressão facial de Erla.

— Que tipo de pessoa faria uma coisa dessas?

Lína mostrou-se aliviada ao ver que Freyja avançava para dar uma resposta.

— Alguém que tivesse uma filha da mesma idade. Parece-me mais provável que se trate de uma família monoparental, porque não me parece possível ocultar a troca ao outro membro do casal. A não ser que este vivesse no estrangeiro ou estivesse, muito simplesmente, ausente. Também seria difícil, mas não impossível, ocultar o facto à família alargada. Isto aconteceu em pleno inverno, o que significa que a criança saía de casa sempre muito agasalhada. Ainda não tinha dentes e também não tinha muito cabelo. Os bebés tendem a ser bastante semelhantes uns aos outros quando são pequeninos, muito mais do que quando começam a crescer. Se a pessoa mantivesse os amigos e parentes a distância durante algum tempo, parece-me que seria possível. Os bebés desenvolvem-se e mudam tão depressa.

— Quantas crianças terão nascido nesse ano? — interveio Huldar.

— Ou melhor, quantas meninas?

Lína não levou muito tempo a descobrir a resposta a esta pergunta. Tirando o telemóvel do bolso, deu alguns cliques no ecrã, após o que ergueu os olhos.

— Cerca de duas mil e trezentas. Menos, se eliminarmos as que nasceram vários meses antes de Mía. Os dois bebés deviam ter aproximadamente a mesma idade.

Huldar voltou-se para Erla.

— Num caso grave como este, temos autoridade para fazer recolha de amostras biológicas, e não tem de ser apenas aos acusados. Podemos estourar o nosso orçamento a fazer testes de ADN a todas estas crianças. É verdade que ficamos sem um tostão para o resto do ano. — Vendo que Erla não sorria, prosseguiu: — Tínhamos de solicitar um financiamento extraordinário, evidentemente.

Erla abanou a cabeça.

— Nem pensar. Levaria demasiado tempo e não me parece que os pais das crianças concordassem. Mas, se não conseguimos resolver o caso, podemos pelo menos sonhar.

Dito isto, inspirou tão fundo que parecia um suspiro ao contrário.

— A filha de Rögnvaldur, Íris, é da mesma idade que Mía. Têm apenas dois meses de diferença.

Assim que acabou de falar, Lína baixou os olhos para os seus documentos. Estava obviamente ansiosa por dizer aquilo.

— Boa. — Gudlaugur aproveitou a oportunidade para intervir. — E Rögnvaldur está relacionado com o desaparecimento de Bríet e o homicídio de Ólína. Ficamos assim com uma ligação entre os dois casos. Clarinho como água.

Eram demasiadas coincidências para o gosto de Huldar, mas ele absteve-se de fazer comentários. Seria estranhamente fortuito que, por coincidência, Droplaug, a mãe de Mía, se tivesse suicidado por afogamento logo no dia em que a filha tinha sido raptada. Mas Gudlaugur falava tão pouco na frente de terceiros que Huldar não quis dar-lhe para trás. Tentou, pois, imaginar a cena: Rögnvaldur raptava Mía, Droplaug atirava-se ao mar, Mía — ou Íris — morria em consequência de ter sido infetada com sarampo, Rögnvaldur matava Ólína por qualquer razão que tinha de estar relacionada com a

vingança pela morte da filha que tinha arrebatado de um carrinho de bebé muitos anos antes; e, muito provavelmente, matava Bríet. Não, não era nada provável.

Nessa altura, Huldar lembrou-se de um comentário que Freyja tinha feito na primeira reunião que tivera com a equipa de investigação: que a pessoa que havia desmembrado o corpo já tinha, muito provavelmente, feito alguma coisa horrível antes de cometer aquele ato. Huldar tinha pensado que esta coisa horrível seria mutilar outra pessoa, ou coisa parecida, mas trocar uma filha morta pela filha de outra pessoa também era, em termos morais, um ato terrível. Gudlaugur e Lína podiam ter alguma razão.

— Temos de investigar ligações possíveis entre Rögnvaldur e Ólína, disso não há dúvida nenhuma. E alguma conexão entre ele, Númi e Stefán. A pessoa que raptou Mía tinha de saber que ela estava a dormir lá fora, no carrinho de bebé.

Erla olhou para ele.

— Eles afirmaram que não o conheciam. Mas, claro, é possível que ele andasse por ali a tentar vender seguros, e desse conta do carrinho. Se calhar, mandaram-no entrar e ele viu a bebé lá fora por acaso, mas eles esqueceram-se deste pormenor. Convém recordar que passaram onze anos. Mas estão a esquecer-se de uma coisa: Íris, a filha de Rögnvaldur, estava morta e enterrada quando Ólína foi assassinada. Como é que ela podia ter vomitado no porta-bagagens do carro?

Calaram-se todos enquanto o empregado punha o café e o sumo de maçã sobre a mesa — todos menos Saga, que não gostou de ser a última a ser servida; quando, finalmente, o copo lhe foi apresentado, puxou-o desajeitadamente para si, entornando uma parte. Lína, que só por sorte tinha conseguido salvar os seus papéis da poça de sumo, fez uma expressão altamente crítica — no que foi acompanhada por Erla, que estreitou os olhos, observando o comportamento de Saga e os esforços de Freyja. A tia da miúda tentava absorver uma boa parte do sumo antes que começasse a escorrer para o chão. Huldar teve a certeza de que Erla contemplava o seu futuro próximo: fraldas para mudar, um nariz para assoar, noites sem dormir, coisas entornadas e superfícies pegajosas. Teve vontade de lhe dar uma cotovelada, recordando-lhe que, muito provavelmente, os episódios agradáveis

seriam mais numerosos que os desagradáveis, mas conteve-se: se ele, que não tinha propriamente grande experiência com crianças pequenas, sabia isto, o mais provável é que ela também soubesse. E ninguém gosta que lhe apontem coisas óbvias.

— Essa miúda tem uma cabeça maior do que as outras crianças, ou são todas assim?

Erla olhava fixamente para Saga, embora a pergunta fosse dirigida a Freyja, que percebeu perfeitamente qual era a motivação da mesma.

— Não, não te preocupes. Isto é de família. O meu irmão também nasceu com uma cabeça enorme, mas, felizmente, com o passar do tempo, o resto do corpo torna-se proporcional. Tenho a certeza de que o teu bebé vai passar com muito mais facilidade do que a Saga. Na maternidade, chamavam-lhe cabeça de abóbora.

Erla não pareceu ficar descansada. Pelo contrário, franziu ainda mais o sobrolho.

— Que mais disse Númi?

Gudlaugur, cujo café lhe tinha sido servido em primeiro lugar, tivera tempo de dar um golinho, pousar a chávena e retomar a conversa, o que permitiu, felizmente, encerrar o assunto das cabeças dos bebés.

Freyja pousou o guardanapo de papel ensopado.

— Disse uma série de coisas que não vos posso contar, e que não têm nada que ver com o caso; dizem respeito às preocupações dele em relação ao futuro: como é que a filha vai reagir, como é que Mía se vai adaptar, que efeitos terão estes factos no casamento, etc. Não se pode dizer que ele esteja a exagerar; o que tem pela frente é bastante complicado de gerir.

Huldar viu Erla abrir a boca e, receoso de que a chefe pressionasse Freyja no sentido de violar o segredo profissional, apressou-se a mudar de assunto.

— De onde é que veio a filha que eles têm agora? Não será Mía?

Freyja respondeu de forma muito direta e clara:

— Não. Não é Mía. A origem desta filha não é segredo nenhum: foi adotada, embora não da mesma maneira que Mía. Não é uma adoção só de um deles. A miúda não tem qualquer relação com eles, de maneira que os dois homens passaram pelo processo convencional.

Receberam-na em casa quando ela tinha três anos, ou seja, cerca de três anos depois de Mía desaparecer. Segundo Númi, depois do que tinha acontecido, tiveram dificuldade em ser considerados pais aptos, pelo que, quando lhes propuseram Gudbjörg, nem hesitaram. E estou convencida de que têm sido muito bons pais.

— E os pais biológicos da miúda?

Huldar estava ansioso por desviar o rumo da conversa, a fim de distrair Erla e evitar que pedisse mais pormenores da conversa de Freyja com Númi, que era confidencial.

— O pai morreu de overdose e a mãe foi considerada inapta, porque era toxicodependente. Ultimamente, tem de haver motivos muito fortes para as autoridades retirarem uma criança aos pais, e esta miúda ainda deve ter cicatrizes do seu começo de vida. Tem uma síndrome de hiperatividade e défice de atenção galopante, e atraso escolar. E também tem a visão muito afetada, porque foi muito prematura, em consequência do estilo de vida da mãe. Mas pelo menos teve a sorte de encontrar uma casa onde cuidam dela.

Lína levantou os olhos num relance.

— Quer dizer que o azar de Mía foi a sorte dela. Que pena.

E voltou a mergulhar nos seus papéis sem esperar resposta.

Freyja ergueu as sobrancelhas ao ouvir o comentário e depois prosseguiu:

— Sim, é verdade. Também lhe perguntei porque é que a filha tinha tido folga da escola e, aparentemente, tinha que ver com uma avaria do alarme de incêndios. Por outras palavras, Gudbjörg é aluna na escola onde o telemóvel de Ólína apareceu.

A expressão de Erla não se alterou. A chefe tinha pedido a Freyja que tentasse confirmar este pormenor, e nenhum deles ficou admirado, porque era a esta escola que pertencia a zona onde Númi e Stefán moravam.

— Bem me parecia. — Levou a mão à testa, como que a tentar verificar se tinha febre. — Mas como diabo será que tudo isto está relacionado entre si?

— E se nós pedíssemos para conversar com a miúda?

Huldar piscou o olho a Saga, que olhava fixamente para ele desde que entornara o sumo, talvez fascinada com o facto de ter sido o único

adulto que não reagira criticamente. Para Huldar, nada daquilo tinha grande importância. As bebidas entornavam-se e os gelados caíam dos cones — era a vida.

— Podemos tentar. Mas não nos vão autorizar. Pelo menos no estado em que as coisas estão. Não te esqueças de que Stefán é advogado e não tem propriamente a melhor impressão da polícia. — Erla abanou a cabeça num gesto derrotado. — Vai recusar-se absolutamente, e o nosso único argumento é a miúda frequentar a escola onde o telemóvel apareceu. Ela e mais quinhentas crianças.

Freyja concordou com a chefe:

— Não nos vão deixar falar com ela, quanto mais não seja porque a menina não sabe quem é Mía.

— Como? — Huldar não conseguiu ocultar o espanto. — Mas porquê?

— Porque, ao longo dos anos, foi necessário dar-lhe a conhecer uma série de coisas dolorosas, de maneira que eles decidiram esperar. Não querem que ela sinta que é uma substituta.

Freyja devolveu a colher de chá a Saga, que começou imediatamente a bater de novo com ela no tampo da mesa. Como o guardanapo de papel, agora ensopado, já não permitia abafar o ruído, Freyja pôs a mão entre a colher e a madeira e começou a apanhar. Não é que a dor fosse grande, mas ela encolheu-se e retirou a mão.

— Compreendo esta atitude. A decisão é deles, que conhecem Gudbjörg melhor que ninguém. A miúda ouviu-nos falar de Mía e perguntou quem era. Mas Númi disse que era uma pessoa que ela não conhecia e mandou-a voltar para o quarto. Seja como for, é evidente que, se Mía aparecer, não vão conseguir continuar a poupá-la.

— Não é *se*, é *quando* Mía aparecer...

Erla calou-se e levou a mão à barriga. Huldar ficou com a sensação de que a chefe estava a empurrar um pé para dentro. Tinha havido ali um movimento, sem sombra de dúvida.

— Quem diabo terá levado a bebé?

— Bríet? — sugeriu Gudlaugur. — A filha dela não tem onze anos?

— Não, tem dez. E fez anos há muito pouco tempo. É alta para a idade, mas isso não quer dizer nada.

Freyja abriu a boca como se fosse dizer mais qualquer coisa, mas mudou de ideias.

— A irmã de Droplaug? Como é que ela se chama, Ellý? — alvitrou Huldar. Parecia-lhe improvável, mas era o único nome que lhe ocorria.

A avaliar pela sua falta de entusiasmo, Erla pareceu concordar que era improvável. Mas Lína ergueu a cabeça, de olhos muito abertos.

— Ellý? Qual é o último nome dela?

— Hum... O último nome da Droplaug era Thórdardóttir, se não estou em erro. E, tanto quanto sei, tinham o mesmo pai.

Lína voltou a debruçar-se sobre a pilha de papéis, que começou a desfolhar. Quando encontrou aquilo de que estava à procura, ergueu a folha.

— Ellý. Ellý Thórdardóttir. É amiga de Ólína no Facebook. De certeza que se conheciam.

Erla pôs-se muito direita. Tinham finalmente identificado algum elo de ligação entre o caso de homicídio e Mía: Ólína, que tinha sido cortada aos bocados, e Ellý, a tia de Mía, tinham-se conhecido. Era uma ligação ténue — mas não deixava de ser uma ligação.

AS PEQUENAS RIAM-SE MUITO, como se estivessem a falar de uma coisa proibida ou que ainda não tinham idade para compreender. Sædís lembrava-se bem destes segredinhos quando ela própria era pequena, porque não tinha tido onze anos assim há tanto tempo. Mas, vendo bem, já fora há metade do seu tempo de vida, pois tinha agora vinte e dois anos.

— O que é que vocês estão para aí a coscuvilhar? — perguntou, olhando momentaneamente para o banco de trás, onde seguiam as três amigas.

— Nada.

Mais gargalhadinhas.

De repente, Sædís sentiu-se profundamente inquieta. Inclinando-se para diante, viu-se ao espelho retrovisor do exterior do carro: perdera o sorriso e tinha o sobrolho franzido de preocupação. Se continuasse assim, acabava com uma ruga profunda entre os olhos muito antes de chegar à idade em que os vendedores da eterna juventude começariam a andar à volta dela nos centros comerciais.

Mas este receio tolo das rugas em nada contribuiu para a distrair das suas restantes preocupações; momentos depois, a sua mente voltava a centrar-se nas três passageiras que levava no banco de trás e nos segredos que as uniam.

A sua maior preocupação era Rósa. Sædís desconfiava de que a situação da miúda em casa deixava muito a desejar. Não sabia grande coisa sobre a família, a não ser que o pai era eletricitista e a mãe estava desempregada. Nas raras ocasiões em que Sædís havia estado com eles, a mulher fedia a álcool e o homem mostrara-se mal-humorado, de cenho carregado e metido consigo. A pobre miúda aparecia quase sempre mal vestida, com ar de quem não tinha quem cuidasse dela. Como era mais alta que os restantes alunos da turma, tornava-se

notória, e não havia maneira de ocultar o cabelo mal lavado e o velho gorro de pompom, como o que a própria Sædís tinha quando era da mesma idade. Sædís também era bastante negligenciada em casa, mas por razões diferentes e mais compreensíveis. A mãe não tinha culpa de ser doente, nem o pai de não conseguir lidar com a situação. Ele tinha feito o melhor que sabia. Acontece que o melhor que ele sabia não fora suficiente para a sua família.

Gudda era exatamente o oposto de Rósa: pequenita e magrinha, sempre muito bem vestida, com os dentes bem lavados e o cabelo cuidado. Mas parecia que o vestuário e o corpo operavam em rodas diferentes: andava sempre com a roupa à banda, como se estivesse a tentar sair-lhe do corpo. E o mesmo acontecia com o cabelo: as tranças desfaziam-se, as molas deslocavam-se, os ganchos soltavam-se, caíam e perdiam-se. Finalmente, os óculos estavam sempre de lado, com as lentes muito sujas, e a miúda perdia-os constantemente. Só havia uma coisa que Gudda nunca perdia: a boa disposição e o sorriso constante.

Selma, a irmã de Sædís, estava no meio das duas, tanto em altura, como em aparência e em comportamento. Formavam um belo trio.

Sædís parou num sinal vermelho e lançou outro rápido olhar ao banco de trás. Como seria de esperar, Selma estava sentada no meio, entre a enorme Rósa e a minúscula Gudda. Todas três com o cinto apertado, interessadas umas nas outras e vivendo intensamente aquele momento. Sem se preocuparem com o passado nem com o futuro. Poderiam dar cursos de *mindfulness*, embora nunca tivessem ouvido falar de tal coisa.

Sædís sorriu às três amigas.

Logo a seguir, porém, o medo voltou a tomar conta dela: as miúdas conseguiriam manter esta amizade até à idade adulta? Ou surgiria entre elas algum conflito capaz de destruir a relação? Ela esperava bem que não. Nenhuma delas tinha facilidade em fazer novos amigos e, juntas, formavam um grupo muito unido. Tinham a força e a solidez de um banco de três pernas — se lhe tirassem uma perna, não se aguentaria em pé.

Sædís esperava que a sua decisão não estragasse tudo. E se a criança que tinha no ventre viesse perturbar aquele equilíbrio? Era uma coisa em que não tinha pensado quando decidira embarcar nesta

viagem. Ingenuamente, tinha presumido que, pelo contrário, a nova realidade reforçaria a ligação entre as pequenas, ou pelo menos entre Selma e Gudda, que ficariam para sempre ligadas uma à outra através daquela criança. Mas a realidade seria bem diferente. Sædís tinha-se esquecido de que a sua própria relação com o bebé terminaria assim que o cordão umbilical fosse cortado, e o mesmo aconteceria à relação entre a sua irmã e Gudda: se ela se tornasse *persona non grata* em casa de Gudda, Selma também o seria com certeza. Ora, Sædís não seria bem recebida naquela casa: isso fazia parte do acordo. Era algo que, não tendo embora sido estabelecido de forma declarada, estava nas entrelinhas.

Selma não poderia aproximar-se do seu filho, fosse pessoalmente ou através das redes sociais, por email ou por telefone. Durante os primeiros seis meses, extrairia o leite do peito, pô-lo-ia no frigorífico e entregá-lo-ia diariamente, ou dia sim, dia não; eles iriam buscá-lo. Se os visse com o filho em público, deveria manter-se à distância e não se deixar ver. Não tinha direito a receber notícias, fotografias ou fosse o que fosse — e por aí fora, interminavelmente. O único papel que estava autorizada a desempenhar no futuro da criança era ser dadora de um rim ou de medula, se ela alguma vez precisasse; nessa altura, eles poderiam recorrer a ela, mas claro, ela podia recusar — embora este aspeto não tivesse ficado completamente claro. O contrato era longo e ininteligível em muitas passagens, com frases tortuosas e um tom seco e autoritário. Sædís tinha achado algumas partes tão difíceis de compreender que acabara por desistir.

Mas esperava que aquilo não tivesse assim tanta relevância. Sædís confiava neles e compreendia o que estava por trás daquele excesso de cautelas. Eles não tinham, aliás, feito qualquer segredo: gato escaldado de água fria tem medo. Eram pessoas decentes — pelo menos Númi.

Mas até as pessoas decentes praticavam, por vezes, más ações, tornando-se cegas para tudo o que não fosse o objetivo que queriam atingir e esquecendo aqueles que pisavam para o alcançar.

Sædís recordou a si própria que a ideia tinha sido dela. Que tinha sido ela a oferecer-se. E que eles até se tinham mostrado relutantes em aceitar a proposta.

Como as miúdas preferiam, em geral, brincar em casa de Gudda, Sædís ia lá com frequência buscar a irmã, Selma — e acabava por também levar Rósa, uma vez que os pais desta nunca se ofereciam para as boleias. Há pouco menos de um ano, Sædís fora lá a casa num sábado à tarde, mas as três amigas ainda não tinham voltado da praia. Númi tivera pena dela e tinha-a convidado a entrar. Era a primeira vez, desde que Selma e Gudda se tinham tornado amigas, que ela avançava para além da entrada. Sædís teve dificuldade em não ficar de boca aberta perante a elegância e a riqueza do interior da casa. Númi convidara-a para a sala de estar, onde ela foi encontrar um enorme copo de vinho branco sobre uma mesinha e uma garrafa meia cheia com rótulo francês — uma garrafa de vinho a sério, com rolha de cortiça.

A princípio, Sædís sentira-se o ratinho do campo da história que costumava ler a Selma. Não estava à espera de ser convidada a entrar, o que implicava tirar os sapatos — e tinha um buraco numa das meias.

Mas Númi pareceu não reparar nisso. Nem na horrível blusa que ela vestia. Até tinha pendurado o velho anoraque de Sædís no armário da entrada, como se ela tivesse aparecido de casaco de peles. Quando ela se afundou no sofá de couro, ele ofereceu-lhe um copo de vinho, que ela recusou, porque ia guiar a seguir; ao dizer isto, corou intensamente: ele devia saber que ela ia guiar, uma vez que tinha ido buscar a irmã. Teve pelo menos o bom senso de não dizer que não bebia, o que poderia tê-lo incomodado, como se Sædís estivesse a julgá-lo.

As miúdas tinham levado o seu tempo e ela acabara por ficar a conversar com ele mais de uma hora. A princípio, ele fizera-lhe uma série de perguntas inocentes sobre ela e as pequenas, a tentar fazer conversa, mas ela estava tão perturbada que só conseguia responder por monossílabos; era da timidez e da tensão. Ele era bastante mais velho, além de ser muito elegante e seguro. Aos poucos, porém, foi começando a descontrair-se, talvez por Númi ter desistido de a fazer falar e ter começado a contar-lhe coisas suas, enchendo repetidamente o copo, até a garrafa se esvaziar e ele ficar com os olhos brilhantes.

Já para o fim dessa hora de conversa, Númi tinha-lhe confidenciado que ele e Stefán desejavam intensamente ter um filho.

Um bebê. E contara-lhe tudo o que tinham passado quando a filha, Mía, fora raptada, bem como a quantidade de problemas que haviam tido antes disso. Apressara-se a acrescentar que não queria que ela o entendesse mal: eles adoravam Gudda e consideravam-na sua filha de pleno direito, como Mía fora. Sædís assentira, tentando ocultar o constrangimento que esta conversa lhe provocava; na verdade, suspeitava de que, depois de ela se ir embora, ele se arrependeria de ter feito todas aquelas confidências. Quando, a certa altura, ele começou a dizer-lhe que o nome Mía tinha um grande significado para eles e que detestava o diminuto Gudda, ela deixou de ter qualquer dúvida: ele ia mesmo ficar arrependido de se ter aberto daquela maneira com ela.

Seguiu-se um relato bastante incoerente das tentativas falhadas que tinham empreendido para mudar o nome da filha adotiva. Gudbjörg mudaria de nome para Ísold, deixando assim de continuar a ser tratada por Gudda. Contudo, este plano chegou aos ouvidos do Serviço de Proteção de Menores, que armaram um sarilho enorme. Aparentemente, não se pode mudar o nome de uma criança de três anos por razões que os serviços classificaram como fúteis. Númi revirou os olhos ao referir esta passagem e bebeu um enorme gole de vinho.

Foi então que Sædís interveio espontaneamente, pela primeira vez desde que entrara naquela casa: sem se deter um minuto a pensar, ofereceu-se para ser mãe de substituição de um filho deles, afirmando que estava disposta a isso.

Númi ficou calado uns momentos, após o que se riu, como que recusando a levar a ideia a sério. Mas Sædís percebeu, pelo brilho dos seus olhos, que a vontade dele era levantar-se de um salto, abraçá-la com toda a força e aceitar a proposta. Da vez seguinte em que ela fora buscar Selma, ele tinha feito alusões ao assunto, e voltara a fazê-las das vezes seguintes. Finalmente, tinha-a convidado para jantar com ele e Stefán, e foi a primeira vez que discutiram seriamente a possibilidade. Os dois homens tinham falado tanto e tinham-lhe perguntado tantas vezes se ela tinha a certeza absoluta, que nem se aperceberam de que Sædís não tinha tocado no estranho peixe que estava no prato. Pouco tempo depois, apresentaram-lhe o contrato,

que ela lera e assinara, como se esperava.

A oferta não tinha sido minimamente pensada; nascera de um impulso, tanto que ela nem sabia bem por que razão a fizera. Sentira-se movida pelo desejo de devolver a felicidade e a harmonia àquela casa elegante. Sædís era filha de um alcoólico e tinha-se conformado com o seu papel de pessoa dependente. A sua vontade era dar alegria aos dois homens. Parecia-lhe que o universo tinha combinado as coisas de maneira a que isso acontecesse. Era o destino.

Mesmo que ela ficasse profundamente afetada.

Sentiu os olhos a ficarem quentes e a encherem-se de lágrimas. Mas, com três miúdas dentro do carro, estava proibida de ceder à vontade de chorar. Tinha prometido levá-las ao cinema e, se comesse a lacrimejar, estragava a festa toda. E elas estavam com tanta vontade de ir ver o filme. Por isso, abriu a janela do carro, na esperança de que um sopro de ar frio a reanimasse. E de facto assim foi.

Até lhe aparecer ao olhar interior uma imagem da ecografia: uma criaturinha com a cabeça totalmente desproporcionada em relação ao corpo, mais fazendo lembrar um alienígena num filme. A gravidez ainda nem ia a meio, mas o bebé parecia já ter quase tudo o que lhe pertencia: dedos, estômago, nariz e cordão umbilical. Graças a Deus. Uma das suas preocupações era que o bebé tivesse algum problema grave, pois o que aconteceria nesse caso? Ela ficaria com o menino nos braços, forçada a cuidar dele sem qualquer ajuda dos pais nem apoio em casa? Que género de vida seria, nesse caso, a do pobrezito? E a dela? O contrato devia prever essa eventualidade, mas Sædís não tinha coragem para voltar a lê-lo.

Maldita ecografia. Sædís não fazia tentações de olhar para a imagem, mas a técnica tinha insistido com ela, dizendo-lhe que não podia perder aquilo. E Númi juntara-se ao coro, presumivelmente para evitar suspeitas. Ela e ele tinham-se apresentado como um casal que esperava um filho. E Sædís não tivera alternativa senão obedecer, erguendo os olhos para o ecrã. Não lhe tinha feito bem nenhum; o único resultado fora comovê-la ainda mais. O bebé que crescia dentro dela tinha adquirido uma imagem. E género: era uma menina.

Não havia maneira de uma pessoa conseguir apagar o que tinha

visto. Ou ouvido.

Do banco de trás, chegou-lhe a vozinha de Rósa.

— Podemos ver um filme de terror?

— Não. — Pelo espelho retrovisor, Sædís trocou um olhar com Selma. — Vocês não têm idade para filmes de terror, por isso nem pensar. — Percebeu que tinha sido demasiado severa, mas as pequenas não pareceram importar-se.

— Mas nós sabemos que é tudo a fingir. — Rósa não tencionava desistir da ideia. — Vá lááá!

— Não. Nem sequer vamos discutir esse assunto. — Sædís virou o carro para o parque de estacionamento do cinema. — Vamos ver um filme que seja para a vossa idade e acabou.

Voltou a olhar de relance para o espelho retrovisor e teria jurado que Selma estava com uma expressão aliviada. Só esperava que a conversa ficasse por ali.

Havia imensos lugares no parque do cinema, mas ela optou por estacionar o mais longe possível da entrada, num lugar iluminado por um candeeiro de rua. As restantes fontes de luz daquela zona estavam apagadas. Sædís tinha-se apercebido, pelo espelho, da presença de uma carrinha que parecia estar a segui-las, uma possibilidade que a encheu de temor. Tomara consciência disto pouco depois de Rósa entrar no carro, mas o homem podia perfeitamente estar a segui-las há mais tempo. Se é que estava. Talvez se tratasse apenas de uma coincidência. Na verdade, ele não tinha virado para o parque de estacionamento atrás delas.

Assim que Sædís acabou de estacionar, as miúdas saltaram do carro, e começaram a correr, as três ao mesmo ritmo, quase como se estivessem amarradas umas às outras, falando em simultâneo e gesticulando com enorme excitação.

Sædís trancou o carro e seguiu-as, andando mais devagar. Elas esperaram-na à porta, gesticulando, impacientes, para ela se despachar. Queriam muito sentar-se ao lado umas das outras, e nem pareciam ter notado que o parque de estacionamento estava quase deserto; o que significava que conseguiriam três lugares seguidos em qualquer fila, fosse na coxia, a meio da fila, ou noutro sítio qualquer.

Ainda bem que o cinema tinha pouca gente. Uma das coisas que

Sædís não tinha tido em conta era que, quando a barriga comesçasse a notar-se, deixaria de poder andar com as amigas habituais — que certamente a questionariam, e ela não podia contar-lhes a verdade. Primeiro, elas não compreenderiam como era possível que Sædís tivesse acedido a fazer semelhante coisa, dado que os problemas das outras pessoas em relação aos filhos, mais ainda, o tema dos filhos em geral, estava muito afastado da sua zona de interesses. Segundo, receava que a acusassem de ser fria e insensível — pois quem era a mulher que oferecia o próprio filho a terceiros? Por isso, não havia alternativa: Sædís teria de deixar de se encontrar com as poucas amigas que tinha. Só poderia continuar a vê-las mais um mês e, mesmo assim, apenas em locais onde não tivesse de tirar o blusão.

Seguiam-se as pessoas de quem não podia esconder-se. Embora vivesse com os pais, ainda não lhes tinha contado. Era preferível fazê-lo antes de eles se aperceberem do que se passava, evidentemente, mas a verdade é que se sentia relutante. Sædís tinha recusado a possibilidade de se alojar numa casa de férias durante os últimos meses de gravidez, mas a proposta continuava de pé — estava no contrato. Se ela aceitasse, não teria de contar a ninguém. E ela tinha visto as fotografias: não lhe faltaria nada. Mas o problema não era esse.

O problema era que Sædís não queria passar vários meses longe de Selma. Ainda seria pior do que ir viver para um apartamento e deixar Selma em casa. Se isso acontecesse, continuaria pelo menos a poder vê-la regularmente, e não teria de fingir que fora trabalhar para o estrangeiro — a fazer o quê? —, como seria o caso se aceitasse a oferta de alojamento dos dois homens durante a segunda parte da gravidez.

Tinha-se esquecido de correr o fecho do blusão e apressou-se a fazê-lo enquanto caminhava, a tremer de frio. O blusão estava-lhe nitidamente mais justo. As miúdas não faziam ideia nenhuma de que o bebé existia, evidentemente. Até agora, tinha conseguido ocultar a barriga com calças e camisolas largas. Mas as perguntas delas seriam as mais difíceis e as mais custosas de responder. Sædís presumia que Númi e Stefán ainda não tinham dito nada a Gudda, dado que a criança não mostrara o menor interesse no aumento da linha de

cintura de Sædís. E ela esperava que não mostrasse tão cedo.

Estes pensamentos melancólicos levaram-na a reparar melhor no facto de o parque de estacionamento estar deserto. De repente, teve uma intuição muito forte de que havia alguém ali escondido. Não era impossível isso acontecer, porque havia mais do que uma entrada para o parque. E se a carrinha que andara a segui-las estivesse oculta no escuro, atrás dela? Sædís recomendou a si própria que não fosse tola. Claro que não estava. Era uma carrinha normalíssima, com a marca de uma empresa qualquer, pensou. Uma carrinha sem mistério nenhum. A verdade, porém, é que o condutor estava sozinho e tinha baixado a pala de proteção da luz, facto inegavelmente peculiar naquela noite escura de inverno.

Sædís tentou reagir. Porque haveria alguém de começar a segui-la? Era completamente improvável que o homem quisesse roubá-la. Só se fosse completamente cego, ou não tivesse visto a porcaria de carro que ela conduzia, ainda por cima velho. Era mais que óbvio que ela não teria nada que valesse a pena roubar. A não ser que a pala de proteção da luz lhe tivesse bloqueado a visão.

A outra possibilidade era que se tratasse de alguém que quisesse fazer-lhes mal. Sædís acelerou o passo o mais que conseguiu, mas o asfalto estava escorregadio por causa do gelo, o que a impedia de andar mais depressa. Num gesto instintivo, tapou a barriga com as mãos, tentando proteger a criaturinha que ali crescia: era responsabilidade sua evitar que acontecesse alguma coisa ao bebé. Não teria sido preciso especificar esse aspeto no contrato — e, no entanto, havia uma cláusula nesse sentido.

Só lhe faltavam alguns passos para concluir o percurso pelo parque de estacionamento e alcançar as miúdas. Fingindo que não se passava nada, atravessou com elas as portas de vidro, após o que se deteve e se voltou para trás, passando os olhos pelo parque de estacionamento. Não viu nada de estranho; apenas uns quantos carros estacionados no escuro, e a sua lata velha, sozinha, por baixo do candeeiro de rua. A situação precária em que se encontrava tinha levado a imaginação a tomar as rédeas. Tinha mesmo de se acalmar.

Ficou aliviada quando a porta se fechou automaticamente atrás dela. Voltando-se para ir com as miúdas, não chegou a ver uma

pequena carrinha com o emblema de uma companhia de seguros entrar no parque de estacionamento e estacionar no canto mais escuro.

Sábado

HULDAR EMPURROU A PEQUENA LEITEIRA na direção de Ellý, a irmã de Droplaug, que ainda não se tinha servido de café, o que o levou a pensar que talvez quisesse começar pelo leite. Mas a mulher abanou a cabeça, cerrando os lábios. Huldar obteve a mesma reação quando lhe ofereceu uma bolacha, de maneira que já não se incomodou a apontar para o jarro da água. Era evidente que a mulher não queria nada. Era possível que, muito simplesmente, não tivesse sede nem fome, mas ele desconfiava de que a razão não era bem essa; com efeito, Ellý não fizera segredo da sua animosidade em relação à polícia.

Huldar tinha sido encarregado de acompanhar Erla na entrevista a Ellý. Tinha ligado à irmã de Droplaug na véspera à tarde, a pedir-lhe que fosse à esquadra, mas ela recusara-se a fazê-lo: não estava disposta a isso. Só quando Huldar lhe fez ver que, se não fosse voluntariamente, ele a ia buscar com uma ordem de detenção, é que ela cedeu, afirmando que apareceria às oito.

Como seria de esperar, apresentou-se na receção aos cinco minutos para as oito e chegou ao andar indicado às oito em ponto. Huldar foi buscá-la ao andar de baixo e achou o percurso de elevador uma verdadeira tortura: Ellý passou a subida com os olhos fixos no indicador dos andares afixado sobre a porta, de braços firmemente cruzados e blusão apertado até ao pescoço. Não trazia a carteira ao ombro, mas a tiracolo, como que receosa de que Huldar tentasse arrancar-lha e fugir com ela.

Nem ao chegar à sala de reuniões Ellý tinha desapertado o blusão ou pousado a mala. Sentara-se em frente de Huldar e Erla, com as costas muito direitas, aguardando com ar desafiador o que aí vinha. A expressão facial desta mulher era tão agressiva que se tornava

impossível perceber se era parecida com Droplaug; tinha o cabelo louro como a irmã — nas fotografias que dela tinham visto —, mas usava-o mais comprido e sem franja.

Erla deu início à conversa:

— Conhece uma mulher chamada Ólína Traustadóttir?

A pergunta pareceu apanhá-la de surpresa: a expressão inflexível suavizou-se, abriu um pouco mais os olhos e descerrou os lábios. Percebeu-se então que, embora a semelhança com a irmã não fosse demasiado notória, estava presente.

— Hum, sim.

— De onde se conhecem?

— Somos primas. As nossas mães eram irmãs. — Ellý desapertou o botão superior do blusão. — Porque é que está a fazer-me essa pergunta? Aconteceu-lhe alguma coisa? Ela é suspeita de ter feito alguma coisa? Recuso-me a prestar qualquer testemunho contra a minha prima, se é que a vossa ideia é essa. — Voltou a franzir o sobrolho e revirou os olhos. — Claro que a vossa ideia é essa. Era de esperar, as coisas não mudaram nada nesta esquadra.

Erla e Huldar deixaram-na falar. Quando Ellý fez uma pausa para respirar, Erla interveio num tom calmo:

— A Ólína morreu. Foi assassinada.

Parecia que a expressão tempestuosa se tinha dissolvido, escorrendo pela face de Ellý. Huldar não teria ficado surpreendido se visse aparecer em cima da mesa, diante dela, uma pocinha escura.

— O quê?

— Não achou estranho não receber notícias dela durante mais de uma semana?

Huldar teve o cuidado de se exprimir com suavidade.

Ellý não respondeu imediatamente. Parecia estar com dificuldade em absorver a informação, o que era compreensível. De repente, fungou ao de leve e, com um gesto brusco, limpou uma lágrima do canto do olho.

— Não falamos todos os dias, só de vez em quando. Na verdade, tentei ligar-lhe a semana passada, mas ela não me atendeu. Calculei que estivesse fora, em missão. Ela vai muitas vezes... ia... para o estrangeiro fazer fotografias de paisagem, e não atendia o telefone

nem respondia às mensagens. Dizia que lhe perturbava a concentração.

— Estou a ver. — Huldar olhou de relance para Erla e pareceu-lhe que a chefe queria que ele continuasse. — Infelizmente, desta vez não foi por isso que ela não respondeu.

— Então porque foi? Quem é que a matou? Disseram que ela tinha sido assassinada, não disseram?

Erla avançou.

— Exatamente. A Ólína foi assassinada há uma semana, na sexta-feira passada. Foi por isso que a convocámos. Pela análise da lista de chamadas, percebemos que tinham conversado na véspera. Pode dizer-nos qual foi o tema da conversa?

Ellý pegou na caneca e, com a mão a tremer, aproximou-a da bica do termos. Serviu-se de café e voltou a pousar a caneca sobre a mesa, sem ter bebido. Parecia que estava apenas a ganhar tempo.

— Não sei exatamente. Ela disse-me que tinha uma surpresa para mim; ou que esperava ter. — A voz de Ellý vacilou, mas não quebrou.

— Esperava ter? — perguntou Huldar, intrigado. — A ideia era surpreendê-la? O que queria ela dizer?

— Não sei. Disse-me que tinha uma novidade que me faria enormemente feliz. Talvez. Que as coisas se tornariam claras muito em breve. Como não voltou a ligar-me, presumi que essa esperança não se tinha concretizado como ela planeara. Foi por isso que lhe liguei a meio da semana. Estava curiosa, queria saber mais.

— A Ólína não especificou que tipo de notícia tinha para lhe dar?

Erla pegou na caneta, preparando-se para anotar a resposta. Mas foi um gesto vão.

— Não. Nem uma palavra. Perguntei-lhe várias vezes, mas ela recusou-se a dizer-me fosse o que fosse. Só me passou pela cabeça que se tratasse de algum prémio. Que ela tinha ganhado um prémio de fotografia. Ou que tivessem escolhido uma fotografia dela para alguma revista chique.

— Se a surpresa tivesse que ver com o seu êxito como fotógrafa, acha que ela lhe teria dito o que disse? — Huldar repetiu a expressão que Ellý tinha usado. — Porque haveria a Ellý de ficar enormemente feliz com isso? Compreendo que ficasse satisfeita por ela, mas parece-

me um bocado exagerado dizer que teria ficado enormemente feliz.

— Ela era minha prima. Claro que eu ficaria feliz com o sucesso dela.

Erla pousou a caneta.

— Dá-nos licença um minuto?

Fez a pergunta como se Ellý tivesse alguma coisa a dizer sobre o assunto, quando de facto não era assim, evidentemente. Em vez de responder, a mulher limitou-se a dispensá-los com um gesto de mão, como se estivesse a dispersar uma nuvem de mosquitos.

Erla levantou-se e saiu da sala, com Huldar atrás, fechando a porta. Embora a sala de interrogatórios fosse totalmente à prova de som, Huldar baixou a voz, perguntando num murmúrio:

— Estás a pensar o mesmo que eu?

— Sei lá! — replicou Erla, irritada, encostando-se à parede. — Mas acho que esta notícia espetacular tinha que ver com Mía. Não podia ser outra coisa, não achas? Não teria certamente que ver com o estudo de Bríet sobre o sarampo!

Huldar abanou a cabeça.

— Pois não, tens razão. Se calhar, Ólína descobriu que Mía estava viva. Mas é estranho que não tenha revelado imediatamente essa informação. A não ser que o plano dela fosse apoderar-se da miúda; voltar a raptá-la e devolvê-la à tia, por exemplo.

— Não acredito. A miúda não teria ido com ela, mesmo que Ólína lhe tivesse contado a história. Mía pensa que é uma pessoa completamente diferente. E como é que Ólína terá descoberto? As pessoas que raptaram Mía não revelariam o segredo, evidentemente, portanto duvido de que a miúda se tivesse dirigido a Ólína quando ela estava a tirar as fotografias na escola, contando-lhe quem era. A miúda não deve saber de nada.

Huldar fez um esforço de imaginação, tentando pensar quem teria alertado Ólína.

— Teria sido Bríet? Terá ela detetado alguma coisa nos registos médicos que revelasse a verdadeira identidade da miúda? Ela trabalhava no hospital e teve acesso aos registos de vacinação. Com certeza que dizia alguma coisa a Ólína, de quem era amiga de infância e que sabia estar relacionada com Mía.

Erla encolheu os ombros.

— Só Deus sabe. E como raio é que Rögnvaldur veio meter-se nisto tudo? Terá caído aos trambolhões no meio do assunto por total coincidência?

— Não me pergunte a mim.

Tendo passado um minuto ou dois a decidir por onde conduziriam o resto do interrogatório, voltaram a entrar na sala. Ellý não se voltou, e só ergueu os olhos para eles depois de os dois se terem sentado.

Erla avançou para a pergunta seguinte.

— Conhece uma Bríet Hannesdóttir?

— A Bríet? Conheço-a, mas mal. É uma amiga de infância da Ólína. Vimo-nos algumas vezes quando éramos mais novas, mas há pelo menos dez anos que não a vejo nem sei nada dela. Elas separaram-se no fim do secundário, como acontece muitas vezes, porque foram para escolas diferentes. — Ellý fez uma pausa, e a seguir prosseguiu. — O que tem ela a ver com isto?

Em vez de responder à pergunta, Erla avançou.

— Estamos convencidos de que a notícia inesperada que a Ólína lhe queria dar não tem nada que ver com a fotografia. Estamos convencidos de que ela se referia a uma coisa totalmente diferente.

— Como por exemplo? — A expressão de Ellý irradiava uma curiosidade genuína.

Erla e Huldar trocaram um olhar antes de Erla responder:

— Quando o corpo da Ólína foi encontrado, detetámos a presença do ADN de uma pessoa não identificada. Essa amostra foi enviada para análise e foi assim que identificámos a pessoa. — Erla calou-se um momento, engoliu em seco e depois prosseguiu. — Os resultados indicam que o ADN pertence à sua sobrinha, Mía.

Ellý franziu o sobrolho, após o que levou uma mão à gola do blusão, que apertou firmemente.

— Quer dizer que encontraram o corpo dela.

Huldar olhou-a de frente sem pestanejar.

— Não. O ADN é de uma pessoa viva.

Ellý apertou ainda mais a gola do blusão, ficando com os nós dos dedos brancos, a ponto de Huldar temer que ela arrancasse mesmo o tecido. Mas a costura aguentou-se. Com uma voz progressivamente

enrouquecida, perguntou:

— A Mía está viva? Onde?

— Tem filhos? — perguntou Huldar.

— Tenho. Dois. — Por esta altura, estava com uma voz tão carregada, que parecia uma operária de uma fábrica de amianto.

— Com que idades e de que sexo?

Erla voltou a pegar na caneta. Os dois polícias estavam a representar, querendo convencer Ellý de que não sabiam nada sobre os filhos dela. Na verdade, porém, tinham feito um levantamento na véspera, descobrindo que ela tinha um filho de dez anos e uma filha de doze. As perguntas visavam permitir-lhes observar as reações da mulher, na esperança de perceberem se havia alguma hipótese de a filha dela ser Mía.

Ellý apercebeu-se imediatamente do truque.

— Esperem lá. Estão a pensar que a Mía está comigo? Que um dos meus filhos é a Mía? Que fui eu que a roubei? Estão completamente loucos?

Erla continuava de caneta em punho.

— Com que idades e de que sexo, por favor?

Ellý começou a ficar visivelmente irritada. Quando saísse daquela sala, estaria certamente mais batida que um filete de bacalhau seco com a montanha-russa de emoções que esta conversa teria suscitado nela.

— Vão ver ao Google — respondeu, furiosa. — Vocês são polícias, porra. De certeza que têm acesso ao Registo Nacional. Mas nenhum dos meus filhos é a Mía, seus canalhas idiotas.

Tanto Huldar como Erla eram imunes a este tipo de insultos. A pergunta seguinte tinha como objetivo aplacar a mulher.

— Faz alguma ideia do possível paradeiro da Mía? Ou de quem a terá raptado? — perguntou Huldar.

A intervenção teve o efeito desejado: Ellý acalmou-se um pouco.

— Isto tem piada. Na altura em que a coisa aconteceu, quando eu tentei dizer-vos que a minha irmã nunca faria mal à Mía, quase me expulsaram a pontapé. E agora que parece que era eu quem tinha razão, têm a lata de me vir pedir ajuda.

Huldar prosseguiu:

— Não estamos a pedir-lhe que vá à procura dela. Só queremos saber se lhe ocorre alguém. Alguém que soubesse da existência da Mía e que pudesse tê-la raptado. É só isso.

Ellý não levou tempo algum a refletir.

— Não. Não consigo pensar absolutamente em ninguém capaz de roubar o filho de outra pessoa. — Calou-se um momento e a seguir prosseguiu, agora em tom sarcástico: — Bem, excetuando o Númi e o Stefán, claro, que roubaram a Mía à Droplaug quando ela nasceu. Quem sabe se não seriam capazes de voltar a fazer a mesma coisa. Não me perguntem porquê. Eu não percebo aqueles homens. Mas dou-vos um conselho: quando entrarem no Registo Nacional, procurem o nome deles. Não sei se já repararam que eles têm uma filha da idade da Mía.

E, dizendo isto, recostou-se com uma expressão de triunfo.

— A filha deles não é a Mía. É uma criança adotada. — Huldar inspirou fundo. — Quer dizer que não faz ideia nenhuma de quem poderá ter sido?

Ellý endireitou-se. Estava intensamente corada, mas a verdade é que o blusão devia estar a fazer-lhe imenso calor. Sem levantar os olhos do tampo da mesa, começou a falar, mas o que disse não era uma resposta à pergunta de Huldar.

— Eles não são boas pessoas. Sabiam que a Droplaug e o Númi eram grandes amigos? Amigos de infância. Foi por isso que ela fez aquilo. Quis ajudar o seu melhor amigo. E o que fez o Númi? Virou-lhe as costas assim que ele e o Stefán deixaram de precisar dela. Fechou-lhe a porta na cara. Literalmente. A Droplaug não recebeu um tostão deles, se é que tal coisa vos passou pela cabeça. Estava a fazer o maior favor que se pode pedir a alguém, e estava a fazê-lo ao maior amigo dela, mas ele recusou-se a levantar um dedo para a ajudar. A partir do mês da Mía, nem sequer a deixavam vê-la. Mas ela teria aceitado.

Ellý fixou o olhar na barriga de Erla.

— Você devia perceber o que isto significa. A loucura que é ter um filho e entregá-lo a outra pessoa.

Erla não reagiu.

— A maternidade de substituição é ilegal na Islândia. Não é por

acaso.

Ellý não se deixou embarçar pela observação.

— Maternidade de substituição! Deviam chamar-lhe outra coisa qualquer. Não se pede à mulher que seja mãe. É precisamente o contrário. Uma mulher não é mãe durante a gravidez. Torna-se mãe quando a criança nasce, que é precisamente quando termina o papel da mãe de substituição. — A raiva escorria-lhe de cada palavra. — Deviam chamar-lhes barrigas de aluguer; ou, como no caso de Droplaug, entregas sem pagar.

Huldar achou que aquela conversa não estava a levar a lado nenhum e percebeu instintivamente que, a partir de agora, não conseguiriam arrancar grande coisa a esta mulher. Já tinha visto inúmeras pessoas sentadas na mesma cadeira que ela aquecia naquele momento e, de uma maneira geral, conseguia identificar aquelas que tinham alguma coisa a esconder ou que estavam a mentir com quantos dentes tinham. Ellý não estava a ocultar coisa alguma, nem lhe parecia, a ele, Huldar, que ela tivesse algum peso na consciência. Era irmã da Droplaug e, na altura, assistira a tudo a uma certa distância, tentando ajudá-la — mais nada. Não tinham qualquer razão para a manter ali.

Erla tinha obviamente chegado à mesma conclusão.

— Se lhe ocorrer alguma coisa, peço-lhe por favor que não deixe de entrar em contacto connosco. Para já, parece-me que é tudo.

Mas esta mulher, que inicialmente se recusara a deslocar-se à esquadra, não se queria ir já embora.

— E a morte da Droplaug? Não vão voltar a investigá-la? Tendo em consideração que lixaram por completo a investigação ao desaparecimento da Mía, o mais provável é que as conclusões que tiraram no caso da Droplaug também estejam erradas. A minha irmã não era do tipo de se suicidar. Não me digam que não vão reabrir o caso.

Foi Huldar quem respondeu.

— Os resultados da autópsia e outros aspetos relacionados com a morte dela estão a ser revistos. Mas duvido muito de que isso traga grandes alterações.

E calou-se, pousando as palmas das mãos na borda da mesa, dando

a entender que se preparava para se levantar.

Contudo, o gesto não teve qualquer efeito em Ellý.

— Quando a Mía aparecer, quem é que vai ficar com ela?

A pergunta apanhou-os aos dois de surpresa. Mas, como era geralmente preferível fazer nestas circunstâncias, Erla recorreu à verdade.

— Não somos nós que tomamos essa decisão. Mas calculo que será entregue ao Stefán e ao Númi. Eles são os pais legais da criança, por muito que a sua opinião sobre eles não seja a mais favorável.

Ellý ficou uns momentos calada, torcendo a tira da mala.

— Vou pedir que ela me seja entregue. Eles já têm outra filha e, de qualquer maneira, andam outra vez a fazer traulhices com a porcaria da maternidade de substituição.

— O quê? — Huldar ergueu as mãos do tampo da mesa. — O que é que isso quer dizer?

A expressão de Ellý animou-se. Tinha finalmente conseguido desconcertá-los.

— Tenho uma amiga que trabalha no Hospital Nacional e que viu o Númi com uma rapariga grávida, à espera de fazer uma ecografia. Uma rapariga muito jovem, pouco mais que uma criança. Ele não tem irmãs mais novas. Isso eu sei. E parece-me razoável pensar que também não tem uma namorada por fora. Dito isto, o que vos parece que aquilo é?

Nem Erla nem Huldar responderam. Não era preciso.

Erla levantou-se com esforço.

— Muito bem. Obrigada por ter vindo falar connosco. Voltaremos a dar notícias.

Reconhecendo finalmente que não valia a pena continuar ali sentada, Ellý também se levantou, e Huldar foi acompanhá-la até ao elevador. A mulher continuava tão pouco comunicativa como à chegada, só que, desta vez, ele percebeu pelo canto do olho que as lágrimas lhe corriam pela cara abaixo; mas fingiu que não tinha reparado. Quando as portas do elevador se abriram, a irmã de Droplaug entrou na cabina sem olhar para ele nem dizer palavra. Huldar ficou a vê-la avançar pesadamente pelo pavimento coberto de gelo, após o que atravessou a rua e desapareceu da vista naquela

manhã de céu carregado.

ESTAVAM DUAS MALAS POUSADAS NO CHÃO, à porta da sala de interrogatórios: uma mala mais pequena, de cabine, e uma mala grande, que dava a impressão de estar a rebentar pelas costuras. Freyja sabia que eram ambas de Andrea Logadóttir, que tinha regressado ao país nesse dia de manhã. À sua espera no aeroporto de Keflavík estava um carro da polícia, que a tinha levado diretamente para a esquadra. Chegara mais tarde do que o esperado, dado que o voo se tinha atrasado, e os funcionários da alfândega tinham-lhe visto a bagagem à lupa. Não era de espantar que o fedor a patchuli, misturado com outro odor hippy que Freyja associava a pauzinhos de incenso, se fizesse sentir num raio de um quilómetro.

Graças a este atraso, Freyja tinha conseguido ter um vislumbre de Andrea à sua chegada. A jovem envergava um blusão comprido e volumoso, por cima de um vestuário totalmente inadequado ao inverno islandês: umas calças largas de fantasia em algodão fino que se agitavam em volta dos tornozelos, e peúgas com sandálias — duas coisas que não combinavam em lado nenhum, nem no país quente de onde ela vinha nem na Islândia. O mesmo se podia dizer, de certa maneira, sobre a própria Andrea, com o seu belo bronzado e o seu aspeto estival, enfiada num blusão de inverno que lhe dava pelos joelhos.

Além disso, via-se mesmo que andava a viajar há muito tempo: tinha a roupa cheia de vincos, as elegantes feições marcadas pelo cansaço, e o cabelo, que lhe dava pelos ombros, tão cheio de eletricidade estática que parecia uma auréola em volta da cabeça; em suma, apresentava aquele ar desgrenhado e fatigado que tem qualquer pessoa depois de um voo de longo curso. O facto de ter sido informada do desaparecimento de Bríet assim que emergira na zona de chegadas do aeroporto também não devia ter ajudado nada. O bem-estar e a

energia de que tinha ido à procura no retiro de ioga deviam ter-se evaporado num instante. Finalmente, aquilo que tinha para dizer na entrevista contribuiria certamente em muito para desfazer todo o bem que o voto de silêncio lhe granjeara. Seria melhor ter ficado em casa, sempre poupava na despesa e tinha evitado o cansaço da viagem.

Freyja olhou para a porta fechada da sala de interrogatórios, resistindo à tentação de encostar um ouvido à madeira. Ainda não tinha falado com ninguém desde que se fora embora na véspera à tarde, pelo que não sabia se havia novidades. Se não estivesse a cuidar de Saga, teria aparecido mais cedo, desejosa de não perder pitada dos acontecimentos. Mas tivera de esperar que fossem horas para ligar às amigas a perguntar se alguma podia tomar conta da miúda, ciente de que as hipóteses de receber uma resposta positiva aumentariam muito se não as arrancasse da cama. A tática tinha compensado: com dois telefonemas conseguira despachar a sobrinha. E Saga não opusera qualquer resistência: a amiga em questão tinha dois gatos, que eram demasiado gordos para conseguirem fugir. A miúda não lhes faria mal; só queria afagá-los e pegar neles ao colo — uma façanha quase impossível para uma criança tão pequena, dado o peso dos animais. Mas pelo menos era um desafio, que impediria que ela se entediasse. Além disso, Freyja esperava que Baldur regressasse a seguir ao almoço, desejavelmente antes de os gatos se fartarem das festas da miúda — que tanto podiam ser no sentido do pelo, como ao contrário — e de Saga lhes erguer as patas da frente e os obrigar a esticarem-se todos.

Olhar para uma porta fechada não era solução para coisa nenhuma. A porta continuava na mesma posição. Huldar tinha prometido a Freyja contar-lhe as novidades assim que ele e a chefe acabassem de interrogar Andrea, mas Freyja, na sua impaciência, receava que Huldar se esquecesse da promessa. Teria mesmo de se resignar a esperar — coisa que era mais fácil dizer que fazer.

Freyja viu chegar uma funcionária do departamento informático, que conhecia por ser a que a tinha ajudado a criar um ID depois de ser contratada. A colega avançou a passos largos para o gabinete de Erla, mas virou costas com uma expressão aborrecida quando percebeu que a chefe não estava. Freyja avançou rapidamente, no intuito de tentar

interceptar a colega antes de ela se ir embora, e tocou-lhe ao de leve no ombro, sorrindo-lhe quando a outra se voltou. Contudo, em vez de corresponder ao sorriso, a mulher mostrou-se estranhamente evasiva, como se fosse o fim do mês, Freyja fosse a senhoria, e ela a inquilina sem dinheiro para pagar a renda.

— Olá, não quero demorar-te — disse Freyja simpaticamente. — Mas queria falar contigo por causa de um pequeno mal-entendido que preciso de resolver.

— Ah, sim?

A colega continuava a mostrar-se relutante em ter aquela conversa.

— Segundo me disseram, há a suspeita de eu ter entrado no Sistema de Informações por motivos pessoais; por curiosidade, ou coisa que o valha. — Ao dizer isto, Freyja notou que a mulher arrastava os pés e evitava olhar para ela de frente. — Eu não fiz nada disso. Portanto, gostava que me confirmasses que se trata de um engano monumental. Parece que é uma coisa que os chefes levam muito a sério e queria que este mal-entendido ficasse resolvido antes de ir mais longe.

A mulher olhou para além de Freyja, como se estivesse a falar com uma pessoa que estava atrás dela.

— Infelizmente, não posso ajudar-te.

Que coisa irritante.

— Então quem é que pode? — perguntou Freyja. — Não é na informática que gerem o mapa dos acessos?

— Somos nós, de facto. O problema é que, de acordo com os nossos registos, tu entraste de facto no Sistema de Informações para fazer uma busca que não tem que ver com nenhum caso. Eu vi esse movimento com os meus olhos. Por isso, não há mal-entendido nenhum a corrigir. — A colega continuava a olhar para trás de Freyja. — Está tudo registado. Tu entraste no sistema para ver informações sobre o teu irmão. Isso vai contra as regras e vais ter de arcar com as consequências. O departamento informático não tem nada que ver com esse lado da coisa; a nossa função é apenas monitorizar a forma como o sistema é utilizado.

— Espera aí um bocadinho. O meu irmão? Estás a dizer-me que eu fui procurar informações sobre o Baldur? Mas porque haveria eu de

fazer semelhante coisa? — Freyja estava espantada. Tivera a expectativa de resolver o mal-entendido com aquela conversa e riscar o assunto da sua lista mental de tarefas, e ficou completamente espantada. — Eu nem sequer tenho os dados para entrar — protestou. — E nunca entrei no sistema. Os vossos registos estão errados.

— Os nossos registos não estão errados, e tu tens os dados de acesso, fui eu própria que os criei. — A mulher estendeu a mão para a maçaneta da porta. — Não sei o que te hei de dizer. Vais ter de assumir a responsabilidade pelo erro que cometeste e pronto. Se calhar, houve alguém que se esqueceu de te explicar as regras. Eu sei lá. Mas os registos não mentem. Tu entraste no sistema.

— Mas não entrei! — Freyja ainda pensou em bloquear a porta com o pé, para impedir a colega de se ir embora, mas isso não daria bom resultado. — Não duvido de que tenhas criado um acesso em meu nome, mas o facto é que ele nunca me chegou às mãos. Nem em papel nem por email.

— Fala com o teu chefe direto. Foi a ele que eu mandei os dados. — A mulher abriu a porta. Porém, em vez de se ir imediatamente embora, teve pena de Freyja e, debruçando-se, falou-lhe ao ouvido. — Se alguém entrou no sistema com os teus dados, não seria a primeira vez.

Assim que acabou de dizer aquilo, foi-se embora.

Huldar voltou-se para Freyja antes de tocar à campainha.

— Tens a certeza de que não se passa nada?

Freyja obrigou-se a sorrir.

— Tenho. Não se passa mesmo nada.

Tinha decidido não revelar a ninguém a conversa que tinha tido com a colega da informática, pelo menos até terminar o fim de semana. Os colegas já tinham muito com que se entreter; e Huldar também. Mas tinha mesmo de resolver aquele assunto com o seu chefe direto, a quem haviam sido enviados os seus dados de acesso. Freyja tinha passado revista à sua caixa de correio à procura de uma notificação, mas em vão; a seguir, tinha enviado um email ao chefe, a perguntar o que se passava. O chefe receberia o email na segunda-

feira de manhã e, até essa altura, Freyja teria de transferir aquele problema para segundo plano.

Pelo caminho, tinha pedido a Huldar que lhe desse notícias de Andrea. Huldar contou-lhe que o depoimento da recém-chegada em nada tinha alterado, em substância, o que eles já sabiam. Andrea tinha tido um encontro com Rögnvaldur e confirmou que ele estava a tentar aceder ao registo de vacinação. Afirmou que o homem era capaz de tudo, e agradecia ter conseguido escapar ilesa ao encontro que tivera com ele no café: Rögnvaldur tivera uma reação tão negativa quando ela se recusara a satisfazer o seu pedido, que Andrea nem queria imaginar o que poderia ter acontecido se não estivessem num local público.

Andrea tinha falado pela última vez com Bríet na sexta-feira anterior à sua partida. Tinham tido uma sessão de trabalho sobre a dissertação no apartamento de Bríet, que acabara pelas cinco da tarde. A princípio, Andrea tinha declarado que Bríet estava perfeitamente normal; com o decorrer da conversa, porém, acabara por corrigir esta afirmação, dizendo que, na verdade, Bríet lhe tinha parecido estranhamente excitada. Estava à espera de uma amiga, Ólína, que Andrea só conhecia de nome, que tinha combinado ir lá a casa ao fim do dia. Andrea também tinha confirmado que Bríet e Ólína tinham estado em contacto uma com a outra nas semanas que haviam antecedido o desaparecimento de Bríet, mas que, antes disso, nunca a tinha ouvido falar de Ólína.

A única surpresa daquela conversa dizia respeito ao estudo sobre vacinação que Andrea e Bríet estavam a fazer. A jovem tinha-lhes explicado que não havia maneira nenhuma de o registo poder ser utilizado para localizar a pessoa que tinha infetado a filha de Rögnvaldur e Aldís, mesmo presumindo que o indivíduo em questão fosse uma criança que constasse da base de dados. Eram muitas as crianças que não tinham recebido a vacina contra o sarampo, a maioria por razões válidas, algumas por desleixo por parte dos pais ou devido à ideia absurda de que a vacina seria um risco para elas. Andrea garantiu-lhes ainda que nem ela nem Bríet tinham jamais conversado com qualquer criança ou feito qualquer tentativa nesse sentido. E disse que a diretora da escola que afirmava que Bríet se

tinha deslocado ao seu estabelecimento por motivos relacionados com o estudo devia estar enganada. O projeto não incluía, nem nunca tinha incluído, nada que se parecesse com isso, e nem era possível fazê-lo — e isto tanto se aplicava às crianças que não tinham sido vacinadas como às crianças do grupo de controlo.

Huldar acrescentou ainda que, embora Andrea tivesse ficado espantada com a pergunta, ela lhes tinha dito que não havia nada no registo que permitisse revelar a hereditariedade de uma criança, ou a sua relação fosse com quem fosse. Além disso, nunca tinha ouvido Bríet referir-se a Mía, embora se lembrasse de ouvir falar do desaparecimento do bebé na altura em que isso tinha acontecido.

Tanto quanto Huldar se lembrava, a conversa com Andrea não tinha produzido mais nenhum dado interessante.

— Estás pronta? — Ele tinha o dedo em cima da campainha da porta. — És tu que vais fazer a entrevista. Eu sou apenas o guarda-costas. — E mirou-a de cima a baixo com ar apreciador, antes de lhe piscar o olho. — Aproveito para recordar que também forneço serviços de guarda-costas fora das horas de serviço. Do género final feliz. Ao domicílio.

— Bolas, Huldar. Não estamos propriamente no sítio ideal para ter essa conversa.

Na verdade, Freyja não teria ficado incomodada com o ridículo avanço se estivessem os dois noutro sítio qualquer; mas estavam no vestíbulo da entrada do prédio de Rögnvaldur e Aldís. Erla tinha-os mandado conversar com Aldís, que tivera alta do hospital psiquiátrico na véspera ao fim da tarde, a seu pedido. A chefe esperava que eles conseguissem arrancar alguma coisa à mulher de Rögnvaldur, agora que ela se encontrava num estado mental mais aceitável. Freyja anuira, embora duvidasse de que Aldís viesse a mostrar-se mais acessível. Ainda assim, estava disposta a tentar. Nenhum membro da equipa podia ignorar que era vital encontrarem Rögnvaldur, morto ou vivo. E o facto é que Aldís tinha, pelo menos, aceitado recebê-los quando Erla lhe ligara.

— Vá lá, avança — disse ela. — Toca à campainha... guarda-costas.

Huldar assim fez e, felizmente, não aproveitou a oportunidade para

lhe dizer que também gostaria de tocar à campainha dela.

Enquanto esperavam que Aldís respondesse no intercomunicador, ouviram um zumbido na porta e só a rapidez de reação de Huldar os salvou de terem de tocar novamente. O mais provável é que Aldís não estivesse particularmente interessada em saber se eles entravam ou não.

Mas abriu rapidamente a porta depois de Huldar bater, ficando a olhar para eles em silêncio do lado de dentro, sem os cumprimentar. Parecia um pouco melhor que da última vez que Freyja a tinha visto, mas não muito: continuava com os olhos afundados e os ombros descaídos; mas, pelo menos, tinha o cabelo lavado e estava vestida em condições.

Sempre sem dizer palavra, Aldís virou costas e afastou-se da porta, aparentemente presumindo que eles a seguiriam. Havia pouca luz no interior do apartamento, que tinha os candeeiros apagados e as cortinas corridas. Nada parecia ter mudado desde quarta-feira, o dia em que a polícia ali havia entrado. Passaram pela sala de estar, que continuava uma confusão, com quadros e cacos de uma jarra partida pelo chão, papéis e canetas espalhados por toda a parte. A grande diferença era que a parede que estivera coberta com a tabela de Rögnvaldur estava agora vazia, restando apenas, como vestígios do esforço, um ou outro bocado de fita-cola de dupla face.

Antes de se sentar, Freyja afastou uma tesoura que estava em cima do sofá. Huldar tomou o lugar ao lado do dela, depois de afastar uns papéis. Aldís optou por uma poltrona em frente de ambos, sem se incomodar a tirar a folha de papel que havia sobre o assento.

Não era uma casa onde apetecesse estar.

— Como está, Aldís? — perguntou Freyja.

A mulher olhou-a nos olhos.

— Absolutamente fantástica. Nunca me tinha sentido tão bem.

Freyja sorriu-lhe ao de leve. O facto de ela ser capaz de se exprimir num tom sarcástico era bom sinal. Dava a entender que o tempo que havia passado no hospital psiquiátrico tivera um efeito benéfico. Aldís não se mostrava tão passiva como da última vez em que Freyja a vira; se estava a tomar alguma medicação, era certamente melhor do que a que tomava anteriormente; ou, pelo menos, estava a tomar a dose

indicada. Anteriormente, a mulher estava de tal maneira drogada que era quase impossível conversar com ela; talvez, agora que estava em melhores condições, acabasse por se abrir com eles.

— Duvido muito. Como sabe, andamos à procura do Rögnvaldur. Não há sinais dele desde quarta-feira e seria melhor para ambos que ele aparecesse o mais depressa possível. Está prevista uma tempestade para o fim do dia e, andando na rua com este tempo, ele corre sérios riscos.

Aldís baixou os olhos.

— Não faço ideia nenhuma de onde ele esteja. Já lhes disse. Se soubesse, dizia-vos.

— A Aldís é a pessoa que melhor o conhece. Talvez não saiba exatamente onde ele está, mas pode dizer-nos aonde acha que ele pode ter ido.

A mulher ficou uns momentos calada, após o que fixou os olhos na parede nua que ficava por trás de Freyja e Huldar, ao mesmo tempo que mordida o lábio inferior.

— Calculo que não seja segredo para vocês que ele anda à procura da pessoa que poderá ter infetado a Íris.

Freyja olhou de relance para Huldar, que acenou a cabeça num gesto quase impercetível, assinalando que ela estava no bom caminho; depois, voltou-se novamente para a imagem da dor que tinha diante de si.

— A Aldís viu-o trabalhar naquela tabela; calculo que tenha uma ideia da pessoa que ele julga ser o principal suspeito. Ou pelo menos do local onde ele achava que a infeção teria ocorrido. Consegue lembrar-se disso? — Freyja tirou o telemóvel do bolso e abriu uma fotografia da tabela, que tinha tirado enquanto o resto da equipa procedia a buscas no apartamento. — Se a ajudar a recordar-se, tenho aqui uma fotografia da parede antes de termos arrancado o que lá estava.

Aldís olhou rapidamente para a fotografia, mas desviou os olhos, focando-os nas cortinas.

— Não me parece que houvesse ali alguma coisa que o ajudasse a encontrar a pessoa que a tinha infetado.

— Porque diz isso? — interveio Huldar.

Aldís devolveu o telemóvel a Freyja, comportando-se como se não tivesse ouvido a pergunta. Na verdade, comportava-se como se Huldar ali não estivesse: não olhava para ele, mas apenas, e sempre, para Freyja.

— É que... não é aquela tabela que vos vai ajudar a encontrar o Rögnvaldur.

Freyja pegou no seu telemóvel e voltou a olhar para a fotografia — que tinha imprimido quando regressara à esquadra, para compreender o significado da tabela. Não fora difícil, e uma breve pesquisa online sobre o prazo e o percurso da infeção do sarampo dera a entender o resto.

— Está a querer dizer-me que não era o que ali estava que explicava a infeção?

— Sim, é mais ou menos isso.

Freyja continuava a olhar fixamente para a fotografia.

— Se bem percebo, os espaços relativos aos dias em que é mais provável que Íris tenha sido infetada estão preenchidos. Pelo que vejo, ela passou esses dias quase sempre em casa, consigo, com o Rögnvaldur ou com ambos. Se não foi infetada durante as poucas saídas de casa que aparecem aqui, como é que lhe parece que a coisa terá acontecido?

Fez-se um silêncio pesado naquela sala de estar, só interrompido quando Aldís fungou. O movimento foi tão discreto que Freyja não teve a certeza do que estava a ver, mas pareceu-lhe detetar uma lágrima correndo pela cara da mulher abaixo.

Aldís endireitou as costas.

— Eu menti-lhe.

Freyja hesitou antes de lhe pedir que se explicasse, receosa de que a sua interlocutora se fechasse novamente na sua concha. Mas depois decidiu avançar, no tom mais suave de que era capaz e tendo o máximo cuidado em ocultar a excitação que sentia.

— Todos dizemos uma mentira ou outra de vez em quando, Aldís. Por vezes, fazemo-lo para manter a paz. Ou para não magoar outra pessoa. Não sei que mentira é essa que disse, mas, se está a pesar-lhe, vai sentir-se melhor se a partilhar connosco. Calculo que, de qualquer maneira, ela teria de vir à luz mais cedo ou mais tarde.

Aldís ergueu os olhos para Freyja e, por esta altura, nem o escuro conseguia ocultar as lágrimas que lhe corriam pelas faces.

— A Íris participou num concurso de poesia de crianças da Biblioteca Municipal. E ficou felicíssima quando recebeu a carta a comunicar-lhe que tinha ganhado um prémio. Quando lhe dissemos que não podia ir recebê-lo pessoalmente, foi o fim do mundo para ela: chorou dias a fio, e o facto de o pai lhe repetir constantemente que a cerimónia não seria nada de especial ainda piorou mais as coisas. Os comentários do Rögnvaldur foram sem sensibilidade e por pouco não lhe estragava completamente a alegria. Para a Íris, aquilo era tão importante como o Prémio Nobel da Literatura. Ao dizer-lhe que a cerimónia não tinha importância nenhuma, ele estava a tirar importância ao que ela conquistara. Por fim, acabou por recuar e por lhe pedir desculpa, mas continuou a proibir que ela saísse de casa. De nada lhe valeu suplicar a bem, nem protestar, nem mesmo gritar.

Aldís fez uma pausa breve, para limpar as lágrimas. Depois, tendo recuperado um pouco a compostura, prosseguiu.

— E o que é que eu fiz? Cedi. Ela queria tanto ir que eu achei que não fazia mal. — Calou-se um momento para inspirar fundo, angustiada, e fechou os olhos, mas sem conseguir conter as lágrimas. — Como o Rögnvaldur estava a trabalhar a meio tempo na empresa, era mais fácil para ele ser rigoroso. Mas eu estava o dia inteiro com a Íris. Por isso, contrariando tudo aquilo que tínhamos decidido, resolvi deixá-la ir receber o prémio. A cerimónia era à tarde, enquanto ele estava no emprego, portanto combinámos as duas dizer-lhe que o certificado do prémio tinha sido enviado pelo correio. A Íris prometeu não contar nada ao pai. Eu expliquei-lhe que era uma aventura só nossa, e que lhe contaríamos mais tarde, quando se tornasse evidente que não tinha tido mal nenhum. Só que não foi isso que aconteceu. A história acabou mal.

— Percebo. — Freyja absorvia as implicações das palavras de Aldís. Não era de espantar que ela estivesse naquele estado. Este segredo era a origem da sua tortura. — Mas a Aldís não tinha possibilidade de prever o que acabou por acontecer.

Aldís soltou uma pequena gargalhada seca, totalmente desprovida de alegria.

— Pelo contrário, tinha. Infelizmente, não posso consolar-me dizendo a mim própria que a culpa não foi minha. Eu sabia tão bem como o Rögnvaldur que, depois de ter feito o transplante de medula e enquanto não apanhasse os reforços das vacinas, a Íris não podia estar no meio de muita gente. Só que achei que não ia acontecer nada. Ela já tinha perdido tanta coisa que eu só queria vê-la feliz. E era tão fácil. Além disso, não levaria tempo nenhum: aparecíamos mesmo para a entrega do prémio. Só que a Íris estava tão feliz que começou a conversar com as outras crianças que também tinham recebido prémios. E, como ela tinha passado tanto tempo isolada e gostava muito de conversar, eu não tive coragem de a arrancar dali e voltar imediatamente para casa, ao contrário do que tínhamos acordado. Acabámos por ficar mais tempo do que eu tinha planeado e eu deixei-a estar com as outras crianças. Não sei o que me passou pela cabeça.

Freyja observou a mulher que tinha à sua frente, cheia de compaixão.

— Quer dizer que não disse nada ao Rögnvaldur quando o viu trabalhar na tabela?

— Não. Não fui capaz. Já me sentia horrivelmente, sabendo que a doença e a morte da Íris tinham sido, quase de certeza, por minha culpa. Por isso menti-lhe. Menti-lhe a ele, menti aos médicos e menti ao representante do gabinete de epidemiologia. E depois já não era possível voltar atrás. Devia ter contado ao Rögnvaldur assim que ela adoeceu. Mas esse dia passou, e o seguinte, e o outro a seguir, e depois era tarde.

— Em que dia decorreu a entrega do prémio, Aldís? Tem a certeza absoluta de que foi nesse dia que a Íris contraiu a infeção? — perguntou Freyja, sentindo-se movida a tentar reduzir aquela sensação de culpa.

— Foi numa quinta-feira. Da semana durante a qual é quase certo que ela contraiu a infeção. Num dos três dias que o epidemiologista considerava mais prováveis. Nos outros dois dias, não saímos de casa. Por isso, sim, tenho praticamente a certeza de que foi nessa altura que aconteceu.

A pergunta seguinte foi feita por Huldar:

— Tirou fotografias da cerimónia, Aldís?

Ela acenou a cabeça.

— Tirei. Apaguei-as do meu telemóvel e carreguei-as na nuvem, para o Rögnvaldur não as encontrar. Ele quase nunca lá vai. A ideia era mostrar-lhas mais tarde, quando tudo tivesse terminado e a Íris estivesse recuperada. Só que ela adoeceu e, depois disso, eu tinha mais em que pensar. Nem sequer me lembro bem se não acabei por apagá-las. São as últimas fotografias que tenho dela a viver a vida como uma criança normal. Como teria feito mais tarde, se eu tivesse sido mais rigorosa.

— Podemos ver essas fotografias?

Huldar estava a conseguir ocultar a excitação, mas Freyja conhecia-o bem: os músculos tensos, o brilho dos olhos, o pulsar da veia no pescoço, eram tudo sinais reveladores. Embora as circunstâncias fossem completamente diferentes, era a mesma expressão que ela lhe observava quando o tinha dentro de si, prestes a chegar à meta.

Aldís moveu-se ligeiramente, levou a mão ao bolso de trás das costas e tirou o telemóvel do bolso. Clicou várias vezes no ecrã e a seguir estendeu-lhes o aparelho.

— Está ligado ao ficheiro que está na nuvem. Se quiserem vê-las todas, é só irem descendo.

Freyja permitiu que Huldar pegasse no telemóvel, controlando o impulso de o arrancar das mãos da mulher, e debruçou-se sobre ele para ver o ecrã.

Apareceram-lhes três meninas e um rapaz, posando para a fotografia, todos com sorrisos de orelha a orelha, tendo nas mãos uns ramos de flores um bocado tristonhas e uns certificados com letras floreadas. Atrás deles, viam-se mais crianças e umas quantas estantes.

Freyja apontou para uma das meninas.

— Eu sei quem é esta, Huldar. É uma amiga da filha de Stefán e Númi. Acho que se chama Rós, ou Rósa.

Ele acenou com a cabeça e passou à fotografia seguinte, que era de Íris com Rós, ou Rósa, sorrindo, as cabeças a tocarem-se. Rósa tinha formado um coração com os indicadores e os polegares, que apresentava diante do nariz e da boca de Íris.

Estava identificada a portadora da infeção.

HULDAR REPAROU que Freyja tinha olhado para o telemóvel pela terceira vez desde que começara a reunião com Erla. Ele sabia que Saga tinha ficado com uma amiga dela e presumiu que Freyja tivesse de ir buscá-la dentro em breve. Erla não pareceu aperceber-se do gesto, embora não estivesse muito mais gente na sala de reuniões.

A despeito de estarem a meio de uma investigação, nem todos os membros da equipa tinham ido trabalhar. Fora necessário dar folga a alguns deles no fim de semana, em especial os que tinham ficado a fazer horas extraordinárias todos os dias desde segunda-feira, o dia em que os restos mortais de Ólína haviam sido encontrados no porta-bagagens do carro. Huldar era um deles, evidentemente, mas tal não o impedira de ir trabalhar: não lhe passava pela cabeça ficar em casa a ver futebol inglês na televisão, enquanto a chefe, já muito grávida, estava na esquadra, a trabalhar que nem uma louca e com os nervos à flor da pele. Huldar não era assim. Haveria outro fim de semana dentro de poucos dias e aquele não seria certamente o último jogo de futebol a ser transmitido na televisão; pelo contrário, na semana seguinte viria mais uma série de equipas, constituídas por jogadores com salários igualmente milionários.

— E tens a certeza de que o Rögnvaldur viu estas fotografias?

A pergunta de Erla era dirigida ao técnico informático que tinha ficado encarregado de analisar os dados da nuvem de Rögnvaldur e Aldís, para verificar se o pai teria sabido da existência das fotografias, e portanto da cerimónia do prémio.

— Sim. Absoluta. Houve um acesso à nuvem na quinta-feira à noite, no período em que ele entrou na Internet. Estas fotografias foram abertas e é de presumir que tenham sido vistas. Não posso provar quem fez este acesso, evidentemente, mas a resposta mais provável, de longe, é que tenha sido ele. Quando falei com a mulher

para me dar os dados da nuvem, ela disse-me que eles eram os únicos utilizadores e que mais ninguém sabia da sua existência.

Erla digeriu esta informação antes de prosseguir:

— Nesse caso, podemos presumir que Rögnvaldur está convencido de que encontrou a portadora do vírus. Nenhuma das outras crianças pode ser posta de lado, mas, pelas fotografias, dá a impressão de que esta Rósa foi a que mais perto esteve de Íris. E não é certamente por coincidência que ela tem uma ligação a Stefán e a Númi, através da filha deles. Recuso-me a acreditar que assim seja, e não me venham dizer que a Islândia é um país pequeno.

— Ela não está vacinada?

O jovem polícia que fez esta pergunta desconhecia os esforços que Erla havia empreendido para obter esta informação através do registo de vacinação do Ministério da Saúde. Andrea tinha-se recusado a revelar-lhe fosse o que fosse, depois de lhe recordar as leis de proteção de dados pessoais e de lhe fazer ver que não tinha autoridade para lhe passar informação contida na base de dados. O mesmo acontecera com o funcionário do Ministério da Saúde com quem Erla conseguira contactar: as questões relativas à proteção de dados não podem ser tratadas ao fim de semana e pelo telefone. Ponto.

Erla nem tentou disfarçar a frustração que sentia quando respondeu num tom irritado.

— Não sabemos, porra. Talvez consigamos saber no final da merda do fim de semana.

O jovem polícia calou-se, envergonhado.

Huldar olhava fixamente uma das fotografias projetadas na parede, onde se via Íris e Rósa a dar um abraço, a primeira, baixinha e com ar fragilizado, a ser apertada nos braços da outra, que era muito mais alta. Ainda tinham, uma e outra, os ramos de flores nas mãos, mas Rósa estava com uma expressão um tanto abatida. Os certificados do prémio não se viam em lado nenhum, provavelmente porque os adultos que acompanhavam as meninas os tinham já colocado em lugar seguro.

— Podes ir correndo as fotografias, Erla?

A chefe assim fez, sem qualquer comentário, e todos os presentes observaram a sucessão de imagens que iam mudando no ecrã. Não

eram muitas, mas em algumas delas era possível ter um vislumbre das pessoas que se encontravam em fundo, o que podia ter interesse. Quando Huldar e Freyja viram as fotografias no telemóvel de Aldís, fora-lhes difícil identificar os pormenores com precisão no pequeno ecrã.

— Haverá por aqui alguma cara conhecida? Para além de Rósa?

Gudlaugur e Freyja apontaram em simultâneo para a filha de Stefán e Númi, que se via de raspão numa das fotografias, e atrás da qual se encontrava uma mulher que parecia estar a endireitar o blusão da rapariga nos ombros. A mulher tinha na mão um papel que devia ser o certificado do prémio de Rósa. Nenhum dos presentes a reconheceu.

Erla não deu grande atenção à questão da identidade da jovem.

— Deve ser uma irmã de Rósa — comentou desinteressadamente.

— Não pode ser a mãe dela. Ainda não tem idade para isso.

— Rósa é filha única.

Como seria de esperar, Lína tinha feito o seu trabalho de casa. Tinha sido ela a localizar o apelido da menina, o que lhe tinha exigido algum trabalho de investigação online, porque o site da biblioteca municipal não tinha publicado nenhuma notícia sobre a cerimónia de entrega do prémio. O telefonema que fizera para a biblioteca não dera em nada, uma vez que este equipamento encerrava ao fim de semana: a pessoa que tinha atendido a chamada de Erla pedira-lhe que voltasse a ligar na segunda-feira, mas conseguira dizer-lhe que a página de notícias da biblioteca tinha sido alvo de um ciberataque proveniente do estrangeiro, que apagara uma série de publicações; ainda assim, garantiu-lhe que a notícia sobre a entrega do prémio tinha evidentemente sido publicada na altura. Estas informações em nada contribuíram para animar a chefe.

— Não tem irmãos — acrescentou Lína.

Erla fulminou-a com um olhar assassino, antes de prosseguir.

— Muito bem, vamos concentrar-nos no essencial. Por exemplo, há alguma hipótese de Rögnvaldur ter descoberto a identidade da miúda? Conseguirá localizá-la e, em caso afirmativo, o que fará quando a descobrir? São estas as perguntas que temos de fazer, e não quem estava com Rósa na cerimónia. Além disso, como raio é que ele teve

acesso à Internet?

O especialista informático avançou.

— O número de IP está registado em Sídumúli, na companhia de seguros onde ele trabalhava. Mas isso não significa necessariamente que ele tenha entrado no edifício. Podia ter tido acesso à rede da companhia da rua. Devia saber a palavra-passe, ou então conseguiu entrar através de uma rede externa. Mas não sabemos que computador usou. Isso já é mais difícil de estabelecer.

— Eu apostava no portátil de Bríet — comentou Huldar. — Quase de certeza que é ele que o tem. E também acho que Rögnvaldur descobriu o nome da miúda. Tendo em conta que, aparentemente, fez esta descoberta na quinta-feira à noite, podia ter telefonado para a biblioteca ontem e ter conseguido a informação por essa via. Convém recordar que, se é ele que tem o computador de Bríet, também tem acesso à base de dados das vacinas. Se a miúda não está vacinada, ele sabe. — Huldar viu Freyja remexer-se na cadeira com ar preocupado. — O que fazemos a seguir, Erla? Não seria boa ideia irmos a casa de Rósa falar com os pais dela? Pôr-lhes um polícia à porta.

Sem responder imediatamente, Erla inclinou-se para diante e levou as mãos ao fundo das costas, com uma expressão carregada de dor. Todos os presentes observaram esse gesto com um ar de impotência. Todos menos Lína, que estudava a chefe com grande atenção, preparada para entrar em ação se ela comesse o trabalho de parto — e não seria para fugir, mas para ajudar. Não foi, porém, necessário, porque Erla endireitou-se, inspirou fundo e recomeçou a falar como se nada tivesse acontecido.

— Sim. Vou ligar-lhes assim que acabarmos, a ver como estão as coisas. Mas podemos já dar início à guarda da porta. — Calou-se e apontou para Lína e Gudlaugur. — Vocês podem fazer o primeiro turno. Vão num carro sem identificação e estacionem num local de onde possam observar bem.

Huldar viu Freyja levantar a mão.

— Infelizmente, tenho de me ir embora. Tens alguma tarefa para mim? Não tenho problema em cá voltar.

Erla teve uma fúria.

— O quê? Decidiste dar de frosques precisamente nesta altura, em

que precisamos de entrevistar um menor?

— Não estou a dar de frosques. Tenho de ir tratar de uma coisa urgente, mas posso voltar cá logo a seguir.

— Muito bem, então desaparece. — Erla fez beicinho como uma criança. — Quanto ao resto, todos sabem qual é a sua missão. A não ser que também tenham marcações urgentes no cabeleireiro.

Freyja abriu a boca para protestar, mas, felizmente, achou melhor calar-se. Huldar levantou-se de um salto para ir atrás dela, e a sala de reuniões começou a esvaziar-se. Freyja estava quase tão furiosa como Erla. Aparentemente, a irritação podia propagar-se sem perder a força inicial. Mas se calhar esta cólera tinha outras razões; na verdade, Freyja estivera com uma disposição peculiar desde o princípio da reunião.

— Não preciso que me acompanhes à porta. Eu sei o caminho.

— Mas eu tenho de ir lá fora — explicou Huldar, mostrando-lhe o maço de cigarros. — Queres um? São ótimos para acalmar os nervos.

Freyja recusou, e nem foi com demasiada delicadeza. Huldar achou que não era a melhor altura para propor passar lá por casa nesse dia à noite para dar de comer à cobra. Armado com uma garrafa de vinho tinto. A proposta podia esperar que ela voltasse, já depois de ter acalmado alguma coisa. Ele não duvidava de que, ao final do dia, o ambiente geral seria animado. A própria Erla estaria feliz. O caso estava perto de ficar resolvido.

Despedindo-se de Freyja, encostou-se à parede, a saborear o cigarro, ao mesmo tempo que a via avançar para o carro batendo furiosamente com os pés no chão.

*

Erla não tinha levantado qualquer objeção quando Huldar propusera ser ele a conduzir. E ainda bem, porque, a avaliar pelos constantes movimentos que fazia no assento, não tardaria a enfiar o carro contra um muro. Quando Huldar lhe perguntou se estava bem, a chefe desatou aos berros, coisa que o descansou, porque indicava que ela não estava prestes a cair para o lado. Assistir a um parto dentro de um carro não era a coisa que ele mais desejava. Vendo bem, não

desejava assistir a um parto fosse onde fosse.

Huldar estacionou diante do prédio de três andares que ficava em Dunhagi, cujo rés-do-chão dava a impressão de, noutros tempos, ter sido ocupado por lojas; atualmente, porém, as enormes montras estavam encerradas com cortinas, porque a necessidade de espaços de habitação era superior à procura de espaços comerciais.

Gudlaugur e Lína estavam sentados dentro de um carro não identificado, estacionado ali ao pé. Gudlaugur tinha os olhos no telemóvel, mas os de Lína fixavam o prédio sem pestanejar. Huldar deu um toque na buzina para lhes chamar a atenção, o que levou Gudlaugur a dar um salto com uma expressão culpada, ao passo que Lína não desviou o olhar do prédio um segundo que fosse. A estagiária era a mulher ideal para aquela missão: se Rögnvaldur se atrevesse a pôr um dedo do pé no passeio em frente do prédio, Lína surgiria imediatamente ao lado dele com um par de algemas na mão.

Quando saiu do carro na companhia de Erla e começaram ambos a encaminhar-se para o prédio, Huldar notou que a chefe andava de maneira esquisita, como se tivesse envelhecido várias décadas desde que tinham saído da esquadra: apertava o fundo das costas com uma das mãos e cada passo que dava parecia provocar-lhe dores. Embora soubesse o que o esperava, Huldar não conseguiu deixar de repetir a pergunta que tinha feito anteriormente.

— Tens a certeza de que estás bem, Erla?

Contudo, em vez de o desancar, Erla soltou um gemido rouco.

— Esta coisa da gravidez é mesmo uma grande porra de uma chatice. De quem diabo terá sido a ideia?

Huldar ficou calado, a aguardar que ela respondesse à sua própria pergunta, atirando as culpas para o patriarcado. Não fazia nenhuma tenção de ser arrastado para uma discussão sobre esse tema. Mas Erla não disse nada, limitando-se a soltar outro gemido, tão violento que era quase um grito, após o que endireitou as costas e ergueu a cabeça, parecendo recuperada. Era importante não subestimar o poder curativo de um bom berro.

— Vamos lá a isto.

E a chefe atirou-lhe um olhar carregado, como se Huldar fosse o responsável pela demora.

Encontraram as campainhas, do lado de fora da porta, dado que o prédio não tinha hall de entrada. Ouviram uma voz rouca cumprimentá-los, Erla apresentou-se e pediu ao homem que abrisse a porta. A resposta foi afogada num mar de ruídos. Huldar pôs a mão no manípulo, preparado para empurrar a porta assim que ouvissem o zumbido da fechadura, mas isso não aconteceu. Passado algum tempo, a porta foi aberta do interior.

O homem que os recebeu vinha de sobrolho franzido, tinha a barba por fazer, o cabelo sujo e restos de comida ao canto da boca.

— O que é que se passa?

— Liguei há bocado e falei com a sua mulher. É por causa da sua filha, Rósa. Dá-nos licença de entrar para conversarmos um pouco com os dois?

— Não.

A resposta foi brusca, e Huldar viu o homem travar a porta com o pé, como se receasse que os dois polícias se atirassem a ele.

— Isto é urgente. Se preferir, conversamos na esquadra. — Erla tirou o telemóvel do bolso. — Se se recusar a deixar-nos entrar, teremos de o deter. Diga o que prefere.

O homem encheu o peito de ar. Ao longo dos anos, Huldar tinha visto muitos como ele: homens cuja reação habitual era atacar, que pareciam apreciar a agressão e o conflito.

— Mas que merda vem a ser esta? A mulher disse-me que vocês acham que a Rósa está em perigo. E nós também. Devem ter-se enganado na família, pá. Não temos ninguém a chatear-nos. Seja como for, eu sei tomar conta de mim e da minha família, não preciso de bófia nenhuma...

Huldar decidiu interrompê-lo:

— A Rósa esteve doente há cerca de seis meses? Teve borbulhas na cara?

O homem concentrou-se no tema.

— A Rósa? Ná! A minha filha é forte que nem um touro. — E não parecia estar a mentir. — Borbulhas na cara? Não. De certeza que não.

— Foi na altura em que ela ganhou o prémio. Pelo poema.

Huldar esperava que o acontecimento refrescasse a memória do homem.

— Um prémio? Por um poema? — O homem abanou a cabeça. — A Rósa nunca ganhou prémio nenhum. Ela é fraquita em tudo. E também não escreve poemas. Nós não somos como esses comunas de um raio. Vieram bater à porta errada, amigo.

— Temos uma fotografia dela a receber o prémio. — Erla localizou a fotografia no telemóvel e mostrou-lha. — Esta não é a Rósa?

O homem pegou no telemóvel. Tinha as mãos ásperas, os dedos inchados e esfolados.

— É a Rósa, é. Mas o prémio não era dela. Foi recebê-lo na vez de uma amiga, que estava doente. Lembro-me disso, porque deixaram a Rósa ficar com as flores. O ramo não era grande coisa, já agora. No dia seguinte, as flores estavam todas murchas. — Calou-se, e devolveu o telemóvel a Erla. — Já lhes disse que não é esta a família que vocês querem.

Erla não perdeu a calma.

— Como se chama a amiga?

— Selma. Selma qualquer coisa.

— Onde está a Rósa? — perguntou Erla.

— Está em casa da outra amiga delas, a Gudda. Andam sempre lá as três. A casa é algures em Skerjafjörður. A pobre miúda tem dois pais, e não tem mãe. Se querem saber a minha opinião, não é uma coisa lá muito saudável.

Huldar sorriu friamente.

— Não se preocupe com isso. As pessoas que adotam crianças passam por um processo de seleção muito rigoroso. Pessoalmente, estou mais preocupado com os pais cujos filhos são deles. Se quer saber a minha opinião, alguns deles deviam ser escrutinados.

Em Skerjafjörður, foi Númi quem lhes abriu a porta. Huldar, que não o conhecia, identificou-se, mas Númi limitou-se a baixar ao de leve a cabeça. Depois, sem fazer qualquer menção de os mandar entrar, perguntou-lhes o que queriam. Talvez suspeitasse de que a polícia já tinha conhecimento da tentativa, sua e de Stefán, de terem outra filha com a ajuda de uma mãe de substituição. Mas não era o momento nem o lugar para tratar desse assunto. Erla tinha informado

a equipa de investigação, de forma muito clara, que o caso já estava suficientemente confuso e que não havia razões para o complicar ainda mais com base num simples boato.

— Vimos à procura da amiga da sua filha; das amigas, melhor dito, Selma e Rósa. — A brusquidão de Erla estava a condizer com a receção que tinham tido. — Fomos informados de que estão aqui em casa.

— O que querem delas?

Foram os três atingidos por uma rajada de vento gelado, e Númi, que envergava apenas uma camisa fina, pôs os braços em volta do corpo. Huldar e Erla estavam bem agasalhados.

Nenhum deles respondeu à pergunta.

— As crianças estão cá ou não?

Númi cerrou os dentes num gesto furioso, mas não deixou de responder:

— Estiveram cá, mas saíram há cerca de um quarto de hora com a irmã da Selma. Ela faz umas limpezas em Seltjarnarnes aos sábados, e as miúdas ficam a brincar na praia enquanto ela trabalha. Fazem isto com alguma frequência, e geralmente acabam a comer gelados em Grandi. Não estão a fazer nada que seja ilegal, se é essa a vossa preocupação.

— Onde são as limpezas da irmã da Selma? — perguntou Erla.

— Aparentemente, são numa oficina. Na extremidade da zona industrial, ao fundo de Gróttá. Acho que o pai dela tem lá uma empresa; ou então é uma oficina. Qualquer coisa assim.

Huldar conhecia o local: era um espaço industrial, relíquia de um conjunto de erros de delimitação de zonas cometidos pelos projetistas urbanos, que ficava situado entre a reserva natural de Gróttá e o subúrbio de Seltjarnarnes. O espaço tinha sido ocupado por oficinas de mecânica e de reparação de automóveis, bem como garagens, e as mais recentes tentativas de deslocar estes negócios para outro sítio haviam sido infrutíferas — como seria de espantar: quem é que queria abandonar aquela vista e proximidade do mar?

Erla avançou para a segunda pergunta que levava preparada.

— Apercebeu-se de alguma atividade fora do normal no exterior da sua casa durante o dia de hoje? Viu alguém que pudesse andar a

seguir as meninas, por exemplo?

Númi franziu o sobrolho.

— Não, aqui à porta não. Mas, quando há bocado voltei do ginásio, havia uma carrinha estacionada no final da rua e o homem que estava ao volante afundou-se no assento quando eu passei. Achei um bocado estranho, mas não pensei mais nisso. Há muita gente estranha nestas redondezas, em especial ao fim de semana.

— Viu a cara do homem?

Huldar achou pouco provável que se tratasse de Rögnvaldur, dado que ele não dispunha de carro, mas tudo era possível. Não era assim tão difícil roubar um veículo.

— Não. Tinha o capuz na cabeça. Mas era um homem. Ou então, era uma mulher alta. — Númi fez uma pausa, parecendo revolver a memória. — Era uma carrinha pequena. Uma Toyota branca. Com um logótipo de uma empresa.

— Que empresa?

Desta vez, foi Erla que franziu o sobrolho.

— Oh, uma dessas marcas recentes. Não tinha o nome da empresa, só tinha o logo.

Erla tirou o telemóvel do bolso, clicou umas quantas vezes no ecrã e voltou o aparelho para Númi.

— O logo era este?

Ele anuiu.

— Sim, eu diria que sim.

Huldar intercetou o telemóvel quando Númi o devolveu. O logo que se via no ecrã era o da companhia de seguros onde Rögnvaldur trabalhava.

— Consegue dizer-nos onde é que a carrinha estava parada?

Númi fez o que lhe pediam, mas o espaço estava agora deserto.

Não levaram muito tempo a localizar o Toyota. Estava estacionado em Gróttta, junto ao pontão, no final da estrada. Ainda há dois dias ali tinham estado, para ir buscar a cabeça. Mas parecia que tinha sido há anos.

Huldar estacionou ao lado da carrinha.

— Esperamos pelos outros?

Pelo caminho, Erla tinha ligado a pedir reforços, caso Rögnvaldur tentasse resistir à detenção. Ela seria de pouca ou nenhuma utilidade no estado em que se encontrava e, embora Huldar tivesse confiança na sua capacidade de controlar um homem sozinho, não era isso que o regulamento mandava fazer. O que era uma pena, porque ele estava cheio de vontade de aliviar a tensão que tinha acumulado. A chefe também tinha ligado a Freyja, pedindo-lhe que fosse ter com eles — melhor dizendo, não lhe tinha *pedido*, tinha *ordenado*. Huldar ouvira Freyja protestar que estava à espera que o irmão fosse buscar a filha, mas Erla replicara sem mais que o inútil do safado do irmão dela podia muito bem ir buscar a pirralha a Gróttá. Ou seria pedir-lhe demais? E tinha desligado o telefone.

Antes de Erla ter tempo para responder à pergunta de Huldar, começaram a ouvir gritos e berros ao longe. Os sons eram pouco audíveis, mas eram inegavelmente prementes. Sem esperar pela resposta da chefe, Huldar abriu a porta do carro com violência e, nessa altura, os gritos tornaram-se mais nítidos e ele teve a certeza de que se tratava de vozes de crianças. Detetando uma nota de desespero, desatou a correr na direção da praia, e ainda ouviu Erla bater com a porta do carro atrás dele. Mas não abrandou, antes pelo contrário, correu o mais depressa que podia em direção ao muro que separava o mar de terra, de onde podia ter uma visão de conjunto.

E o que viu não era agradável. Estava maré cheia, ao contrário do que acontecia da última vez que ele ali estivera e, embora o mar não chegasse à barreira de proteção, deixara apenas uma tira de areia acima da água. Duas miúdas aterrorizadas tentavam escalar as rochas escorregadias, com movimentos que eram contrariados pelo gelo e pelo pânico que sentiam. O facto de estarem ambas encharcadas não ajudava nada.

Olhando mais para o interior do mar, Huldar viu um homem a caminhar na direção da praia. A água chegava-lhe à cintura, mas, a avaliar pelo estado da roupa, já estivera mais imerso.

Atrás dele, via-se uma figura pequena, flutuando de cara para baixo naquele mar habitualmente calmo. Huldar galgou o muro e começou a saltar por sobre as rochas, sem se preocupar com a

possibilidade de cair. As duas miúdas deram finalmente conta da presença dele e começaram a gritar qualquer coisa que Huldar não conseguiu perceber; além disso, mudaram de direção, tropeçando uma na outra na pressa frenética de chegarem junto dele. Estava ali um adulto, tinha chegado socorro. Mas Huldar não tinha tempo a perder com elas. As duas pequenas teriam de esperar e, de qualquer maneira, Erla estava mesmo a aparecer. Mergulhou no mar gelado, quase sem se aperceber do frio com a pressa furiosa que tinha tomado conta dele. Soltando o pequeno cassetete do cinto, apertou-o com força na mão.

Não haveria tempo para prender Rögnvaldur. Tinha de recorrer ao cassetete. Neste momento, a única coisa que importava era trazer a miúda para terra.

FREYJA SENTOU-SE, A RECUPERAR O FÔLEGO. Tinha enchido demasiado a caneca de café e, como lhe tremiam as mãos, tinha-o entornado no percurso até à sala de reuniões, que estava deserta. Sentia-se perto do colapso, mas consolava-se com a ideia de que tinha conseguido manter-se calma quando fora preciso agir. Na verdade, não tivera, pura e simplesmente, tempo para se deixar levar pelos sentimentos que haviam desabado sobre ela como vagas oceânicas.

A jovem psicóloga pousou a caneca sobre a mesa da sala de reuniões e concentrou-se em controlar a respiração, agradecida por aquela calma. Na verdade, porém, o silêncio não era completo; no exterior da porta fechada, havia um burburinho de atividade. Freyja inspirou e expirou lentamente, com os olhos nas fotografias e nos documentos relacionados com a investigação colados na parede. As caras das três pequenas da praia ainda não tinham sido acrescentadas ao conjunto, mas Rögnvaldur estava lá, olhando para ela. Freyja baixou os olhos.

Após o telefonema de Erla, levava poucos minutos até Freyja chegar ao local, dado que se encontrava no parque de estacionamento do seu prédio, em Seltjarnarnes, a preparar-se para levar Saga para casa de Baldur. Ainda tinha pensado em deixar a sobrinha primeiro, mas o tom imperativo de Erla fora inflexível: Freyja deveria largar tudo e ir imediatamente ter com ela.

Freyja tinha planeado confrontar Erla com a questão do seu acesso ao Sistema de Informações da Polícia. Embora fosse sábado, o chefe direto de Freyja tinha-lhe respondido imediatamente ao email, dizendo-lhe que passara a informação a Erla, a quem pedira que a transmitisse a Freyja, explicando-lhe as regras de acesso. Espantada, Freyja queria mesmo perceber que brincadeira era a da chefe, mas essa questão ficara reduzida à sua insignificância quando se

apercebeu do que estava a acontecer na praia.

Teve uma recordação muito vívida da cena com que se havia deparado quando saíra a correr do carro para ir juntar-se a Erla junto à praia. Felizmente, tinha deixado Saga dentro do veículo, sentada na cadeirinha, pensando que seria menos prejudicial para a sobrinha ficar ali fechada, mesmo que sozinha, do que assistir a sabe Deus que cena horrorosa estava a ter lugar ao pé do mar. A bem dizer, era pouco provável que Saga tivesse capacidade para processar a cena, mas Freyja continuava satisfeita por ter tomado aquela decisão.

Duas meninas ensopadas tentavam escalar as rochas que formavam a barreira de proteção entre praia e terra. Uma delas tinha perdido uma bota de neve, que flutuava, em todo o seu esplendor cor de rosa, na zona de rebentação. Erla estava debruçada sobre a divisória, desequilibrada por causa da barriga, de mão estendida e a gritar-lhes palavras de estímulo, mas incapaz, evidentemente, de passar para o outro lado e de as ajudar. As miúdas, loucas de terror, berravam chorosas; os clamores tinham o seu quê de incongruente naquele ambiente, que, à exceção desse ruído, era todo tranquilidade. Igualmente incongruente era a cena que decorria no mar, liso como um espelho para além da tira de areia.

Huldar caminhava pela água em direção à terceira menina, que flutuava, um pouco mais adiante, de cara para baixo. E um homem regressava à praia, avançando na direção de Huldar. Quando se encontraram, Huldar ergueu o braço sem hesitação nem advertência, e deu uma violenta pancada na cabeça do homem com um objeto que tinha na mão. O homem caiu dentro de água, cuja superfície começou a tingir-se de sangue escuro à volta da cabeça. Huldar não se deteve um segundo que fosse a verificar se ele estava vivo; seguiu em frente, com a água a dar-lhe pela cintura, até alcançar a figura da terceira menina.

Ao chegar junto dela, virou-a ao contrário e tomou-a nos braços; era um peso inerte, os membros flácidos, a cabeça inclinada para trás como se estivesse a olhar para o campo de golfe, ao longe, a água a escorrer-lhe do cabelo, das pernas, dos braços, do blusão. A criança tinha perdido as duas botas, que deviam ter-se afundado, porque não se viam em parte nenhuma. Na altura, Freyja distraíra-se a pensar no

que lhes teria acontecido: onde estariam as botas da miúda? Era uma pergunta simples e com uma resposta possível, ao contrário das outras perguntas, bem mais prementes, suscitadas por aquilo a que estava a assistir.

O grito de Huldar trouxe-a de volta à terra: estava a chamá-la, aparentemente pedindo-lhe que se aproximasse. Freyja procurou rapidamente o caminho menos perigoso e avançou, ignorando o gelo e as algas escorregadias que cobriam as rochas. Nem um minuto tinha passado e já escorregara, caindo e batendo com o traseiro na pedra, embora isso lhe doesse menos que as mãos, que tinha esticado para se proteger. Não tinha outro remédio senão levantar-se e seguir em frente.

Quando conseguiu chegar à areia, já tinha Huldar suficientemente próximo para ouvir o que ele lhe gritava: que entrasse na água e salvasse Rögnvaldur. Freyja ainda tinha hesitado, mas, como Huldar repetisse a ordem, avançou mar adentro. Quanto mais avançava, mais lhe subia pelo corpo a dor provocada pelo gelo. Quando a água lhe chegou à cintura, teve a sensação de que lhe tinham dado uma tarefa com um bastão. Nessa altura, porém, Rögnvaldur estava a pouca distância e a profundidade da água manteve-se. Contudo, Freyja tinha de avançar com cautela, porque o fundo do mar era irregular e escorregadio, e ela não conseguia ver onde punha os pés, pois a água estava turva.

Finalmente, chegou junto do homem e, agarrando-lhe o anoraque, começou a arrastá-lo para terra. Quanto mais se aproximava da margem, mais pesado ele se tornava, até que deixou de flutuar e ela não conseguiu deslocá-lo mais. Rögnvaldur continuava a sangrar da cabeça. Freyja tentou pegar-lhe por baixo dos braços e puxá-lo para a areia, mas a roupa dele agarrava-se às rochas e às pedras, e ela acabou por se ver obrigada a desistir. Baixando os olhos, contemplou o homem que tinha causado tanto sofrimento e dor na vã tentativa de encontrar alívio para o seu próprio sofrimento: ali caído sobre as algas e o cascalho, empurrado de um lado para o outro pelo mar que, por esta altura, chegava aos tornozelos de Freyja, era uma figura patética.

Voltando-se, Freyja viu Huldar ajoelhado sobre a criança, que tinha deitado na areia, bombeando-lhe o peito e tentando soprar-lhe ar para

os pulmões em movimentos alternados. Freyja sentiu o coração pequenino ao verificar que o esforço não estava a ter qualquer efeito. Entre dois sopros, Huldar perguntou-lhe se Rögnvaldur estava a sangrar. Ela respondeu que sim, e Huldar replicou-lhe que era sinal de que estava vivo, pelo que era melhor Freyja ir para o pé de Erla o mais depressa possível.

Freyja conseguiu voltar a trepar o muro de rochas, desta vez sem cair nem se magoar.

Erla estava lá em cima à espera com as duas miúdas, a quem tinha mandado sentar num banco à beira do caminho. O banco tinha sido pensado para os transeuntes interessados em apreciar a vista, mas nenhuma das duas meninas olhava para o mar; estavam abraçadas uma à outra, a chorar. Só quando chegou junto delas é que Freyja percebeu que estava gelada; tinha-se esquecido completamente de que a metade inferior do seu corpo estava ensopada em água do mar.

Debruçando-se para observar as crianças, Freyja percebeu que uma delas era Gudda, a filha de Stefán e Númi, e a outra era a amiga. Calculou que a terceira amiga, Rósa, era a que estava deitada na areia com Huldar ao lado.

Tal como Freyja, também elas estavam ensopadas até aos ossos, mas demasiado traumatizadas para terem consciência de que estavam geladas. Perguntaram-lhe onde estava o homem mau e Freyja garantiu-lhes que ele não chegaria ali. Nessa altura, Gudda começou a chorar ainda mais, bradando que tinha perdido os óculos. Assim como Freyja se preocupara com as botas que haviam ficado perdidas na água, assim estava ela preocupada com este problema tão insignificante, provavelmente porque lhe era mais fácil concentrar-se nisto que pensar no homem mau que tinha atacado a amiga, a tinha arrastado para dentro de água e tentado afogá-la.

As recordações de Freyja acerca do que se passara a seguir eram confusas. Tinham chegado vários carros da polícia com as sirenes a guinchar, e o pequeno parque de estacionamento não tardou a ficar cheio. Chegou depois uma ambulância, que estacionou atrás deles; ainda esta não tinha parado por completo, já os paramédicos e um médico saltavam para o asfalto. Erla apontou para a praia e eles correram para o local com um equipamento que Freyja não

reconheceu; também não os viu descer as rochas.

Pouco depois, apareceu uma jovem sem casaco a correr sobre a relva coberta de neve que separava a praia da sequência de prédios baixos que formavam o espaço industrial. Quando chegou às estruturas de secagem de peixe, parou a recuperar o fôlego, e Freyja notou que segurava a barriga. Logo a seguir, a jovem aproximou-se dela e das duas crianças e perguntou, ainda ofegante, o que se passava. A amiga de Gudda lançou-lhe os braços ao pescoço e contou-lhe, por entre lágrimas, que Rósa tinha sido atacada por um homem.

A seguir, as coisas tinham-se tornado de tal maneira caóticas que Freyja teve dificuldade em se lembrar por que ordem haviam sucedido. Inúmeros polícias e paramédicos corriam de um lado para o outro, entre a praia e a ambulância. Levaram uma maca para baixo e voltaram para cima com Rósa, que foi no veículo. Saiu outra maca e os paramédicos desceram com ela até à beira da água, para irem buscar Rögnvaldur. Entretanto, a ambulância partia a toda a velocidade para o hospital com Rósa. Rögnvaldur ficara para trás, com um dos carregadores da maca e uma multidão de agentes da polícia à sua volta.

Saga observara todos estes movimentos do interior do carro, de olhos arregalados. Não parecia ter sofrido grande mal pelo facto de ter ficado ali sozinha e, assim que o seu trabalho no local terminou, Freyja foi deixá-la em casa de Baldur, conforme tinha combinado. Baldur fizera uma cara assustada ao ver o estado em que a irmã lhe aparecia, mas ela ainda estava demasiado abalada para conseguir dar grandes explicações. O irmão pediu-lhe que entrasse, porque tinha uma coisa para lhe dizer — mais histórias sobre turistas ricos e implicativos, com certeza —, mas agora não podia ser: as duas meninas tinham sido levadas para a esquadra, e Freyja tinha de estar presente quando recolhessem os depoimentos delas.

Isso já tinha sido feito, e ambas haviam narrado exatamente a mesma história: estavam as três a brincar na praia quando o homem apareceu. Nenhuma delas o reconheceu nem percebeu o que estava a acontecer quando ele avançou para as três, agarrou em Rósa e a arrastou para o mar. As outras duas tentaram impedi-lo, mas ele empurrou-as para trás e elas caíram várias vezes dentro de água,

enquanto Rósa gritava e esperneava, tentando libertar-se. Quando conseguiu afastar-se o suficiente, o homem pôs as duas mãos em volta do pescoço de Rósa e manteve-lhe a cabeça debaixo de água. As outras duas voltaram para terra aos tropeções, completamente aterrorizadas e com a certeza de que iriam a seguir. Pouco depois, Huldar e Erla apareceram do outro lado da proteção de rochas e salvaram-nas.

As duas meninas choraram muito durante as entrevistas, ficando completamente exaustas. Quase não davam nenhuma resposta que não perguntassem como estava Rósa. Só que ainda não havia notícias dela. Os médicos tinham conseguido ressuscitá-la, mas mantinham-na num estado de coma induzido, e ainda não sabiam se ficaria com sequelas no cérebro.

A polícia chamara um médico para examinar as outras duas crianças e confirmar que podiam ir para casa; assim que esse exame terminasse, podiam ir embora. Ambas tinham a respetiva família na sala de espera da entrada, a aguardar; por tremendo que fosse o susto que estes familiares haviam apanhado, não era nada comparado com aquilo que os pais de Rósa estavam a passar no hospital, ao lado da cama da filha. Freyja não tinha conversado com nenhum deles, apenas os tinha visto de passagem: Stefán e Númi, a irmã de Selma e o pai das duas, Einar, que Freyja achou que lhe era vagamente familiar. Ficou com a impressão de que as duas famílias não se davam especialmente bem, já que estavam todos sentados em silêncio, fixando o vazio. A verdade, porém, é que não os tinha observado com grande atenção, não fosse algum deles lembrar-se de lhe pedir ajuda: precisava de tempo para recuperar antes de atender às necessidades fosse de quem fosse.

Freyja engoliu um grande gole de café e recostou-se, fechando os olhos. Tencionava aproveitar aquele momento de descanso, porque ainda tinha muito que fazer até o dia acabar; e teria de o fazer metida dentro de umas calças de uniforme: não tivera tempo de passar por casa para mudar de roupa depois de ir deixar Saga a casa do irmão e, ao chegar à estação, percebeu que tinha mesmo de despir as suas calças, que ainda estavam húmidas e cheias de manchas de sal. Gudlaugur fora em seu socorro, descobrindo um par de calças de uniforme; mas ficavam-lhe tão largas que Freyja estava

constantemente a puxá-las para cima.

Ainda assim, as coisas podiam ser piores. Rögnvaldur tinha recuperado a consciência quando já estava deitado na maca, mas ainda em Grótta. Ao chegar a segunda ambulância, tinham-no metido lá dentro, tinham-lhe posto uns agrafos no golpe que ostentava na testa e medido os sinais vitais; depois, fora transferido para um carro de polícia e levado diretamente para a esquadra, para ser interrogado, mas sem lhe arranjamem uma muda de roupa. O máximo que lhe ofereceram foi uma aspirina para a dor de cabeça de que ele não parava de se queixar.

A porta da sala de reuniões abriu-se, e Huldar espreitou lá para dentro.

— Ah, estás aqui? Queres ir lá fora comigo, enquanto eu fumo um cigarro? Estamos a fazer um intervalo no interrogatório a Rögnvaldur.

A proposta era agradável. Freyja, que estava mesmo a precisar de algum oxigénio, levantou-se, puxou as calças para cima e seguiu-o até ao pátio, onde se aninharam debaixo de uma cobertura, abrigando-se dos enormes flocos de neve que tinham começado a cair. Na curta travessia do pátio, o cabelo de Freyja tinha ficado coberto de neve, que ela sacudiu antes que começasse a derreter. Ao fazer este gesto, as calças começaram novamente a cair, e a jovem mal teve tempo de as agarrar pela cintura, evitando que lhe fossem parar aos calcanhares.

Huldar riu-se.

— Que calças tão fixes. Se quiseses, empresto-te um cinto de uniforme.

Ela recusou.

— Que tal está a correr? As coisas estão a tornar-se mais claras?

— Sim e não. Ele reconheceu que tinha atacado Rósa, mas ficou bastante perplexo quando lhe dissemos que a miúda não se chamava Selma. Na verdade, pensou que estava a afogar a outra amiga. Quando ligou para a biblioteca a perguntar pelos vencedores do concurso de poesia, o nome que lhe deram foi o de Selma. Ao que parece, disse que estava a escrever um artigo para um jornal qualquer que tencionava publicar os poemas. Da biblioteca, até lhe disseram a morada das miúdas. Incrível! O nome de Selma constava da lista de crianças que não foram vacinadas, e ele concluiu que tinha finalmente localizado a

portadora da infecção. O que ele não sabia é que tinha sido Rósa a receber o prémio em nome de Selma. Daí a confusão.

— Como é que ele ligou, se não tinha o telefone? Estava escondido em casa de alguém?

— Usou o portátil de Bríet. Ligou-se ao wi-fi do lado de fora do edifício da companhia e usou um programa de chamadas que ela tinha instalado. Não esteve em casa de ninguém; contou-nos que assaltou uma caravana que estava estacionada numa rua próxima de casa dele e se escondeu lá dentro. A caravana está a ser analisada pelo departamento forense e em breve saberemos se a história é verdadeira. Ele nega ter entrado no edifício da companhia; diz que usou o wi-fi do lado de fora e que, por acaso, tinha no bolso a chave de uma das carrinhas, que se tinha esquecido de devolver. Isto condiz com a lista de acessos ao edifício. O sacana está em muito mau estado: gelado e cheio de fome, do tempo que passou dentro da caravana, que não estava aquecida. O plano inicial dele não era fazer mal à criança. Aos pais, talvez, mas à criança não. No entanto, como não estava em condições físicas de se enfrentar com um adulto, talvez tenha sido por isso que atacou a pobre miúda. Não se teria saído bem numa luta com o pai de Rósa, dissestes ter a certeza.

Freyja fez uma careta.

— Bolas! E depois? Como é que ele conseguiu saber que as miúdas estavam na praia?

— Tem estado a vigiar a casa de Selma, estacionado do lado de fora. Aparentemente, seguiu-as até ao cinema ontem, mas disse-nos que não tinha conseguido acercar-se de Rósa, porque as miúdas não estavam sozinhas. Hoje de manhã cedo, seguiu Selma e Rósa quando elas saíram de casa para irem ter com Gudda a Skerjafjörður, mas havia demasiado trânsito na rua e era impossível arrastar Selma, isto é, Rósa, para dentro da carrinha; por isso estacionou a uma certa distância, aguardando que ela voltasse a sair. Quando a irmã de Selma veio buscá-las, seguiu-as. Vendo que as três miúdas ficavam em Gróttta, percebeu que tinha chegado a sua oportunidade de fazer o que planeava.

— E a irmã? Ela não apareceu de carro, vinha a pé. De onde é que ela vinha? As miúdas não me souberam explicar bem. Disseram-me

que ela estava a trabalhar, mas não entraram em pormenores. Referiram uma oficina, mas não queriam falar sobre isso. Deviam achar que, em comparação com o que elas tinham acabado de viver, o trabalho da irmã não tinha importância nenhuma.

Huldar acendeu um cigarro, deu uma grande passa e soprou o fumo para o exterior da coberta; o fumo dispersou-se por entre os flocos de neve.

— Einar, o pai de Selma e da irmã, tem uma oficina ali na zona. É um daqueles empreiteiros de média dimensão que tem conseguido sobreviver. A irmã faz a limpeza à oficina aos sábados e, muitas vezes, leva as miúdas com ela.

Freyja acenou a cabeça, absorta. Pensando melhor no assunto, a reação das pequenas à pergunta que lhes fizera sobre a oficina fora um bocado estranha: tinham-se mostrado esquivas e começado a chorar ainda mais. Na altura, este facto não lhe parecera suspeito, apenas lhe deixara uma certa frustração. Freyja afastou esta ideia do pensamento para ouvir Huldar, que prosseguia o relato.

— Rögnvaldur nega absolutamente ter matado Ólína. E diz que também não teve nada que ver com o desaparecimento de Bríet. Mas afirma que ela morreu.

— A sério?

Freyja não percebia como é que um homem que reconhecia ter tentado afogar uma criança havia de negar que tinha assassinado uma mulher; ou melhor, duas mulheres.

— A sério. Reconhece que foi de carro a casa de Bríet na sexta-feira pela hora do jantar, mas também não tinha outro remédio, porque o carro dele foi apanhado pelas câmaras de vigilância. Entrou no prédio ao mesmo tempo que um dos residentes, bateu à porta de casa de Bríet, mas afirma que ela não o deixou entrar. Ele tinha aliás presumido que era isto que ia acontecer, dado que as tentativas que tinha feito para lhe falar pelo telefone haviam sido goradas; foi precisamente por isso que resolveu ir lá em pessoa. Diz Rögnvaldur que tiveram uma discussão, durante a qual ele permaneceu no patamar, e que no final ela lhe bateu com a porta na cara e se recusou a voltar a abri-la. Uma descrição que é consistente com aquilo que a vizinha ouviu. Rögnvaldur acha que quem estragou tudo foi Andrea;

que o que ele tinha pedido era perfeitamente razoável: a única coisa que ele queria era ter acesso ao registo de vacinação. Não compreende de todo que elas não estavam autorizadas a mostrar-lho.

— E como é que ele teve acesso ao computador dela? Se diz que nem conseguiu entrar lá em casa.

— A versão dele é que voltou para o carro, ficando algum tempo a pensar no que havia de fazer, e acabou por decidir voltar a entrar com o próximo morador que abrisse a porta. Mas não se mexeu a tempo quando chegou o sujeito da entrega da piza, nem a seguir, quando apareceu uma mulher, que presumimos que fosse Ólína. Por isso, aproximou mais o carro da porta e lá conseguiu entrar atrás de um homem; aparentemente, este homem entrou sem mais, porque a porta de acesso ao prédio estava só encostada, uma hipótese que nem sequer tinha ocorrido a Rögnvaldur. Diz ele que este homem avançou diretamente para o apartamento de Bríet, de maneira que Rögnvaldur teve de fingir que ia para outro sítio, e subiu as escadas, com a ideia de esperar no patamar superior. Daí, segundo afirma, começou a ouvir berros e barulho de coisas a partir-se no andar de baixo. Quando, finalmente, ouviu bater uma porta, esgueirou-se para o rés-do-chão, encostou o ouvido à porta de casa de Bríet, e ouviu gemer e balbuciar baixinho. Ou seja, o que ele está a dizer é que ouviu as duas mulheres a serem assassinadas, embora tivesse ficado com a impressão de que se tratava apenas de Bríet.

Percebendo que tinha estado a conter a respiração, Freyja encheu os pulmões com o ar frio e limpo daquele dia de inverno.

— E vocês acreditaram nele? Mesmo depois de as impressões digitais do homem terem aparecido dentro do apartamento? Como é que ele explica isso?

— Diz que foi até às traseiras do prédio, para ver se conseguia espreitar pelas janelas, e que viu um homem sair de um jardim que lhe pareceu ser o de Bríet. Rögnvaldur escondeu-se à espera que o caminho ficasse livre. Como a porta do jardim estava aberta, porque não havia maneira de a fechar pelo lado de fora, ele entrou.

Freyja aguardou que Huldar desse outra passa no cigarro. Huldar estava com bom aspeto: tinha mudado de roupa, vestia umas calças e uma camisa lavada, e também parecia ter tomado um duche. Se não

estivesse no pátio da esquadra, Freyja ter-se-ia sentido tentada a chamá-lo à parte e a deixar cair as calças de uniforme que trazia vestidas. Uma rapidinha era mesmo o que vinha a calhar para descontrair, mas não era o momento nem o local indicados.

Felizmente, Huldar não captou o que ela estava a pensar, porque deu um toquezinho no cigarro para deixar cair a cinza e prosseguiu a narrativa.

— Diz ele que no interior do apartamento estava um silêncio de morte e que atravessou a sala de estar sem ouvir ninguém. Quando olhou de relance para a cozinha, viu duas mulheres deitadas no chão, já mortas. Uma delas era Bríet, a outra, não a reconheceu. Ou seja, o que ele afirma é que o desconhecido as tinha matado antes de ele entrar no apartamento.

— E não lhe ocorreu chamar a polícia ou uma ambulância?

— Não. Viu o portátil em cima da mesa da cozinha e achou que era boa ideia apoderar-se dele e pôr-se a andar dali para fora. Diz ainda que não tocou em nenhuma das mulheres para ver se davam sinais de vida porque teve a certeza de que estavam ambas mortas. Pelo menos teve quase a certeza. — Huldar deu outra passa. — É inacreditável.

— Será possível que essa história seja verdadeira?

Freyja ficou a ver um enorme floco de neve descer preguiçosamente até ao chão, acabando por se derreter sobre o alcatrão preto.

— Duvido. É verdade que coincide com os movimentos do carro dele, mas, por outro lado, sabemos que ele voltou lá posteriormente, para ir buscar os corpos e os levar no carro de Bríet. Ou seja, o que ele não está a contar é que voltou lá a casa nessa noite, a pé ou de autocarro, para limpar o que tinha feito. O homem continua a afirmar que viu um desconhecido. Mas há de acabar por nos dizer a verdade. Só que ainda não sabe.

— E o perfil de ADN? O de Mía? Como é que foi lá parar? Ele disse alguma coisa sobre isso?

— Só disse que não sabe absolutamente nada sobre o assunto. — Huldar apagou o cigarro e deitou a beata para o cinzeiro que estava fixado na parede. — Parece que a principal preocupação dele é saber se pode divorciar-se da mulher enquanto estiver na prisão. Eu disse-

lhe que não se preocupasse demasiado com isso, que o mais provável era a mulher tomar a iniciativa de se divorciar dele.

Voltaram para dentro e, quando chegaram ao departamento, Freyja sentiu-se incomodada ao ver Stefán e Númi, bem como o pai e a irmã de Selma, que ainda ali estavam sentados; percebeu que, nesta altura, era pouco provável que conseguisse evitar falar-lhes. Nenhum dos detetives estaria disposto a falar com eles a sós, exceto talvez Erla, e a chefe estava nesta altura ocupada com Rögnvaldur. Freyja não tinha vontade nenhuma de lhes explicar o que se passara; só de pensar nisso, ficava com mau gosto na boca. Aliás, daria fosse o que fosse para limpar da memória a imagem do corpo de Rósa de cabeça para baixo no meio das águas, pois tinha consciência de que, quanto mais revivesse os acontecimentos, mais indelevelmente impressos eles lhe ficariam na memória.

À última da hora, porém, foi salva dessa provação. Assim que entraram os dois no departamento, a técnica informática apareceu a correr e chamou Huldar à parte. Freyja foi atrás deles, porque não se sentia com coragem para enfrentar sozinha as famílias das duas meninas; se esperasse por Huldar, quando passasse pelas famílias, podia dar a impressão de que estavam os dois a ter uma conversa importante.

— Demos uma vista de olhos ao portátil que encontrámos no carro do suspeito. É o de Bríet, não há dúvida nenhuma. E encontrámos um ficheiro que parece ser crucial. — A mulher dirigia-se a Huldar, ignorando a presença de Freyja. Mas não deixou de olhar para as calças que ela segurava com uma das mãos, com uma expressão que dava a entender que semelhante toilete em nada contribuía para melhorar a opinião com que ficara de Freyja depois do episódio do Sistema de Informações. A mulher voltou-se novamente para Huldar, mas continuando a olhá-los de alto. — O ficheiro tem o título «Mía».

Huldar espreitou para trás da colega da informática e de Freyja, como se estivesse a passar os olhos pelo departamento à procura de alguém.

— Onde está a chefe? Ela tem de ouvir isto.

— Não consigo encontrá-la em lado nenhum. Mas tu podes transmitir-lhe esta informação. Tenho de voltar para a minha sala e

continuar a analisar o computador. Só achei que era urgente saberem isto.

Huldar olhou novamente para ela.

— Desculpa. Continua.

— O ficheiro contém uma série de coisas que vocês deviam ver. Aparentemente, Bríet estava convencida de que sabia o que tinha acontecido a Mía, tinha a certeza da identidade da miúda. De facto, parece ter enviado uma amostra de ADN para análise, a fim de tirar a prova. Pelo menos, este ficheiro contém os resultados de um teste de ADN mitocondrial para uma amostra com o nome de Mía Stefánsdóttir. A avaliar pela data, a amostra foi enviada recentemente. Ou seja, não é uma amostra antiga.

Huldar franziu o sobrolho.

— Mito... quê?

— Mitocondrial — respondeu a mulher com ar impaciente. — As mitocôndrias contêm ADN que é herdado apenas da mãe. O departamento forense está a comparar este perfil com o de Mía. Devemos ter os resultados dentro de muito pouco tempo. — Calou-se por instantes. — Outra coisa. Também lá está o nome da miúda que ela achava que era Mía.

E disse-lhes quem era. Huldar e Freyja olharam de relance, em simultâneo, para as famílias das duas miúdas, que continuavam sentadas no corredor, fazendo gala de se ignorarem uma à outra.

Domingo

O HOMEM SENTADO NA SALA DE ENTREVISTAS PARECIA EXAUSTO. Quando ali chegara, vinha em silêncio e com uma atitude rígida, mas tudo isso mudara. Chamava-se Einar Brjánsón e era uma personagem peculiar, apesar de ter um nome muito vulgar: não havia ponta de arrogância ou de insolência na sua atitude, e muito menos de agressividade, coisa bastante surpreendente, dados os crimes que era suspeito de ter cometido. Tinha-se sentado, cruzara os braços musculosos e recusara a presença de um advogado. Repetidamente. A seguir, começara a responder às perguntas que lhe faziam, sempre que era possível apenas com sim ou não. Não se mostrava impaciente nem nervoso, e não queria beber nada. Parecia que estavam a interrogar um autômato sobre quem recaíam suspeitas de homicídio; à exceção da sua aparência: não passaria pela cabeça de nenhum designer digno desse nome criar um robô tão sorumbático e taciturno.

Huldar recordava personagens idênticos do tempo em que havia trabalhado na área da construção. Em geral, eram os operários mais experientes e, nas raras ocasiões em que davam a sua opinião sobre o trabalho em curso, tinham quase sempre razão. Não eram grandes fãs de inovações e mostravam relutância em se desviar dos hábitos estabelecidos. Eram homens que, nos intervalos de descanso, bebiam por grandes canecas e resmungavam quando lhes aparecia massa, em vez de carne e batatas, no tabuleiro do almoço. Para além disso, falavam pouco, a não ser que a conversa fosse acerca de uma de duas profissões: políticos e engenheiros; nesse caso, era certo e sabido que abanavam a cabeça e estalavam a língua. Não costumavam irritar-se facilmente; porém, quando a provocação era grande, podiam perder a cabeça.

Até ao momento, Huldar e Erla tinham conhecido o lado tolerante de Einar; agora, começavam a vislumbrar-lhe a fadiga. Ainda não tinha havido qualquer manifestação de violência, mas nenhum deles tinha dúvidas de que o sujeito tinha mau feitio, um facto claramente comprovado pelos indícios de que dispunham. Na véspera, todo o pessoal do departamento ficara a trabalhar até tarde, levando a cabo uma tarefa hercúlea de recolha das provas necessárias. Huldar e Erla estavam na posse de elementos suficientes para derrubar qualquer tentativa de Einar clamar inocência. O homem não tinha maneira de se safar; mais cedo ou mais tarde, seria obrigado a confrontar-se com o muito que eles sabiam.

Já tinha reconhecido que a filha Selma não fora vacinada na infância. E, pouco depois, concedera que a miúda tinha estado doente — possivelmente com sarampo. A família não tivera consciência dos riscos que esta infeção acarretava, uma vez que a filha mais velha participara num fórum online onde tinha sido informada de que o vírus não era mais perigoso que o da gripe. Por isso, tinham-se limitado a manter a filha em casa até a febre passar.

Einar achava que sabia como é que a filha fora infetada: um dos seus operários estrangeiros tinha contactado o Ministério do Trabalho já depois de regressar ao seu país, a informar que tivera sarampo. O homem mostrara-se incapaz de trabalhar em condições e tinha sido mandado para casa um ou dois dias depois; mas Selma, a filha de Einar, tinha estado em contacto com ele, pois fora com a irmã mais velha, Sædís, à oficina levar o almoço à equipa, e o homem ainda lá estava. Duas semanas mais tarde, Selma adoecera com qualquer coisa e tossira repetidamente para cima de Rósa, a amiga, que passara lá por casa antes de ir com Sædís receber o prémio de poesia de Selma em nome desta. E Rósa tinha transmitido o vírus a Íris. O homem estava disposto a reconhecer tudo isto. Mas recusava-se obstinadamente a admitir que a filha não tinha sido vacinada em criança porque ele e a mulher não se tinham atrevido a levar Selma ao médico quando ela era bebé, aterrorizados com a possibilidade de que se viesse a descobrir que Selma não era filha deles.

Einar continuava a insistir teimosamente que Selma era filha dele. Huldar teve a impressão de que estas negações se tornaram ainda mais

veementes quando os agentes lhe disseram que também suspeitavam de que ele tivesse assassinado Droplaug. Tendo revisto os resultados da autópsia, o departamento de medicina forense revelara que, da vez anterior, as autoridades não tinham dado suficiente atenção à rapidez com que ela se tinha afogado; com efeito, Droplaug tinha menos água do mar no estômago do que seria de esperar caso estivesse consciente na altura do seu afogamento, independentemente de se ter suicidado ou não. A conclusão não era indiscutível, mas os técnicos que tinham revisto os resultados estavam convencidos de que o mais provável era Droplaug ter entrado no mar já inconsciente, ou prestes a perder a consciência. Também era pouco provável que o ADN de Droplaug encontrado no cobertor da bebé que havia aparecido na praia tivesse ido lá parar pelo facto de a jovem o ter tido na mão. Era muito mais plausível que proviesse da mancha de vómito que Mía nele deixara; o vómito fora produzido depois de ela ter tomado um biberão com leite do peito da mãe imediatamente antes de ter ficado maldisposta, e é sabido que o leite materno contém o ADN da própria.

Einar também negou por completo qualquer responsabilidade no desaparecimento de Bríet e no homicídio de Ólína, afirmando que não conhecia nenhuma delas. Mas Huldar notou que esta negação não foi tão veemente como quando ele fora acusado de ter matado Droplaug.

Em cima da mesa que os separava, viam-se algumas das provas que os dois agentes lhe tinham mostrado para o convencer a confessar: fotografias de câmaras de vigilância, dados do computador de Bríet, uma lista de chamadas telefónicas, informação incompreensível sobre perfis de ADN, os resultados das análises às impressões digitais, diversos relatórios e inúmeras fotografias. De entre estas, havia duas que chamavam a atenção. A primeira era a fotografia de uma turma de crianças, tirada por Ólína; a outra era de uma enorme máquina, usada para cortar tubos de cimento. Esta última fotografia tinha sido tirada pelo departamento forense na busca feita à oficina do homem na zona industrial de Grótta.

Huldar empurrou a fotografia da turma sobre a mesa. As crianças sorriam alegremente para a fotógrafa.

— Pelos dados contidos no computador da Bríet e pelas mensagens que ela e a Ólína trocaram, é bastante claro que foi esta a fotografia

que espoletou o processo todo. — Huldar calou-se um momento e apontou para uma criança em particular. — Esta é a sua filha Selma, não é?

Einar olhou de relance para a fotografia e assentiu com a cabeça. Depois, lembrando-se de que Huldar e Erla lhe tinham recordado várias vezes que tinha de falar em voz alta para o gravador, que não bastava fazer acenos, disse:

— Sim. É ela.

Huldar empurrou outra fotografia na direção de Einar, desta feita da mãe de Mía, Droplaug, com a mesma idade que Selma tinha atualmente. Ólína tinha anexado esta fotografia a um dos primeiros emails que trocara com Bríet.

— São parecidas, não são?

O homem fez-lhe a vontade e olhou para a fotografia.

— Não acho muito.

— Que estranho. Pois nós achamos que são quase idênticas. A semelhança é impressionante. E foi suficiente para chamar a atenção da fotógrafa, Ólína, que era prima da Droplaug e se lembrava dela em pequena. Tal como os restantes membros da família, a Ólína nunca se convenceu de que a Droplaug tivesse feito algum mal à Mía. A propósito, esta fotografia é do álbum de família dela. O senhor teve azar por a Selma ter exatamente o mesmo corte de cabelo.

— Há muitos miúdos que são parecidos entre si. Isso não quer dizer nada.

— Foi o que a Ólína pensou. Foi por isso que ligou a uma amiga, a Bríet, que estava a fazer um estudo sobre imunização de crianças, a pedir-lhe ajuda. A Ólína mostrou-lhe as duas fotografias e convenceu-a de que se passava ali qualquer coisa estranha. Sabemos isto pelas mensagens que trocaram. A Bríet foi à escola e tirou uma amostra de ADN à sua filha. Mandaram essa amostra com outra da Ólína para comparar, e não é que lhes saiu bingo? Havia uma relação familiar entre as duas. — Huldar recolheu as fotografias. Não era preciso revelar a Einar que Bríet tinha falsificado a carta que a autorizava a abordar a filha dele. Dadas as circunstâncias, esse pormenor era pouco relevante. — Mas tudo isto já é do seu conhecimento, não é verdade?

Einar nada disse.

— Não é verdade? — O homem continuava sem reagir. — Ouça, tem consciência de que, neste momento, nem sequer precisamos da sua confirmação? Temos provas de que, depois de terem recebido os resultados do teste de ADN, a Ólína e a Bríet entraram em contacto com a sua mulher. A Ólína ligou-lhe na sexta-feira de manhã e a chamada durou quase dez minutos. Não sabemos bem o que é que elas queriam, mas desconfiamos de que estavam preocupadas com o facto de os resultados não serem absolutamente conclusivos. Como tinham adquirido o ADN da Selma sem a sua autorização, tinham receio de arranjar um sarilho caso fossem à polícia e estivessem afinal enganadas. Na verdade, a única coisa que o teste de ADN mostrava é que a Selma era provavelmente a filha da prima da Ólína. A quantidade média de ADN que duas primas direitas partilham é apenas cerca de seis por cento. Elas queriam ter a certeza absoluta de que não havia uma explicação perfeitamente inocente para aquela relação. Nas mensagens que as duas amigas trocaram encontramos algumas ideias, por exemplo que o senhor ou a sua mulher podiam ser adotados e ter uma qualquer relação familiar com a Ólína sem esta saber. Estariam em melhor situação se tivessem usado uma amostra de ADN da irmã de Droplaug, a Ellý, mas não queriam dar-lhe esperanças que podiam revelar-se infundadas. No entanto, o contacto com a sua mulher foi um erro, porque todos sabemos como é que isso acabou.

Huldar fez uma pausa para permitir que o homem lhe respondesse, mas Einar manteve-se em silêncio, pelo que Huldar prosseguiu:

— Calculamos que a sua mulher lhe tenha contado e que você tenha tomado a decisão de silenciar as duas mulheres. Descobriu a morada da Ólína a partir do número de telefone, fez-lhe uma espera, e seguiu-a até ao apartamento da Bríet, onde forçou a entrada. Estou a ir bem? Atacou as duas, provavelmente derrubando a Ólína logo com a porta quando ela a abriu, a pedido da Bríet, que deve ter pensado que você era outro homem, com quem a Bríet não queria falar. Você estrangulou a Ólína, e a seguir tratou da Bríet, que tinha ocorrido a ver o que se passava. Seguiu-a até à cozinha, e foi aí que a matou? Deixe-me recordar-lhe que temos uma testemunha que o viu entrar no apartamento e que essa mesma testemunha o viu sair pela porta das traseiras. E não duvide de que em breve dispostemos de imagens da

câmara de segurança do autocarro, ou conseguiremos localizar a pessoa que lhe deu boleia até ao apartamento pouco antes da meia-noite, para retirar de lá os corpos. Assim sendo, podia poupar-nos uma data de tempo confessando já tudo. É totalmente inútil continuar a negar.

Vendo que o interlocutor não fazia tenções de responder, Erla interveio.

— Neste preciso momento, a sua mulher está metida numa cela deste edifício, a aguardar a sua vez. Vi-a chegar, e estou convencida de que não será tão difícil arrancar-lhe a verdade como está a ser consigo. Tenho a certeza de que ela vai dizer-nos exatamente o que é que aconteceu...

A chefe interrompeu-se, as feições contorcendo-se-lhe numa careta. Huldar, que estava a ficar cada vez mais preocupado com os esgares de dor que lhe contraíam o rosto, retomou o controlo das operações, na esperança de que Erla recuperasse e tudo aquilo não fosse um sinal de que estavam a começar as contrações.

— Sim, e há ainda a sua filha, a sua verdadeira filha, Sædís, que também não é tão forte como você. Ela vai contar-nos a história toda. Neste momento, está numa cela ao lado da da mãe, também à espera de falar connosco. — Subitamente, os ombros do homem descaíram. — Não percebo mesmo por que motivo continua a teimar desta maneira, Einar. Temos uma testemunha que o viu entrar no apartamento da Bríet na noite em que ela desapareceu e em que a Ólína foi morta. Temos a serra que você usou para cortar o corpo da Ólína aos bocados, e que também deve ter servido para o da Bríet. Passámos a sua oficina a luminol, um químico que nos permite detetar manchas de sangue que são invisíveis a olho nu. A oficina brilhava como uma árvore de Natal, apesar do esforço que você fez para limpar tudo. E a serra também. — Huldar atirou um sorriso trocista ao outro. — Não devia ter usado aqueles produtos amigos do ambiente para limpar o que tinha feito. Mas agora já está. Posso continuar a lista: a sua empresa está a substituir as condutas de água da estrada ao pé do local onde o carro da Bríet foi abandonado, e a sua empresa anterior trabalhava em casa do Númi e do Stefán, imediatamente antes de você ir à falência. Deve ter sido muito duro. Na altura, não lhe deve ter

passado pela cabeça que conseguiria voltar a ser empreiteiro, pois não?

Silêncio.

— É inútil, amigo. Se quer proteger os seus entes mais queridos, aconselho-o a confessar tudo. A Selma e a amiga estão neste momento na Casa da Criança a ser entrevistadas, e eu digo-lhe que o depoimento da Selma vai ser o beijo da morte para si. Porque talvez você não saiba, mas ela viu os bocados do corpo da Ólína no porta-bagagens do carro da Bríet. A miúda reconheceu isto há bocado. Estava nas mensagens de telemóvel de que andávamos à procura. Presumo que isto aconteceu quando foi com a irmã fazer limpeza à oficina. Ou talvez com a sua mulher, se ela teve alguma coisa a fazer em Grótta.

Erla tinha recuperado o suficiente para retomar as rédeas da situação, embora tivesse a pele a brilhar de suor.

— Pois, muito bem. Está-me a parecer que vamos acabar com isto e falar antes com a sua mulher e a sua filha. Sabemos que foi uma delas que levou o carro da Bríet de Grótta para o bairro residencial. Não podia ter sido você a fazê-lo, porque, nessa altura, estava a destilar a bebedeira numa cela da polícia, lembra-se? Achou que nós não reparávamos nisso? Nem pensar. Como não foi você que levou o carro, deve ter sido a sua mulher ou a Sædís. Isto significa que uma delas, ou as duas, são suas cúmplices. O que é uma pena para elas. E para si também. O que é que aconteceu? Foi-se meter nos copos depois daquele trabalhinho com a serra? Ou já ia tocado quando entrou à força no apartamento da Bríet? Sabemos que é um alcoólico em recuperação.

Erla ergueu os dedos e fez o sinal de aspas quando pronunciou a palavra «recuperação».

Einar dava sinais de estar prestes a ceder. Passou várias vezes as enormes mãos pelo cabelo, afundou-se na cadeira, e formaram-se-lhe grossas gotas de suor no lábio superior. Huldar insistiu:

— Estamos convencidos de que a sua mulher, ou a sua filha, ou talvez ambas estavam consigo quando assassinou a Ólína. E, presumivelmente, quando assassinou a Bríet. Sabe que o facto de partilhar a culpa com outras pessoas em nada lhe abrandará a pena? O

castigo continua a ser máximo.

Na verdade, o que Huldar tinha dito era um disparate: a polícia não tinha qualquer indicação de que a mulher ou a filha do homem estivessem presentes durante os homicídios.

Einar baixou os olhos e Huldar decidiu continuar a apertar com ele.

— Sabe o que acontece aos presos com problemas mentais como a sua mulher? Já imaginou o que vai ser a vida da Sædís se for condenada por homicídio com esta idade? Acha que ela voltará a ter uma vida decente? Quer mesmo vir a conhecer as respostas a estas perguntas?

Subitamente, Erla dobrou-se em duas, um ricto de dor a contorcer-lhe a face, e Huldar calou-se, perguntando a si próprio se seria de suspender a conversa e mandá-la para casa. Ou para o hospital. Era a pior altura para interromper aquele interrogatório, evidentemente, porque o homem estava exausto e prestes a ceder. Mas Erla resistiu e, voltando a endireitar-se, fitou Einar com frieza, dissendo-lhe:

— As presas não estão autorizadas a ter as filhas consigo durante muito tempo. Tem conhecimento de que a sua filha está grávida?

A avaliar pela expressão espantada de Einar, a resposta a essa pergunta era não.

Freyja estava com bom aspeto, muito melhor do que na véspera, quando a náusea quase tomara conta dela. O facto de ter voltado a vestir roupa sua, e de não ter de estar constantemente a puxar as calças para cima também ajudava. Além disso, tinha tentado arranjar-se um pouco, embora não tanto como no dia em que aparecera de saia e argolas. Huldar calculou que fosse por ter ido à Casa da Criança assistir às entrevistas às duas meninas. Visitar um local onde se trabalhou era um pouco como voltar a ver um ex-marido: a pessoa tem vontade de se apresentar no seu melhor, não aconteça que o tal ex-marido ou os ex-colegas, ao olhar para ela, pensem: «Ufa, escapei de boa!»

Huldar dirigiu-se a ela, sentindo-se progressivamente mais animado à medida que se ia aproximando; quando se deteve para lhe

falar, já tinha largado o cansaço que pesava sobre ele desde que concluía a entrevista com Einar. A resolução de um caso nunca era tão recompensadora como se esperava. Quando se tratava de um crime irrevogável, como era o homicídio, era tarde demais para mudar fosse o que fosse: concluído o caso, as vítimas continuavam mortas e havia muitas pessoas cuja vida nunca mais seria como dantes.

— Como é que correu?

Freyja soltou um melancólico suspiro; estava manifestamente com a mesma sensação de anticlímax que Huldar.

— Bem... se é que se pode dizer tal coisa nestas circunstâncias. Quando te mandei aquela mensagem, Gudda tinha-nos contado o que se passara, e Selma confirmou a história. Rósa vai tardar muito a conseguir dar-nos a versão dela, evidentemente, mas dizem elas que também lá estava. As duas miúdas contaram exatamente a mesma coisa, e não há razão nenhuma para duvidarmos do que elas dizem. Ao que parece, foram as três com Sædís até à oficina no sábado passado, porque ela ia fazer a limpeza. Encontraram um telemóvel no chão, ao lado de um carro estacionado no parque em frente à oficina, e Rósa decidiu ficar com ele, embora não conseguisse desbloqueá-lo. Era a única miúda da turma que não tinha telemóvel e queria dar nas vistas. A seguir, descobriram que esse carro não estava trancado e foram bisbilhotar, incluindo no porta-bagagens, onde encontraram uns sacos de plástico. Tiraram um para fora e abriram-no. — Freyja interrompeu a narrativa e teve um arrepio. — O que estava lá dentro era uma cabeça.

— Quer dizer que as três miúdas viram a cabeça de Ólína?

Huldar teve dificuldade em imaginar a cena. Crianças e partes de cadáveres eram duas coisas que não combinavam, especialmente tratando-se de cabeças.

Freyja anuiu.

— Selma vomitou e Gudda pegou no saco e atirou-o para longe. A seguir, decidiram olhar para dentro dos outros sacos, e Selma tornou a vomitar, sujando aquilo tudo. Foi nessa altura que Sædís, que as tinha ouvido gritar, correu cá para fora. Dizem elas que a rapariga olhou para dentro de um dos sacos que estavam no porta-bagagens, ficou uns minutos calada, e a seguir voltou-se para elas e explicou-lhes que

eram acessórios de um filme de terror, e que elas não podiam contar a ninguém o que tinham visto, porque isso daria cabo do filme. Elas acreditaram... mais ou menos. De qualquer maneira, não contaram a ninguém. Depois disto, Sædís disse-lhes que afinal não precisava de fazer limpezas e que podiam ir todas comer um gelado. Diz Selma que, depois de as deixar em casa, Sædís voltou a sair e só regressou já depois de a miúda ter ido para a cama.

Ou seja, tal como Huldar havia suspeitado, a filha de Einar tinha decidido limpar a porcaria que o pai fizera. O que não se percebia era como é que a cabeça tinha ido parar ao meio das rochas. Talvez o saco tivesse ficado acidentalmente para trás quando Sædís levara o carro, e ela ou o pai tinham-no atirado para o mar quando se aperceberam disso. A seguir, o mar cuspira o saco com o medonho conteúdo novamente para terra, e a cabeça ficara entalada no meio das rochas. Tudo seria esclarecido em devido tempo.

Freyja olhou em volta com uma expressão preocupada.

— A Erla?

— Foi à casa de banho passar água pela cara. Não estava a sentir-se muito bem. — Huldar sorriu a Freyja. — Mas já aí vem. Tenho boas notícias, se quiseses saber. Einar confessou que tinha assassinado Ólína. E Bríet. Diz que estava embriagado e que teve um acesso temporário de loucura. Quando descobriu que Bríet e Ólína sabiam quem Selma era, voltou ao antigo vício, depois de ter passado mais de uma década sem beber.

— Quer dizer que também reconheceu que tinha sido ele a raptar Mía?

— Sim. Não teve alternativa. Por essa altura, estava completamente encurralado.

Para psicóloga, Freyja estava a dar mostras de um interesse muito reduzido em relação ao estado mental de Einar.

— E então? Afinal como é que a coisa aconteceu?

— Diz o homem que ele e a mulher tinham uma filha chamada Selma, que morreu, pensa ele que de morte súbita na infância. Quando foi encontrar a mulher com a filha morta nos braços, decidiu trocá-la pela filha de Stefán e Númi. Nessa altura, ainda bebia, e a fúria que sentia em relação aos dois homens toldou-lhe o entendimento: com a

empresa dele à beira da falência, eles estavam a atrasar o pagamento de uns trabalhos extra que a equipa tinha feito. Além disso, ele achava que uma criança não devia ter dois pais. Finalmente, parecia-lhe que eles tinham um comportamento vergonhoso com a mãe da bebé.

— Então o que é que aconteceu à bebé que tinha morrido? Quem é que a tirou do carrinho depois de Númi a ter visto?

— Foi Einar. Quando ia a caminho de casa, percebeu que a polícia havia de conseguir descobrir quem era a bebé. Por isso, levou Mía para casa, entregou-a à mulher, e depois voltou atrás para ir buscar o corpo da filha. Ouviu Númi aos berros dentro de casa, mas foi de mansinho pelas traseiras e levou a bebé morta. Aparentemente, enterrou-a no jardim, a princípio atrás do apartamento onde viviam na altura; mas, quando vendeu a casa e comprou a nova, levou-a com eles. Tinha receio de que alguém viesse a descobrir os ossos, e além disso queria tê-la ao pé da família. Desenterrámos os restos mortais da bebé e talvez seja possível descobrir qual foi a causa da morte, embora as hipóteses de a autópsia conseguir chegar a uma conclusão de jeito ao fim deste tempo todo sejam ínfimas. Também vamos ter de mandar um mergulhador para Gróttá, porque Einar transportou o corpo de Bríet em vários sacos, meteu-lhes pedras lá dentro e fechou-os com fita adesiva, deitando-os a seguir ao mar. Há um fundão bastante acentuado a seguir ao farol. Depois, voltou para a oficina, cortou o corpo de Ólína aos bocados e meteu-os no porta-bagagens do carro de Bríet. Por essa altura, tinha principiado a amanhecer e a maré começara a encher, inundando a passagem que dá para o farol. O homem deitou-se na oficina, com a intenção de esperar que a maré voltasse a baixar, mas só acordou quando a filha chegou para as limpezas. Diz ele que lhe recomendou que fosse para casa e não se preocupasse: que tinha havido um acidente e era por isso que estava tudo cheio de sangue. Depois, pediu-lhe que levasse o carro para o bairro residencial e o deixasse lá ficar. O homem jura que a filha não sabia de nada. Que tencionava esconder o corpo de Ólína na vala que a empresa dele estava a abrir, e cobri-lo ainda nessa noite. Mas começou a beber e acabou aqui na cela.

— Pelo que as miúdas disseram, Sædís sabia, Huldar.

Ele sorriu.

— Não tenho dúvida nenhuma. Ele está a tentar proteger a filha. Não vai resultar, evidentemente. Nem isso nem a afirmação de que a mulher não deu conta de que ele tinha trocado a filha por Mía. Isso então é completamente absurdo. Mas vai ficar tudo esclarecido quando falarmos com as duas mulheres.

— Isso quer dizer que ele vos contou tudo aquilo que vocês precisavam de saber?

Freyja meteu a mão no bolso e tirou o telemóvel, que tinha acabado de dar um sinal.

— Sim e não. Eu tenho a sensação de que ele sabe mais do que está a dizer. Mas não foi a última vez que falámos com ele. Nem por sombras.

Huldar fez uma pausa. Freyja estava totalmente concentrada no ecrã e, quando ergueu os olhos, soltou um suspiro.

— Eu serei a pessoa mais azarada do mundo?

— O que foi agora?

— O Baldur a pedir-me que fique com a Saga.

— Não podes dizer que não e pronto?

Freyja parecia ter com o irmão uma relação muito diferente da que Huldar tinha com as irmãs, a quem dizia que não mais vezes do que dizia que sim. E vice-versa.

— Ele está a dizer que é uma superemergência. Bolas.

Huldar tentou animá-la, até porque esperava conseguir passar por casa dela ao final do dia, uma vez que não tinha conseguido fazê-lo na véspera.

— Acho que não vais perder nada. Estás livre. Vai-te embora. Estava a pensar passar lá por casa mais logo. Se ainda estiveres com a Saga, posso comprar comida rápida pelo caminho.

Saga tinha os mesmos gostos que ele em termos alimentares: gostava de tudo o que fosse redondo, pizzas, hambúrgueres, tortilhas, biscoitos, panquecas, donuts... Durante os próximos tempos, contudo, a piza estava fora de questão, um facto que ele tinha de agradecer a Einar.

Freyja não respondeu. Parecia inquieta, com os olhos na porta da casa de banho das senhoras.

— Não era só sobre os depoimentos das miúdas que eu queria falar

com a Erla. Também queria ver se percebia o que aconteceu em relação ao Sistema de Informações da Polícia. Ao que parece, os meus dados de acesso foram enviados para ela, mas ela não mos passou. Queria perguntar-lhe se os terá reenviado para outra pessoa por acaso. Não quero que este assunto fique a pairar sobre a minha cabeça para sempre.

Huldar levantou o sobrolho.

— E se o Baldur vier cá trazer a Saga em vez de seres tu a ir buscá-la? Os chefes lá de cima não estão cá e nós não nos importamos com a presença da miúda. Assim, ganhas algum tempo, até porque a Erla deve estar a sair da casa de banho.

Freyja concordou e mandou uma mensagem ao irmão. O telemóvel deu um toque quase logo a seguir e ela leu a mensagem antes de o meter novamente no bolso.

— Ele diz que está ótimo. Aparece aí dentro de cinco minutos. — Calou-se, hesitante, sem tirar os olhos da porta da casa de banho das senhoras. — O que é que achas? Meto a cabeça lá dentro e pergunto-lhe se houve confusão com os dados de acesso?

— Não. Nem pensar. Há muito tempo que não ouvia uma ideia tão má.

Huldar imaginava perfeitamente a explosão de Erla se Freyja entrasse por ali dentro e confrontasse a chefe por cima das paredes dos cubículos.

Antes, porém, de Freyja conseguir replicar, ouviram um grito abafado vindo do interior da casa de banho. Trocaram um olhar e desataram a correr; não foram os únicos a reagir daquela maneira, mas foram os primeiros a chegar ao local. Huldar ordenou a Freyja que abrisse a porta e olhasse lá para dentro. Era preferível ser ela a fazê-lo, caso estivesse a acontecer alguma coisa que Erla preferisse ocultar aos olhares de todo o departamento. Enquanto Freyja metia a cabeça dentro da porta, Huldar mandou afastar toda a gente, à exceção de Lína, que tinha procurado no Google como se assistia um parto, podendo por isso vir a ser útil. Lína começou a arregaçar as mangas com ar decidido.

Freyja desapareceu para dentro da casa de banho e fechou a porta. Huldar e Lína ouviram o som de vozes, seguido de novo grito abafado.

Passado muito pouco tempo, Freyja voltou a sair.

— Muito bem, minha gente. Tanto quanto me parece, a Erla entrou em trabalho de parto.

Huldar recuou um passo e Lína avançou um passo, mas foi travada por um olhar irritado de Freyja.

— Por amor da santa, ela não vai dar à luz na casa de banho. Está tudo doido? Mas está a ter contrações muito fortes e tem de ir para o hospital *agora mesmo*.

Todos os presentes estavam a olhar para ela, de ouvido atento. Lá do fundo, chegou-lhes uma voz:

— Ela precisa de boleia?

Freyja revirou os olhos e, por momentos, Huldar achou que ela ia dizer que faria bem a Erla ir a pé, mas a resposta saiu sem ponta de ironia.

— Não. Já tem boleia.

— Queres que a leve?

Assim que as palavras lhe saíram da boca, Huldar lembrou-se de todas as histórias que tinha ouvido sobre mulheres que davam à luz no carro, a caminho do hospital.

Freyja abanou a cabeça.

— Não, já te disse que ela afirma que tem uma boleia. Vou levá-la lá para baixo. Se quiseres ajudar, o que dava jeito é que lhe fosses buscar o blusão.

Huldar não esperou que a indicação fosse repetida: correu ao gabinete de Erla, tirou o blusão do cabide e voltou no momento em que Freyja ajudava Erla a sair da casa de banho. Assim que a chefe apareceu, todas as cabeças voltaram a mergulhar nos ecrãs dos respetivos computadores. Erla tinha na cara uma máscara de dor, coberta por uma camada de suor, e apertava o fundo das costas com as duas mãos. Estava tão mal que nem conseguiu meter os braços nas mangas do blusão, e Huldar pôs-lho nos ombros.

— Eu consigo descer sozinha. Bolas, larga-me! — protestou Erla, tentando sacudir Freyja. Em situação normal, não teria tido dificuldade em o fazer, uma vez que era muito mais forte e conhecia imensos movimentos de ataque de que Freyja nunca tinha ouvido sequer falar. Naquelas circunstâncias, contudo, não estava em

condições de dar luta, e Freyja não lhe largou o braço.

— Para com isso. Eu vou contigo e não te largo enquanto não estiveres sentada dentro do carro. Não vale a pena protestares.

Erla fez uma careta, mas Huldar não percebeu se era por causa da atitude autoritária de Freyja ou se estava a começar uma nova contração.

Erla cerrou os dentes e voltou-se para Huldar.

— Não aqueças demasiado a minha cadeira, Huldar — recomendou num tom visivelmente esforçado. — Esqueci-me de te dizer que vais ser o meu substituto enquanto eu estiver de licença. Se te portares tão bem como da última vez, de certeza que eu recupero o cargo.

Esforçou-se por sorrir, mas foi em vão. Pelo contrário, fechou os olhos, cerrou os lábios com força e tentou evitar novo gemido. Depois disto, permitiu que Freyja a acompanhasse pelo departamento fora até ao elevador sem mais protestos.

Huldar ficou ali imóvel, com Lína ao lado. Ela deu-lhe uma cotovelada, e a diferença de altura entre os dois era tal que lhe bateu na anca.

— Uau. Parabéns.

Huldar gemeu como Erla tinha gemido. Só que por dentro. A última coisa que ele queria era ocupar aquele lugar. Mas fá-lo-ia. Por Erla. Os poderes superiores preferiam de longe que ela regressasse a mantê-lo a ele no cargo, ao passo que todos os outros potenciais candidatos moveriam céus e terra para se insinuarem junto das chefias, na esperança de ficarem com o lugar. Baixando os olhos para Lína, Huldar sorriu ao de leve.

— Pois. Obrigado. Viva!

Lína não percebia, evidentemente, por que razão ele não estava a celebrar a notícia. Mas Huldar não era capaz de o fazer, nem sequer para agradar à ambiciosa estagiária. Intrigada e desiludida, Lína voltou para a sua mesa.

O anúncio feito por Erla não tinha passado despercebido aos outros membros da equipa, que o olhavam agora de esguelha. Alguns estariam certamente a alimentar pensamentos de vingança, mas a culpa não era de Huldar; o que ele via à sua frente eram longos meses a preencher formulários, a organizar reuniões e a resolver problemas

de recursos humanos. Por isso, o melhor era aproveitar bem o seu último dia como simples detetive.

Freyja voltou ao departamento, trazendo Saga ao colo, e a miúda começou imediatamente a esticar-se na direção de Huldar. Baldur devia ter chegado enquanto ela estava lá em baixo. Huldar notou que Freyja tinha regressado estranhamente pálida e perturbada.

— Olá, Saga! — Huldar pegou na criança ao colo. — Está tudo bem?

— Sim, sim, claro que sim — respondeu Freyja, embora fosse evidente que não estava.

— Está tudo bem com a Erla, não está?

Freyja acenou a cabeça.

— Sim. Ela está ótima. Quando eu me vim embora, ia a gritar qualquer coisa sobre uma epidural para as dores. Se ainda for a tempo.

Era mais do que óbvio que Freyja estava a ocultar qualquer coisa.

— Chegaste a falar com ela sobre a questão do acesso? — perguntou Huldar.

Foi a única coisa que lhe ocorreu. Tinha sido a última oportunidade de Freyja esclarecer as coisas, dado que Erla estaria vários meses ausente.

Freyja abanou a cabeça.

— Não, não cheguei. Não foi preciso. Quando vi quem era a boleia, percebi tudo.

— Ah, sim?

— Era o Baldur. O meu irmão Baldur. É ele o pai do filho da Erla. — Freyja fechou os olhos e levou uma mão à testa. — O Baldur é o pai do filho da Erla.

O que explicava tudo: Erla tinha usado o acesso de Freyja para ver o processo de Baldur. Não devia ter ficado muito satisfeita com o que lera, mas o problema era dela.

Se Huldar bem a conhecia, Freyja nunca mais voltaria a tocar no assunto, preferindo assumir a responsabilidade pela entrada indevida na base de dados. Ele só esperava que Erla apreciasse o sacrifício; esperava, mas não tinha a certeza de que assim fosse. Agora que tinha assumido a posição de Erla, ele faria o possível por resolver a questão

sem que isso tivesse um impacto demasiado negativo em Freyja.

Huldar teve dificuldade em responder, porque Saga estava a apertar-lhe o pescoço. Quando a miúda abrandou o abraço, só lhe ocorreu repetir a sugestão de lhes fazer uma visita à noite. Para sua surpresa, Freyja recebeu bem a ideia; Huldar estava a contar que ela estivesse tão chocada e preocupada que nem sequer tivesse ouvido a sugestão e muito menos que reagisse com entusiasmo.

— Sim, sim. Aparece! Claro que sim. E traz vinho, por favor. Em quantidade.

Huldar queria dizer-lhe que tudo correria bem. E queria que Freyja lhe dissesse a mesma coisa. Mas nenhum deles abriu a boca.

Nem era preciso. Havia de se safar. Separados ou juntos. Juntos ou separados.

Esta noite, juntos, nitidamente. Um dia de cada vez.

Huldar sorriu. Com sorte, teria oportunidade de fazer de guarda-costas fora das horas de serviço. Ambos mereciam um final feliz.

Cinco meses depois



Sábado

SÆDÍS FOI TOMADA POR UM DESEJO INTENSO DE FAZER FORÇA; não lhe entrava mais nada no cérebro. Nem sequer conseguia dizer se estava a berrar ou apenas a fazer caretas. Inclinando a cabeça para trás, concentrou-se na tarefa de tentar obrigar a criança a sair. Enquanto fazia esse esforço, tinha menos consciência das dores que a atravessavam a intervalos regulares, dando-lhe a sensação de que lhe estavam a rasgar a pélvis, de que tinha os rins a explodir e o abdómen em chamas. Havia recusado a epidural, embora soubesse muito bem o que a esperava. Aquele sofrimento era catártico.

Desde que tocara à campainha da maternidade, dobrada em duas e ofegante de dor, Sædís não tivera grandes surpresas: há vários meses que se vinha preparando para este momento. Grande parte do que lera não era diretamente relevante para a situação dela: eram textos que davam por certo que a mulher passaria por aquilo sozinha, mas tendo a seu lado alguém em quem se apoiar. Havia sobretudo uma frase, lida num folheto sobre partos que havia no consultório do médico de clínica geral, que lhe tinha ficado na memória: «O futuro pai apoia a mulher com a sua presença, com amor, estímulo e cuidados.»

É verdade que Númi estava ali sentado ao lado da cama, mas a sua atitude era o mais contrastante possível com as imagens cor de rosa da literatura sobre o parto: evitara deliberadamente olhá-la nos olhos, e os dois não haviam trocado uma única palavra desde a sua chegada.

Sædís notou que, volta e meia, ele a olhava de relance, mas com uma expressão que em nada a incentivava a pedir-lhe apoio. O que Númi sentia por ela era ódio e desprezo, e não via razões para ocultar esse facto.

Pelo contrário, a parteira compensava essa frieza com amabilidade e ternura, de mão dada com Sædís, sorrindo-lhe e elogiando-a. Havia várias pessoas a entrar e a sair constantemente da sala de partos: médicos, enfermeiras, auxiliares, além de uma mulher que de vez em quando lhe perguntava se ela tinha fome ou sede. Como era a primeira vez que se encontrava naquela situação, Sædís não fazia ideia se aquelas idas e vindas eram normais, ou se seriam especiais por causa dela; mas parecia-lhe que a segunda alternativa era a mais provável: vendo bem, ela era famosa, e era natural que as pessoas quisessem ver a jovem que estava ligada ao desaparecimento de Mía, a filha do raptor e assassino, que tinha ficado sozinha e sem um tostão, grávida de um filho de um dos pais de Mía. Desde que a história tinha chegado às notícias, os jornais não falavam de outra coisa.

— Estás quase lá, Sædís. Dá-me a impressão de que já não vais ter de fazer força muito mais tempo. — A parteira, posicionada entre as duas pernas dela, fletidas e abertas, sorria. — Estás a sair-te muito bem, querida. O oposto de algumas mulheres a quem eu tenho ajudado, devo dizer-te. Há uns meses, tivemos aqui uma que praguejou como um soldado durante todo o parto. Quando o bebé nasceu, percebi porquê: o rapazinho tinha uma cabeça como eu nunca tinha visto outra daquele tamanho. Parecia uma abóbora. Mas era saudável e normal. Segundo o pai, era de família. Mas a cabeça da tua pequenita parece-me de um tamanho perfeitamente normal.

Sædís estava demasiado entretida a respirar para conseguir responder. A parteira voltou-se para Númi e convidou-o a aproximar-se para ver a cabeça. Ao ouvi-lo recusar o convite, a mulher replicou:

— Então o que está aqui a fazer? Porque não espera lá fora?

— Não. — Númi sentiu-se ofendido. — A filha também é minha. Eu tenho o direito de aqui estar.

Mas a parteira não esteve com meias medidas.

— A única pessoa que tem o direito de aqui estar é a mãe. — Depois voltou-se para Sædís. — Preferes que ele vá lá para fora, minha

querida? Se preferes, não hesites em dizer.

Sædís fez um esforço para inspirar e conseguiu responder mesmo antes de ser tomada por nova onda de dor, que lhe cortou a respiração.

— Pode ficar. É-me indiferente.

E era verdade. Era-lhe indiferente. Nos últimos meses, tinha aprendido muito, incluindo que era possível uma pessoa continuar a viver a sua vida sendo odiada pelos outros. Tinha chegado a esta conclusão após receber um telefonema especialmente horrível de uma mulher chamada Ellý, que se tinha apresentado como irmã de Droplaug, a mãe de Mía. A conversa tinha sido praticamente um monólogo, e o desprezo da mulher por Sædís era palpável. Ellý tinha-lhe perguntado várias vezes como é que Sædís se conseguia ver ao espelho quando tinha ocultado a verdade durante tantos anos, permitindo que as pessoas pensassem que Droplaug tinha matado a própria filha. Acrescentara que não acreditava minimamente que Sædís não tivesse conhecimento da troca dos bebés. E terminara chamando-lhe os piores nomes possíveis e imagináveis, acrescentando insultos em inglês quando os islandeses se esgotaram. Curiosamente, a intensidade do ódio que Ellý derramara sobre ela acabara por ter um efeito terapêutico: Sædís percebeu que nada que dissesse ou fizesse levaria esta mulher a perdoar-lhe, nem ela nem as outras pessoas que a desprezavam, e que, a partir de agora, esta seria a sua realidade. Aceitar este facto foi uma ajuda.

Sædís verificou que a sua necessidade de agradar a toda a gente e de manter a paz havia desaparecido. Era como lutar com moinhos de vento. O que realmente importava era viver em paz com quem se amava e por quem se era amado. Ora, esse grupo ficara enormemente reduzido, o que facilitava as coisas. As únicas pessoas que lhe restavam eram as amigas. De resto, toda a gente lhe tinha virado as costas. As amigas não a compreendiam, mas continuavam do lado dela. A princípio, e cautelosamente, tinham-lhe feito perguntas sobre o caso e aquilo que liam; mas, vendo que ela se mostrava relutante em responder, tinham desistido. Era assim que faziam as amigas. Os pais tinham desaparecido da vida dela: estavam detidos, a aguardar julgamento. Embora já não estivessem em celas isoladas, ela estava

proibida de os visitar, uma vez que tinha participado nos crimes. Sædís considerava-se uma felizarda por não estar igualmente detida. Mas o facto de, até agora, ter escapado não implicava que não viesse a ser acusada. Tinha escolhido um advogado ao acaso, de uma lista de nomes que lhe tinham apresentado, e o homem tinha-lhe explicado várias coisas que ela ignorava. Primeiro, que Sædís não tinha sido interrogada como testemunha, mas como suspeita, coisa que, dizia ele, era mau sinal. O advogado recusara-se a prever se Sædís viria a ser acusada e que pena receberia caso fosse condenada; mas acrescentara que o facto de ela se ter mostrado cooperante poderia funcionar a seu favor — isso e a circunstância de não estar diretamente implicada nos crimes mais graves, a saber, os homicídios e o rapto de Mía.

Dado que Sædís era uma criança quando Mía fora raptada, estando portanto abaixo da idade para ser responsabilizada, o advogado tinha-lhe dito que não precisava de se preocupar demasiado com esse ponto. Existia, evidentemente, a possibilidade de vir a ser responsabilizada pelos anos decorridos desde que alcançara a referida idade, mas isso só aconteceria se ficasse indubitavelmente demonstrado que ela sabia que Selma era Mía, coisa que o advogado considerava altamente improvável; parecia-lhe mais provável que a acusação aceitasse que ela não tivera conhecimento da troca dos bebés. Todas as testemunhas afirmavam que a irmã mais nova tinha passado a maior parte da sua curta vida metida no quarto com a mãe; como a mãe era doente, o quarto estava quase sempre às escuras. Além disso, tanto o pai como a mãe de Sædís afirmavam resolutamente que ela não sabia de nada. De acordo com os relatórios a que o advogado tivera acesso, a mãe alegava que a sua responsabilidade era menor, uma vez que tinha muito poucas recordações desse período; podia acontecer, pois, que a mãe fosse considerada incapaz de ser responsável pelos seus atos, caso em que não seria mandada para a cadeia, mas para uma unidade prisional de um hospital psiquiátrico. Sædís não sabia se esta alternativa era melhor ou pior, mas também não perguntou. O advogado talvez não fosse o melhor do mundo, mas a verdade é que Sædís o tinha escolhido apenas por gostar do nome.

Os homicídios eram toda uma outra questão — e aí, Sædís seria quase de certeza sujeita a julgamento, do qual sairia uma sentença. O

advogado tinha-lhe explicado longamente qual era o ponto de vista da acusação, mas ela não tinha percebido grande coisa. O homem falara de ocultação, assistência, cumplicidade e profanação do corpo, e de uma combinação de tudo isto; mas concluíra informando-a, com aparente satisfação, que pelo menos estava fora de causa uma acusação de conluio. Sædís sorria ao ouvir isto, fingindo-se igualmente satisfeita, mas evitando perguntar quais eram as vantagens dessa situação.

O advogado devia ter detetado o medo e a incompreensão nos olhos dela, porque avançou rapidamente para os aspetos positivos: ela tinha sido consistente nas suas declarações, que, além disso, coincidiam com a descrição dos acontecimentos feita pelo pai. A bem dizer, refletiu Sædís, não era difícil uma pessoa ser consistente quando dizia a verdade.

Ela tinha ido à oficina fazer as limpezas, como fazia todos os sábados. As miúdas tinham ido com ela, mas, graças a Deus — porque a oficina parecia um matadouro —, tinham ficado lá fora. Sædís fora encontrar uma enorme serra elétrica no meio da sala, e sangue por todo o lado. O pai estava deitado no sofá da sala de refeições, meio embriagado, meio de ressaca; no chão, havia um fato-macaco azul com as pernas cheias de manchas escuras, e um impermeável virado do avesso. A roupa que o pai tinha vestida estava toda amarrotada, mas praticamente limpa. Sædís tinha-o abanado, perguntando-lhe que raio acontecera ali. Ele levara bastante tempo a sentar-se e a abrir a boca; mas, quando finalmente tinha começado a falar, dissera-lhe que tinha havido um acidente.

— Quem é que ficou ferido? — perguntou ela, e o pai resmoneou que ela não conhecia a pessoa e que não se preocupasse.

Naquele momento, Sædís achou que o pai não estava a contar a história toda; porém, antes de ter tempo para lhe fazer mais perguntas, ouviu as miúdas a gritar lá fora, e percebeu que o tal alegado acidente tinha sido, na realidade, uma coisa muito grave. Quando olhou para dentro de um dos sacos que estavam no porta-bagagens do carro, o coração deu-lhe um salto. Logo a seguir, porém, conseguiu controlar-se e fechou o porta-bagagens com estrondo. A única coisa que lhe passou pela cabeça foi que tinha de levar as

meninas dali e impedir que elas contassem o que tinham visto fosse a quem fosse. A seguir, precisava de pensar bem em tudo aquilo.

Depois de as levar a comer gelados e de as deixar em casa, Sædís voltou a Gróttta. O pai tinha desaparecido, mas a oficina continuava coberta de sangue e o carro estacionado no exterior. Sem saber bem o que havia de fazer, Sædís começou a fazer a limpeza; não se tratou de uma decisão consciente, foi mais seguir a sua rotina de sábado, como se estivesse presa ao instinto, que a forçava a purgar a oficina dos medonhos vestígios do que ali se passara. Quanto mais limpas ficavam as superfícies, melhor ela se sentia. Quando concluiu o trabalho, voltou para casa e tentou fingir, na presença da mãe e da irmã, que não se tinha passado nada. Vendo que o pai não ia para casa, começou a ficar cada vez mais preocupada; no fundo, tinha a esperança de que ele resolvesse tudo aquilo da melhor maneira. Sædís não podia ligar à polícia sem primeiro falar com ele, pois podia haver uma explicação razoável para tudo aquilo; por exemplo, que o homem que se encontrava no porta-bagagens do carro era perigoso e merecia ser morto.

Sædís presumira que se tratava de um homem; nem sequer lhe ocorreu que poderia ser uma mulher, até porque não é fácil adivinhar o género de uma pessoa pelo coto de um braço ou de uma perna. Quando ouviu no noticiário que tinha sido encontrado um corpo desmembrado de mulher, teve um choque horrível, mas nessa altura era tarde: não podia voltar atrás. Sendo muito sincera, não podia afirmar que teria denunciado o pai à polícia mesmo que tivesse percebido imediatamente o que tinha acontecido. Era bem possível que se tivesse convencido de que se tratava de uma mulher horrível, que merecera a morte e que não faria falta a ninguém.

Segundo o advogado, o pai de Sædís afirmara que tinha voltado para a cidade depois de a filha deixar a oficina. Metera-se num bar, começara a beber e tinha acabado numa cela da esquadra. Voltara à oficina no domingo, vira que o carro tinha desaparecido, e decidira continuar a beber. O seu plano de atirar o corpo desmembrado de Ólína ao mar, como tinha atirado o de Bríet, havia saído gorado. Apenas tinha encontrado o saco com a cabeça no parque de estacionamento e lançara-o ao mar da língua de terra que

ligava Gróttta ao farol. Depois, voltara para a cidade, para afogar novamente a consciência no álcool.

Sædís tinha levado o carro de Bríet dali na véspera à noite. Incapaz de adormecer, de tão preocupada que estava, tinha voltado a vestir-se e fora até à oficina, para ver se o carro ainda estaria estacionado. Também desta vez agira com base num impulso irracional, obedecendo a uma necessidade premente de se livrar do veículo; estava cada vez mais preocupada com a possibilidade de Gudda ou Rósa falarem aos pais do que tinham visto no porta-bagagens e os pais contactarem a polícia; se o carro com o corpo cortado aos bocados já não estivesse no parque de estacionamento da oficina quando a polícia lá chegasse, o mais provável era as autoridades acharem que eram disparates de crianças. Vendo a chave na ignição, Sædís sentou-se ao volante e pôs o automóvel em andamento. A questão era agora: para onde? A única coisa que lhe ocorreu foi um dos locais onde os operários da empresa do pai estavam a trabalhar numa obra pública, pensando que, quando voltasse, ele trataria do resto. Tinha, portanto, deixado o carro nas imediações desse local e dirigira-se ao pré-fabricado; como tinha duplicados de todas as chaves do pai, abrira a porta e sentara-se lá dentro, sem saber o que havia de fazer, incapaz de pensar numa solução. Acabara por decidir voltar para casa a pé, mas, antes de se ir embora, ainda tinha limpadado todos os pontos do exterior e do interior do carro em que ela ou o pai pudessem ter tocado — só para o caso de ele não voltar. Seguiu-se o longo percurso de regresso à zona oeste da cidade, depois de abandonar o carro no local. Estava com tanta pressa de sair dali que não tinha tido a presença de espírito de estacionar bem o carro, trancá-lo e levar as chaves consigo.

O pai também não tinha ido dormir a casa nessa noite, de maneira que Sædís só voltou a estar com ele na segunda-feira. Nessa altura, instalou-se entre os dois o silêncio habitual: ele não disse nada, ela não disse nada, e ambos aguardavam o momento ideal para falarem, que nunca aconteceu. A oportunidade de Sædís dizer ao pai onde tinha deixado o carro expirou no dia seguinte ao regresso dele, quando a notícia sobre a descoberta de um corpo chegou aos noticiários; a partir dessa altura, os dias foram passando, um após

outro, e ela continuava sem contar nada a ninguém. Era nisto que consistia o seu crime de «profanação do corpo» em que o advogado tanto insistia: no facto de ela ter levado o corpo de um lado para o outro, de Seltjarnarnes para o bairro residencial. Para Sædís, era extraordinário que isto fosse considerado «profanação»; então que termo utilizaria a lei para descrever aquilo que o pai dela tinha feito aos corpos das duas mulheres?

— Aha! — A parteira sorria-lhe novamente. — Parece-me que estamos mesmo quase. Agora, só tens de fazer uma força brutal nas próximas contrações, e parece-me que chegamos à meta.

Sædís tentou concentrar-se enquanto esperava. Sentiu uma gota de suor a correr-lhe pela testa e lembrou-se das descrições de partos que tinha lido online, em que o pai do bebé ou outra pessoa passavam um pano molhado em água fria pela testa da mulher que estava a dar à luz, para a refrescar e lhe limpar o suor. Pelo contrário, Númi continuava ali sentado, imóvel, de olhos fitos na cama.

Quando Sædís chegara ao hospital, a parteira tinha ficado espantada com o facto de ela ter ido a pé desde casa, que ficava na extremidade oeste da cidade. A mulher mostrara-se tão genuinamente preocupada, que Sædís tinha tido de fazer um grande esforço para não desatar a chorar. Tinha dado uma desculpa esfarrapada à parteira, dizendo-lhe que não queria apanhar uma multa de estacionamento se ficasse internada no hospital; mas a verdade é que estava numa situação em que tinha de contar muito bem os tostões, e andar de táxi era queimar dinheiro. Sædís tinha perdido o emprego. Quando as coisas começaram a saber-se, os clientes da empresa do pai haviam suspenso todos os projetos e contratos. A seguir, o banco tinha tomado conta da gestão da empresa, e a primeira decisão dos dirigentes havia sido despedi-la; felizmente, o funcionário que só tinha um braço e tratava dos pagamentos e os restantes operários tinham mantido o emprego. Sædís tentara sentir-se agradecida pelo facto de os pais terem sido autorizados a manter a casa, o que implicava que ela tinha onde viver. Nos tempos em que a empresa estava a sair-se bem, além de ter estourado dinheiro no jipe, o pai também tinha saldado todas as suas dívidas; o resto do dinheiro fora investido na compra daquela moradia.

Sædís preparou-se para as últimas contrações, inspirando fundo e soprando o ar. Esperou o mais que conseguia e, quando a contração atingiu o auge, fez tanta força quanta podia, cerrando os dentes, com a sensação de que as veias da testa lhe iam rebentar. O esforço compensou: a parteira disse-lhe que a cabeça já tinha saído e que agora já só precisava de mais um empurrãozinho. Sædís assim fez, e o bebé deslizou para fora. A pressão desapareceu, e ela sentiu-se tão aliviada e feliz que começou a chorar.

A parteira ergueu a bebé para Sædís a ver. Númi tinha-se levantado, mas Sædís não lhe deu atenção; estava totalmente concentrada naquela cabeça pegajosa, no corpo manchado de sangue, nas pálpebras inchadas, nos dedos dos pés contraídos, nas mãos abertas, nos bracinhos esguios. Nunca tinha visto coisa tão bonita nem ouvido som mais encantador que aquele choro estridente.

— Uma bela menina. — A parteira sorriu a Sædís e pousou-lhe a filha acabada de nascer sobre o peito, ainda antes de cortar o cordão umbilical. — Segura-a bem enquanto soltas a placenta. Não te preocupes, é muito mais fácil que trazer uma criança ao mundo.

Sædís teve consciência de que estava a ter umas contrações suaves, e começou a fazer força ao mesmo ritmo. Entretanto, olhava para a carinha que tinha ao lado, passando-lhe o dedo pela pele, tão suave que era como se não existisse. Continuava a chorar, incapaz de conter o fluxo de lágrimas.

Númi tinha-se aproximado dela, a expressão de desdém substituída por um rosto que irradiava assombro perante esta nova e minúscula pessoa. Instintivamente, Sædís apertou a bebé com mais força e, quando ele estendeu a mão para tocar na filha, ela teve de se controlar para não a afastar: apesar de tudo, ele era o pai da criança.

A parteira anunciou que a placenta tinha saído, e convidou-os a verem-na. Nenhum deles sabia o que dali viria ou teve a presença de espírito de recusar. A mulher apresentou-lhes uma massa nojenta e cheia de sangue, meteu a mão lá dentro e levantou-a para lhes mostrar o omento.

— Há quem ache que comer a placenta ajuda à amamentação. Há uma receita com lasanha na internet, se estiveres interessada.

Númi engasgou-se e, nesse momento, afastou a mão da filha, para

grande alívio de Sædís, que não conseguia deixar de recear que ele lhe arrancasse a bebé dos braços e fugisse com ela para casa. Mas Númi limitou-se a sentar-se de novo.

A parteira pegou na bebé, cortou o cordão umbilical e embrulhou-a ao de leve numa manta antes de voltar a pousá-la sobre o peito de Sædís.

— Vou lá fora um minuto para vos deixar conversar. Depois, volto cá para te coser. Vou já dar-te a anestesia local, para ter tempo de fazer efeito.

Sædís sentiu uma breve picada entre as pernas, que, depois do que tinha passado desde que entrara naquela sala, lhe pareceu um piparote. A parteira saiu e fechou a porta. Fez-se um silêncio opressivo, insuportável. Aquele era o momento mais incrível e emotivo da vida de Sædís, e a presença de Númi cobria-o com uma sombra negra. Sædís não percebia o que lhe tinha passado pela cabeça para lhe ter dito que tinha ficado no hospital.

Mas o melhor era dizer de uma vez o que tinha para lhe dizer. Quanto mais depressa ele se fosse embora, melhor.

— Como está a Selma, isto é, a Mía?

— Nem perguntes. Ela já não tem nada que ver contigo. E não quer que a tratem por Mía. Quer continuar a ser Selma. — A expressão de Númi adoçou ligeiramente. — Não leves a mal. Isto é tudo incrivelmente complicado, e o melhor é manteres-te à distância. Além disso, ela está zangada contigo. Está convencida de que tu sabias tudo e não lhe disseste nada.

Sædís engoliu em seco.

— Percebo — respondeu, baixando os olhos para a minúscula carinha da bebé que tinha nos braços. A miudita abriu os olhos muito pretos, como se estivesse a devolver-lhe o olhar. — Tenho uma coisa para te dizer, Númi. Não vais ficar com ela.

Sædís nem sequer olhou para ele, continuando a olhar, encantada, para os olhos da filha.

Númi manteve-se calado uns momentos, talvez à procura das palavras mais adequadas à situação, ou a aguardar que a fúria que sentia abrandasse.

— Nós fizemos um acordo, Sædís. Tu sabias o que estavas a fazer.

— Não sabia, não. — Sædís afagou o cabelo preto ainda pegajoso, hesitando quando o seu dedo passou ao de leve sobre a zona mole onde o crânio ainda não tinha fechado. — Não sabia. E tu percebeste muito bem. — Calou-se uns momentos e voltou-se para ele, porque tinha de o olhar de frente quando dissesse o que vinha a seguir. — E há mais uma coisa que eu sei agora e que na altura não sabia. Uma coisa muito importante.

Númi ficou confuso.

— O quê? Que é difícil dar à luz? Toda a gente sabe isso, Sædís.

— Não. Isso já sabia. O que eu não sabia é que tinha sido o Stefán a matar a mãe da Mía, Droplaug. Ele não vai ficar com a minha filha.

Númi abriu a boca, num gesto quase involuntário. Parecia um peixinho dourado que Sædís tinha tido quando era pequena.

— Mas que raio de aldrabice vem a ser essa? Deram-te alguma droga antes de eu chegar?

— Não é aldrabice nenhuma.

E Sædís começou a descrever-lhe o conteúdo da carta que tinha recebido do pai. A carta não lhe chegara pela via convencional, tinha sido o advogado do pai a entregar-lha, com a recomendação de que ela não dissesse a ninguém como a tinha obtido: o homem estava a fazer um favor ao pai levando a missiva clandestinamente para fora da prisão e não queria arranjar sarilhos por causa disso.

A carta era composta por quatro páginas de uma escrita densa, contendo mais palavras do que aquelas que Sædís e o pai tinham trocado nos últimos meses, senão mesmo anos. Era quase toda sobre o tema dos remorsos e da penitência, juntamente com um pedido de perdão. Sædís não deveria nunca esquecer que tudo aquilo era da responsabilidade dele, da sua impotência perante a doença da mãe e da sua incapacidade de falar sobre as coisas; nos momentos cruciais, ele sempre se tinha fechado em si mesmo, em vez de conversar, discutir e partilhar os problemas. Como consequência, fora-se deixando levar mais e mais para o abismo, baixando constantemente a fasquia daquilo que estava disposto a fazer para varrer as complicações para baixo do tapete, para guardar o segredo e proteger a família; para proteger a própria Sædís. Se ele tivesse corrigido o erro original, as coisas nunca teriam acabado assim. Agora, teria de

encarar as inevitáveis consequências de tudo aquilo: o castelo de cartas que haviam construído estava a desmoronar-se.

Mas o pai não se ficava por aqui. Também lhe dizia que não conseguia compreender como é que Sædís acedera a ser mãe de substituição a pedido de Stefán e Númi; os dois homens não a tratariam bem, tal como não haviam tratado a mãe de Mía. E confidenciava-lhe que a sua intenção inicial era devolver a bebé Mía à mãe, porque lhe parecia que, dadas as circunstâncias, era a decisão mais acertada. Mas, ao chegar a casa dela, fora encontrar o carro de Stefán parado à porta, e estacionara a uma certa distância, aguardando que ele se fosse embora; depois das cenas a que havia assistido entre os dois, não tinha motivos para pensar que Stefán se demorasse. A certa altura, porém, vira Stefán transportar Droplaug para o exterior, embrulhada num cobertor; vira-o meter o corpo inerte da rapariga à bruta dentro do carro, afastando-se em seguida. Einar fora atrás dele, a uma certa distância, e assistira ao momento em que Stefán atirava Droplaug ao mar na baía, abaixo da rua onde ela morava. Fora nesse momento que tomara a decisão de levar Mía consigo para casa. O pai queria que Sædís soubesse tudo isto e decidisse o que queria fazer com estas informações. Ele próprio não denunciaria Stefán a não ser que se visse obrigado a isso, porque amava Selma, que tinha ido viver com ele e Númi.

Sædís percebeu que era a primeira vez que Númi ouvia estes factos.

— Pergunta ao Stefán — recomendou-lhe. — Se queres saber mais, o meu pai dizia que, nesse dia de manhã, também tinha visto o Stefán pegar no saco com o cobertor sujo; provavelmente para o levar para a lavandaria, só que acabou por usá-lo para se livrar da Droplaug. Foi por isso que o cobertor deu à praia. Tu contaste-me que lhes dito que aquele não era o cobertor em que a Mía estava embrulhada, pois aí tens a explicação.

— Isso é mentira. — Númi olhava para ela como se, de repente, lhe tivesse nascido um par de chifres. — Estás a mentir.

— Não estou, não — contrariou Sædís, abanando a cabeça. — Mas, como compreenderás, as coisas são agora um pouco diferentes. Eu não tenho ninguém. Absolutamente ninguém. Vocês dois sabiam isso, e a

única coisa que eu recebi de ti nos últimos meses foram duas mensagens. Mais nada. Não me apoiaste minimamente. Eu não matei ninguém, pois não? Desejei-te felicidades. E continuo a desejar. Mas há limites para tudo.

Númi não respondeu imediatamente, limitando-se a abanar a cabeça devagar. Momentos depois, fez uma pergunta:

— O que queres dizer com isso?

Sædís saboreou o calor da filha sobre o peito. Tinha de fazer um grande esforço para manter os olhos abertos, mas precisava de estar mais algum tempo acordada. Dormiria depois. Obrigando-se a concentrar-se, respondeu-lhe:

— Acho que temos de fazer um novo contrato. Eu sou uma pessoa razoável, Númi. Tu és o pai e tens de ter acesso à tua filha. Mas não aceitei de maneira nenhuma que ela seja adotada pelo Stefán. Nesse aspeto, não farei nenhuma cedência. Em troca, impedirei que a história do meu pai passe daqui. Não posso garantir que a polícia não faça alguma coisa, porque eles têm andado a fazer perguntas sobre a morte da Droplaug, mas isso já não posso controlar. O meu advogado diz que eles não têm provas, que se baseiam numa interpretação alternativa dos resultados da autópsia, que é tão aceitável como a interpretação original, e que o mais provável é acabarem por abandonar a investigação. Ele disse-me isto porque a polícia acha que o meu pai matou a Droplaug.

Númi tinha-se levantado e estava outra vez com a sua expressão de peixinho dourado: o queixo a pender, os olhos esbugalhados. Mas o facto de não ter protestado que Stefán era inocente levou Sædís a suspeitar de que teria as suas dúvidas. Quando, por fim, disse alguma coisa, não foi para falar sobre Stefán, mas sobre ela.

— Porque é que te ofereceste para ser mãe de substituição, Sædís? Tinhas realmente a intenção de cumprir a tua parte do acordo?

Com um enorme esforço de vontade, Sædís conseguiu impedir que os olhos se lhe fechassem.

— Quis ser generosa. Queria fazer-vos esse favor. Mais nada. Ele abanou a cabeça e soltou um profundo suspiro.

— Pois, estou a ver.

Sædís não se deixou incomodar por aquela resposta e, de repente,

teve um acesso de compaixão por Númi, que, vendo bem, não era má pessoa, tal como ela própria.

— Queres tentar pegar nela? — perguntou-lhe.

Númi voltou-se para a minúscula criaturinha com os olhos a brilhar e aproximou-se das duas. Sædís soergueu-se um pouco e, pegando com cuidado, mas com firmeza, na sua filha envolta na manta, passou-lha. Númi tomou-a nos braços e, esquecido da roupa elegante que trazia, começou a embalá-la e depositou-lhe um beijo na testa; depois, sussurrou-lhe ao ouvido qualquer coisa que Sædís não conseguiu ouvir, mas que eram de certeza palavras de ternura.

Nenhum deles disse mais nada. Númi devolveu a filha a Sædís com um olhar relutante e já saudoso à cabecita da bebé, e foi-se embora sem se despedir. Mas não bateu com a porta.

Tudo correria bem. Sædís e ele nunca seriam amigos, mas também não era isso que estava previsto. De acordo com o contrato original, a mãe devia desaparecer da vida da filha pouco depois do nascimento. Agora, porém, era inevitável que fizessem novo contrato, e podia ser que ela até pudesse voltar a ver Selma. Sædís tinha uma grande esperança de que isso acontecesse. Tal como esperava que, com o tempo, Selma viesse a perdoar-lhe. Apesar de tudo, eram irmãs; e as irmãs não tinham de ter uma ligação biológica.

Também era essencial que Númi mantivesse o contacto com a filha. A rapariga poderia ir passar fins de semana alternados com ele quando fosse um pouco mais velha. Se Sædís acabasse por ser presa, podia ficar com ele; mas agora, ela tinha maneira de a recuperar. Era uma das razões pelas quais lhe tinha passado a informação sobre Stefán. Não fora para não a obrigarem a cumprir o contrato. O advogado tinha-lhe dito que não se podia obrigar uma pessoa a cumprir um contrato ilegal, e a maternidade de substituição era isso mesmo: ilegal.

Sædís também apostava noutra coisa, que facilitaria a partilha da guarda da bebé: que Númi deixaria Stefán. Talvez não o fizesse hoje, nem amanhã, mas fá-lo-ia num futuro próximo. Númi não era o tipo de pessoa capaz de perdoar o homicídio de uma mulher inocente. Sædís e a bebé não seriam obrigadas a ter qualquer relação com Stefán, dado que não era ele o pai da menina. Mas, aos olhos da lei, era o pai de Selma, tal como Númi. A esperança de Sædís era que

Númi usasse a informação que acabava de lhe dar para obrigar Stefán a ceder-lhe a guarda principal de Selma e de Gudda, porque sabia que, se a irmã continuasse à guarda de Stefán, ela nunca mais seria autorizada a vê-la, e não suportava a ideia de Selma crescer ao lado daquele homem.

A sua filhita resmoneou e abriu as pálpebras, mas as luzes do hospital eram demasiado intensas e voltou imediatamente a fechá-las. Sædís sentiu os olhos encherem-se-lhe de lágrimas, mas desta vez não tentou contê-las: chorava de felicidade pela bebé; e chorava de dor pela situação em que se encontrava e pela malvadez do destino. Como era possível que pessoas boas e inocentes tivessem tido de pagar com a vida por um erro que ela própria tinha cometido na infância? A culpa seria toda dela, ou as transgressões da infância acabariam por ser esquecidas com o tempo?

Um dia. Tinha sido apenas um dia. Em todos os outros dias da sua infância, Sædís tinha sido um anjinho, nunca pisando o risco em nada. Pelo menos que se lembrasse. Nesse dia, contudo, tinha feito uma coisa horrível.

Sædís acabava de fazer onze anos e, ao voltar da escola, encontrara a casa às escuras, conforme era habitual. Como de costume, tinha começado por ir ao quarto da mãe, dizer-lhe que tinha chegado. A mãe estava deitada no escuro, como sempre, só que nesse dia tinha Selma, a irmã pequenina de Sædís, nos braços, e embalava-a intensamente, gemendo como se estivesse possessa. Vencendo o susto, Sædís aproximara-se para ver o que se passava.

Passava-se o pior que podia ter acontecido. Pior que quando a mãe tinha cortado os pulsos com o vidro do relógio; pior que quando tinha tomado demasiados comprimidos; pior que quando estava convencida de que as paredes tinham cancro.

A querida bebé pequenina estava estranha. Tinha uma cor peculiar e parecia estar a dormir nos braços da mãe, mas com os olhos abertos e a boca descaída. Sædís levou uns momentos a compreender a gravidade da situação. O facto de Selma não apresentar nenhuma ferida dificultou as coisas; parecia que tinha decidido, sem mais, deixar de viver. Mesmo agora, depois de a polícia ter autopsiado o esqueleto, continuavam sem perceber qual tinha sido a causa da

morte. Da janela da sala de estar, Sædís tinha visto a polícia desenterrá-la do jardim das traseiras, onde o pai a enterrara, sem conhecimento de Sædís, porque lá em casa nunca se falava dessas coisas. Nem de Selma, nem daquilo que Sædís havia feito para tentar resolver a situação.

Naquele tempo, o pai não estava sempre calado; pelo contrário, era bastante falador. Quando a mãe se sentia com forças para jantar à mesa, contava-lhes histórias das pessoas para quem trabalhava. E tinha comentado que era muito estranho dois homens serem autorizados a criar uma bebé com a idade de Selma e que, na sua opinião, não estava certo. As crianças deviam ter um pai e uma mãe. Sædís considerava que esta visão era preconceituosa, porque o que as crianças precisavam era de pais que as amassem e cuidassem delas; o género era irrelevante. Na altura, porém, sendo pequena, tomava tudo o que pai dissesse como verdade. O pai também lhes tinha contado que os dois homens maltratavam a mulher que era a mãe da criança.

Sædís sabia onde eles viviam, porque um dia em que o pai a levava ao dentista tinha tido de passar pela casa dos dois homens para tratar de qualquer coisa. E assim, arrancara rapidamente o corpo frio e peculiar de Selma dos braços da mãe, embrulhara-o numa manta, metera-o no cesto da bicicleta e fora até à casa dos dois homens, que não ficava longe da sua, na ponta oeste de Skerjafjörður. Levou apenas dez minutos.

Ao chegar, não soube bem como fazer para trocar os bebés. Avançou de mansinho para as traseiras da casa, na esperança de encontrar alguma porta aberta. Mas estava cheia de sorte: a bebé estava no exterior, deitada no carrinho, a dormir. Na sua ignorância, Sædís convencera-se de que, se pusesse o gorro da filha dos dois homens na cabeça de Selma, eles se convenceriam de que ela tinha decidido morrer, como acontecera a Selma. Por isso, metera o gorro de Mía na cabeça já sem vida da pobre Selma e trocara os bebés, tudo isto sem Mía acordar, para além de um curto resmungo, apenas murmurado.

Sædís tinha prática naquilo: quando o pai estava a trabalhar, ia muitas vezes buscar Selma ao quarto dos pais e deitava-a algures, para a bebé se entreter com o móbile ou com uma colher de madeira que

Sædís lhe dava para brincar. E tudo aquilo tinha de ser feito em total silêncio, para não perturbar a mãe; geralmente, bastava sussurrar-lhe que não fizesse barulho.

Sædís meteu a bebé adormecida no cesto da bicicleta e voltou para casa. Ao chegar, levou a bebé para cima e depositou-a nos braços da mãe, que pareceu atordoada, mas não fez comentários. A bebé chorou um bocadito, mas acalmou-se assim que a mãe lhe deu o peito, começando a sugar avidamente.

Pouco depois, o pai chegou a casa e percebeu imediatamente que aquela não era a sua filha. Mas, quando tentou pegar no bebé, a mãe começou a uivar histericamente, e Sædís viu-se obrigada a intervir e a contar-lhe o que fizera. O pai ficou mudo. Pensando bem, tinha sido naquele preciso momento que ele deixara de falar, mais ou menos de forma definitiva. Saiu a correr de casa e, ao voltar, cerca de uma hora depois, foi para o quintal com uma pá na mão. Vendo Sædís espreitar pela janela, fez-lhe sinal para ir para dentro, e ela obedeceu. Algum tempo depois, voltou para casa, ainda sem dizer palavra, foi direto ao bar de casa e serviu-se de uma bebida — seguida de outra; e de mais outra; e assim por diante.

No dia seguinte, nada disseram. Nem no dia a seguir a esse, nem nos seguintes. Quando surgia na televisão alguma notícia da bebé Mía, ele desligava o aparelho e bebia mais um copo. Todas as manhãs, a primeira coisa que fazia era deitar fora os jornais que lhes eram entregues. A família via-o cada vez menos em casa e a empresa estava em queda livre; quando faliu de vez, o pai pegou nele, fez uma cura de reabilitação e voltou viciado em trabalho: criou uma nova empresa e passava o máximo de tempo que podia a trabalhar, só lhe faltando dormir no escritório. Entretanto, a nova Selma ia crescendo, preenchendo o vazio que a Selma original teria deixado na vida deles se não fosse a intervenção de Sædís. Passado algum tempo, parecia que nada tinha acontecido, e eles continuaram a viver como se nada fosse. É verdade que o pai era outra pessoa, mas a mãe continuou a ser a inválida de sempre, e Sædís adquiriu uma necessidade obsessiva de fazer tudo sempre bem.

Quando Selma e Gudda se tornaram amigas, Sædís percebeu quem eram os pais de Gudda; mas não teve grande dificuldade em se manter

à distância, uma vez que as relações com eles se limitavam essencialmente a cumprimentos à porta de casa. É verdade que a situação era profundamente incômoda, mas Sædís recusava-se a pensar na dor e na perda que eles tinham sofrido. Convenceu-se de que Gudda tomara o lugar de Mía e que estava tudo bem; não havia necessidade de qualquer tipo de compensação.

Até que, onze anos passados sobre aquele dia terrível, estivera sentada a ouvir Númi descrever o sofrimento que tinham passado na sequência do desaparecimento de Mía. Atormentada pela culpa, tinha-se oferecido, quase sem pensar, para ser mãe de substituição: se pudesse dar-lhes outro filho, havia raciocinado, ficariam quites.

Mas não se pode tratar um tumor maligno com gesso; o tumor acaba por partir o gesso e, nessa altura, já se tornou incurável.

A sua insensata e absurda tentativa de compensar os dois pais pela perda da filha tinha levado à morte de três mulheres: Droplaug, Bríet e Ólína. O facto de uma colega de Selma ter morrido de sarampo e de Rósa ter estado à beira da morte ou poder ficar deficiente para toda a vida também tinha sido culpa dela. A única coisa positiva que resultara de tudo aquilo era que Rósa tinha recuperado.

Cerca de um mês antes, Sædís, cheia de saudades de Selma, tinha ido postar-se à porta da casa de Rósa para conseguir saber da irmã; era sua intenção pedir a Rósa que lhe entregasse uma mensagem sua. Mas Rósa tinha ficado tão assustada ao vê-la, que Sædís se afastara aos tropeções, depois de balbuciar umas palavras confusas. Passara algum tempo sentada no carro a chorar e a seguir tinha decidido concentrar-se nos aspetos positivos; pelo menos Rósa parecia a mesma.

Sædís não tinha procurado mais nenhuma das vítimas daquela situação para pedir desculpa em nome do pai, porque sabia que seria um desastre. Quem ela mais temia era a família de Bríet, que teria de se contentar em sepultar apenas uma parte do corpo da mulher, aquilo que os mergulhadores tinham conseguido recuperar do fundo do mar antes de, finalmente, se verem obrigados a abandonar as buscas. Faltavam os dois braços e uma perna. Sædís só esperava que a filha de Bríet não chegasse a saber.

Sædís tinha chorado tanto que não lhe restavam mais lágrimas. Passado algum tempo, contudo, havia chegado à conclusão de que não

valia a pena fixar-se no passado. Estava numa encruzilhada; a partir de agora, era no futuro que tinha de se concentrar — bastava de passado. Depositou um beijo na cabecinha macia e disse à filha que era linda e que a amava muito.

A parteira voltou a entrar e sorriu às duas.

— Então? Estás pronta?

Sædís acenou com a cabeça e continuou a conversar com a filha.

A parteira tomou posição entre as duas pernas de Sædís.

— Ora bem, é assim mesmo que eu gosto. Faz bem aos bebés falar com eles. Se vocês acabarem por ficar sozinhas, nunca deixes de o fazer. Não cuides dela em silêncio. Nunca acaba bem.

Sædís sentiu os olhos encherem-se-lhe novamente de lágrimas. Ela sabia, por experiência, que era mesmo isso.

YRSA SIGURDARDÓTTIR

Com os seus livros, a Islândia de hoje ganha vida sem perder a aura de mistério das sagas mais antigas: a literatura policial, nas suas mãos, transforma-se num instrumento para conhecer, ocultar ou deformar a vida real. A sua primeira heroína — a advogada Thóra Gudmundsdóttir — estreou-se em *Last Rituals*, de 2005; mas foi com *Cinza e Poeira* (de 2007) que Yrsa Sigurdardóttir (nascida em 1963) atingiu o reconhecimento internacional, elogiada como «a resposta islandesa a Stieg Larsson» (*The Daily Telegraph*) e, logo depois, como «igualável ao que de melhor se faz em literatura policial em todo o mundo» (*The Times Literary Supplement*). Personagens invulgares e ambientes de uma beleza cortante prolongam o talento arrebatador de Yrsa. Esta nova série, «DNA» — *O Legado*, *Abismo*, *A Absolvição*, *Campo de Lava*, *A Boneca* e agora *A Consequência* —, tem como protagonistas a psicóloga Freyja e o investigador policial Huldar.



Sobre a Tradutora

MARIA JOSÉ FIGUEIREDO

Maria José Figueiredo fez o doutoramento em Filosofia em 2004, mas é tradutora desde 1990, num percurso que vai dos autores contemporâneos aos clássicos gregos (Platão e Aristóteles), ficção e não ficção. Também trabalhou nas áreas de revisão e editing. Entre os autores traduzidos estão os nomes de G.K. Chesterton, Paul Theroux, Steven Saylor e Orlando Figes.